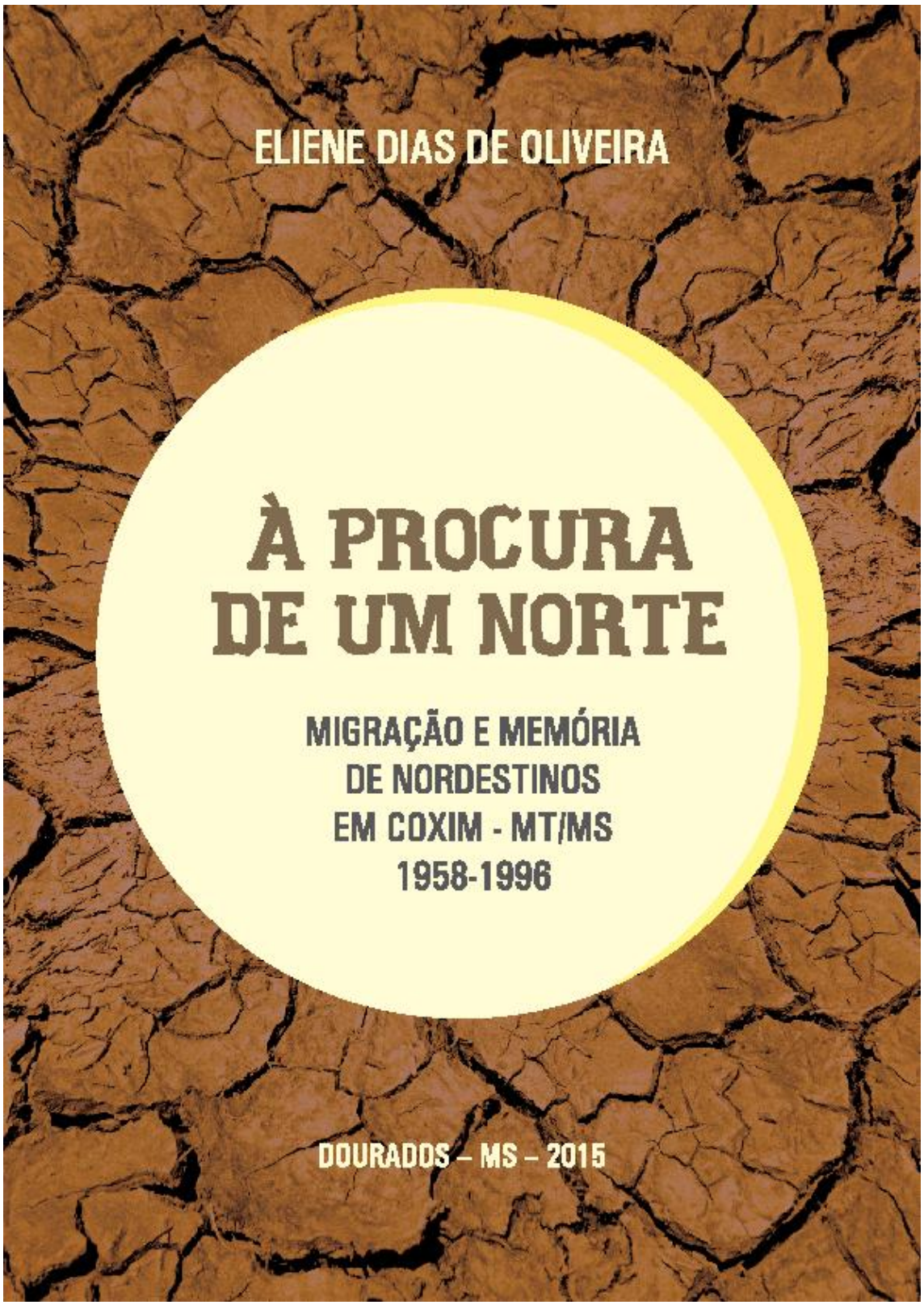

ELIENE DIAS DE OLIVEIRA
À PROCURA DE UM NORTE
MIGRAÇÃO E MEMÓRIA
DE NORDESTINOS
EM COXIM - MT/MS
1958-1996
DOURADOS – MS – 2015

ELIENE DIAS DE OLIVEIRA

À PROCURA DE UM NORTE: MIGRAÇÃO E MEMÓRIA DE NORDESTINOS EM COXIM–MT/MS (1958-1996)

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Faculdade de Ciências Humanas da Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD) como parte dos requisitos para a obtenção do título de Doutora em História.

Área de Concentração: História, Região e Identidades.

Orientador: **Prof. Dr. Losandro Antonio Tedeschi**

DOURADOS – 2015

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP).

O482p Oliveira, Eliene Dias de.

À procura de um norte: migração e memória de nordestinos em Coxim MT/MS (1958-1996). / Eliene Dias de Oliveira. – Dourados, MS: UFGD, 2015.

224f.

Orientador: Prof. Dr. Losandro Antonio Tedeschi.

Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal da Grande Dourados.

1 -Migração nordestina. 2. Memória. 3. Gênero. I. Título.

CDD –301.32609813

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca Central – UFGD.

©Todos os direitos reservados. Permitido a publicação parcial desde que citada a fonte.

ELIENE DIAS DE OLIVEIRA

À PROCURA DE UM NORTE: MIGRAÇÃO E MEMÓRIA DE NORDESTINOS EM COXIM–MT/MS (1958-1996)

TESE APRESENTADA PARA OBTENÇÃO DO GRAU DE DOUTORA

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA – PPGH/UFGD

Aprovada em 23 **de** fevereiro **de** 2015.

BANCA EXAMINADORA

Dr. Losandro Antonio Tedeschi (Orientador – UFGD)

Dra. Ana Maria Colling (UFGD)

Dr. Eudes Fernando Leite (UFGD)

Dra. Ana Carolina Eiras Coelho Soares (UFG)

Dra. Vera Lúcia Puga (UFU)

Aos meus pais Ilton (*in memorian*) e Elveni,
meus primeiros mestres.

A Gabriel, meu pequeno grande amor,
o meu projeto mais audacioso.

AGRADECIMENTOS

Agradecer é como cumprir um rito, reconhecendo que a caminhada não se fez só. Embora os equívocos e desacertos sejam de minha total autoria e responsabilidade, os méritos devem ser honestamente divididos com aqueles que, seja no campo profissional ou pessoal, colaboraram para o êxito desta etapa. Agradeço:

A Deus e aos meus guias de luz que me conduziram e fortaleceram.

Ao meu pai Ilton (*in memorian*) e à minha mãe Elveni, os responsáveis pela minha primeira diáspora, quando da "roça" me enviaram para estudar na cidade. Sem vocês, eu não teria chegado tão longe!

Ao meu filho Gabriel, pela paciência, cooperação e doçura com que me apoiou nestes quatro anos. Espero agora sentar com você e poder jogar finalmente aquela partida de xadrez tantas vezes adiada. Como eu te disse: "Mamãe está voltando pra casa"!

Ao meu companheiro Marcílio Lopo, por ser meu anjo da guarda em todas as horas, inundando minha vida com a beleza de suas orquídeas.

Ao meu irmão Elcimar; às minhas irmãs Ione, Aurora, Aurea, Eliane, Elcione, Elaine, Luciana e Luzia; aos cunhados, sobrinhos e demais familiares. Mesmo longe territorialmente, sempre me acompanharam no coração em minhas andanças migrantes. Aqui, um agradecimento especial ao sobrinho José Eduardo de três anos: obrigada por não ter desistido de nós e lutado bravamente para voltar para nossa "grande família". A sua coragem me inspira e comove!

Ao meu orientador Losandro Tedeschi, pelo profissionalismo, tranquilidade e oportunidades de crescimento que me proporcionou. Acima de tudo, por ampliar os meus horizontes históricos, mostrando-me o papel singular das mulheres na história.

À minha orientadora na *Università degli Studi di Genova* (Itália), Professora Chiara Vangelista. Obrigada pelo generoso convívio, a acolhida calorosa e os ensinamentos que pretendo levar para toda a vida.

Às famílias Zanchett, Barcelos e Messias, especialmente a Silvana Zanchett, uma irmã que a vida me presenteou. Obrigada pelo companheirismo, por ser mãe do Gabriel nas minhas inúmeras ausências, pelo apoio afetivo, cotidiano e amoroso.

À Geovana Quinalha e Marta Oliveira, pelas reflexões conjuntas sobre a vida, a arte de ter/educar filhos e os estudos acadêmicos. Pela amizade, pelo amor e pelos nossos maravilhosos cafés sem os quais a vida não seria tão maravilhosa.

À Fulvia Zega, minha "cicerone" na Itália. Pela generosidade e o carinho com que me recebeu no Velho Continente.

Aos técnicos, professores e acadêmicos da *Università degli Studi di Genova*, especialmente à turma de *La Storia Dell'America Latina*.

Aos amigos que, longe ou perto, tornaram estes quatro anos um pouco menos ácidos e mais interessantes: Gilvania Oliveira, Kátia Aline, Gisela Prata, Janaína Quintino, Sárita Rosa, Marcelo Napp, Sandra Fiuza, Betina Barbedo, Jeane Barreto, Ivanildo José, Marli Nogueira, Vladimir Ferreira, Meire Nogueira e Abílio Vaneli, Jiani Langaro, Doemia Ceni,

Eulina Bellanda, Simone e Nei Santana, Célia e Carlos Claudino, Leandro Hecko, Rafael Athaides, Flávio Nantes, Carmen e Gesser Ferreira, Audi Rodrigues, Fernanda Santos, Macio e Kaline Gomes, Vany Oliveira, Rezza Mokhtari, Ni Htet, Ninele Bat, Manuela Magalhães, Serena Anzalone, Maria Elena Buslacchi, Mostafa Bagheri e tantos outros que comigo dividem o trem desta viagem chamada vida.

A Sra. Maura Lopo e familiares, pelo apoio dado nas paradas estratégicas para o café em Campo Grande, tornando mais agradável o trajeto de cerca de 500 quilômetros entre Coxim e Dourados; A Adilson Silva e Fernanda Rodrigues, pela alegre companhia nas viagens do primeiro ano. À família da ONG Grupo de Apoio a Adoção Manjedoura - GAAM, pela compreensão durante minhas ausências como voluntária da entidade.

Aos professores Eudes Leite, Vera Puga e Ana Colling, pelas imprescindíveis contribuições na banca de qualificação. À professora Ana Carolina Eiras Coelho Soares, por aceitar o convite para a banca de defesa da tese. Ao professor Paulo Cimó, pela oportunidade de uma feliz e valorosa convivência. Ao professor Luis Fernando Beneduzi, por me receber na *Università Ca´Foscari*, em Veneza (Itália). À professora de língua italiana Marcia Pancheri, pelos valiosos ensinamentos. Aos doutorandos da primeira turma de doutorado em História da UFGD. Aos meus companheiros de trabalho, Professores Marcos Amorim, Luiz Bento, Renato Jales, Samuel de Jesus, Dolores Puga e Henry Silva; aos técnicos, terceirizados e acadêmicos da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul/Campus Coxim; aos técnicos da Universidade Federal da Grande Dourados.

Às funcionárias Isabel de Paula Costa e Elenice Cristaldo Cano da FIBGE, núcleo Campo Grande, pelo atendimento às minhas solicitações com presteza, profissionalismo e gentileza. À funcionária Eva, do Museu Arqueológico e Histórico de Coxim. Ao historiador Cacildo Nascimento, pela gentileza da cessão de falas de entrevistas realizadas para sua pesquisa de mestrado. Ao maravilhoso amigo, historiador e designer gráfico Eduardo Moraes Warpechowski, pela primorosa arte da capa.

Às mulheres e homens nordestinos que, generosamente, compartilharam suas histórias e memórias. Rostos anônimos, quase sempre enrugados pelo tempo, portadores de experiências ricas e profundas.

Ao Programa de Pós Graduação em História da UFGD, pela oportunidade de capacitação.

À Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, pela possibilidade de afastamento por três anos para dedicação ao doutorado.

À CAPES, pelo financiamento do estágio de doutoramento através do Programa de Doutorado Sanduíche no Exterior – PDSE.

A todos vocês, minha gratidão. Obrigada! Grazie Mille!

Ausência

Por muito tempo achei que a ausência é falta.
E lastimava, ignorante, a falta.
Hoje não a lastimo.
Não há falta na ausência.
A ausência é um estar em mim.
E sinto-a, branca, tão pegada, aconchegada nos meus braços,
que rio e danço e invento exclamações alegres,
porque a ausência, essa ausência assimilada,
ninguém a rouba mais de mim.

Carlos Drummond de Andrade

RESUMO

Esta tese se insere na área História, Região e Identidades, e está centrada na Linha de Pesquisa Fronteiras, Identidades e Representações do Programa de Pós Graduação em História da Universidade Federal da Grande Dourados-UFGD, no Estado de Mato Grosso do Sul. Compreende uma análise da trajetória de grupos familiares originários da região Nordeste do Brasil, homens e mulheres que chegaram à cidade de Coxim (MT/MS), no período compreendido entre 1958 e 1996, a partir da investigação das memórias orais desses sujeitos. A vivência anterior ao processo migratório; o trabalho como elemento motivador da migração; a existência de redes sociais propiciadoras da migração; as relações familiares e comunitárias; o cotidiano, as formas de trabalho, moradia e sociabilidade; as disparidades na forma como homens e mulheres viveram/vivem o processo migratório; as relações com outros grupos; os significados da casa e do morar; as experiências que compõem o mosaico do que é ser migrante nordestino em Coxim; as múltiplas e variegadas representações acerca de si e do grupo social a qual se vinculam, essas são questões que perpassam o temário analisado. A tese sustentada pela pesquisa fundamenta-se na ideia de que os grupos familiares de nordestinos que vieram viver em Coxim entre os anos 1950 e 1990 são protagonistas do erigir-se da cidade, atuando ativamente em sua constituição; intervindo, com seus saberes, dizeres e experiências; amalgamando-se aos demais grupos sociais; e constituindo-se sujeitos, a partir de suas trajetórias, de suas histórias, da história do lugar onde vivem e das representações criadas/veiculadas acerca de si e do grupo a qual se vinculam. Ao narrarem suas histórias, esses sujeitos falam ainda de uma história que é nacional, a da migração nordestina para outras regiões do país. Logo, suas memórias são, ao mesmo tempo, representações individuais e coletivas, posto que falam de si e de suas famílias e falam também de uma memória partilhada, construída acerca da comunidade nordestina.

Palavras-chave: Migração nordestina. Território. Gênero.

ABSTRACT

This thesis enter in History area, Region and Identities, and is Centered on Line Border Search, Identities and Representations of the Graduate Program in History of the Federal University of Grande Dourados - UFGD in the State of Mato Grosso do Sul. Include a analysis about the trajectories of family groups originating in the northeastern region of the Brazil, men and women who came to the Coxim city (MT / MS) in the period between 1958 and 1996, from the analysis of the oral memories of these subjects. The previous experience of the migration process; work as motivator of migration; the existence of conducive social networks of migration; family and community relationships; everyday life, ways of working, housing and sociability; disparities in how men and women lived / live the migration process; relations with other groups; the meanings of home and live; experiences that make up the mosaic of what being a migrant in northeastern Coxim city; the multiple and variegated representations of self and of the social group to which they bind, are issues that permeate the agenda analyzed. The thesis supported by research based on the idea that family groups who came to live in northeastern Coxim city between the years 1950 and 1990 are the protagonists to run up the city, working actively in its constitution; intervening with their knowledge, experiences and sayings; -if amalgamating the other social groups; and constituting subjects, from their history, their stories, the history of where they live and representations created / conveyed about themselves and the group to which they are linked. As they told their stories, these guys still talk about a story that is national in the northeastern migration to other regions of the country. Soon, their memories are, at the same time, individual and collective representations, since they speak of themselves and their families and also speak of a shared memory, built on the Northeastern community.

Keywords: Migration northeastern. Territory. Gender.

LISTA DE MAPAS

Mapa1 – Estado de Mato Grosso do Sul Atual

Mapa 2 - Trajetória Sr. Antônio Pereira

Mapa 3 - Trajetória Sra. Jussara Cunha

Mapa 4 - Trajetória Sra. Rosa Batista

Mapa 5 - Trajetória Sra. Joana Oliveira

Mapa 6 - Trajetória Sra. Maria Lima

Mapa 7 - Trajetória Sr. Pedro Santana

Mapa 8 - Trajetória Sra. Antonia Santana

Mapa 9 - Trajetória Sra. Norma Souza

LISTA DE IMAGENS

Imagem 1: Família de Sra. Maria Lima recebe familiares em Coxim em 1987.

Imagem 2: Sra. Antônia Santana sentada com amigos no dormente do trem de ferro, próximo à Estação em Queimadinhas/BA em 15/07/1960.

Imagem 3: Peça do enxoval de Sra. Antônia Santana, confeccionadas no ano de 1960.

Imagem 4: Detalhe de peça do enxoval de Sra. Antônia Santana, confeccionadas no ano de 1960.

Imagem 5: Ferro de passar roupas a brasas de Sra. Rosa Batista, trazido de Pernambuco em 1961.

Imagem 6: Ferro de passar roupas a brasas de Sra. Rosa Batista, trazido de Pernambuco em 1961.

Imagem 7: Travessa de louça com motivos frutíferos adquirida por Sra. Maria Lima em período anterior a 1977 em Salgueiro-BA.

Imagem 8: Imagem de residência e adjacências situada na zona urbana de Coxim.

Imagem 9: Sr. Antônio Pereira sentado sob o pé de mangueira, diante da sua primeira residência em Coxim.

Imagem 10: Sr. Pedro Santana e Sra. Antônia Santana batizam o afilhado, filho dos vizinhos, na residência dos pais da criança.

Imagem 11: Vista panorâmica de parte da cidade de Coxim.

LISTA DE TABELAS

TABELA 1 - QUADRO POPULACIONAL DE MATO GROSSO (1800-1900)

TABELA 2 - QUADRO POPULACIONAL DE MATO GROSSO (1900-1960)

TABELA 3 - DADOS HISTÓRICOS DA MIGRAÇÃO DE NORDESTINOS PARA COXIM

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AREIA - *Audioarchivio delle Migrazioni tra Europa e America Latina*

CAND - Colônia Agrícola Nacional de Dourados

CAPES - Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior

CEM - Centro de Estudos Migratórios

COHAB – Companhia de Habitação Popular

CTN - Centro de Tradições Nordestinas

CTG - Centro de Tradições Gaúchas

DNER - Departamento Nacional de Estradas e Rodagens

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

IFOCS - Inspetoria Federal de Obras Contra as Secas

FIBGE - Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

MS - Estado de Mato Grosso do Sul

MT - Estado de Mato Grosso

NE - Nordeste

P**DSE** - Programa de Doutorado Sanduíche no Exterior

PNAD - Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios

SUDENE - Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste

UFGD - Universidade Federal da Grande Dourados

UFMS - Universidade Federal do Mato Grosso do Sul

UFU - Universidade Federal de Uberlândia

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO.....15

I - O espaço da pesquisa.....21

I.I - Antigo Grosso e Mato Grosso do Sul: breve genealogia.....21

I.II - De São José de Herculânea a Coxim: terra de migrantes?.....28

I.III - Acerca do Nordeste e dos nordestinos.....32

II - O caminho das pedras: as fontes de pesquisa.....35

III - A estrutura da tese.....38

CAPÍTULO 1 - "E NÓIS VIA FALAR NESSE MATO GROSSO.... E JÁ TINHA UMA TURMA AQUI!": TRAJETÓRIAS E REDES SOCIAIS DE MIGRANTES NORDESTINOS EM COXIM 42

1.1 - Sra. Jussara Cunha: "Agora eu posso dizer que eu tou no céu, eu tou rica!".....45

1.2 - Sr. Antônio Pereira da Silva: um "tronco véio".....49

1.3 - Sra. Rosa Batista: o trabalho era farto e o frio também.....55

1.4 - Sra. Joana Oliveira: onças, terra e trabalho.....58

1.5 - Sra. Maria Lima: "o fim do mundo".....61

1.6 - Sra. Antônia Santana e Sr. Pedro Santana: "eu, ela, o garoto e a mala".....67

1.7 - Sra. Norma Souza: sonhos, recomeços e sucuris.....71

1.8 - As redes sociais na migração de nordestinos para Coxim MT/MS (1958-1996)..... 75

CAPÍTULO 2 – ESCRITURAS SILENCIADAS, VOZES INDELÉVEIS: NARRATIVAS DE MULHERES NORDESTINAS EM COXIM.....82

2.1 - Espaço público e espaço privado: fronteiras do universo feminino.....86

2.1.1 - Lar, casa, família: espaços possíveis 86

2 .1.2 - Fronteiras móveis: educação, trabalho e autonomia.....89

2. 1. 3 - A casa, a roça e a rua: espaços femininos 94

2.2 - Divórcio e viuvez: o casamento como elemento identitário.....98

2. 3 - Conflitos identitários: a igreja, a família e a velhice 101

2.4 - Guardiãs da memória.....104

2.5 - (Auto)representações: olhares acerca de si.....110

CAPÍTULO 3 – VIVENDO AS FRONTEIRAS: TRAJETÓRIAS MIGRANTES E O ENTRE-LUGAR 114

3.1- A invenção do Outro.....116

3.2 - Entre o lá e o cá: vivências re(construídas) 125

3.3 - O Centro de Tradições Nordestinas Padre Cícero em Coxim 131

3.3.1 - Sra. Maria Leuda de Oliveira Ferreira: trajetória.....133

3.3.2 - A Festa dos Nordestinos em Coxim.....135

3.4 - Trajetos e trajetórias: caminhos.....142

CAPÍTULO 4 - VIVÊNCIAS NA TERRA DO "PÉ DE CEDRO": GRUPOS ÉTNICOS, HOSPITALIDADE E SENTIDOS DO MORAR E DO VIVER EM COXIM 157

4.1 - A Coxim vivida e rememorada: olhares.....158

4.2 - Significados da casa e do morar.....171

4.3 - Estereotipia e preconceito: etnicidade e o encontro com o Outro 178

4.4 - Hospitalidade como estratégia de vivências migrantes.....192

CONSIDERAÇÕES FINAIS.....197

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....210

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA.....215

FONTES.....218

GLOSSÁRIO.....220

ANEXO.....222

APRESENTAÇÃO

A tese *À procura de um Norte: migração e memória de nordestinos em Coxim-MT/MS (1958-1996)* se insere na área História, Região e Identidades, e está centrada na Linha de Pesquisa Fronteiras, Identidades e Representações do Programa de Pós Graduação em História da Universidade Federal da Grande Dourados - UFGD, no Estado de Mato Grosso do Sul. A tese ora apresentada busca historiar as trajetórias de grupos familiares originários da região Nordeste do país, homens e mulheres que chegaram à cidade de Coxim[1], no período compreendido entre 1958 e 1996[2], a partir da análise das memórias orais desses sujeitos.

A vivência anterior ao processo migratório; o trabalho como elemento motivador da migração; a existência de redes sociais propiciadoras da migração; as relações familiares e comunitárias; o cotidiano, as formas de trabalho, moradia e sociabilidade; as disparidades no modo como homens e mulheres viveram/vivem o processo migratório; o encontro com os outros grupos; os sentidos da casa e do morar; as experiências que compõem o mosaico do que é ser migrante nordestino em Coxim; as múltiplas e variegadas representações acerca de si e do grupo social a qual se vinculam, são questões que perpassam o temário analisado nesta pesquisa.

Nessa busca, procuro compreender os múltiplos significados acerca dos processos de desterritorialização/reterritorialização[3] dos sujeitos nordestinos, bem como perceber a maneira que se deu a re/elaboração dos códigos culturais e identitários desses em Coxim, a partir da

[1] Coxim integrava o Estado de Mato Grosso até 1977 e, após esta data, com a divisão do Estado, passou a pertencer ao Estado de Mato Grosso do Sul. Para melhor delimitação, nomearei como Antigo Mato Grosso o período anterior a 1977, quando o Estado era unificado. Sobre a divisão do Estado de Mato Grosso e a formação do Estado de Mato Grosso do Sul consultar: BITTAR (2009)

[2] A delimitação temporal da pesquisa foi construída a partir das trajetórias dos sujeitos analisados, sendo 1958 o ano da chegada dos primeiros migrantes selecionados para a pesquisa, Sr. Antônio Pereira da Silva e Sra. Jussara Cunha, e 1996 o ano da chegada de Sra. Norma Souza, a última a se mudar para Coxim entre os membros do grupo.

[3] Sobre os processos de desterritorialização e reterritorialização CANCLINI assim os define: "a perda da relação "natural" da cultura com os territórios geográficos e sociais e, ao mesmo tempo, certas relocalizações territoriais relativas, parciais, das velhas e novas produções simbólicas". (2011-309) A esse respeito ver: CANCLINI, 2011; HAESBERT, R.,2006.

análise de suas narrativas e dos seus lugares de memória[4], como o Centro de Tradições Nordestinas Padre Cícero de Coxim-CTN, entre outros elementos que possibilitassem re/viver e re/lembrar o modo de vida no Nordeste.

A tese sustentada pela pesquisa ora apresentada fundamenta-se na ideia que os grupos familiares de nordestinos que vieram viver em Coxim entre os anos 1950 e 1990 são protagonistas do erigir-se da cidade, atuando ativamente em sua constituição; intervindo, com seus saberes, dizeres e experiências; amalgamando-se aos demais grupos sociais; e constituindo-se sujeitos, a partir de suas trajetórias, de suas histórias, da história do lugar onde vivem e das representações criadas/veiculadas acerca de si e do grupo a qual se vinculam.

Ao narrarem suas histórias, esses sujeitos falam ainda de uma história que é nacional, a da migração nordestina para outras regiões do país. Logo, suas memórias são, ao mesmo tempo, representações individuais e coletivas, posto que falam de si e de suas famílias e expressam também de uma memória partilhada, construída acerca da comunidade a qual se inserem.[5]

Entende-se que, por detrás dos projetos governamentais alçados à guisa da consolidação de fronteiras do Centro Oeste, e do número expressivo de nordestinos que se dirigiram para os estados do antigo Mato Grosso e Mato Grosso do Sul[6], provavelmente atraídos por terra e trabalho, há rostos e histórias. Algumas confirmam o que a historiografia tem elegido como verdade: nordestinos são mão-de-obra em busca de melhores oportunidades

[4] Os lugares de memória, para Nora, são lugares, com efeito, nos três sentidos da palavra: material, simbólico e funcional, simultaneamente, porém em graus diversos. Em sua complexidade pertencem ao domínio do simples e do ambíguo; do natural e do artificial; do diretamente oferecido à experiência do sensível e, ao mesmo tempo, à abstrata elaboração. Os lugares de memória nascem da vontade de memória. "Lugares, portanto, mas lugares mistos, híbridos e mutantes, intimamente enlaçados de vida e de morte, de tempo e de eternidade". (NORA, 1993-22)

[5] Ricoeur chama a atenção para um plano intermediário de existência no qual se operam concretamente as trocas entre as memórias vivas das pessoas individuais e a memória pública das comunidades às quais os sujeitos pertencem, a partir de uma tríplice atribuição da memória, ou seja: a si, aos próximos, aos outros. Nesse sentido, "É essencialmente no caminho da recordação e do reconhecimento, esses dois fenômenos mnemônicos maiores de nossa tipologia de lembrança, que nos deparamos com a memória dos outros". (2007-131)

[6] Usando dados da FIBGE, Censo de 1940, o historiador Nataniél dal Moro afirma que: "Na década de 1940 a maioria dos migrantes, cerca de 30.000 mil pessoas, que residiam no sul de Mato Grosso eram dos Estados que compõem a Região Nordeste do Brasil. [...] Na década de 40 do século XX o maior número de migrantes provinha dos Estados da Bahia (15.482 mil migrantes), do Ceará (2.676), do Maranhão (4.213) e de Pernambuco (2.080)." (DAL MORO, 2007-109)

de trabalho e vida[7]. Outras histórias, porém, ainda estão a serem narradas: como as das mulheres que acompanharam seus homens, pais ou maridos, sempre figurando no papel de coadjuvantes do fenômeno migratório; ou ainda, a dos migrantes que não migraram em busca pela terra, realizando suas escolhas pautados em outras expectativas.

As imagens comumente associadas ao migrante, muitas vezes responsabilizados por movimentos sociais perturbadores de uma ordem estabelecida, compuseram o leque das questões presentes em meu mestrado em História Social, concluído em 2005, na Universidade Federal de Uberlândia, sob orientação da Professora Heloisa Helena Pacheco Cardoso. A pesquisa intitulada *Cultura Urbana e protesto social: o quebra-quebra de 1959 em Uberlândia-MG,* procurou construir uma análise das representações tecidas acerca desse movimento social a partir de jornais da imprensa local (*Correio de Uberlândia* e *O Repórter*), revistas de circulação nacional (*O Cruzeiro* e *Manchete*), inquéritos policiais instaurados a partir do Quebra-Quebra e narrativas orais. A imagem do forasteiro, chamado uberlandino, é apresentada em seus atributos negativos, justificando sua culpabilização perante aos verdadeiros donos do lugar, os uberlandenses.[8]

Posteriormente, com o ingresso no magistério superior como Professora Assistente da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul/Campus Coxim, a partir de 2008, o meu interesse pelo campo dos estudos migratórios fortaleceu-se a partir de uma relação de orientação de pesquisa em nível de graduação que tratava do sujeito migrante nordestino em Coxim e da análise da Festa dos Nordestinos, uma festa popular realizada pelo Centro de Tradições Nordestinas Padre Cícero de Coxim, o CTN.[9]. A partir da co-produção de algumas entrevistas, pude perceber um veio instigante para futuras pesquisas, aprofundando a minha experiência na metodologia da história oral e descortinando um novo campo teórico de abordagem histórica, a saber, o campo das migrações. Ademais, a partir do lugar social de migrante que já viveu em outras paragens e há oito anos vive no Mato Grosso do Sul, creio que entender a história dos migrantes nordestinos seja uma forma de compreender minha própria história de migrante mineira que, todo os dias, escolhe ser migrante e escolhe viver

[7] A esse respeito consultar as dissertações: OLIVEIRA, 1999; SILVA, 1992.

[8] A esse respeito ver: SANTANA, 2005.

[9] Essa pesquisa resultou na monografia intitulada *Cultura Popular em Coxim*: a festa dos nordestinos como processo identitário (1995-2008). FERREIRA, 2009.

Coxim.

Assim, em 2011 iniciei a pesquisa de doutoramento no Programa de Pós Graduação em História da UFGD, desenvolvendo o projeto "Identidades e representações: memórias e viveres de nordestinos em Coxim-MT/MS". Essa experiência tornou-se ainda mais rica com a possibilidade proporcionada pelo Programa e pela CAPES, a partir da realização do estágio de doutorado sanduíche na *Università Degli Studi di Genova*-Itália, sob a orientação da Professora Chiara Vangelista[10]. Entre outras aprendizagens proporcionadas pelo estágio, é importante demarcar o olhar de Profa. Vangelista sobre aquele que decide migrar. Para ela, o migrante não pode ser visto como um sujeito despossuído ou miserável: primeiro, porque o processo de migração exige recursos para a realização da viagem; segundo, porque exige também a posse de um capital intelectual que lhe permita projetar uma nova vida em outro espaço. E isso não é pouco, ruindo por terra a ideia de que os migrantes *"sono polveretti"*. Seguindo a trilha desse olhar, o migrante figura nesta pesquisa como um sujeito de propriedades: aquele que tem sonhos, que tem vontades, que tem coragem! Sobre o migrante nordestino, seus costumes, festas, viveres, representações e memórias percebe-se um promissor campo de pesquisas científicas, encampadas pelo Curso de História da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul/Campus Coxim, fundado em 2001.

Dizer isto é reconhecer a herança e dívida desta pesquisa com suas antecessoras, reconhecendo o mérito dos primeiros pesquisadores que, em nível de graduação, se arriscaram nessa difícil seara, ao produzir conhecimento em condições às vezes tão áridas. Tais pesquisas tratam, entre outras temáticas, do migrante nordestino em Coxim,[11] das influências desse migrante na culinária coxinense[12] e da Festa dos Nordestinos realizada pelo Centro de Tradições Nordestinas – CTN,[13] constituindo-se em um precioso ponto de partida para a pesquisa que ora se apresenta.

[10] O referido estágio realizou-se entre os meses de janeiro a abril de 2014, sendo as atividades desenvolvidas nos espaços do *AREIA- Audioarchivio delle Migrazioni tra Europa e America Latina*s, sob a coordenação da Professora Chiara Vangelista e com financiamento do PDSE/CAPES, na cidade de Genova (Itália).

[11] Conforme evidenciam as monografias: *A grande família:* o migrante nordestino em Coxim hoje. AMARAL, 2006; *O migrante nordestino em Coxim-MS (1940 a 1970*). DUARTE, 2007.

[12] Ver: *A culinária coxinense*. FELIPE, 2005.

[13] *Festa dos Nordestinos*: expressão da cultura de um povo. PEREIRA, 2005; *Cultura Popular em Coxim*: a festa dos nordestinos como processo identitário (1995-2008). FERREIRA, 2009.

É nesse sentido que esta pesquisa pretende somar-se à historiografia que pensa o sujeito nordestino a partir da análise de suas memórias e viveres. A migração[14] é o eixo e o elo que possibilita adentrar a temática central, que são os grupos familiares nordestinos migrantes. Por outro lado, o fenômeno migratório em si não é cerne da pesquisa, e sim o caminho que possibilita chegar aos sujeitos da pesquisa e às suas vivências migrantes.

Na trilha de construção do conhecimento acerca desse grupo social, a investigação proposta busca perceber por meio de quais práticas, representações e dizeres se enuncia o nordestino. Ao se analisar seu cotidiano, seus viveres familiares e a maneira como narram o passado e o presente pautados em temporalidades singularizadas, adentra-se a complexidade e a riqueza potencial das narrativas orais, aqui pensadas como espaços de encontros, no sentido lato do termo "entre/vista", como uma troca de olhares (PORTELLI, 2010-20).

Refletir sobre as representações possíveis dos nordestinos migrantes que vivem em Coxim implica em falar de identidade e diferença[15]. Nesse sentido, torna-se salutar a reflexão acerca do conceito representações sociais, uma vez que esse é imprescindível para a compreensão da problemática da pesquisa.

Compartilho da perspectiva de Serge Moscovici, quando nomeia as representações sociais de:

> [...] entidades quase tangíveis. Elas circulam, se entrecruzam e se cristalizam continuamente, através de uma palavra, de um gesto, ou duma reunião, em nosso mundo cotidiano. Elas impregnam a maioria das nossas relações estabelecidas, os objetos que nós produzimos ou consumimos e as comunicações que estabelecemos. Nós sabemos que elas correspondem, de um lado, à substância simbólica que entra na sua elaboração e, por outro lado, à prática específica que produz essa substância [...]. (MOSCOVICI, 2003-10)

[14] A teoria da migração ampara-se, nesta pesquisa, nos seguintes aportes teóricos: FONTES, 2008; PÓVOA NETO & FERREIRA, 2005; VAINER, 2005; SANTOS, 2005; SAYAD, 1998; DURHAM, 1984; DA MATA, 1980; RAVENSTEIN, 1980; SINGER, 1980; MOURA, 1980.

[15] Embaso esta leitura na acepção de Silva, para quem "A afirmação da identidade e a marcação da diferença implicam, sempre, as operações de incluir e de excluir. Como vimos, dizer "o que somos" significa também dizer "o que não somos". A identidade e a diferença se traduzem, assim, em declarações sobre quem pertence e sobre quem não pertence, sobre quem está incluído e quem está excluído. Afirmar a identidade significa demarcar fronteiras. [...] Essa afirmação de fronteiras, essa separação e distinção, supõem e, ao mesmo tempo, afirmam e reafirmam relações de poder." (SILVA, 2013-82)

Como processos e também produtos sociais, as representações permeiam o nosso mundo cotidiano: constroem identidades; marcam as diferenças entre o nós e os outros; constroem sujeitos. Nessa interpretação, tornam-se fundamentais para a compreensão das dinâmicas sociais, ao articular três registros de realidade:

> [...] por um lado, as representações coletivas que incorporam nos indivíduos as divisões do mundo social e organizam os esquemas de percepção a partir dos quais eles classificam, julgam e agem; por outro, as formas de exibição e de estilização da identidade que pretendem ver reconhecida; enfim, a delegação a representantes (indivíduos particulares, instituições, instâncias abstratas) da coerência e da estabilidade da identidade assim afirmada. (CHARTIER, 2002-11)

Nessa última esfera, a delegação, pode-se pensar no papel ocupado pelo Centro de Tradições Nordestinas - CTN na representatividade da cultura e das identidades nordestinas e nas relações de poder inscritas nesse processo, uma vez que "quem fala pelo outro controla as formas de falar do outro" (SILVA, 2010-34). Logo, se "a produção da identidade e da diferença se dá, em grande parte, na e por meio da representação" (SILVA, 2010-68) torna-se possível entrever o processo de construção dessa identidade, desnaturalizando o processo de criação de símbolos, imagens, memórias e narrativas que dão coesão a um grupo, que lhe dão forma identitária. Nesse prisma, ainda que existam elementos aparentemente naturais numa pretensa pertença nordestina, como a localização geográfica, sabe-se que esses elementos precisaram ser representados e reafirmados junto a outros elementos, como a música, a seca, a culinária, constituindo assim a invenção da identidade nordestina[16].

Logo, é possível pensar em representações identitárias que se fazem em *continuum*; não são fixas ou acabadas. O sentido de processo abre espaço para pensarmos as relações de

[16] Hall (2009-26) questiona a possibilidade de pensarmos numa identidade cultural portadora de traços de unidade essencial, unicidade primordial e indivisibilidade, inscritas em relações de poder construídas pela disjuntura e pela diferença. Esse universo conflitante do sujeito em diáspora põe em xeque as idéias de pertencimento, mas também abre espaço para a compreensão de um novo sujeito que surge menos atrelado às roupagens da tradição. Nesse sentido, a identidade cultural ou social é compreendida nesta pesquisa na acepção proposta por Silva como "o conjunto daquelas características pelas quais os grupos se definem como grupos: aquilo que eles são. Aquilo que eles são, entretanto, é inseparável daquilo que eles não são, daquelas características que os fazem diferentes de outros grupos" (2010-46). Nesse sentido, a identidade e a diferença se apresentam como processos inseparáveis, sendo "construídas na e pela representação: não existem fora dela" (2010-47).

poder[17] inscritas nesses meandros, não apenas em relação a outros grupos (o Outro[18], o diferente, o que não é nordestino), mas também dentro do próprio grupo social. Esse processo de invenção/criação é permanentemente atravessado por relações de poder, disputas e tensões.

I - O espaço da pesquisa

Inicialmente é importante mensurar que a pesquisa se realiza num espaço dinâmico, compreendido entre o Estado do Mato Grosso do Sul (especificamente a cidade de Coxim) e os vários estados que compõe a região Nordeste do Brasil. Caminhar por esses espaços *bricolados* exige um olhar atento às suas possibilidades representativas. Nesse sentido, torna-se importante uma digressão aos seus processos inventivos. É importante recordar que o Estado do Mato do Sul tem sua gênese articulada ao Estado de Mato Grosso, do qual foi desmembrado oficialmente em 1977. Nesse sentido, para facilitar a identificação, nessa breve genealogia adotarei a nomenclatura antigo Mato Grosso, para o período a anterior a 1977.

I.I - Antigo Mato Grosso e Mato Grosso do Sul: breve genealogia

O Estado do antigo Mato Grosso nasceu como uma capitania do Brasil Colônia, em 1748, a partir do desmembramento da Capitania de São Paulo, fato esse ocasionado pelo interesse crescente despertado pela descoberta das minas de ouro no Rio Coxipó Mirim, em 1719. Em sua existência, habitou a dupla condição de região marginal econômica e

[17] A acepção de relações de poder filia-se ao pensamento de Michel Foucault ao questionar a existência do Poder como uma unidade ou entidade estável. O Poder não existe, o que existe são práticas e relações de poder. Nesta perspectiva, não existem sociedades livres das relações de poder, e sim os chamados micro-poderes que atravessam a estrutura social e se emaranham nas relações. "O poder não existe. Quero dizer o seguinte: a ideia de que existe, em um determinado lugar, ou emanando de um determinado ponto, algo que é um poder, me parece baseada em uma análise enganosa e que, em todo caso, não dá conta de um número considerável de fenômenos. Na realidade, o poder é um feixe de relações, mais ou menos organizado, mais ou menos piramidalizado, mais ou menos coordenado. [...]." (FOUCAULT, 1979-248)

[18] A grafia em maiúscula do termo figura como opção da pesquisadora e tenciona demarcar o Outro como sujeito de relações dialógicas e em construção.

politicamente, em relação aos centros de poder e, também, objeto especial de interesse dos governos monárquico e republicanos (a partir de sua localização fronteiriça com Bolívia e Paraguai)[19].

No olhar da historiadora italiana Vangelista, essa região de fronteira congrega em si diferentes representações e perspectivas de análise:

> Como espacio marginal es tomado como ejemplo de la originalidad y riqueza cultural del *Homem brasileiro*; como área fronteiriza es estratégica para las relaciones com Bolívia, que el gobierno Vargas consideró centrales em el quadro internacional lationamericano, incluse con unas perspectivas de anexión que habrían coronado el sueño del período imperial y del Brasil republicano de llegar hasta el océano Pacífico; como área poco poblada, es um terreno fértil para las inversiones agropecuaias de hecho, aparecen em estos años los capitales paulistas y argertinos destinados a la compra de vastas áreas agrícolas (Lenharo,1982); como área alejada Del poder central, que estaba em la cuesta atlântica, es um espacio en que la Unión podia ejercita com más fuerza su natureza autoritaria. (VANGELISTA, 2013-40)

No entrecruzamento desses olhares, a presente análise se realiza a partir da representação do antigo Mato Grosso como uma região que suscitou, em diferentes períodos da história brasileira, políticas de povoação e consolidação das fronteiras do Brasil meridional. Nessa perspectiva, a inobservância do Tratado de Tordesilhas [20] e a legitimação do Tratado de Madri[21] acirraram as preocupações dos governos centrais em relação a esse espaço e seus confins.

> [...] en Mato Grosso, estado de frontera cuya densidad demográfica se encontraba entre las más bajas Del Brasil, la actividad administrativa del território, de la que es buena muestra una gran cantidad de leyes provinciales y estatales, fue muy intensa. La organización administrativa municipal y la

[19] A esse respeito consultar: VANGELISTA, 2013.

[20] Segundo o Tratado de Tordesilhas, assinado em 1494, as terras situadas até 370 léguas a leste de Cabo Verde pertenciam a Portugal, e as terras a oeste dessa linha pertenciam à Espanha. Nesta análise, o território compreso no antigo Mato Grosso pertenceria originalmente à Espanha. Sobre a importância das bandeiras e monções paulistas no alargamento dos limites fixados pelo Tratado, Melo Nóbrega escreveu: *"Cellula-mater, como bem apregoava seu brasão-de-armas, São Vicente venceu a aspereza da serra, e, atingido o planalto, aí se expandiu, por água e terra, até os confins da colônia,apagando no solo a sombra iníqua da linha tordesilhana" (1978-84).*

[21] O Tratado de Madri, assinado em 1750, estabelecia que os limites coloniais lusitanos e hispânicos seriam definidos por meio do princípio de "uti possidetis", ou seja, tinha como princípio que os limites de cada território seriam definidos por meio de uma investigação que apontasse quem primeiramente ocupou uma região.

> precisa definición de los limites jurisdiccionales de cada unidad eran cuestiones centrales, tal y como muestran los numerosos actos legislativos específicos. Estamos entonces lejos de la imagen difundida, no solo em Europa, de tierras cuya ocupación era dejada a la libre iniciativa de los pocos habitantes allí radicados. (VANGELISTA, 2013-33)

Ao abordar o povoamento do estado no período compreendido entre 1860 e 1954, Vangelista nos apresenta indícios da mão forte do Governo agindo estrategicamente na ocupação desses "espaços vazios"[22]. Embora não seja intenção desta pesquisa traçar um panorama da história do Antigo Mato Grosso, tenciono nuançar como o interesse por parte do governo indicia que a trajetória do desenvolvimento da região esteve continuamente pautada por olhares governamentais que objetivavam, em síntese, marcar a presença e soberania, inicialmente do Império Português e, posteriormente, a partir do advento da República (1889), do Governo Brasileiro. Nesse olhar, dentro da ótica governista, a imensidão do território que compunha o Mato Grosso[23] e a escassez populacional da região representava certamente uma combinação preocupante, demandando ações estratégicas direcionadas ao controle da região.

Nesse percurso, inicialmente os próprios povos indígenas foram alvos dos interesses portugueses, não somente no que diz respeito aos seus territórios, mas como mão-de-obra para o trabalho. Esse interesse perdurou no contexto do século XIX e início do século XX, como povos para a política de povoamento, sem a qual não seria possível a formação das *villas* e, consequentemente, dos municípios. "Entonces, em el período del Imperio, la fundación de uma Villa se hacía com el establecimento en el lugar de los pobladores neobrasileños y los indígenas que lo desearan. Solo así Miranda, Cáceres y Corumbá, por ejemplo, pudieron ser elevadas a la categoria de villas." (VANGELISTA, 2013-38)

[22] O discurso da ocupação dos "espaços vazios" foi largamente utilizado como ferramenta ideológica, no sentido de legitimar as políticas de ocupação e desenvolvimento desse território, sobretudo no Governo Vargas (1930-1954). Para Lenharo ao contrário dos vazios, esses espaços eram ocupados por relações de poder (1986-60). A Historiadora Naglis (2007) alude ainda à presença dos indígenas da população Kaiowá e Guarani, que anteriormente já habitavam parte do território onde foi implantada a Colônia Agrícola Nacional de Dourados-CAND, em 1943.

[23] Entre 1870 e 1954 o antigo Mato Grosso possuía o território de 1.477.041 km². Do desmembramento do seu território instituiu-se o estado de Mato Grosso do Sul, em 1977, com cerca de 350.000 km2 e o estado de Rondônia, criado em 1988, com cerca de 240.000 km2. Conforme: VANGELISTA, 2013.

Nesse sentido, é importante perceber a atuação do Império Brasileiro na criação de municípios em áreas estratégicas, gestados a partir da organização político administrativa e dos interesses de consolidação das fronteiras, e não exatamente de uma necessidade apresentada pela população em crescimento.[24] A fragilidade dessas fronteiras evidenciou-se ainda mais preocupante por ocasião da Guerra do Paraguai (1860-1865), evidenciando a necessidade de atenção à região.

Nesse aspecto é interessante analisar os dados representativos da demografia do Mato Grosso nos períodos de 1800 a 1900 e o incremento populacional da região a partir do conflito com o Paraguai e das imigrações transfronteiriças, como representado na tabela a seguir.

TABELA 1

QUADRO POPULACIONAL DE MATO GROSSO (1800-1900)

CENSO	TOTAL DE POPULAÇÃO
1800	38.746 26.836 livres 11.910 escravos
1818	29.767 18.857 livres 6.037 escravos
1838	23.281 17.244 livres 6.037 escravos
1849	32.833 21.947 livres 10.886 escravos
1862	41.000 35.000 livres

[24] Durante o Império Brasileiro foram criados os municípios de Poconé (Santo Antônio d´El Rey -1831); Cáceres (São Luís do Paraguai - 1850); Corumbá (Nossa Senhora da Conceição de Albuquerque -1859); Rosário Oeste (Nossa Senhora do Rosário do Rio Acima - 1861); Miranda (Presídio de Nossa Senhora do Carmo do Rio Mondego-1871) e Nossa Senhora do Livramento (São José dos Cocais -1883). Fonte: VANGELISTA, 2013.

	6.000 escravos
1872	60.417 53.750 livres 6.667 escravos
1892	92.827
1900	118.025

FONTE: 1800-1849: Relatório do Presidente da Província de Mato Grosso, 4 de Dezembro de 1850, Rio de Janeiro; 1862: Relatório do Presidente da Província de Mato Grosso, 3 de Maio de 1862, Cuiabá; 1872-1900: BRASIL, Recenseamentos Gerais do Brasil. Dados extraídos de: VANGELISTA, Chiara., 2013.

Analisando o quadro se percebe que a população em 1862 era de 41.000 habitantes, sendo 6.000 escravos e 35.000 pessoas livres, saltou para 60.417 habitantes dez anos depois, em 1872, havendo pouco crescimento da população escrava, que passou para 6.667 pessoas, e um crescimento considerável de população livre, que passou para 53.750 pessoas. Esse crescimento pode ser explicado pelas migrações internas e transfronteiriças, advindas principalmente do Paraguai, no período pós-guerra, como corrobora Leite:

> De tal forma, há que se ponderar que os fluxos migratórios do norte mato-grossense para a região pantaneira localizada nas proximidades de Corumbá, hoje no estado de Mato Grosso do Sul, articulou se à migração de trabalhadores paraguaios que atravessavam a fronteira desde o final da Guerra (1865-1870) na expectativa de melhores condições de vida. (LEITE, 2012-172)

Embora esse crescimento contínuo a partir de 1862 seja pouco representativo em relação a outras regiões do país mais densamente povoadas, permanecendo ainda em foco a problemática da baixa densidade, certamente é muito representativo dentro do contexto interno regional.

A povoação ao sul do antigo Mato Grosso, embora tenha se feito mais tardiamente em relação à povoação da região central do estado[25], se fez inicialmente com migrantes do

[25] Conforme Queiroz: "Como se sabe, até a criação, em 1943, do Território Federal do Guaporé (depois chamado *Rondônia*), o território mato-grossense correspondia ao dos atuais Estados de Mato Grosso, Mato Grosso do Sul e Rondônia. Assim, era comum distinguirem-se, nesse vasto espaço, três diferentes porções: o *Norte* (a parte

Paraguai e migrantes mineiros, se desenvolvendo posteriormente com o cultivo da erva mate. Após a Guerra do Paraguai há de se destacar ainda a importância assumida pela cidade de Corumbá, ao sul, com a liberação da navegação pelo Rio Paraguai em direção ao estuário do Prata, transformando-se em um importante centro comercial e acentuando as diferenças regionais do Estado.

A partir dos anos 1930 "O governo Vargas, preocupado com a proteção da fronteira, incentivou a migração para essa região e a nacionalização da comunicação" (NASCIMENTO, 2013). Porém, ainda assim eram preocupantes as condições demográficas da região. Ademais, era contínua a presença de um intercâmbio comercial com os países fronteiriços, representado pela presença da Companhia Matte Laranjeira, a lembrar a ligação com o capital estrangeiro e a existência de trabalhadores paraguaios em solo brasileiro[26]. Não por acaso, a partir desse período o Governo Federal passou a criar dificuldades para a renovação das terras monopolizadas por essa empresa, injetando grandes investimentos na região.

Esse dinamismo na porção sul do antigo Mato Grosso refletiu-se nos projetos nacionais de desenvolvimento do Estado, culminando com a mudança do traçado da Estrada de Ferro Noroeste[27] (construída entre 1905 e 1952) que inicialmente pretendia estabelecer a ligação São Paulo-Cuiabá, e findou a concluir o trajeto São Paulo – Campo Grande – Bolívia. Numa análise das divergências regionais entre o sul e a região central do Estado, Queiroz (2006) assinala que o advento da ferrovia permitiu ao Sul uma ligação direta e rápida com os grandes centros do Sudeste brasileiro, notadamente São Paulo e Rio de Janeiro; em contrapartida, a população da região de Cuiabá continuava a depender da difícil navegação dos rios Cuiabá e Paraguai até Porto Esperança, ponto terminal da ferrovia. Assim, pode-se pensar que, concomitante ao incremento dos intercâmbios comerciais, incrementou-se também os fluxos migratórios. Essa hipótese é endossada pelo crescimento demográfico alcançado pelo Estado no século XX, conforme demonstrado a seguir:

---

mais propriamente amazônica, correspondendo ao atual Estado de Rondônia e à porção setentrional do atual Estado de Mato Grosso), o *Centro* (isto é, a região polarizada pela capital, Cuiabá) e o *Sul* (que se costuma identificar ao atual Estado de Mato Grosso do Sul mas que tinha, à época, contornos imprecisos – ficando indeciso, por exemplo, se nele se incluía ou não a cidade e o enorme município de Corumbá)." (QUEIROZ, 2006-154)

[26] A respeito da Companhia Matte Laranjeira e sua atuação no Antigo Mato Grosso, ver: CONCEICÃO & BIANCHINI, 2000.

[27] Sobre tal temática ver: QUEIROZ, 1997.

TABELA 2

QUADRO POPULACIONAL DE MATO GROSSO (1900-1960)

CENSO	TOTAL DE POPULAÇÃO
1900	118.025
1920	246.612
1940	432.265
1950	522.044
1960	892.233

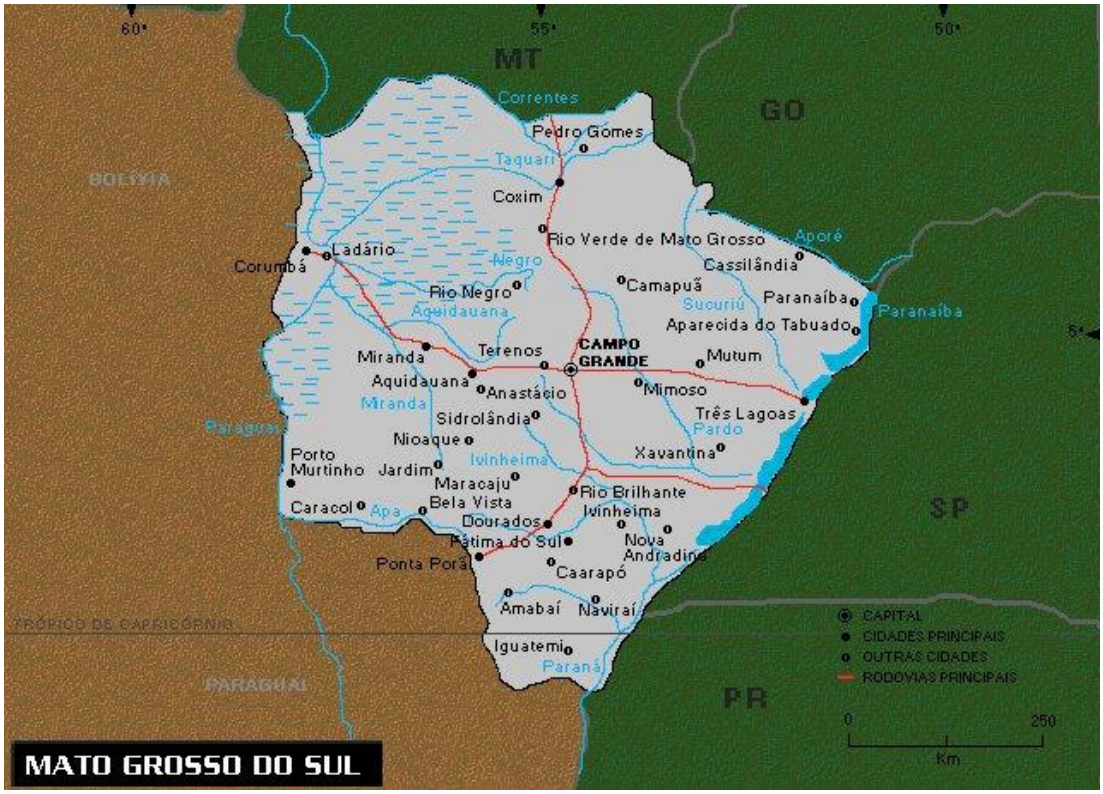
Fonte: FIBGE. Censos 1900, 1920, 1940, 1950 e 1960.

Evidencia-se nos dados um crescimento demográfico expressivo a partir dos anos 1950 em relação à população do antigo Mato Grosso, década essa em que o Governo Federal marcou presença ostensiva no Estado, a partir das instalações das colônias agrícolas. A mais importante foi a CAND – Colônia Agrícola Nacional de Dourados, implantada já no ano de 1943[28].

Outro aspecto importante advindo da implantação da Ferrovia Noroeste foi o crescimento da cidade de Campo Grande, que "suplantaria a própria Corumbá na condição de principal pólo comercial do Estado" (QUEIROZ, 2006-156). As divergências políticas entre as chamadas regiões norte e sul culminaram finalmente com a separação do antigo Mato Grosso em Mato Grosso e Mato Grosso do Sul, em 1977, ficando a cidade de Coxim localizada no segundo estado, próxima à fronteira com o Mato Grosso, na região norte do novo estado brasileiro, como é possível visualizar no mapa a seguir:

[28] A historiadora Bittar reconhece que, mesmo não estando no patamar almejado pelos discursos ideológicos de Vargas, esse novo reduto do trabalhismo getulista deu impulso à região, recebendo cerca de 150 mil pessoas que "ocuparam mais de oito mil lotes rurais, cada um de 30 hectares" (2009-259). A respeito da CAND e da presença de trabalhadores nordestinos nas colônias agrícola, ver: NAGLIS, 2007; SANTOS, 2003; CARLI, 2005.

MAPA I – ESTADO DE MATO GROSSO DO SUL ATUAL



FONTE: Base cartográfica do IBGE.

I.II - De São José de Herculânea a Coxim: terra de migrantes?

Pensando o espaço específico abordado pela pesquisa, apresento a cidade de Coxim como um lugar de migrantes[29], de antigos matogrossenses e novos sul-mato-grossenses[30], o

[29] Segundos os Censos Geográficos do IBGE, o município de Coxim apresentava as taxas de migração, considerando a percentagem de população residente não naturais, de 34,7 %, 35,5 %, 30,2 %, 30,4 % e 28,2 % respectivamente para os anos 1970, 1980, 1991, 2000 e 2010. Fonte: IBGE. Censos Demográficos 1970, 1980, 1991, 2000 e 2010.

[30] Refiro-me à pertença regional, a partir da divisão do Estado em 11 de outubro de 1977, quando o então Presidente Ernesto Geisel assinou a Lei de Divisão de Mato Grosso.

que a caracteriza como um espaço de hibridez cultural[31] por excelência. De processos contínuos de territorialização e desterritorialização (CANCLINI, 2011), constituindo uma sociedade extremamente complexa e amalgamada, um regionalismo de difícil compreensão, talvez apenas traduzível no que apresenta de plural.

Historicamente referendada a partir de sua riqueza fluvial, pela qual reivindica para si parte da história monçoeira[32]; palco por onde passaram as tropas combatentes da Guerra da tríplice aliança[33]; território de passagem da Coluna Prestes[34]; nacionalmente conhecida pela riqueza do seu pescado e de seus pescadores[35]; Coxim abrigou em seu solo povos de diferentes *locus* de origem[36]. Situada às margens da BR-163, a 242 km de sua capital, Campo Grande, emancipou-se em 1898 e, atualmente, tem despertado o interesse da historiografia pelo mosaico cultural que oferece àquele que busca compreender as riquezas, singularidades e complexidades dessa pequena "aldeia" de 32.159 habitantes[37].

Logo, a gênese do território que posteriormente formaria o município de Coxim articula-se à imagem do migrante[38]. No século XVIII a região tornou-se conhecida como importante entreposto comercial da Rota das Monções, na busca pelo ouro das minas de

[31] Canclini enfatiza que toda cultura é resultado de uma seleção e uma combinação, sempre renovada, de suas fontes. Logo, as representações culturais nunca apresentam os fatos e a verdade, constituindo-se sim em re-apresentações, teatro, simulacro, híbridas por excelência. Numa perspectiva audaciosa, afirma que todas as culturas são de fronteira. Assim, desvincula-se univocamente a cultura do seu território, atribuindo-lhe outros sentidos a partir das tecnologias comunicacionais e da reorganização industrial dos bens culturais. Logo, propõe outros tipos de vínculos entre a cultura e o território capazes de transformar as condições de obtenção e renovação do saber e da sensibilidade (CANCLINI, 2011- 263, 348).

[32] Ver: AMORIM, 2004.

[33] Ver: SQUINELO, 2006*;* MARQUES, 1995.

[34] Ver: SODRÉ, 1985; MACAULAY, 1977.

[35] Ver: ZANCHETT, 2013.

[36] Ver: MARTINS, 2000; NASCIMENTO, 2013; SILVA, 2013.

[37] Segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE. Censo de 2010.

[38] A cidade de Coxim, que, de Distrito de Corumbá, foi elevada a Freguesia em 1862 e a Vila em 1872, emancipou-se em 1898. Sobre a gênese da região escreveu o historiador SILVA (2013-8): "A ocupação das terras que atualmente compreendem o atual município de Coxim e a atividade criatória na região teve início a partir da década de 1830. Sob extensão da ocupação do chamado sertão dos Garcia, pelos migrantes mineiros, capitaneados por José Garcia Leal e Joaquim Francisco Lopes, a onda migratória e expansionista, a despeito da presença dos indígenas, senhores daquele espaço, alcançou Coxim dando inicio ao processo de ocupação, povoamento e afirmação das propriedades da terra no sul de Mato Grosso".

Cuiabá, atraindo, sobretudo, os paulistas. No século XIX, num momento histórico que a pujança aurífera já não mais existia, as rotas boiadeiras fizeram de Coxim um ponto de apoio, "pois o gado criado no pantanal era levado para comercialização em Uberaba, Minas Gerais. Isso fez com que alguns migrantes viessem se estabelecer na região, principalmente, mineiros e goianos, vindos do Sertão dos Garcias, fixando-se na região nordeste do Estado de Mato Grosso do Sul" (NASCIMENTO, 2013-46).

No século XX a presença dos migrantes continuou a ser expressiva, em parte pela exploração da minas da região de Jauru. De forma mais sistematizada, se reconhece nesse período ainda duas ondas migratórias que se fizeram perceber de maneira mais acentuada no município. Nos anos 50, a partir de projetos do Ministério da Agricultura que visavam incentivar a pequena propriedade rural, tem-se a instalação da Colônia Agrícola do Taquari, em que os migrantes eram [...] "representados pela quase totalidade de nordestinos, notadamente pernambucanos" (SPENGLER, 1998-64). A segunda onda migratória aconteceu nos anos 70 com a expansão da fronteira agrícola "em que uma parcela de sul-rio-grandenses migrou para colonizar a região centro-oeste, sobretudo, o Estado de Mato Grosso e a Amazônia meridional e, também, com significativa presença em Mato Grosso do Sul" (NASCIMENTO, 2013-19).

Em relação à presença nordestina, a historiografia aponta a década de 50 do século XX como marcante tanto no Estado, a partir da implantação da CAND em Dourados, em 1943, quanto em Coxim, a partir da implantação da Colônia Agrícola do Taquari, em 1950. No entanto, a tese ora apresentada, a partir das análises das trajetórias familiares pesquisadas, traz indícios de que esse movimento migratório se fez de forma contínua, ao menos no que se refere aos anos de 1950 até a atualidade, e não somente em busca de terras ofertadas pelo governo. As migrações ocorreram em busca pela terra, mas também a procura de novos horizontes e perspectivas, sendo as motivações quase sempre articuladas ao mundo do trabalho e alicerçadas nas redes sociais da migração. A esse respeito é interessante os dados migratório de nordestinos para a cidade, dos anos 1970 até 2010.

TABELA 3

DADOS HISTÓRICOS DA MIGRAÇÃO DE NORDESTINOS PARA COXIM

Dados migratórios Estado de Origem / Ano	1970	1980	1991	2000	2010
Total de migrantes da região Nordeste	3.458	3.950	3.538	3.159	2.908
MA	1,38%	0,58%	1,61%	1,29%	3,71%
PI	2,54%	3,46%	6,67%	8,16%	7,42%
CE	13,93%	15,79%	23,68%	23,42%	24,20%
RN	1,04%	1,82%	1,32%	2,62%	1,47%
PB	3,23%	7,46%	7,06%	6,55%	6,15%
PE	45,80%	37,72%	37,16%	29,75%	31,53%
AL	6,99%	9,44%	8,50%	8,89%	7,46%
SE	1,50%	4,30%	3,39%	2,27%	3,98%
BA	23,53%	19,39%	10,57%	16,99%	14,03%
Total da População	18.527	27.628	33.551	30.866	32.159
% de migrantes nordestinos sob o total da população	18,66%	14,29%	10,54%	10,23%	9,04%
% de nordestinos sob o total de migrantes	53,64%	40,25%	34,90	33,63%	31,96%

FONTE: FIBGE. Unidade Estadual em Mato Grosso do Sul. Dados Históricos sobre a migração Coxim-MT/MS. Censos 1970, 1980, 1991, 2000 e 2010. Edição da autora.

Para os anos anteriores a 1970 não foi possível identificar dados específicos sobre a migração de nordestinos para Coxim. No que concerne ao período a partir dos anos 70 do século XX a tabela nos revela informações importantes, como a presença contínua de sujeitos oriundos dos estados da região Nordeste entre a população constituinte da cidade (18,66%; 14,29%; 10,54%; 10,23%; 9,04% para os censos de 1970, 1980, 1991, 2000 e 2010, respectivamente), ainda que em proporção decrescente. Ademais, evidencia-se a predominância de migrantes provenientes dos estados de Pernambuco, Ceará e Bahia que figuram em maior número perante aos demais estados da região Nordeste.

Embora a tabela não apresente possibilidades de análise quanto a fatores mais específicos, como o sexo do migrante e as motivações para a migração, a intenção é demarcar a presença de um processo migratório de nordestinos para Coxim que ocorreu/ocorre historicamente, almejando, a partir das trajetórias das famílias que esta pesquisa evidencia, aprofundar os significados e sentidos que esse percurso encerra.

I.III - Acerca do Nordeste e dos nordestinos

Falar de migrantes nordestinos é falar de sujeitos provenientes dos estados de Pernambuco, Paraíba, Ceará, Bahia, Sergipe, Rio Grande do Norte, Alagoas, Maranhão e Piauí que socialmente são reconhecidos pela pertença a uma macro-região, o Nordeste. Indago-me em que sentido, no entanto, é legítimo atribuir o termo "nordestinos" a esse grupo social que abarca nada menos que nove estados brasileiros. Essa não é uma questão de fácil resposta, mas certamente é algo que precisa ser debatido intelectualmente, no sentido de demarcar um espaço de enfrentamento, não conformidade e reconhecimento à ausência de simplismo que tal representação encerra.

Nessa re/construção genealógica, o Nordeste, como recorte regional, só surgiu recentemente, na década de 10 do século XX. Anteriormente, a divisão do Brasil se fazia entre o Norte (abrangendo todo atual Nordeste e a atual Amazônia) e o Sul (abrangendo toda a região do Brasil que ficava abaixo do Estado da Bahia). Ainda hoje são utilizados os termos norte e sul para referendarem duas regiões distintas do país, bem como ainda prevalece a

alcunha de “nortistas” para os habitantes da região nordeste da atual divisão regional. (ALBUQUERQUE JR., 2007; PÓVOA NETO, 1994)

No reconhecimento dos episódios consagrados como norteadores dessa emergente identidade regional estará a grande seca de 1877-1879. A conjunção de vários fatores, entre eles a existência de uma imprensa mais organizada, tornará essa um grande marco na história das secas e na elaboração do discurso das secas. Discurso esse que se transmutará em ações concretas quando da eleição de Epitácio Pessoa para a Presidência do Brasil, ao incluir a seca como calamidade pública e mencionar pela primeira vez o termo nordeste no documento de criação da IFOCS (Inspetoria Federal de Obras Contra as Secas). (ALBUQUERQUE JR., 2009)

Já no contexto do início do século XX vislumbra-se a consolidação do termo Nordeste como singularizado em relação ao Norte. Essa emancipação foi propiciada, sobretudo, pelo desenvolvimento do ciclo da borracha na Amazônia e pela hegemonia política pernambucana. “As áreas açucareiras e algodoeiro-pecuaristas expulsam trabalhadores para a Amazônia, sendo os mesmos empregados no extrativismo da borracha ou em obras como a ferrovia Madeira-Mamoré.” (PÓVOA NETO, 1994-21)

No sul, paulatinamente, os migrantes nordestinos também ocuparam seus espaços de trabalho: seja realizando trabalhos considerados menores, relegados pelos estrangeiros; seja mostrando-se essenciais, a partir do refluxo de migração de trabalhadores europeus para o Brasil. A “[...] a migração interna cresce e acaba por superar, quantitativamente, a entrada de imigrantes a partir dos anos 20” (PÓVOA NETO, 1994-21). A partir de então, o nordestino passa a ser migrante por excelência, associando-se à imagem de mão-de-obra essencial ao desenvolvimento de um sul que buscava o progresso econômico.

A fama de povo migrante, capaz de realizar qualquer trabalho, pois “O nordestino é, antes de tudo, um forte!” imprime à identidade nordestina um caráter migratório. A esse respeito nos informa Fontes (2008-49) que:

> A saída migratória não era novidade para grande parte da população rural nordestina. Migrações sazonais do sertão e do agreste para a colheita, corte e moagem da cana nas usinas da Zona da Mata (cujos trabalhadores eram conhecidos como “corumbás”) eram constatadas desde antes dos anos 1930.

> Transferências temporárias ou definitivas do campo para pequenas e médias cidades e migrações regionais no interior do próprio nordeste também foram relativamente comuns, inclusive para áreas industriais, como no caso da Cia. de Tecidos Paulista em Pernambuco. No entanto, mesmo as migrações de longa distância não eram completamente inéditas para muitas famílias. Tanto no final do século XIX e início do XX, quanto no período da II Guerra Mundial, milhares de trabalhadores nordestinos moveram-se para as zonas dos seringais da região amazônica trabalhando na extração do látex, matéria-prima da borracha. Referindo-se a um suposto "nomadismo nordestino", o intelectual Barros (1956) lembrava a antiguidade da reputação: "Fama, criaram, cedo, os nordestinos, principalmente cearenses e pernambucanos, como gente migradora e irrequieta, chamados por muitos, sobretudo, os primeiros, de judeus do Brasil".

Nessa seara empreendida, pode-se dizer que foi o nordestino, esses "judeus do Brasil", que, marcando presença como mão-de-obra no Sul e na Amazônia, legitimaram e deram a conhecer o Nordeste, tal como ele é pensado hoje.

Compactuo da ideia de Póvoa Neto (1994) de que não há uma identidade nordestina trans-histórica; nesse olhar, a identidade nordestina é antes de tudo um produto do movimento social de migração e ocupação de espaços, que ocorreram inicialmente no Sul e na Amazônia e, posteriormente, no Centro Oeste do Brasil. Nessa perspectiva, é difícil não associar a imagem do Nordeste à imagem do migrante.

Efetivamente, foi essa a região do país que mais contribuiu com mão de obra para o desenvolvimento nacional. No século XIX migraram essencialmente para os centros urbanos do Rio de Janeiro e São Paulo e para as lavouras, "especialmente para o trabalho em certas tarefas, menos "nobres", da produção cafeeira" (PÓVOA NETO, 1994-20), em um contexto em que ser nortista era pertencer tanto ao Nordeste atual quanto à região amazônica. No século XX a migração se estendeu à Amazônia e à Região Centro Oeste.[39]

No outro lado do tabuleiro, a elite nordestina buscou expressar o seu descontentamento e preocupação com a evasão de trabalhadores para outras regiões do país.

[39] Na análise de Graham & Holanda Filho (1980) os anos 50 do século XX proporcionaram o maior fluxo migratório já registrado no país, em dois sentidos principais. O primeiro foi da região Nordeste em direção às fronteiras agrícolas (Região Centro Oeste e Paraná) e para o eixo industrial São Paulo-Rio de Janeiro; segundo, da região Sul (Rio Grande do Sul e Santa Catarina) em direção ao Paraná e Mato Grosso do Sul.

Mais que mão-de-obra, eram também eles parte do jogo do poder interno dessas elites, representando votos e a manutenção da política do coronelismo.

Nos anos 50 do século XX os caminhos da migração nordestina seguiram em direção à construção da nova capital e a outras sub-regiões da região Centro Oeste. Foi também nesse momento que houve a criação do Banco do Nordeste e da SUDENE – Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste, atendendo às reivindicações de desenvolvimento local que percebiam as migrações como fonte de preocupações. Nessa ótica, resolver os problemas internos da região era também frear a evasão de nordestinos para outras regiões.

Na contramão das preocupações das elites nordestinas, os nordestinos prosseguiram migrando. O Mato Grosso do Sul e a cidade de Coxim foram um desses novos horizontes, especialmente a partir dos anos 50 do século XX.

II - O caminho das pedras: as fontes de pesquisa

Enquanto aparato metodológico, a história oral se constitui a partir da análise das memórias de homens e mulheres que, ao narrarem suas vivências e trajetórias, re(s)significam sua história. Nesse olhar, procurei entrevistar pessoas que atualmente moram na cidade de Coxim, que sejam provenientes dos diversos Estados que compõem a região Nordeste. Outras características comuns aos entrevistados são a chegada à região em diferentes décadas do século XX e a permanência deles em Coxim a pelo menos 15 anos. Essa metodologia possibilita a análise de narrativas de sujeitos em tempos e idades diferentes.

Nesse sentido, foram entrevistadas para esta análise nove pessoas, dentro do perfil desejado pela pesquisa. São dois homens (Antônio Pereira da Silva e Pedro Santana) e sete mulheres (Maria Lima; Antônia Santana; Rosa Batista; Jussara Cunha; Joana Oliveira; Norma Souza; Maria Leuda Oliveira Ferreira), entrevistados no mês de abril de 2013. Desses, Sr. Pedro Santana e Sra. Antônia Santana vivem maritalmente desde 1967 e preferiram ser entrevistados conjuntamente.

Embora a pesquisa não apresentasse a proposta de privilegiar o olhar feminino sobre os temas abordados, em detrimento do olhar masculino, é nítida a maior presença de mulheres no elenco das entrevistas. Narradoras por excelência, quando abordadas sempre tinham muito a contar, como no caso da Sra. Norma Souza que me recebeu com a seguinte frase, quando convidada a falar de sua trajetória de migrante: "você veio ao lugar certo!!!!!". Por outro lado, vários outros convites foram feitos a homens, porém os resultados alcançaram menor êxito: ou tinham outros compromissos, ou estavam de saída para o Pantanal sem data para retorno ou agendavam e não compareciam. Em alguns casos penso que a abordagem de uma mulher jovem sobre vivências tão pessoais pode ter dificultado a possibilidade do encontro, o entre-olhar, a entre-vista.

Por outro lado, avalio que os objetivos da proposta de investigação não foram comprometidos. A saber, a pesquisa que ora se apresenta objetiva problematizar trajetórias de grupos familiares, partindo da perspectiva teórico-metodológica de que não se faz necessário a produção de narrativas com todos ou vários membros de uma mesma família. Entende-se que é o olhar, a análise, os questionamentos, que deverão voltar-se ao núcleo familiar, sendo essa metodologia o caminho para a consecução da abordagem almejada. Logo, penso que a divisão entre narradores homens e mulheres não descaracteriza a análise das trajetórias dessas famílias.

A aproximação dos entrevistados se deu por meio de pesquisa e busca ativa na própria comunidade coxinense, a partir de alguns conhecimentos anteriores, relações de vizinhança e indicações de amigos. A entrevista a Sra. Maria Leuda Oliveira Ferreira foi motivada pelo fato da mesma ter estado presidente do Centro de Tradições Nordestinas Padre Cícero de Coxim, nos anos de 2011 e 2012. Nesse sentido, o relato dessa entrevistada diferencia-se dos demais por conter elementos de sua trajetória pessoal e também da entidade que representa.

As trajetórias de cada um dos entrevistados, à exceção da entrevista de Sra. Maria Leuda Oliveira Ferreira, serão apresentadas no primeiro capítulo e as suas narrativas comporão o temário problematizado nos quatro capítulos. As falas foram parcialmente editadas, retirando-se alguns excessos e vícios de linguagem que poderiam comprometer a compreensão da mensagem. No entanto, procurou-se preservar os elementos pessoais da linguagem de cada entrevistado. Como se observará na apresentação do perfil dos interlocutores, a maioria deles não freqüentou os bancos de uma instituição escolar e,

inevitavelmente, suas falas trazem as marcas do saber cotidiano, as marcas da escola da vida, marcas essas que procurei preservar.

A transcriação proposta por Meihy (2013) é a opção metodológica adotada no processo de transposição do oral ao texto escrito, a partir da percepção que os não ditos, os interditos e as lacunas são elementos essenciais à elaboração e interpretação da narrativa. Por uma opção metodológica, quando considerado relevante, a fala da entrevistadora será reproduzida no texto, explicitando o caráter dialógico da entrevista que se realiza entre dois sujeitos.

Em respeito à privacidade dos narradores, optei pela substituição de alguns nomes reais por pseudônimos. Quando mencionado pela primeira vez, haverá uma pequena nota biográfica, objetivando que o leitor possa identificar o enredo de sua narrativa no texto. Quando mencionadas as suas falas, a fonte será apresentada no texto em nota de rodapé.

Em diálogo com as narrativas orais, as fotografias, texto-signo rico de sentidos e significados singulares, serão analisadas a partir das possibilidades representativas que portam. Parte foi cedida pelos entrevistados e outras foram produzidas pela pesquisadora. Sobre imagens acerca da cidade de Coxim foi importante a consulta ao arquivo do Museu Arqueológico e Histórico de Coxim.[40] Ademais, os dados referentes à população disponibilizados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE mostraram-se importantes na leitura da presença migrante e da sua contribuição ao desenvolvimento demográfico do território onde hoje se situa a cidade de Coxim.

O acervo documental foi enriquecido com alguns objetos que tem um valor especial aos entrevistados, por terem realizado junto a eles a travessia entre o Nordeste e Coxim. Figuram eles como objetos-signo, representativos da longa caminhada daqueles que os portam, como o ferro de passar roupas a brasas de Sra. Rosa Batista, que vindo de Vicência-PE direto para a Fazenda Corixão, no Pantanal Coxinense, hoje ocupa um lugar de destaque na decoração da sala de visitas, como a dizer do respeito que alcançou pela longa experiência que carrega.

[40] Sobre a fotografia como documento histórico, ver, entre outros: GRANET-ABISSET, 2002; CARRIJO, 2002; CARVALHO, 1999; SOUZA & PESAVENTO, 1997;

Nessa busca por fontes, poderíamos tomar de empréstimo a metáfora do garimpeiro em busca do caminho das pedras preciosas para traduzir a dificuldade documental em relação a temas ligados a pessoas comuns, como é o caso dos homens e mulheres nordestinos residentes em Coxim. A diferença é que na pesquisa histórica o pesquisador terá, muitas vezes, que fabricar as próprias pedras preciosas. Nesse trabalho, as narrativas orais, enriquecidas por fotografias, objetos de nossos interlocutores e dados estatísticos são as "pedras preciosas" que possibilitam a investigação do sujeito que ora instiga esta pesquisa.

III - A estrutura da tese

Em relação à estrutura da tese, propõe-se que os capítulos dialoguem entre si a partir das temáticas propostas e evidências apresentadas pelas fontes documentais. A lógica construída na tessitura da narrativa não se prenderá a aspectos cronológicos, mas a aspectos temáticos que comporão o enredo almejado.

Assim, o Capítulo I, *"E nóis via falar nesse Mato Grosso... E já tinha uma turma aqui": Trajetórias e redes sociais de migrantes nordestinos em Coxim*, apresentará as trajetórias dos grupos familiares pesquisados, a partir da compreensão de que suas experiências e memórias trazem indícios da atuação dos sujeitos e do seu papel protagonístico no projeto migratório. Nesse sentido, temas como os estímulos que os levaram à migração, o porquê da escolha do antigo Mato Grosso/Mato Grosso do Sul como destino e a existência ou não de grupos de apoio (familiares, amigos), constituirão o enredo de suas narrativas.

Ao tornar dizível suas vivências retrospectivas, o sujeito o faz à luz do seu momento presente. Logo, na apresentação de suas narrativas serão explicitados os significados atribuídos pelo narrador ao seu processo migratório (suas escolhas, dificuldades, as redes de solidariedade, os sentimentos expressos em relação ao vivido) e, na análise, se direcionará um olhar singular às redes sociais da migração como o mais importante sustentáculo do projeto migratório. Nesse olhar, entende-se muitas pessoas migram para onde tenham conterrâneos, amigos ou familiares, mobilizando um universo de referências já existentes em algum momento de suas vivências e elaborando estratégias que possibilitem o sucesso da migração.

Ademais, procurar-se-á a desmistificação da ideia do projeto migratório como desorganizado e associado à imagem do caos e da miséria.

É importante salientar que neste capítulo as narrativas dos interlocutores serão dadas a ler, apresentando as suas trajetórias de forma quase linear. Porém, a partir das escolhas metodológicas na construção do texto, as questões e temáticas centrais serão posteriormente pensadas em diálogo com os referenciais teóricos da pesquisa, nos demais capítulos.

O capítulo II, *Escrituras silenciadas, vozes indeléveis: narrativa de mulheres nordestinas em Coxim*, tem como proposta apresentar um olhar particularizado para as relações de gênero presentes no processo migratório dos grupos familiares pesquisados, pensando o universo feminino em relação ao universo masculino dentro do espaço da migração. Serão analisadas questões que perpassam o olhar da mulher (ou sobre a mulher) a partir de temáticas como a ocupação dos espaços sociais e o limiar das fronteiras entre o público e o privado; a família e suas relações; o mundo do trabalho, a autonomia e o empoderamento; o casamento, a separação e a viuvez; enfim, o que essa perspectiva traz de possibilidades de análise em relação ao processo migratório, bem como se dão as representações tecidas em torno do ser mulher/migrante/nordestina, a partir das narrativas orais produzidas em torno de si e dos outros.

A proposta de analisar aspectos do processo de construção cotidiano da migrante nordestina inspira-se no olhar de Puga e Borges (2006), ao considerarem que:

> [...] é importante rastrear as fontes, decodificar os símbolos, ações e representações construídas socialmente, que levaram homens e mulheres a agirem e perceberem o mundo, segundo suas óticas particulares, herdadas ou impostas socialmente, através da cultura e das relações de gênero. Sendo sexualmente produzidas as referências culturais percebidas, devemos evitar trabalhar com posições binárias e tentar perceber as relações de poder como construções culturais, em que a dominação se traduz num jogo, numa cumplicidade entre os sexos.

Logo, proponho nesta abordagem a análise de caminhos possíveis de reinvenção dessas mulheres, de realocação de poderes e identidades que se forjam no espaço privado,

como a muito lhe é comum, mas também na ocupação de outros espaços, como o espaço da rua, do trabalho fora do lar, da independência.

O capítulo III, *Vivendo as fronteiras: trajetórias migrantes e o entre-lugar*, tenciona abordar o sentimento de nordestinidade expresso na investigação, problematizando-o em diálogo com o conceito de subjetivação, identidade, entre-lugares e representação. Nesse olhar, procurar-se-á discutir as vivências entre dois universos, o antigo Mato Grosso/Mato Grosso do Sul e o Nordeste; o papel do Centro de Tradições Nordestinas-CTN de Coxim e da Festa dos Nordestinos; e as experiências de ser nordestino fora de sua terra natal.

Nesse olhar, a alimentação, a presença do Centro de Tradições Nordestinas em Coxim e a cartografia dos andejos migrantes desvelam-se, portanto, com um caminho que indicia o entre-lugar no processo de imbricamento contínuo entre temporalidades e espaços. A impossibilidade de tradução completa da cultura migrante diz da não assimilação ou rejeição inconteste às vivências novas ou às tradicionais do grupo, mas de um processo de negociação que se realiza nos interstícios.

O capítulo IV, *Vivências na "terra do Pé-de-Cedro": grupos étnicos, hospitalidade e sentidos do morar e do viver Coxim*, pretende-se abordar as múltiplas e variegadas interpretações das vivências migrantes no território que os acolheu, percebendo o papel protagonístico dos migrantes nordestinos no fazer-se de Coxim e, a partir da análise de suas experiências e memórias, evidenciar seu sentimento de sujeitos desse processo. Serão analisadas suas vivências, nem sempre harmoniosas, em território coxinense em relação à convivência com outros grupos, a hospitalidade em terras estranhas, os significados da casa e do morar na ótica migrante e os seus olhares acerca do que significou/significa viver Coxim no ontem e no hoje.

Nessa trilha, os sentidos da casa revestem-se de significados singulares no viver migrante, traduzindo contextos de ruptura e de refacção dos lares e dos próprios sujeitos que caminham por espaços *bricolados* na busca por um lugar em que possam (re)construir suas histórias.

Por fim, as *Considerações Gerais* propõem apresentar os caminhos de inserção do migrante nordestino no território onde hoje é o Mato Grosso do Sul, a partir da criação da Colônia Agrícola Nacional de Dourados, em 1943, e questionar os limites da atuação

governamental sobre as escolhas a respeito da decisão de migrar. Ademais, pretende nuançar a possibilidade de compreensão do porquê esse grupo de migrantes buscou Coxim para ser o seu “Norte”.

CAPÍTULO 1

"E NÓIS VIA FALAR NESSE MATO GROSSO.... E JÁ TINHA UMA TURMA AQUI!"[41]: TRAJETÓRIAS E REDES SOCIAIS DE MIGRANTES NORDESTINOS EM COXIM

A Ilusão do Migrante

Quando vim da minha terra,
se é que vim da minha terra
(não estou morto por lá?),
a correnteza do rio
me sussurrou vagamente
que eu havia de quedar
lá donde me despedia.

Que carregamos as coisas,
moldura da nossa vida,
rígida cerca de arame,
na mais anônima célula,
e um chão, um riso, uma voz
ressoam incessantemente
em nossas fundas paredes.

Carlos Drummond de Andrade

Na apresentação da obra de título paradigmático *Cruzando Fronteiras Disciplinares*, seus autores procuram definir os estudos migratórios como um "campo de investigação científica que indaga sobre os movimentos espaciais de população, no passado e no presente [...] relacionando tais processos à formação de identidades e subjetividades [...]"(PÓVOA NETO & FERREIRA, 2005-10). Nessa ótica, o migrante é o resultado de uma necessidade de deslocamento, motivado por "**guerra, desemprego, penúria, perseguição**". (2005-11, grifo da autora)

[41] SILVA, Antônio Pereira da. *Entrevista concedida a Eliene Dias de Oliveira*. Coxim/MS: 17/04/2013.

Nessa perspectiva, a migração de sujeitos oriundos da região Nordeste do país para a região Centro Oeste, incluindo-se Coxim, parece ser compreendida pela historiografia a partir da busca por melhores condições de trabalho como o motivo central da desterritorialização (CANCLINI, 2003) de famílias para a outra região. Essa constatação é endossada pela investigação da historiadora Marina de Souza Santos, ao tratar da migração de nordestinos para a cidade de Dourados (2003-13):

> [...] pela análise feita junto à historiografia local, [...] os nordestinos estão sempre inseridos em contextos que tratam da perspectiva econômica ou demográfica. Esse fato é ressaltado quase sempre por números, como é o caso do projeto de colonização empreendida pelo governo Vargas, na chamada "Marcha para o Oeste", que culminou em Dourados com a criação da CAND (Colônia Agrícola Nacional de Dourados). Nesses projetos os nordestinos são mencionados como mão-de-obra que ocupavam os "espaços vazios" e desenvolviam a agricultura ou, na década de 50, os responsáveis pela derrubada das matas para a introdução da pecuária.

Embora reconhecendo a centralidade das questões de cunho econômico e político como grandes propulsoras do processo migratório, considero adequado problematizar os limites dessa interpretação. A supervalorização de condições externas que deflagraram a migração possibilita a produção de uma análise que torna opaca a agência dos próprios sujeitos migradores. Nesse sentido, corre-se o risco de comprometer o seu papel protagonístico, omitindo-se que esses sujeitos sociais são parte constitutiva do processo ocorrido, como evidencia suas experiências e memórias.

Corroborando essa perspectiva, Thomson lembra que:

> [...] embora pressões econômicas frequentemente influenciem as decisões de migrar, testemunhos pessoais revelam uma complexa teia de fatores e influências que contribuem para a migração, além de todo processo de troca de informações e negociação através das famílias e redes sociais. (THOMSON, 1999-28)

Partindo desse prisma, embora essa pesquisa considere relevante a articulação com as políticas do Estado, o que se propõe como central é a investigação das trajetórias desses

sujeitos, expressas em suas narrativas. Nesse sentido, para além da homogeneidade e continuidade apresentadas nas perspectivas econômicas e demográficas, procuro abordar outras nuanças do sujeito nordestino que deixou sua terra natal e partiu em busca de outras realizações. A heterogeneidade dos caminhos percorridos permite trazer à tona outras memórias e histórias desses sujeitos sociais, que talvez ainda não estejam presentes na escritura existente, motivando a busca, para além das estatísticas e dados demográficos.

A poesia de Drummond, citada na introdução deste capítulo, convida a refletir sobre os caminhares desses sujeitos migrantes, suas subjetividades e sua bagagem interior. Na busca pela compreensão desse viver pautado em espaços e temporalidades singulares, aqui nuançada na questão proposta pelo poeta quando diz "Quando vim da minha terra, se é que vim da minha terra (não estou morto por lá?)", procuro a seguir apresentar as trajetórias dos sujeitos pesquisados e de seus grupos familiares. O objetivo de tal abordagem é que, a partir da análise de suas memórias, seja possível elucidar questões como os estímulos que os levaram à migração, o porquê da escolha do antigo Mato Grosso/Mato Grosso do Sul como destino e a existência ou não de grupos de apoio (familiares, amigos), as chamadas redes sociais da migração, nesse processo migratório.

Na narrativa, ao tornar dizível suas vivências retrospectivas, o sujeito o faz à luz do seu momento presente. Logo, o que busco são os significados atribuídos pelo narrador ao seu processo migratório e de seu grupo familiar, suas escolhas, dificuldades, as redes de solidariedade e os sentimentos expressos em relação ao vivido.

Ao contar a sua história, o migrante produz um texto que busca atender a si mesmo e ao ouvinte. A objetividade desse texto está situada em um repertório de habilidades e informações culturalmente situadas em quadros de referência, cuja abordagem é necessária para a compreensão dos conteúdos das narrativas. Ao falar de si, o migrante é, a um só tempo, produtor e decodificador de narrativas, isto é, ao narrar, ele se re/desenha no texto e observa seu próprio reflexo.

Ao se relatar, cada pessoa traz, em suas experiências e narrativas, elementos de sua cultura impregnados de seu próprio ponto de vista, forjados em convívio e em conflito com a dinâmica social. Na perspectiva da historiadora Yara Aun Khoury (2001-84), na narrativa dispomos menos de fatos reconhecidos como tais, que de textos, de enredos, e estes, a seu

modo, são também fatos, ou seja, dados de algum modo objetivos, merecíveis de serem estudados e analisados. Logo, sonhos, expectativas, propostas, projetos, fabulações e memórias trazidas por nossos interlocutores são também percebidos como fatos passíveis de reflexão objetiva, oferecendo indícios concretos de possibilidades interpretativas.

Adentrar o tempo e o espaço do nordestino que vive em Coxim, é lidar com categorias fluidas, em sintonia e diacronia, imiscuindo tempos e lugares do passado a tempos e lugares do presente. Na análise de suas memórias, procuro investigar as múltiplas trajetórias e vivências desses sujeitos históricos objetivando alcançar, para além do tempo do calendário e do espaço geográfico, outras fronteiras possíveis criadas e re/contadas no enredo de suas narrativas.

1.1 – Sra. Jussara Cunha [42]: "Agora eu posso dizer que eu tou no céu, eu tou rica!"

Jussara Cunha soube que sua vida estava prestes a mudar quando sua mãe, Helena, a chamou para conversar, antes de partir para o hospital de Bizarra, hoje Distrito de Bom Jardim, Estado de Pernambuco. Ela, seu pai Augusto, sua mãe Helena e seus irmãos moravam então no Sítio Desenganos, também no município de Bom Jardim. Jussara tinha por volta de seis anos, eram meados de 1957 e ela ouviu de sua mãe, já com as dores do parto:

> "-Jussara, eu vou pro hospital hoje, aí se eu voltar pra casa eu tomo conta de vocês. Se eu não voltar o Zezinho toma conta de você. Vai ser seu pai é ele! O seu pai é ele, que ocê já veve com ele, aí você se crie com ele, o Zezinho toma conta de você."
>
> E foi dito e feito! Minha mãe foi pro hospital... chegou lá ela morreu... e já veio pra casa num caixão. E aí o meu tio pegou e... e no outro dia já foi lá na

[42] Sra. Jussara Cunha. Nascida em 02/03/1951, no Município de Bom Jardim, Pernambuco. Tem 63 anos. Não frequentou sistema escolar formal. É casada, tem dois filhos, é dona de casa e lavadora de roupas. Mudou-se para o antigo Mato Grosso em 1958.

> casa do meu pai e me buscou e eu fiquei com ele até a data que eu me casei aqui.[43]

O diálogo reproduzido pela narradora reconstrói os momentos finais com sua mãe e torna-se significativo por representar um ponto chave em sua trajetória, um divisor de águas em sua vida. No enredo que Sra. Jussara tece sobre si mesma, é nesse momento que se define o rompimento com o grupo familiar de origem (pai, mãe e irmãos), bem como com a terra natal.

Logo após a morte de sua mãe, seus irmãos foram entregues a diferentes parentes para serem cuidados, devido à impossibilidade do pai de manter a família unida, "Que minha mãe morreu e meu pai não tinha condições de cuidar de nós. Pegou e deu nós tudo!"[44]. Seguindo a recomendação de Helena, Jussara foi entregue ao Tio Zezinho e à Madrinha Rosa. Quando ainda era recente a perda da mãe, Jussara deu adeus também ao pai, partindo com seus tios rumo ao desconhecido Mato Grosso. De lá viera uma notícia da possibilidade do Tio Zezinho conseguir terra e trabalho, por meio de um amigo da família, o Sr. Francisco. Viajaram de ônibus juntamente com outras famílias conhecidas, tendo como destino a Colônia São Romão, no município de Coxim.

Sua trajetória no antigo Mato Grosso, hoje Mato Grosso do Sul, é narrada tendo como fio condutor uma lida de trabalho e luta incessante. Primeiro, ainda criança, trabalho árduo *"na roça",* em terras de terceiros e nos 15 hectares que seu tio conseguira adquirir.

> Se tivesse chovendo, nós trabaiava, se não dava pra trabalhar de enxada, nós ia pra dentro daquela arroizada, com o mato dessa altura... nós saía assim, dentro daquela água, arrancando aqueles mato pra descobrir as carreiras de arroz. Nós não dava pra trabalhar de enxada, nós trabaiava de mão!!!! Passando necessidade. Se tivesse fazendo sol nós ia pra roça, se tivesse chovendo nós ia pra roça![45]

[43] CUNHA, Jussara. *Entrevista concedida a Eliene Dias de Oliveira*. Coxim/MS: 18/04/2013.

[44] CUNHA, Jussara. *Entrevista concedida a Eliene Dias de Oliveira*. Coxim/MS: 18/04/2013.

[45] CUNHA, Jussara. *Entrevista concedida a Eliene Dias de Oliveira*. Coxim/MS: 18/04/2013.

A vivência na zona rural é recordada como um tempo de trabalho, onde não havia espaço para diversões ou escola. Junto aos primos, que agora eram seus irmãos, Sra. Jussara passou muito cedo a contribuir para o sustento da família e o seu próprio, principalmente trabalhando no plantio de arroz. Moravam todos em uma casa muito simples, feita de matéria-prima vegetal retiradas de uma palmeira popularmente conhecida como buriti, a *mauritia flexuosa.* Com a palha cobria-se o teto e com a madeira faziam-se as paredes.

Ainda na roça[46] Jussara se casou com Sr. Severino, também ele oriundo da região de Bom Jardim, em Pernambuco. Ele viera no grupo de famílias que migrou com seu tio, em 1958, mas Jussara só veio a conhecê-lo no município de Coxim. Fizeram a viagem juntos, ainda crianças, vindos de ônibus. Sra. Jussara tinha então sete anos e Sr. Severino quatorze. Em Coxim, foram morar na mesma região, a Colônia de São Romão, na zona rural, e ali continuaram convivendo com o mesmo grupo social e frequentando os mesmos ambientes. O Sr. Francisco, o amigo do tio que os convidara a viver em Coxim, foi o padrinho do casamento.

Depois de casada, no início da década de 1970, residiram na zona urbana de Coxim. Em meados de 1974 tentaram migrar para o Estado de Rondônia. Lá tiveram o primeiro filho, Paulo. "Aí não se demos bem lá e pegou e veio embora. Quando eu vim pra cá eu tava com 22 dias de dieta[*] de Pedrinho."[47] Retornaram a Coxim e Sra. Jussara continuou trabalhando, agora lavando e passando roupas para terceiros, enquanto o esposo trabalhava como servente de obras. Tiveram mais uma filha. Alguns anos depois Sra. Jussara assumiu também a educação da neta Ana, filha do filho Paulinho, que recebeu dos braços da mãe com um dia de vida.

Há alguns anos atrás Sra. Jussara realizou um antigo sonho. Organizou-se financeiramente e, com a ajuda do tio, foi rever o pai no Nordeste, Sr. Augusto Quincas. Esse foi certamente um ponto alto de sua narrativa, marcado por forte emoção:

---

[46] Segundo CASCUDO (s/d-784) o termo roça, na acepção de terreno plantado, já aparece em documentos portugueses desde 1327. Sinônimo de roçado. No vocabulário popular, como presente em várias narrativas, pode significar propriedade, posse, moradia rural.

[*] Regime alimentar específico para parturientes, variando entre regiões e tradições familiares diferentes.

[47] CUNHA, Jussara. *Entrevista concedida a Eliene Dias de Oliveira*. Coxim/MS: 18/04/2013.

> Eliene Dias: Como é que foi esse reencontro, você voltar, depois de uma vida?
>
> Jussara Cunha: Quando eu cheguei lá ele não tava em casa. Ele era doente da coluna, ele anda com um pauzinho, uma bengala... ele andava, né? [...]Aí, não sei quem foi que viu ele lá, que conversou com nós, quando nós chegou lá... aí que o meu tio falou assim "Se você encontrar o pai de Jussara fala pra ele que nós tá aqui, que nós tá aqui no Norte". Aí diz que foi, que o rapaz encontrou ele e falou assim "Olha, sua filha veio de Mato Grosso, veio de Mato Grosso, tua filha que você nunca viu, ela tá aí". Aí disse que ele pegou e falou "Então deixe eu ir pra casa" . Aí, quando ele chegou em casa, aí nós fomos lá, saímos do meu tio e fomos na casa dele. Aí quando cheguemos lá, aí o meu tio falou assim: "O Augusto tá em casa?" Aí a minha mãe de criação, que era casada com ele, falou assim "Não tá não, ele tá pra rua, mas agorinha ele chega..." Aí nós ficou lá, aí quando vimos lá vem ele, com aquele pauzinho, com aquele pauzinho. Aí eu saí pra fora, saí de dentro de casa e fui lá pro terreiro encontrar ele. Aí eu cheguei e falei assim "Pai, tá me conhecendo?". Ele falou "Não, minha fia, quem é você?" (VOZ EMBARGADA) Falei: "Sua filha que você pensava que tinha morrido..." (PAUSA; CHORO) Aí ele me abraçou, eu abracei ele, ele chorou...guria do céu! Aí nós veio pra dentro, ele pegou e mandou a patroa dele fazer comida pra nós, fizemo aquela comidona lá, e jantemos, e fiquemos inté tardão da noite conversando lá e depois que fomos dormir.[48]

Esse ponto da narrativa de Sra. Jussara atingiu o seu ápice emotivo, momento marcado por choro e voz embargada. O retorno ao "Norte" e o reencontro com o pai fecham um ciclo de sua trajetória, alinhavando pontos até então não inteiramente costurados na trama de sua existência. Para Sra. Jussara, o pai a tinha como morta, pois os dois não mantinham nenhum tipo de contato desde que ela saíra de casa. Embora não saiba precisar o ano desse reencontro, a narradora relembra que os filhos já estavam "grandinhos" e que o filho maior fazia o curso de datilografia. Os marcos que dão significado aos fatos importantes de sua trajetória tem sentidos outros, para além do tempo do calendário. Assim, suas referências situam-se dentro da própria experiência e não em elementos externos de identificação.

Posteriormente, o Sr. Augusto veio a falecer, sendo essa a única visita ao Nordeste e aos membros da família que lá ficaram. Hoje, Sra Jussara não pensa em voltar a residir no Norte, como ela se refere à região Nordeste do país. Para ela, o Mato Grosso do Sul é a sua casa, lugar onde criou sua família, passou por dificuldades, mas onde, hoje, "agora eu posso

[48] CUNHA, Jussara. *Entrevista concedida a Eliene Dias de Oliveira*. Coxim/MS: 18/04/2013.

dizer que eu tou no céu... eu tou rica! Pra vida que eu já passei, eu tou rica... Eu tenho a minha casa, tenho meus movinhos* dentro de casa. Que quando eu casei eu não levei nada. Nada, nada, nada!"[49]. Embora tenha uma vida simples e sem grandes luxos, ainda trabalhando como lavadeira e passadeira para complementar a aposentadoria do esposo, Sra. Jussara analisa o seu presente à luz de um passado de muitas privações e dificuldades, e por isso, hoje, considera-se uma pessoa *rica*.

Em sua narrativa, fica expressa uma infância de dificuldades, marcada pela morte da mãe, pela separação do pai e dos irmãos. Depois, a migração e o trabalho na roça, as privações alimentares "Nós passemo fome, Liene! Nós passemo fome. [...]E quando chegava em casa nós não tinha comidinha boa pra nós comer não, minha fia, era aquela mandioca, aquele caldeirão véio de mandioca insuada[50], pra nós comer com aquele moinho de pimenta. [...] sem arroz, sem nada"[51], e a ausência do direito de ir à escola. Com muito trabalho junto a seu esposo, realizou-se com a construção de uma família, a conquista da casa própria, as pequenas melhorias no mobiliário e a viagem de reencontro com o pai.

1.2 – Sr. Antônio Pereira da Silva[52]: um "tronco véio"

Era 1954 quando o devoto de Padre Cícero, Antônio Pereira da Silva, então com 27 anos, desembarcou pela primeira vez no tão falado Mato Grosso. Não vinha só, era acompanhado de dois amigos, José Lacerda e José Cunha. De Santana do Cariri, no Ceará, já

* Diminutivo de móveis.

[49] CUNHA, Jussara. *Entrevista concedida a Eliene Dias de Oliveira*. Coxim/MS: 18/04/2013.

[50] A mandioca pode ser conhecida também por outros nomes, a depender da região, como aipim e macaxeira. Quando se diz insuada refere-se à planta com baixo teor de amido nas raízes em função das chuvas, o que altera o sabor e o valor nutritivo do alimento. Definição da autora.

[51] CUNHA, Jussara. *Entrevista concedida a Eliene Dias de Oliveira*. Coxim/MS: 18/04/2013.

[52] Sr. Antônio Pereira da Silva. Tem 87 anos. Nasceu em 15/03/1927 em Santana do Cariri, no Ceará. Não frequentou sistema escolar formal. É viúvo, tem 09 filhos, é aposentado. Foi trabalhador rural. Mudou-se para o antigo Mato Grosso em 1958.

conhecia de fama as terras por onde agora pisava. Veio de pau de arara[53], assim como vários outros naquele período, cumprindo a saga de quase um mês de viagem. Conheceram a região e ficaram a explorar o território do Distrito de Pedro Gomes, Município de Coxim, que nessa época estava sendo loteado e recebia um grande número de pessoas de outras regiões. "Viemo de pau de arara... viemo de pau de arara, naquele tempo era pau de arara. Eu, o compadre de Pedro Gomes, ainda é vivo até hoje. Sabe quantos ele trouxe lá daquela cidade de Parambú, lá do sertão do Inhambú e soltou dentro de Pedro Gomes? Dezoito caminhão!"[54]

Ao recordar o grande número de pessoas que chegavam do Nordeste à região, Sr. Antônio apresenta indícios de que esse era um percurso conhecido da comunidade nordestina. Ao se dirigirem para uma região em processo de povoamento buscavam, sobretudo, a terra.

Passado algum tempo em território matogrossense, recebeu um telegrama da família sobre negócios a resolver e achou por bem retornar ao Ceará. José Lacerda ficou nas novas terras e José Cunha retornou com ele a Santana do Cariri.

O antigo Mato Grosso e suas possibilidades de trabalho já a muito habitavam o imaginário cultural desse grupo, como nos conta Sr. Antônio:

> Nós já sabia e já tinha informação. Que João Lacerda é um cara muito informativo e era um cara muito andado. Que todo nortista é um cabra muito especulador. Quem mexe com comércio, ele é informado de tudo quanto é trem no mundo que ele vê falar e ele fica guardando e gravando. Quando ele acha um lugar que ele tem vontade de ir, ele vai por ali, se apareia[55], como diz um parente meu, põe o dinheiro no bolso e vai lá ver, se aquele lugar é bom conforme tá falando. E nóis via falar nesse Mato Grosso... E já tinha uma turma aqui.[56]

[53] "Pau-de-arara. Denominação popular dos veículos que transportam os sertanejos nordestinos para os Estados do sul do País. O improvisado e precário arranjo para acomodar as famílias, a promiscuidade, o desasseio, o rumor incessante das vozes de homens, mulheres e crianças, associou o caminhão à imagem do *pau-de-arara*, gradeado de madeira em que os psitacídeos são levados para os mercados citadinos." (CASCUDO, s/d – 687)
[54] SILVA, Antônio Pereira da. *Entrevista concedida a Eliene Dias de Oliveira*. Coxim/MS: 17/04/2013.

[55] "Se apareia": Se aparelha, se organiza com os instrumentos necessários para a execução de um projeto. Definição da autora.

[56] SILVA, Antônio Pereira da. *Entrevista concedida a Eliene Dias de Oliveira*. Coxim/MS: 17/04/2013.

Nesse relato João Lacerda é alçado ao papel de líder dos três amigos, pessoa bem informada e conhecedora de outros lugares. A figura do nortista é representada como alguém que busca, que tem curiosidade, um "especulador", alguém que parte em busca de, que vai conferir se algo é verdade ou não. Também se percebe a referência a outros grupos, conterrâneos, conhecidos, "e já tinha uma turma aqui", como a assinalar que aquele percurso já fora feito por outros próximos a eles.

Sr. Antônio voltou para o "Norte", mas o Mato Grosso permaneceria em seus planos e horizontes. De fato, a mudança ocorreria em 1958, agora já acompanhado da esposa, dos filhos e da família do sogro. O pai da esposa desejava ir ao Maranhão, mas o narrador foi enfático em sua decisão: "Eu digo: "Não. Vamo logo pro Mato Grosso, compadre, que quem puder vir vem, quem não puder morre por lá mesmo".[57]

Dessa vez, a viagem foi feita por amigação,[58] em 22 dias. O primeiro destino foi o então Distrito de Pedro Gomes, então território do município de Coxim. Chegando ao lugar planejado foram recebidos por conterrâneos, que lhes acolheram no primeiro mês, ficando todos alojados no barracão de seu Compadre Moraes, dormindo ao chão, de forma improvisada, até que melhor se organizassem. A esposa desse compadre era parente de sua sogra, viera como parte do grupo de migrantes que veio acompanhando Sr. Antônio. "Nós acampou ali. Ficamo um mês ali, drumia pro chão, naquele salãozão."[59]

A travessia do Nordeste ao antigo Mato Grosso não se fez solitária. Como mencionado, junto ao Sr. Antônio e sua família vieram os sogros, os cunhados e ainda um primo de sua esposa com toda família. Ao todo, mais de trinta pessoas. Embora não tenha sido acompanhado de parentes seus (e sim os de sua esposa), ao chegar ao antigo Mato Grosso, o narrador encontrou ainda alguns primos do Estado do Piauí, também residentes no distrito de Pedro Gomes. Dos seus irmãos, Sr. Antônio informa que "estão esparramado tudo

[57] SILVA, Antônio Pereira da. *Entrevista concedida a Eliene Dias de Oliveira*. Coxim/MS: 17/04/2013.

[58] Segundo o narrador, a viagem por "amigação" consiste em utilizar vários meios de transporte em uma única viagem. Dessa forma, o seu grupo realizou parte do trajeto de ônibus, parte de caminhão e parte de trem, alternando os meios de transporte.

[59] SILVA, Antônio Pereira da. *Entrevista concedida a Eliene Dias de Oliveira*. Coxim/MS: 17/04/2013.

quanté canto...”[60], em vários estados do país, tanto na região Nordeste quanto em outros estados.

No Mato Grosso se admirou da riqueza da terra e das variadas culturas. Ironicamente, se no Nordeste o arroz era quase um desconhecido da alimentação da família, “arroz lá nego só comia quando trazia do Piauí ou do Maranhão”,[61] no novo território era a fonte de trabalho do narrador, que o plantava o ano inteiro.

Ao chegar, conseguiram adquirir um lote de terra com 10 hectares. Trabalharam ali por dois anos e depois Sr. Antônio chegou à conclusão que a terra não lhe servia para mais nada, apenas para morar “e morar se mora até debaixo de um chapéu...”[62]. Então a vendeu e foi trabalhar em fazendas da região.

Sr. Antônio sempre trabalhara na zona rural. No Nordeste era tropeiro, uma espécie de comerciante de jumentos. Em sua narrativa, se mostrou apaixonado pelo seu ofício, apresentando um olhar de valorização da sua trajetória profissional em relação à profissão escolhida:

> Eu fui criado em fazenda. Mexendo com gado, com tropa... [...] E a gente quando tem aquela paixão não pode largar dela, que você vai fazendo o que você tem prática, você tá fazendo o que gosta, tem prazer de tá ali fazendo o que você gosta. E você muda de ramo, que vê aqueles outros que entrou ali e cresceu, até cê chegar no lugar dele, ele já foi embora e cê já ficou pra trás e a estrada se fechou e cê não faz nada... entendeu? É desse jeito! A gente não pode..., cê tem que usar o que gosta...[63]

A respeito à profissão de tropeiro, se mostrou detentor de um conhecimento singularizado, nascido de sua experiência no mundo do trabalho. Em determinado momento da entrevista, no sentido lato do termo, na acepção de Portelli (2010), quando dois sujeitos de mundos e repertórios diferentes se colocam à vista, se olham, desenrolou-se o seguinte diálogo:

[60] SILVA, Antônio Pereira da. *Entrevista concedida a Eliene Dias de Oliveira*. Coxim/MS: 17/04/2013.

[61] SILVA, Antônio Pereira da. *Entrevista concedida a Eliene Dias de Oliveira*. Coxim/MS: 17/04/2013.

[62] SILVA, Antônio Pereira da. *Entrevista concedida a Eliene Dias de Oliveira*. Coxim/MS: 17/04/2013.

[63] SILVA, Antônio Pereira da. *Entrevista concedida a Eliene Dias de Oliveira*. Coxim/MS: 17/04/2013.

> Eliene Dias: o senhor falou que lá no Nordeste o senhor era tropeiro. Então o senhor tinha tropa de burro?
>
> Sr. Antônio: Não, burrico, jumento. Que aqui fala burro, lá fala jumento, aqui que fala burro, né? O burro é o filho do jumento. Jumento é jumento, burro é burro. Aqui chama burrico que eles não conhece. O povo não conhece nada aqui no sul. O povo tem que andar no mundo pra conhecer as coisas...[64]

No entreolhar proporcionado pela narrativa, o narrador explicita sua visão a respeito da ignorância do Outro. Ignorância, no sentido que ignora, que não conhece, que ainda "tem que andar no mundo pra conhecer as coisas". O Outro é o povo do sul, o não nortista, aquele que é incapaz de partilhar experiências nascidas da lida diária do trabalho e de um repertório cultural comum a determinado grupo social.

O cerne do enredo da trajetória do Sr. Antônio, tal qual a narrativa de Sra. Jussara, é o mundo do trabalho ligado ao rural. No Nordeste, trabalhava como tropeiro. No antigo Mato Grosso trabalhou em diversos serviços ligados à abertura de terras para plantio e na cultura de arroz, "Minha vida foi puxar machado, enxada e foice..."[65]. Mesmo quando instigado a abordar outras temáticas do seu viver, como o lazer, são o seu trabalho e a disciplina que o mesmo impunha à sua vivência que emergem em sua narrativa:

> Eliene Dias: E lá (no Nordeste) vocês iam muito em festa ?
>
> Sr. Antônio: Não, não tinha tempo. A senhora sabe que o camponês que veve no mato, veve trabalhando, ele não tem tempo, que todo dia cedo ele tem um serviço pra ele fazer, levantar com escuro. Se você mexe em fazenda, todo dia 3 hora da manhã cê tem que tá acordado pra entrar no mangueiro[66], pra tirar leite, soltar a vaca cedo... para ela ir caçar recurso pra comer...[67]

[64] SILVA, Antônio Pereira da. Entrevista concedida a Eliene Dias de Oliveira. Coxim/MS: 17/04/2013.

[65] SILVA, Antônio Pereira da. Entrevista concedida a Eliene Dias de Oliveira. Coxim/MS: 17/04/2013.

[66] Mangueiro: acepção próxima a curral; local de manuseio do gado, onde se retira o leite e dá-se alimentos. Definição da autora.

[67] SILVA, Antônio Pereira da. *Entrevista concedida a Eliene Dias de Oliveira*. Coxim/MS: 17/04/2013.

A disciplina do trabalho tinha seus raros momentos de exceção nas festas "de santo", que aconteciam uma vez ao ano. "Quando era uma festa de santo, essas coisas, a gente ia, tudo, pra divirtir.... porque aquilo é de ano em ano, né? Pois é, aquilo ... ficava lá um dia, dois, três e vinha embora... o dia que dava na cara vinha embora, "vou embora, vou cuidar de minhas obrigações"[68]. As atribuições se impunham ao ritmo do lazer, construindo uma lógica própria que se articula na narrativa aos valores enaltecidos pelo narrador, justificados pela necessidade de ser exemplo para seus nove filhos.

Em sua trajetória percebe-se que Sr. Antônio escolheu migrar. Esse era um desejo arquitetado desde a juventude, quando conheceu o antigo Mato Grosso com amigos. Logo, não migrou fugindo da penúria, da seca e da fome, como comumente pode-se pensar. Fez uma escolha e trabalhou para que a mesma se concretizasse. Construiu um projeto. Como sujeito de sua história, se "apareou" e foi ver se era mesmo como estavam falando. "Nós tava andando, explorando os lugar, pra ver qual era o lugar que servia pra mudar do nortão pra cá... nós tava explorando"[69]. Conseguiu a sonhada terra; decepcionou-se com a realização de seu sonho. Outra vez, mudou o roteiro. Vendeu a terra e continuou escrevendo a sua história, podendo hoje se nomear como um *tronco veio*, como um daqueles que ajudou a construir a história do antigo Mato Grosso: "aqui os tronco véio já morreu quase tudo, mas tem muito aqui agora ... Mas nós tudo foi quem fundemo Pedro Gomes. Eu não estou falando que tinha 12 casas de teia?"

Em 2001 Sr. Antônio retornou pela primeira e única vez à sua terra natal. Hoje, aos 87 anos, já viúvo, cego de um olho e enxergando parcialmente de outro, tem seus filhos próximos. Oito deles residem no Mato Grosso do Sul e um no Mato Grosso. Pretende retornar ao Nordeste a passeio com um filho, mas sabe que retornar para morar é difícil. A família dificilmente o acompanharia, pois nem sequer conhecem sua região. Em um momento da entrevista, revelou um desejo, talvez escondido na alma de migrante, de ser enterrado junto a seus antepassados, no Crato.

[68] SILVA, Antônio Pereira da. *Entrevista concedida a Eliene Dias de Oliveira*. Coxim/MS: 17/04/2013.

[69] SILVA, Antônio Pereira da. *Entrevista concedida a Eliene Dias de Oliveira*. Coxim/MS: 17/04/2013.

1.3 – Sra. Rosa Batista[70]: o trabalho era farto e o frio também

Rosa Batista, trabalhadora rural e jovem esposa de Adão Batista, trabalhador de engenho de cana, em Vicência, interior de Pernambuco, aos 17 anos seguiu com seus familiares para o Antigo Mato Grosso. Era 1961, as condições não eram boas para os trabalhadores rurais do setor da cana na região onde viviam e a família toda passava por muitas dificuldades. "Era uma pobreza que passava até fome..."[71]. Foi então que surgiu o convite de seu irmão que já estava em Coxim a cerca de quatro anos, para todos trabalharem juntos no plantio de arroz, na Fazenda Corixão, no Pantanal. Perante a possibilidade de trabalho e melhoria de condições de vida, a longa viagem começou a ser organizada, saindo do interior do Pernambuco com destino a Coxim.

> Eliene Dias: E veio de onde?
>
> Sra. Rosa Batista: Vim do interior do Recife. Passemos no Recife quando a gente viemos, e seguimos a viagem de ônibus até São Paulo. Cheguemos em São Paulo, peguemos o trem até Bauru. De Bauru, peguemos outro até Campo Grande. Em Campo Grande peguemos o ônibus pra Coxim.
>
> Eliene Dias: E quanto tempo demorou essa viagem toda?
>
> Sra. Rosa Batista: Vixe, Nossa Senhora! Demorou tempo heim... nove dias.[72]

A viagem era longa e difícil, com estradas sem pavimentação e feita com alternância de meios de transporte, a exemplo do grupo do Sr. Antônio Pereira. Além de Sra. Rosa e Sr. Adão Batista, vieram sua irmã Maria, o esposo e os sobrinhos.

No Pantanal, trabalhando na Fazenda Corixão, ficaram por 09 anos. O trabalho era farto e o frio também, algo desconhecido até então. "Nós não tinha roupa de frio, passemos

[70] Sra. Rosa Batista tem 70 anos, nasceu em 25/05/1944, em Vicência, Pernambuco. Não frequentou sistema escolar formal. É viúva e tem três filhos. Foi trabalhadora rural e é comerciante. Mudou-se para o antigo Mato Grosso em 1961.

[71] BATISTA, Rosa. *Entrevista concedida a Eliene Dias de Oliveira*. Coxim/MS: 16/04/2013.

[72] BATISTA, Rosa. *Entrevista concedida a Eliene Dias de Oliveira*. Coxim/MS: 16/04/2013.

uma necessidade..., muita dureza na fazenda".[73] A família vivia de forma simples, cozinhando em fogão a lenha e aproveitando as brasas produzidas pelo fogaréu para aquecer o ferro a brasas que trouxera do Nordeste para passar roupas. Esse ferro de passar roupas, objeto signo representativo de sua história, fez a travessia com Sra. Rosa e ainda hoje é peça central na decoração de sua casa, ocupando lugar privilegiado em sua sala. "Ixi, eu não dou fim de jeito nenhum! Guardo ali. É lembrança, né?"[74]

Foi na Fazenda Corixão que o casal teve o seu primeiro filho, Mário. Sra. Rosa trabalhava ao lado do esposo. Era uma lida dura e cansativa para a camponesa que nunca frequentara uma escola, não sabia ler ou escrever, mas aprendera a trabalhar na roça desde os sete anos de idade.

Nesse tempo, dedicavam-se, principalmente, ao plantio do arroz. O patrão fornecia os víveres para a subsistência das famílias e, ao fim da colheita, realizava o acerto com os contratados da fazenda. Após nove anos trabalhando nesse sistema, deixaram a fazenda quando esta foi vendida e vieram então a residir na zona urbana de Coxim, aproximadamente em 1970.

Na cidade abriram um pequeno bar. Sr. Adão Batista realizava ainda a venda de bananas em um carrinho de mão, para complementar a renda. Afinal, a família agora estava aumentando: "[...] ponhemo um barzinho e meu marido trabalhava em banana, vendendo banana no carrinho na rua. E eu ficava no barzinho. Eu só tinha ele (Mário) de menino, depois de quatro anos nasceu Paulo, depois mais quatro anos veio a Mara."[75]

O bar e a pequena residência geminados e feitos de tábuas eram às margens do Rio Taquari, o que causava preocupações à narradora devido aos constantes afogamentos que ocorriam: "Ah... aqueles três meninos meus me deram muito trabalho naquele rio. Só vivia tomando banho naquele rio. E eu cuidando e até que enfim Graças a Deus criei os meus filho sem dar problema, que aquele rio já levou muita gente, já morreu muita gente."[76]

[73] BATISTA, Rosa. *Entrevista concedida a Eliene Dias de Oliveira*. Coxim/MS: 16/04/2013.

[74] BATISTA, Rosa. *Entrevista concedida a Eliene Dias de Oliveira*. Coxim/MS: 16/04/2013.

[75] BATISTA, Rosa. *Entrevista concedida a Eliene Dias de Oliveira*. Coxim/MS: 16/04/2013.

[76] BATISTA, Rosa. *Entrevista concedida a Eliene Dias de Oliveira*. Coxim/MS: 16/04/2013.

Passado os anos os "meninos" cresceram, a irmã e o cunhado com quem viera de Pernambuco faleceram, bem como o pai dos seus filhos. Os filhos trabalharam com a pesca por algum tempo. Posteriormente Mário se tornou um próspero comerciante do ramo de peixes e a filha Mara casou-se com um Coronel do Exército Brasileiro, indo morar na capital do Mato Grosso do Sul, Campo Grande. Mesmo a família progredindo materialmente, Sra. Rosa manteve o seu bar no antigo local, à Avenida Getúlio Vargas, às margens do Rio Taquari, numa região conhecida hoje por ser uma área que comumente abriga casas de prostituição em meio às residências familiares. O contato com o ramo do comércio sexual nunca a incomodou, pois "meus filhos foram nascidos e criados ali e meus filhos são tudo gente que... só trabalham, gostam de trabalhar".

Hoje, todos os filhos são casados e tem suas respectivas famílias. Sra. Rosa reside em casa própria, num bairro próximo ao bar. Às vezes tem a companhia de um neto em casa. Foi convidada pela filha a mudar-se para a Capital, mas recusou o convite, "Que Coxim é muito bom. Pra mim não tem cidade melhor pra mim morar do que Coxim. Não tem não. Campo Grande eu vou a tratamento."[77]

Atualmente, continua trabalhando no seu bar, porém com menos freqüência. Faz tratamentos de saúde na capital e hidroginástica. É caseira, não gostando muito de viajar. Diz ter medo de voar em avião, talvez por isso nunca tenha regressado à terra natal. O seu filho Mário comprou uma camionete e diz que irá levá-la para passear e rever a família que ficou em Recife. Sra. Rosa, no entanto, não acredita que tal promessa se realize: "Mas ele nunca que vai não."[78]

Em seus momentos de lazer gosta de ver televisão, ouvir músicas que relembram o Nordeste, especialmente Luís Gonzaga, e frequentar as reuniões de família promovidas pela nora Silvana, esposa do filho Mário, "E nós dança heim! Ê mais a Silvana gosta... E faz muito almoço e janta."[79]

[77] BATISTA, Rosa. *Entrevista concedida a Eliene Dias de Oliveira*. Coxim/MS: 16/04/2013.

[78] BATISTA, Rosa. *Entrevista concedida a Eliene Dias de Oliveira*. Coxim/MS: 16/04/2013.

[79] BATISTA, Rosa. *Entrevista concedida a Eliene Dias de Oliveira*. Coxim/MS: 16/04/2013.

1.4 – Sra. Joana Oliveira[80]: onças, terra e trabalho

Era outubro de 1960 quando Sra. Joana Oliveira, aos 09 anos de idade, partiu de Pirauá, município de Umbuzeiro-PB, com sua família. Vieram de ônibus rumo à Colônia São Romão, no município de Coxim, antigo Mato Grosso.

A narrativa de Sra. Joana Oliveira é generosa em elementos desmistificadores da representação de que todos os nordestinos migrantes viviam em situação de miséria e por isso buscaram migrar. Ao contrário, o pai era um pequeno sitiante e, embora tivessem uma vida simples, em suas memórias a narradora recorda daqueles tempos como épocas de fartura e mesa cheia. O pai "tinha um pedacinho de terra lá, plantava, fazia plantio de feijão, fava, abóbora, mandioca, (lá fala macaxeira, mas nós estamos acostumados a falar mandioca), batata..."[81]

Em Pirauá a família vivia nesse pequeno sítio, trabalhando a terra e dela retirando o sustento. A rotina simples, no entanto, foi alterada pela chegada uma carta vinda do antigo Mato Grosso, enviada por um sobrinho de sua mãe. Ela trazia notícias da possibilidade de se conseguir terra e trabalho no município de Coxim, onde o remetente já vivia com sua família a algum tempo. O pai decidiu que se mudaria com sua família, assim como o primo fizera há alguns anos atrás. A mãe não gostou muito da ideia, pois teriam que vender a casa. Por outro lado, percebia que era uma possibilidade de melhoria de vida para a família:

> Nooossa! Nós achava que era uma coisa muito assim... que o pessoal lá ficaro até apavorado. Falava como que nós vinha pra um lugar que só tinha onça? E que nós ia ser comido pelas onças...rsrsrs.... Eu só ouvia minha mãe falando, "Não, mas nós vamos lá... tem terra, vamos trabalhar lá, lá não tem onça". Falavam: "Não, Mato Grosso é um lugar que só tem onça!" E o povo ficava muito admirado, não acreditava que a gente vinha. [82]

[80] Joana Oliveira tem 63 anos e atua como auxiliar de Educação Infantil. Nasceu em 27/04/1951 em Umbuzeiro, na Paraíba. É casada e tem cinco filhos. Possui o Ensino Médio e mudou-se para o antigo Mato Grosso aproximadamente em 1960.

[81] OLIVEIRA, Joana. *Entrevista concedida a Eliene Dias de Oliveira*. Coxim/MS: 20/04/2013.

[82] OLIVEIRA, Joana. *Entrevista concedida a Eliene Dias de Oliveira*. Coxim/MS: 20/04/2013.

No olhar da matriarca da família, era da experiência de se trabalhar a terra que vinha a esperança de um futuro melhor. Era da vivência de trabalho que se retirava forças para lidar com o desconhecido, representado como lugar hostil, habitado por onças e animais selvagens.

"Aí ele vendeu a casa lá e nós viemos pra cá."[83] O trajeto foi feito em vários dias, em estradas sem pavimentação. Vieram seus pais, os cinco irmãos, um cunhado e o primo que se deslocou até o "Norte" para auxiliar na mudança. A viagem foi demorada e em condições difíceis. O dinheiro ganho com a venda do sítio foi usado em grande parte para custear as despesas de alimentação e passagens do grupo familiar.

Inicialmente, a família ficou trabalhando no lote de terra do primo e, após a colheita de arroz, adquiriu um lote próprio. O pai e todos os filhos trabalhavam na lavoura, inclusive as moças, pois "Tinha que tocar aquela roça!"[84]

A mãe sempre permaneceu no espaço da casa, na moradia simples e feita de palha de palmeiras, a exemplo da família de Sra. Jussara. O fogão era improvisado em um buraco no chão, "e colocava uma chapa de lata, que o meu pai cortou e mãe ponhava lenha lá e fazia comida".[85] Vivendo longe da cidade, tinham pouco contato com outras pessoas, "só via o sol mesmo e a lua!"[86]. Também não estudaram, pois a escola era longe do local onde habitavam e "nem via falar em escola!".[87] Católicos, algumas vezes se levantavam muito cedo e iam a pé na residência de um conhecido, "numa missa looooonge".[88]

Desse período, recorda-se da simplicidade da vida, da distância de outras famílias, dos alimentos que a mãe preparava e de muito trabalho.

[83] OLIVEIRA, Joana. *Entrevista concedida a Eliene Dias de Oliveira*. Coxim/MS: 20/04/2013.

[84] OLIVEIRA, Joana. *Entrevista concedida a Eliene Dias de Oliveira*. Coxim/MS: 20/04/2013.

[85] OLIVEIRA, Joana. *Entrevista concedida a Eliene Dias de Oliveira*. Coxim/MS: 20/04/2013.

[86] OLIVEIRA, Joana. *Entrevista concedida a Eliene Dias de Oliveira*. Coxim/MS: 20/04/2013.

[87] OLIVEIRA, Joana. *Entrevista concedida a Eliene Dias de Oliveira*. Coxim/MS: 20/04/2013.

[88] OLIVEIRA, Joana. *Entrevista concedida a Eliene Dias de Oliveira*. Coxim/MS: 20/04/2013.

> Trabaiei, debaixo de chuva e sol e tudo. Nós não tinha esse negócio de chegar final de semana e ir lá fazer unha, fazer isso, fazer aquilo. Não. O nosso final de semana era remendar uma roupa, era ajudar minha mãe a varrer o quintal, era socar arroz no pilão que nós não tinha máquina pra limpar o arroz, era socado no pilão. Tinha que socar pra nós comer a semana toda, entendeu?[89]

Quando solicitada a refletir sobre a travessia e a permanência no novo lugar a cerca de 54 anos, Sra. Joana Oliveira relembra o contato mais freqüente com o grupo familiar de origem:

> Sra. Joana Oliveira: Quando nós chegamos aqui foi quase a mesma coisa que nós tava lá. A diferença que nós achou foi o jeito do povo, o jeito da comida.
>
> Eliene Dias: Mas vocês foram bem recebidos?
>
> Sra. Joana Oliveira: Era bom que era nossos parentes, nós não via ninguém, era sempre nossos parentes.

Embora tenha percebido algumas diferenças em relação à alimentação e "ao jeito do povo", a narradora conta sobre as semelhanças do ambiente familiar, uma vez que foram recebidos pela família de seu primo e com eles continuaram a conviver, o que teria certamente facilitado a adaptação nesses primeiros tempos. Outro aspecto relevante é que a narradora, à época da mudança, era ainda criança e veio acompanhada de seus pais e irmãos, diferente do narrado por Sra. Jussara Cunha. Esses fatores certamente influenciaram na sua leitura do processo de adaptação à nova região.

Dos seus familiares, conta que as irmãs de sua mãe já moravam em Coxim com o seu primo que os convidou, restando no Nordeste alguns tios, irmãos de seu pai. No entanto, não mantiveram mais contato, e nunca voltou ao Nordeste desde que saíra.

Aos 15 anos Sra. Joana casou-se com o também filho de colonos Sr. Joaquim, sul-mato-grossense, filho de baianos. Mudaram-se então para a Fazenda da Empresa Michelin, Município de Ouro Branco-MT, onde o esposo era seringueiro. O casal teve cinco filhos e, em 1989, mudaram-se para a zona urbana de Coxim.

[89] OLIVEIRA, Joana. *Entrevista concedida a Eliene Dias de Oliveira*. Coxim/MS: 20/04/2013.

Desde a estadia na Fazenda Michelin, Sra. Joana passou a trabalhar no ambulatório de serviços diversos. Em Coxim, concluiu o ensino médio e tornou-se auxiliar de Educação Infantil. Diferente da mãe, a qual o pai não permitia que trabalhasse fora do ambiente doméstico, procurou construir para si uma carreira profissional. "Já eu trabalhei. Minha mãe nunca trabalhou, o meu pai não deixava!"[90]

Em terras matogrossenses, Sra. Joana construiu sua família e sua história. Recusou-se a seguir o modelo de vida da mãe: estudou, construiu uma profissão, buscou sua independência financeira. Aos 63 anos, todos os dias acorda cedo e segue para o trabalho em um Centro de Educação Infantil. Recentemente, o trajeto da casa ao trabalho ficou um pouco mais tranquilo de ser realizado. Sra. Joana Oliveira habilitou-se a dirigir automóvel e comprou o seu primeiro carro, um zero km. "Agora já estou andando, já vou pro serviço com ele. [...] Eu tinha tirado carta. Sempre era meu sonho tirar a carta e comprar um carro. Fui juntando... juntando.... até...". Nos momentos de lazer, gosta de ir aos bingos organizados pela igreja, "É, de vez em quando eu acerto. Eu gosto de jogo, eu sou muito chegada a jogo!".[91]

1.5 – Sra. Maria Lima[92]: "o fim do mundo"

Sra. Maria Lima morou no Sítio dos Bredos, no Município de Monteiro, Paraíba, até o casamento. Morava com os pais e os onze irmãos. A família cultivava algodão no pequeno sítio. A vida era simples e "boa". "Tinha muita fartura, tinha muita coisa, tinha algodão, a casa era cheia! Vendia aquele caminhão até na ponta, aquela carga de algodão. Ia pra loja, comprava de tudo, de tudo. Era uma vida maravilhosa. Trabalhava! Mas era vida boa."[93]

[90] OLIVEIRA, Joana. *Entrevista concedida a Eliene Dias de Oliveira*. Coxim/MS: 20/04/2013.

[91] OLIVEIRA, Joana. *Entrevista concedida a Eliene Dias de Oliveira*. Coxim/MS: 20/04/2013.

[92] Sra. Maria Lima tem 81 anos e é dona de casa. Nasceu em 18/08/1933, em Monteiro, Paraíba. Estudou até a 4ª série primária. É divorciada. Tem 07 filhos e mudou-se para Coxim em 1977. Nesse mesmo ano foi assinado o decreto de constituição do Estado de Mato Grosso do Sul, que passou a vigorar em 1979. Portanto, na análise de suas falas utiliza-se o termo antigo Mato Grosso e Mato Grosso do Sul, a depender do contexto a que se refere.

[93] LIMA, Maria . *Entrevista concedida a Eliene Dias de Oliveira*. Coxim/MS: 16 e 20/04/2013.

Além do algodão, plantavam milho e feijão. Criavam também gado, "tinha as ovelhas, tinha criação de bode, de vaca, [...] cavalo, jumento, tudo, tudo essas coisas. E a gente mexia com tudo, dava banho, levava pra dar água..."[94]. A partir dos sete anos, todos trabalhavam na roça para ajudar ao pai. À medida que cresciam e se casavam, deixavam o lar dos genitores. "Só saíram pra casar, que trabalhar fora ninguém trabalhava".[95]

Sra. Maria se casou com o Sr. Carlos e tiveram sete filhos, sendo cinco homens e duas mulheres. O esposo era funcionário de uma empresa asfáltica e por isso a família se deslocava continuamente de cidade e algumas vezes até mesmo de estado: "Morei em Campina Grande, morei na Bahia duas vezes, Euclides da Cunha na Bahia, morei em Salgueiro, Pernambuco, era cidade grande, desenvolvida."[96]

Quando a firma e seus funcionários foram para o antigo Mato Grosso, na década de 1970, a família permaneceu em Salgueiro, na Bahia. Fazia já cerca de três anos que não viam o pai e esposo, no entanto, em 1977 algo diferente ocorreu, mudando a trajetória de toda a família. Sr. Carlos fora construir uma ponte sobre o Rio Taquari, na cidade de Coxim. Agora, decidira que queria a família por perto. Resolvera que ficaria nesse lugar depois que o serviço da obra acabasse. "Ele gostou, ele ficou aqui trabalhando. A gente ficou lá em Salgueiro. Depois que ele mandou o dinheiro e eu vim pra cá com as crianças" [97].

Não era a primeira vez que a família migrava, porém sempre haviam morado em estados da região Nordeste. Agora, no pensamento da narradora, seguiam para "o fim do mundo!"[98] A viagem feita de ônibus por estradas sem pavimentação durou cerca de cinco dias e não foi das mais tranquilas. Junto à mudança, Sra. Maria Lima trouxe uma travessa de porcelana, uma espécie de prato pintado com motivos florais. Aquele objeto muitas vezes a faria recordar o tempo vivido em solo nordestino.

---

[94] LIMA, Maria . *Entrevista concedida a Eliene Dias de Oliveira*. Coxim/MS: 16 e 20/04/2013.

[95] LIMA, Maria . *Entrevista concedida a Eliene Dias de Oliveira*. Coxim/MS: 16 e 20/04/2013.

[96] LIMA, Maria . *Entrevista concedida a Eliene Dias de Oliveira.* Coxim/MS: 16 e 20/04/2013.

[97] LIMA, Maria . *Entrevista concedida a Eliene Dias de Oliveira*. Coxim/MS: 16 e 20/04/2013.

[98] LIMA, Maria . *Entrevista concedida a Eliene Dias de Oliveira*. Coxim/MS: 16 e 20/04/2013.

O filho mais velho havia seguido para o antigo Mato Grosso à frente dos demais ao encontro do pai, levando os documentos dos irmãos para providenciar as matrículas na escola. Quando da viagem da mãe e dos outros irmãos, retornou a São Paulo para encontrá-los. Porém, o ônibus que vinha de Salgueiro atrasou a chegada em São Paulo, impedindo que a família continuasse a viagem como previsto. Assim, pernoitaram em "uma pensão", espécie de pequeno hotel, aguardando o ônibus do dia seguinte que seguiria para Campo Grande e Coxim.

No dia seguinte, ao tentarem embarcar, outro contratempo quase impediu a continuação da viagem:

> Quando compremos passagem lá em Salgueiro, mas o povo não exigiram os documentos dos meninos. Os documentos, registro, já tinha vindo, eu já tinha mando pra cá pra conseguir vaga nos colégios, vieram na frente. Mas eu tinha as carteirinhas do INPS deles, de marcar as consultas, essas coisas tudo. Quando cheguemos em São Paulo foi aquela confusão, cadê os documentos dos meninos pra marcar a passagem pra vir pra cá? Cadê os documentos? Fica aqueles juízes, bastante, naquelas cabine, lá em São Paulo. Aí eu contei a história a ele. Aí veio um e falou: "Sabe que vou te falar uma coisa, ela mora em cidade pequena, o povo todo mundo conhece, aí confiaram dela vir com as crianças sem pedir documento. Ela não tem culpa nenhuma. E ela tem que viajar". E eu digo: "Eu já dormi aqui com todo esse povo, e eu tenho que ir embora. Que o ônibus vai sair três horas." "Tá certo, fala o nome aí das crianças."[99]

Vindos de uma cidade de médio porte, Sra. Maria não estava acostumada a determinados códigos de conduta, passando por essa situação constrangedora. O desencontro dos horários de ônibus e a ausência dos registros de nascimentos dos sete filhos são lembrados como marcantes na memória da mudança por terem tornado a viagem, já longa e cansativa, ainda mais penosa.

A família já havia morado em várias outras cidades do Nordeste, algumas de porte considerável, como Campina Grande, na Paraíba. Da última mudança, vinham de Salgueiro, na Bahia e, ao chegarem a Coxim, estranharam muito a falta de estrutura da cidade. Alguns filhos já eram maiores, tinham uma melhor percepção do que se passava e fizeram coro à reação da mãe, não aprovando a nova escolha de moradia do pai. Em uma passagem, a

narradora lembra da reação dos filhos ao conhecerem a nova cidade: “Irene ficou louca, o Osvaldo se tivesse dinheiro acho que tinha voltado no outro dia. Eles acharam a coisa mais esquisita. Aqui tudo era mato!”[100]

Antes da chegada, a narradora imaginava Coxim como “o fim do mundo”. Ao chegarem ao lugar real que antes apenas existia em seu imaginário, o “fim do mundo” deu lugar a uma cidade povoada pela escuridão, pela ausência de serviços básicos como água encanada e luz elétrica, pela mata e pela lagoa que conviviam lado a lado com seus moradores, tornado a ida das crianças à escola uma verdadeira odisséia:

> Nossa! Os meninos vinha do colégio, vinha correndo, tudo assustado. Passava aquela lagoa ali, passava dentro da água, passava dentro da água, tinha mais essa, não tinha manilha não pra passar, assim como tem hoje em dia. Passava dentro da água! Tirava o calçado, às vezes os meninos tirava umas madeira, umas tábuas, punha pra passar por cima, pra não passar na água.

Passados alguns anos que moravam na cidade, receberam a visita do cunhado Milton, que residia no Rio de Janeiro. Esse, a exemplo do Sr. Carlos, encantou-se pela cidade e resolveu que viria fazer companhia à família de Sra. Maria. Assim, mudaram-se também para Coxim, em 1987. A esposa do Sr. Milton era Sra. Rosália, irmã de Sra. Maria.

O momento da visita foi registrado, denotando a importância do fato, num período em que as fotografias eram raras e dispendiosas.

---

[99] LIMA, Maria . *Entrevista concedida a Eliene Dias de Oliveira*. Coxim/MS: 16 e 20/04/2013.
[100] LIMA, Maria . *Entrevista concedida a Eliene Dias de Oliveira*. Coxim/MS: 16 e 20/04/2013.

IMAGEM 1

Imagem 1: A família de Sra. Maria recebe Sr. Milton e Sra. Rosália que, posteriormente, se mudariam para Coxim. Fotografia colorida cedida por Sra. Maria Lima. 1987.

Conhecida como uma cidade de altas temperaturas, é possível perceber na ausência da camisa dos dois chefes da família e de um dos filhos de Sra. Maria, que aquele era um típico dia de calor na cidade de Coxim. As mulheres usavam tecidos leves e as crianças camisas entreabertas e de tecidos adequados ao clima. Apenas o filho mais velho destoa no vestuário, indiciando talvez um compromisso de lazer ou trabalho naquele dia. O momento do reencontro familiar foi marcado por informalidade e alegria, revelados nos fartos sorrisos. O cenário escolhido e a composição familiar indicam um registro meticulosamente organizado, podendo-se reconhecer a hierarquia familiar e social pela disposição das pessoas na imagem. Do lado direito da fotografia, encontram-se os visitantes, Sr. Milton atrás e Sra. Rosália à frente. Do lado esquerdo, encontram-se Sr. Carlos e Sra. Maria, os donos da casa. As filhas do casal encontram-se ao centro, entre os pais e os tios. Os filhos obedecem à ordem de idade e altura, estando localizados os três mais novos à frente e o maior atrás. Um amigo e o filho mais velho fecham as extremidades. O local escolhido foi à frente da residência da família,

onde se ressalta a fachada uniforme e limpa e, ao fundo, as samambaias do jardim da narradora.

A visita foi marcante para as duas famílias, sendo retratada no documento como um momento de festejo. As irmãs que a muito não se viam puderam passar um breve período juntas. A cidade parece ter agradado aos visitantes pois, algum tempo depois desse encontro, ao se aposentar, foi para Coxim que Sr. Milton veio, buscando desfrutar o sossego de sua aposentadoria. "Quando ele veio passear aqui, ficou apaixonado. O Careca, o pai do Marcílio. Quando veio, se aposentou no Rio, vieram passear aqui, vixi, aí pronto! [...] Ficou louco pra vir, inté que veio morar na Cohab*, naquela casa."[101] Alguns filhos acompanharam Sr. Milton e Sra. Rosália na mudança, mesmo que posteriormente. Atualmente, duas filhas e um filho do casal residem com a mãe na capital do Mato Grosso do Sul, Campo Grande, e um filho reside em Coxim.

Ao Sítio dos Bredos, no Município de Monteiro na Paraíba, Sra. Maria já retornou algumas vezes a passeio. Lá reviu a casa onde nasceu e morou até a data do casamento, casa que conta uma parte de sua história e do seu viver. No Mato Grosso do Sul os filhos cresceram; o casamento entre Sra. Maria e Sr. Carlos foi desfeito; a irmã mudou-se para Campo-Grande por problemas de saúde do esposo; o cunhado Milton faleceu; os filhos seguiram seus caminhos; a vida seguiu seu curso. Na data em que produziu essa narrativa, Sra. Maria planejava vender sua casa e mudar-se para Sonora-MS, cidade onde uma das filhas reside. Sobre seu passado e a migração para o antigo Mato Grosso avaliou:

> Eu acho que foi uma boa coisa (a mudança) porque eles estão tudo trabalhando aqui perto, em volta de mim. Eu mesma fiquei no meio, eles tudo em volta. Eu acho legal. Foi melhor do que eu ficar lá e eles vim embora pra esse mundão aqui. Era mais difícil, né? E aqui foi bom porque ficou mais ou menos perto, né? Porque não é tão longe assim de visitar eles. Aqui foi uma maravilha![102]

* Refere-se a moradias padronizadas de bairros populares originárias das Companhias de Habitação.

[101] LIMA, Maria . *Entrevista concedida a Eliene Dias de Oliveira*. Coxim/MS: 16 e 20/04/2013.

[102] LIMA, Maria . *Entrevista concedida a Eliene Dias de Oliveira*. Coxim/MS: 16 e 20/04/2013.

Atualmente os filhos de Sra. Maria moram e trabalham no MS e no MT. Estão próximos, e por isso ela viaja constantemente para vê-los. Para ela, essa é uma situação boa, pois pode sempre visitá-los e constatar que todos estão bem, trabalhando. Como lazer, gosta de viajar e dançar forró. Recentemente viveu a grande alegria de presenciar a formatura do seu filho Fábio, "Dancei até seis horas da manhã!" [103]

1.6 – Sra. Antônia Santana[104] e Sr. Pedro Santana[105]: "eu, ela, o garoto e a mala"

A primeira migração de Sr. Pedro Santana foi precipitada por um fato que marcou toda sua trajetória. Era 12 de outubro de 1948 quando Pedro, aprendiz de manuseador de fogos de artifício, sofreu um acidente muito sério, perdendo a mão esquerda e parte do braço. Ele tinha 18 anos, era órfão de pai e mãe, criado pela avó Maria, e sabia que precisaria trabalhar, apesar do acidente. Como não era fácil conseguir emprego naquelas condições, em 1952 resolveu que apelaria à autoridade máxima do país para resolver o seu problema:

> Depois que aconteceu esse acidente eu fiz uma carta ao Getúlio Vargas, então Presidente da República, pedindo um emprego de acordo com minha capacidade intelectual e física. Aí me aconselharam: "Ó rapaz, se ocê ficar esperando uma resposta aqui... se fosse eu ia lá". Ele era o Presidente da República. Aí eu fui lá, fui lá e mostrei a carta que eu recebi a resposta dele, pro secretário da Presidência da República. Aí ele disse : "Ocê não quer ficar aqui?" Eu disse:"Fico". "Então ocê vai trabalhar na Prefeitura". "Tá bom!"[106]

[103] LIMA, Maria . *Entrevista concedida a Eliene Dias de Oliveira*. Coxim/MS: 16 e 20/04/2013.

[104]Sra. Antônia Santana. 72 anos. Nasceu em 22/09/1942 em Castro Alves, na Bahia. Foi costureira e é dona de casa. É aposentada. É casada e possui dois filhos. Estudou até a 5ª série do primeiro grau. Mudou-se para Coxim em 1987.

[105] Sr. Pedro Santana. 83 anos. Nasceu em 12/12/1930 em Andaraí, na Bahia. Trabalhou na Secretaria de Obras do Rio de Janeiro e, atualmente, é aposentado. É casado e tem quatro filhos. Estudou até a 5ª série do primeiro grau. Mudou-se para Coxim em 1987.

[106] SANTANA, Pedro. *Entrevista concedida a Eliene Dias de Oliveira*. Coxim/MS: 21/04/2013.

A sede do Governo Federal nessa época localizava-se no Rio de Janeiro, então capital do país e foi para lá que Sr. Pedro Santana seguiu em busca de trabalho. Inicialmente, recebeu a proposta para trabalhar na Coletoria Federal, órgão que corresponde à Receita Federal nos dias de hoje, mas ao final optou por trabalhar na Secretaria de Obras da Prefeitura Municipal do Rio de Janeiro. Em sua narrativa, Sr. Pedro Santana enfatiza que essas oportunidades foram oferecidas a ele a partir do seu contato com a Presidência, de sua "carta ao Presidente da República".

Na Secretaria de Obras Sr. Pedro começou como faxineiro, transferiu-se para a oficina, tornou-se encarregado e por último ocupou o cargo de chefia. Orgulha-se de ter trabalhado 36 anos sem jamais ter perdido um dia de trabalho.

Sua companheira, Antônia Santana, tem hoje 72 anos. Nasceu em Castro Alves na Bahia, mudando-se pouco tempo depois para Queimadinhas-BA. Desse período, recorda-se das tardes ensolaradas de domingo passadas com os amigos, conversando, sentados acima da linha férrea, como é possível visualizar na imagem a seguir.

IMAGEM 2

Imagem 2: Sra. Antônia Santana sentada com amigos no dormente do trem de ferro, próximo à Estação. Queimadinhas/BA. 15/07/1960. Foto em P/B cedida por Antônia Santana. Acervo pessoal.

No documento reproduzido Sra. Antônia é a terceira moça, da direita para a esquerda e narra essa tarde com alegria e nostalgia, falando de um tempo breve de sua vida. O grupo representado na imagem era formado por três rapazes e quatro moças. Algumas crianças e outros jovens compõem a cena ao fundo, e uma criança com um vestuário semelhante aos adultos, encara curiosa a câmera, incorporando-se ao grupo principal. Os trajes indiciam que aquele era um momento particular na rotina dos jovens que aparecem cuidadosamente vestidos para o encontro do grupo. Os rapazes adotam um olhar mais direto e desinibido perante a câmera. O mais velho parece fumar. Um deles tem as pernas cruzadas exibindo os sapatos e as meias que harmonizam com seu cuidadoso vestuário. As moças se apresentam em vestidos claros, de tecidos leves, com cintura marcada e alguns adereços. Três delas miram a câmera, enquanto a quarta foca o horizonte. Sra. Antônia traz uma espécie de broche ou flor do lado esquerdo do vestido e outra moça um xale, talvez para protegê-la do vento. A aproximação física entre as moças, acentuadas pelo contato corporal, indicia uma intimidade entre o quarteto.

O registro foi produzido por um amigo de Sra. Antônia que possuía então uma câmara fotográfica. A família residia nesse período em Queimadinhas, Estado da Bahia. A mudança da cidade de Castro Alves para lá havia ocorrido anos antes devido à doença de sua mãe, que faleceu quando a narradora tinha 12 anos.

Algum tempo após o dia retratado nessa foto, Sra. Antônia casou-se a primeira vez. Era ainda muito jovem, tinha então 18 anos, logo tendo seu filho Alberto. Recorda-se que as irmãs e tias trabalharam no enxoval, cujas algumas peças ela conserva até hoje. Não foi feliz no casamento, separando-se e então, algum tempo depois, reencontrando-se com o amigo de infância, Pedro Santana. Esse, natural de Andaraí, na Bahia, residia no Rio de Janeiro desde a juventude. Lá casara e tivera três filhos. Também estava separado. Do encontro de Antônia e Pedro nasceu o filho Gilmar e juntos estão desde então.

No Rio de Janeiro viveram juntos de 1977 a 1987. Sr. Pedro Santana era funcionário da Secretaria de obras e Sra. Antônia costurava para boutiques, sempre dentro de seu espaço doméstico. Aposentando-se Sr. Pedro Santana, resolveram vir morar em Coxim. Conheceram a cidade em visita à irmã de Sra. Antônia, Sra. Amália, que se mudara da Bahia e vivia a algum tempo no Mato Grosso do Sul. Principalmente Sr. Pedro se identificou com a cidade, dizendo que por ser da roça, foi para o Rio de Janeiro pela necessidade de trabalhar, mas

nunca se adaptou à cidade grande. A decisão de migrarem para Coxim foi dele. "Aqui morava uma irmã dela, que há trinta anos que ela não se via... Eu descobri o endereço dela em1986... aí viemos passear e eu gostei. Aqui eu gostei."[107] A mudança entre o Rio de Janeiro e Coxim foi feita de ônibus. Pela distância grande, não trouxeram móveis ou demais pertences. Vindo apenas "Eu, ela, o garoto e a mala"[108].

Chegando a Coxim, Sr. Pedro Santana recorda-se que foram muito bem acolhidos, ficando hospedados meses em uma casa cedida por um amigo, sem qualquer pagamento de aluguel. Na cidade, viveram sempre como aposentados, não exercendo funções remuneradas. Sr. Pedro continuou a trabalhar, agora para si mesmo, construindo sua casa e cuidando de suas coisas. Também se dedicou às atividades políticas e sociais, sendo candidato a vereador nas eleições de 1992 pela legenda do PMDB, partido ao qual é filiado, alcançando mais de 200 votos, embora não tenha conseguido se eleger. Durante algum tempo, fazia ainda distribuição de doces às crianças da vizinhança, na data comemorativa de São Cosme e Damião.

Sra. Antônia continuou por algum tempo fazendo algumas costuras para fregueses e, hoje, se dedica às atividades religiosas de sua comunidade, a Congregação Cristã. Sempre realizou todo o trabalho doméstico da casa, tanto no Rio de Janeiro quanto em Coxim. Dos filhos, apenas o caçula os seguiu, permanecendo na cidade entre os 13 e os 18 anos e regressando depois ao Rio de Janeiro. O casal já retornou à Bahia algumas vezes a passeio.

Em Coxim, a irmã de Sra. Antônia veio a falecer, restando-lhes as sobrinhas que pouco vêem. Sr. Pedro também não tem outros membros da família na cidade. Nesse aspecto, ficou evidente a valorização dos laços de vizinhança em vários momentos de suas falas, como pessoas com as quais podem contar em caso de qualquer necessidade.

Atualmente, o casal vive o impasse de retornarem ou não ao Rio de Janeiro. Sr. Pedro parece ser mais resistente a esse retorno, "Que eu era da roça, né? Quer dizer, eu cheguei lá no Rio de Janeiro mas não me adaptei muito não."[109] Do outro lado da decisão, Sra. Antônia

[107] SANTANA, Pedro. *Entrevista concedida a Eliene Dias de Oliveira*. Coxim/MS: 21/04/2013.

[108]SANTANA, Pedro. *Entrevista concedida a Eliene Dias de Oliveira*. Coxim/MS: 21/04/2013.

[109] SANTANA, Pedro. *Entrevista concedida a Eliene Dias de Oliveira*. Coxim/MS: 21/04/2013.

remete à chegada da velhice e à necessidade de estar próxima à família como motivos para o regresso do casal:

> Cê tem que pensar bem, cê caiu numa idade, cê não é mais aquele, o seu corpo não ajuda. Ás vezes você tem vontade, você tem vontade, vontade você tem, né? De fazer as coisas, várias coisas, mas o corpo... Cê sabe que não dá, né? Então eu acho que se tem filho, se tem família, tem que ficar mais perto da família. Eu acho assim: eu acho que família é o principal do nosso relacionamento. Primeiramente é a família![110]

O impasse desvela um dos conflitos da condição migrante. A velhice e a distância dos familiares mais próximos trazem à tona o dilema entre a permanência e o retorno. O "Norte" deixou de ser a referência territorial do casal; o sentimento de conflito revela-se agora entre a cidade que os acolheu no passado, o Rio de Janeiro, e a cidade que Sr. Pedro escolheu para gozarem a aposentadoria, Coxim.

1.7 – Sra. Norma Souza[111]: sonhos, sucuris e recomeços

De formação evangélica, Sra. Norma crê que o seu destino e o das demais pessoas já tenha sido traçado pelo seu criador, e muitas vezes ele nos é revelado em sonhos. E, assim, recorda-se que o seu esposo, Sr. José, teria sido avisado em sonho que eles fariam uma viagem muito longa. "Então, a gente tinha que vir pra cá...".[112]

Assim, em 1996, Coxim-MS passou a fazer parte de suas vidas. Souberam da cidade por meio de um amigo do esposo, Sr. Ananias. Este, sabendo que passavam por dificuldades em Carpina-PE, com a falência da barraca de frutas na feira, os convidou a virem a essa

[110] SANTANA, Antônia. *Entrevista concedida a Eliene Dias de Oliveira*. Coxim/MS: 21/04/2013.

[111] Sra. Norma Souza tem 53 anos. Nasceu em 20/06/1961 em João Pessoa, Paraíba. Trabalhou como feirante no Nordeste e, atualmente, é costureira e dona de casa. É casada e tem quatro filhos. Estudou até a 7ª série do primeiro grau. Mudou-se Coxim-MS em 1996.

[112] SOUZA, Norma. *Entrevista concedida a Eliene Dias de Oliveira*. Coxim/MS: 19/04/2013.

cidade “[...] e falou: "Vem pra cá, que aqui é bom de ganhar dinheiro"[113]. Sr. Ananias também veio de Pernambuco com sua família, já estava na região a alguns anos e achou que aquela era uma boa oportunidade de recomeço para a família dos amigos.

Primeiro veio seu esposo, Sr. José, permanecendo em Coxim por três meses. Depois, voltou para buscar a esposa e os quatro filhos. A viagem foi feita de ônibus, sendo memorada a partir dos medos e receios que despertou.

> Eliene Dias: Quando vocês vieram, vieram de ônibus?
>
> Sra. Norma Souza: De ônibus. Tenho pavor da rodoviária até hoje. Quando eu passo lá eu não suporto.
>
> Eliene Dias: Por quê?
>
> Sra. Norma Souza: Porque quando nós chegamos, assim, num lugar estranho, a gente não conhecia... Lá no Nordeste o povo vê aqui o Mato Grosso do Sul como uma cidade de índio, cheio de índio, né? Aí minhas irmãs falavam assim, vocês vão pra lá, vão ser comidos pelos índios, né? Vão matar vocês e vão assar numa fogueira. E assim nós viemos com medo.
>
> Eliene Dias: Vocês vieram com medo?
>
> Sra. Norma Souza: Eu vim! Porque você sai de um lugar, com criança pequena, o meu filho mais velho tinha doze anos, a mais velha tinha treze, de treze até seis anos de idade. Chegar num lugar que você não conhece nada, vender todos os móveis, começar do zero, não é fácil não, né?.[114]

Os medos imaginários se misturavam aos medos reais de irem para um lugar estranho, diante da necessidade de recomeçar a vida “do zero”. Mato Grosso do Sul era referendado como lugar povoado por índios canibais a encherem de temor a mãe zelosa de quatro filhos. O medo do desconhecido foi seu companheiro na travessia de Carpina a Coxim, assombrando o seu coração pela sua sorte e a de suas crianças.

Chegando a Coxim, não encontraram os “temidos índios”, mas muitos pernilongos, que se tornaram logo companheiros constantes dos novos moradores. No início, recorda-se que moravam em uma casa de apenas um cômodo e passaram muito calor por não possuírem

[113] SOUZA, Norma. *Entrevista concedida a Eliene Dias de Oliveira*. Coxim/MS: 19/04/2013.

[114] SOUZA, Norma. *Entrevista concedida a Eliene Dias de Oliveira*. Coxim/MS: 19/04/2013.

ventilador. O primeiro colchão foi emprestado de uma vizinha. Foram tempos difíceis aqueles. Os poucos pertences tinham sido vendidos ainda em Pernambuco e o pagamento demorava a chegar.

> Com um mês que eu cheguei aqui, eu fui no banco ver se o rapaz tinha depositado o dinheiro das coisas que nós vendemo. [...] Aí quando eu cheguei no banco não tinha vindo o dinheiro, e eu tive que voltar a pé. Quando eu olhava assim, parecia que a casa ia ficando mais longe, sabe? E eu cheguei num desespero, as coisas já estavam começando a acabar. Imagine você com quatro filhos dentro de casa, eles pedir um pão e você não ter pra dar. Eu peguei e falei assim: "meu Deus, e agora o que eu vou fazer?" E eu culpava o meu esposo por ter trazido nós pra cá, eu fazia tudo pra atacá-lo, pra deixar ele nervoso. E aí eu falei "e agora meu Deus? "Aí veio aquela vontade de pegar a bíblia e ler. Saiu uma passagem na bíblia que eu não lembro onde tá escrito que falava assim: "a farinha da panela não acabará e o azeite da botija não faltará". Não é que não ia faltar farinha em casa, entendeu? É traduzindo, é que Deus não ia deixar faltar o alimento e ele não deixou... [VOZ EMBARGADA]

O consolo proporcionado pela vivência espiritual próxima a Deus e à religião permeiam toda a narrativa de Sra. Norma. É com esse Deus que ela desabafava quando o desespero ameaçava tomar-lhe conta e era na Bíblia que ela buscava o consolo para as dificuldades que o exílio involuntário lhe causava.

O esposo era o responsável pela administração dos negócios, que vieram a falir. Também foi ele quem decidiu pela mudança para Coxim. Logo, na sua análise, era ele o culpado pelas dificuldades que ela e as crianças, ainda pequenas, estavam atravessando. Em sua narrativa, as complicações só foram superadas quando a narradora tomou as rédeas da própria vida, aqui representadas na imagem sua máquina de costura. "Daí compramo as máquina de costura, eu coloquei um placa e comecei a fazer conserto de roupa e foi assim que eu criei meus filhos".[115]

Sra. Norma trouxe consigo bonecas e artesanatos. Foi com seu trabalho que obtiveram o primeiro dinheiro na cidade. Com o passar do tempo as coisas foram melhorando, Sr. José aprendeu o ofício de pescador, Sra. Norma fazia artesanatos e costuras. Compraram um lote

[115] SOUZA, Norma. *Entrevista concedida a Eliene Dias de Oliveira*. Coxim/MS: 19/04/2013.

por 1.000,00 reais com recursos emprestados por um "irmão" da igreja e, com o tempo, construíram sua própria casa.

Os filhos cresceram, cursaram a Universidade, foram aprovados em concursos públicos. Hoje, são grandes responsáveis pelo sentimento de realização de Sra. Norma, que avalia a sua trajetória à luz do progresso material da família e das boas oportunidades que Coxim lhes ofereceu. "Então, a gente tinha que vir pra cá porque nós fomos em agosto lá no Nordeste, aquelas pessoas que ficou lá, muitos que eram amigos dos meus filhos quando eram pequenos na época, viraram bandidos hoje. As famílias desestruturadas. Concurso não tem igual tem aqui".[116]

Ao Nordeste retornaram a passeio em 2001. Para Sra. Norma esse é mais um sinal do sucesso alcançado pela família em terras sulmatogrossenses, sempre com o auxílio do seu Deus. "Hoje o meu filho pode proporcionar pra nós uma vida melhor, como nós fomos lá pro Nordeste de avião. Coisa que... aonde que um pescador ia poder proporcionar uma coisa dessa pra família? Criei meus filhos tudo na igreja. Nenhum virou assim pro lado do mal."[117] Assim, em sua fala imiscuem-se os sentimentos de realização pelo sucesso alcançado pelos filhos frente à simplicidade dos pais e o reconhecimento do seu papel de mãe, educando-os em caminhos corretos.

Quando não está trabalhando em sua máquina de costura ou frequentando a Igreja Assembléia de Deus, a Sra. Norma vive o seu lazer nas reuniões de família, nas comemorações de aniversário, em passeios a balneários e chácaras de amigos ou saboreando uma pizza em casa. Ela relata que essas conquistas são recentes, a partir do crescimento profissional dos filhos: "A gente não tinha dinheiro pra dizer assim, eu vou comprar um presente pro meu filho, vou fazer um bolo pra comemorar o aniversário. E hoje a gente tem esse privilégio, entendeu? A gente tem esse privilégio."[118] Atualmente, a família planeja para o próximo ano uma nova viagem, quando poderão visitar os familiares que estão longe.

[116] SOUZA, Norma. *Entrevista concedida a Eliene Dias de Oliveira*. Coxim/MS: 19/04/2013.

[117] SOUZA, Norma. *Entrevista concedida a Eliene Dias de Oliveira*. Coxim/MS: 19/04/2013.

[118] SOUZA, Norma. *Entrevista concedida a Eliene Dias de Oliveira*. Coxim/MS: 19/04/2013.

Observa-se que o cerne da narrativa de Sra. Norma é a sua relação com seu Deus. O seu maior arrependimento foi ter se afastado da igreja em um período e a sua maior alegria foi ter criado os filhos todos dentro da igreja. A figura de Deus e sua vivência espiritual são os pilares do enredo em que a narradora se vê e se conta.

Sra. Norma e sua família estão no Mato Grosso do Sul desde 1996. Dos sujeitos apresentados na pesquisa, representam aqueles que vivem há menos tempo na cidade, cerca de 18 anos. A sua presença nesse recorte temporal justifica-se, entre outros elementos de análise, por evidenciar que o processo de deslocamento de famílias nordestinas ocorre em diferentes momentos temporais. Indicia ainda que esse movimento se faz num *continuum.*

1.8 – As redes sociais na migração de nordestinos para Coxim MT/MS (1958-1996)

Embora as redes possam ser usadas em outras acepções[119], nesta pesquisa é no seu sentido social que a mesma será analisada. Dentro das Ciências Sociais, é possível assim defini-la:

> A rede é o conjunto das pessoas em relação às quais a manutenção de relações interpessoais, de amizade ou de camaradagem, permite esperar confiança e fidelidade. Mais do que em relação aos que estão fora da rede, em todo o caso. [...] Estabelecendo relações que são determinadas pelas obrigações que contraem ao se aliarem e dando uns aos outros, submentendo-se à lei dos símbolos que criam e fazem circular, os homens produzem simultaneamente sua individualidade, sua comunidade e o conjunto social no seio do qual se desenvolve a sua rivalidade. (CAILLÉ, 1998-18-19)

Sobre essa definição de redes sociais, o pesquisador Dornelas, do Centro de Estudos Migratórios – CEM, destaca que ela parte de "pessoas concretas e de sua necessidade de criarem laços de confiança entre si [...] Através de uma série de trocas simbólicas (bens,

[119] Ver: HEIDERMANN, 2001.

presentes, favores, casamentos, filhos, etc), o grupo se constitui, dá forma às suas práticas culturais e a seus princípios de honra e moral" (2001-06). Nesse olhar, a família é a mais importante e fundamental das redes, sobretudo entre os pobres. Ampliando o seu significado, abarca não só o núcleo central (mãe, pai e filhos), mas também toda a família extensa (avós, tios, primos, cunhados) e os familiares afetivos, como os padrinhos e compadres.

Fruto das relações sociais, as redes são tecidas tanto de solidariedade quanto de conflitos e subordinação entre os sujeitos que as compõem, não permitindo visões simplistas ou ingênuas a respeito de uma comunidade idealizada. O que existe são sujeitos concretos vivendo relações reais em que, potencialmente, "é essa rede que vai sustentar a identidade social de seus membros, e ser a sua garantia diante dos momentos de infortúnio." (DORNELAS, 2001-06)

Nos relatos das trajetórias de nossos interlocutores a presença das redes sociais é um dos sustentáculos dos projetos de migração das famílias pesquisadas. Assim, Sra. Jussara Cunha veio em 1958 para o antigo Mato Grosso com a família do tio Zezinho que a adotou após a morte de sua mãe, Helena. Tio Zezinho fora convidado por um amigo, Sr. Francisco, provavelmente ligado a ele por laço de vizinhança e/ou compadrio no Nordeste, onde haviam morado e trabalhado juntos. "É porque esse homem que ele trabalhou com ele, ele escreveu... ele escrevia pra ele lá. Ele escrevia pra ele chamando ele pra cá. Aí ele pegou e veio. Aí nós pegou e ajuntou todo mundo e veio embora"[120]. Sr. Francisco já migrara alguns anos atrás e, agora, recebia a família do amigo Zezinho, encaminhando-lhe para as Colônias São Romão, região rural do município de Coxim, onde o ajudara a conseguir trabalho que, dali a algum tempo, proporcionaria a renda para a compra do seu próprio lote de 15 hectares de terra.

Na narrativa é possível entrever que a presença desse amigo junto à família continua após o processo de mudança. Sr. Francisco foi padrinho de casamento de Jussara, anos após a viagem de Bom Jardim-PE a Coxim. Essa evidência indicia que esses laços permaneceram presentes na vida daquelas famílias, sendo constantemente reforçados através de ritos como os apadrinhamentos.

[120] CUNHA, Jussara. *Entrevista concedida a Eliene Dias de Oliveira*. Coxim/MS: 18/04/2013.

Sra. Jussara migrou acompanhada de outras famílias. Possuía nesse momento sete anos de idade. Entre as famílias, estava a de seu futuro esposo, Sr. Severino Cunha, então com cerca de quatorze anos. Em Coxim, as famílias foram morar e trabalhar na mesma região, nas Colônias, e lá criaram uma convivência contínua, fortalecida pela distância da terra natal, dos outros familiares e da própria região urbana de Coxim, o que trazia condições singulares de vivência daquele grupo. Jussara e Severino, participando sempre daquele grupo social, naturalmente se aproximaram, se enamoraram e se casaram.

Sr. Antônio Pereira, ao migrar em 1958 de Santana do Cariri com mais de 30 pessoas, incluindo sua esposa, filhos, os sogros, cunhados e um primo seu com toda a família foi recebido e hospedado pelo Compadre Moraes em um barracão, no distrito de Pedro Gomes, então pertencente ao Município de Coxim. "Chegamos ali, não falei que fiquemos lá naquele salão do Compadre Moraes ali, um mês ali jogado?".[121] Compadre Moraes era um conterrâneo, a esposa desse era parente da sogra de Sr. Antônio e os recebeu naquele espaço onde ficaram cerca de um mês, dormindo ao chão, de forma improvisada, até que melhor se organizassem. A narrativa de Sr. Antônio evidencia a migração como um projeto familiar. Nesse empreendimento foi salutar a força dos laços de solidariedade que permitiu a vinda de cerca de três dezenas de pessoas de uma mesma família.

Sr. Pedro Santana, migrando do Rio de Janeiro em 1987 com sua esposa, Sra. Antônia e seu filho Gilmar, narraram o fato de terem morado em uma casa de um vizinho, recém-conhecido, sem nenhuma forma de pagamento, enquanto construíam sua casa em Coxim. A força dos laços de solidariedade transmuta-se no tempo. Se outrora decidiram se mudar a partir do laço parental com Sra. Amália, irmã de Sra. Antônia que residia na cidade, após a morte dessa são os laços de amizade e vizinhança que sustentam suas relações sociais com a cidade e adiam o retorno ao Rio de Janeiro.

As narrativas dizem de um espaço na vida do migrante que é ocupado pelas relações sociais que ele constrói no seu caminhar. A família, quase sempre alontanada, abre espaços para o fortalecimento dos contatos entre vizinhos, amigos e compadres. Essas redes que se constroem e se reforçam, se tornam extremamente importantes para o sucesso do empreendimento migratório.

[121] SILVA, Antônio Pereira da. *Entrevista concedida a Eliene Dias de Oliveira*. Coxim/MS: 17/04/2013.

Diferente de Sr. Pedro e Sra. Antônia que migraram para aproveitar a aposentadoria, Sra. Rosa Batista migrou ainda muito jovem à procura de trabalho e melhorias. Veio com seu esposo e familiares de Vicência-PE, em 1933. Vieram a convite do irmão que residia no antigo Mato Grosso a alguns anos com sua família. Fugiam da pobreza e das péssimas condições em que viviam os trabalhadores da cana naquele período.

O trabalho já estava organizado pelo irmão, indo todo o grupo trabalhar na Fazenda Corixão, no Pantanal e lá permanecendo por cerca de nove anos, até que a fazenda fosse vendida. "Quem veio primeiro foi meu irmão. Depois de meu irmão já tava com quatro anos aqui, ele ligava pra lá e nós viemo pra trabaiar também. Cheguemo aqui, trabaiemo um bocado de ano, aí trabaiemos nove anos lá na fazenda, aí saímo."[122] A narradora enuncia os passos vivenciados pela família. Apresenta uma fala pluralizada, em que os termos "viemo, cheguemo, trabaiemo e saímo" são reveladores do sentimento de pertencimento, como a dizer da trajetória que não foi vivida de forma individualizada, mas em grupo. Com a venda da fazenda, o núcleo familiar mudou-se então para a zona urbana de Coxim, permanecendo ligados pelos laços parentais e afetivos.

Muitos anos depois, também por dificuldades financeiras, viria Sra. Norma Souza, em 1996, de Carpina-Pernambuco. Veio com o esposo e os quatro filhos, por convite de um amigo da família, Sr. Ananias, conterrâneo que migrara a alguns anos com a família para Coxim e permaneceria no Mato Grosso do Sul até os tempos atuais. Sr. Ananias foi a ponte para um novo recomeço na vida da família que tinha um bom padrão financeiro até a falência da banca de frutas, " [...] e ele tinha um amigo que morava aqui em Coxim e falou: "Vem pra cá, que aqui é bom de ganhar dinheiro!""[123] Tempos depois, foi a família de Sra. Norma que convidaria outro pequeno grupo para mudarem-se para Coxim, evidenciando a continuação da rede, "Tem um outro amigo que veio de lá, o Seu Jorge, através de nós. [...] tá ele e a esposa e um filho."[124]

Também procurando melhorias, a família de Sra. Joana Oliveira migrou de Umbuzeiro, Paraíba, em 1960. Vieram o pai, a mãe, cinco irmãos e um cunhado, num projeto

[122] BATISTA, Rosa. *Entrevista concedida a Eliene Dias de Oliveira*. Coxim/MS: 16/04/2013.

[123] SOUZA, Norma. *Entrevista concedida a Eliene Dias de Oliveira*. Coxim/MS: 19/04/2013.

[124] SOUZA, Norma. *Entrevista concedida a Eliene Dias de Oliveira*. Coxim/MS: 19/04/2013.

de migração familiar. Eram pequenos sitiantes e vinham em busca de terra e trabalho. Em território coxinense, foram recebidos pelos familiares, não só o primo, mas também por duas tias, irmãs de seu pai, que migraram alguns anos antes.

> Eliene Dias: E a senhora sabe dizer por que Coxim foi escolhida para essa mudança? Tinha alguma ligação com alguma pessoa?
>
> Sra.Joana Oliveira: Tinha ligação com meu primo, o sobrinho de minha mãe. Que ele veio pra cá, comprou as terras, gostou daqui e aí mandou uma carta pra minha mãe e pro meu pai. Aí ele vendeu a casa lá e nós viemos pra cá.[125]

É particularmente interessante a observação da narradora ao dizer que não percebeu grandes diferenças entre os dois universos vivenciados, pois foram recebidos pela própria família, "era tudo parente".[126] Evidencia-se nesse estudo de caso a importância da rede parental e das práticas de solidariedade para o fortalecimento do grupo e o sucesso do empreendimento migratório.

Um traço apontado pela historiografia das migrações é a solidariedade presente entre os membros de uma rede (SINGER, 1980; DURHAM, 1984; FONTES, 2008). No caso da família de Sra. Joana é importante nuançar esse aspecto. O pai veio inicialmente para trabalhar nas terras do primo, "Era a terra do meu primo que ele trabalhava. [...]. Era dois lote, aí cedeu um pro meu pai. Aí meu pai e meu cunhado e os meus irmãos trabalhava tudo junto". A relação estabelecida entre os dois não era de empregado e patrão, criando uma dinâmica própria fortalecida pelos laços parentais. Assim, "Quando ele (o pai) colheu, fez a colheita de arroz, aí ele vendeu e comprou um terreno."[127]

Dentro desse universo social da migração, as relações pessoais constituem um instrumento importante para a consecução e realização do processo migratório. Nesse sentido, reafirma-se a importância das redes sociais tecidas em torno do migrante como um dos sustentáculos do processo migratório e do seu processo de reterritorialização nas novas

[125] OLIVEIRA, Joana. *Entrevista concedida a Eliene Dias de Oliveira*. Coxim/MS: 20/04/2013.

[126] OLIVEIRA, Joana. *Entrevista concedida a Eliene Dias de Oliveira*. Coxim/MS: 20/04/2013.

[127] OLIVEIRA, Joana. *Entrevista concedida a Eliene Dias de Oliveira*. Coxim/MS: 20/04/2013.

paragens. As pessoas migram para onde tenham conterrâneos, amigos ou familiares, mobilizando um universo de referências já existentes em algum momento de suas vivências. "A adaptação do migrante recém-chegado ao meio social se dá frequentemente mediante mecanismos de ajuda mútua e de solidariedade de migrantes mais antigos." (SINGER, 1980-240)

A análise da migração da família de Sra. Maria apresenta-se diversa às demais, pois o seu esposo escolhera a cidade de Coxim para viver a partir dos vínculos de amizade que construíra quando prestava serviços para uma empresa asfáltica. Esses vínculos contribuíram para que toda a família viesse a residir na cidade e lá permanecessem. Anos depois, seriam eles a receber outra família de nordestinos, a família de Sr. Milton, vindos do Rio de Janeiro. "Vixi! Ele só saiu porque adoeceu, mas se não tivesse adoecido tinha morrido aqui. Eu tenho dó dele ter sido enterrado em Campo Grande, que o tanto que ele amava Coxim. Ele era apaixonado por isso aqui, Deus me livre! Isso aqui era o mundo dele era Coxim!"[128] Além da família do cunhado, receberam ainda uma sobrinha que veio da Paraíba e atualmente reside em Sidrolândia-MS.

As trajetórias ora enunciadas corroboram a visão de Durham (1984) que, ao reconhecer a migração como um processo, alude ao espaço social da migração, evidenciando que essa não pode ser compreendida exclusivamente como deslocamento geográfico. As migrações simbolicamente representam uma movimentação no universo social. Nesse sentido, a tessitura de redes de solidariedade, trocas de informações e negociações presentes nas trajetórias dos sujeitos e famílias que se deram a ler nesta pesquisa são indícios do seu papel protagonístico, revelando a presença das redes sociais como estratégias adotadas dentro do processo migratório.

Dessa forma, apreende-se que a migração como um projeto familiar (DURHAM, 1984-129; FONTES, 2008-58) demonstra o grau de importância das redes sociais, bem como da organização existente frente ao aparente caos que a imagem da migração enquanto mudança/ruptura pode suscitar. A migração familiar apresenta-se como um projeto realizado em grupo que, ainda que seja pensado e articulado pelo chefe familiar, pressupõe a aceitação dos demais membros da família.

[128] LIMA, Maria . *Entrevista concedida a Eliene Dias de Oliveira*. Coxim/MS: 16 e 20/04/2013.

Logo, a presença das redes sociais evidencia-se como um dos pontos basilares do processo migratório. A acolhida e o apoio de familiares, amigos, compadres e/ou conterrâneos contribui decisivamente para o processo de reterritorialização, tornando a migração um projeto de vida aceitável dentro do grupo. Ademais, a organização presente nesse processo reafirma o olhar sobre os migrantes nordestinos como sujeitos históricos, e não "apenas reflexos das forças econômicas determinadas externamente, embora estivessem imersos nelas." (FONTES, 2008-54)

Sujeitos que projetam e buscam realizar seus intentos, como evidenciado nas narrativas de Sr. Antônio, Sra. Jussara, Sra. Rosa, Sr. Pedro, Sra. Antônia, Sra. Maria, Sra. Joana e Sra. Norma. Não desbravadores, não heróis, não vítimas da seca e das circunstâncias. Sobretudo, protagonistas, construtores dos seus caminhares.

Assim, procurei neste capítulo apresentar os elementos centrais das trajetórias dos grupos familiares que se dão a ler nas narrativas desses interlocutores. As muitas questões que suscitam comporão o temário dos próximos capítulos. Na trilha desse olhar, é importante compreender o papel da presença feminina no processo migratório, a partir da percepção de que, embora seja evidente a preponderância do poderio masculino na decisão de migrar, esse projeto só é efetivado com a aceitação de suas mulheres. São elas, as "guardiãs da memória", que possibilitam a amplitude do nosso olhar acerca dos significados do processo migratório e dos sentidos de ser migrante.

CAPÍTULO 2

ESCRITURAS SILENCIADAS, VOZES INDELÉVEIS: NARRATIVAS DE MULHERES NORDESTINAS EM COXIM

Morada

Mi nueva casa es un puente
Sobre un río que pasa
Cuando lo atravieso
Me sé en verdadera morada
Mi nueva casa es un camino
Sobre una tierra alada
Cuando ando celebro
Cada uno de mis pasos

Aimée Bolaños

O poema *Morada* da cubana Aimée Bolaños remete a imagens que indiciam o território de pertencimento da mulher migrante, coadunando-se com as possíveis representações das mulheres nordestinas e os seus caminhares em Coxim. As figuras do rio, da ponte e do caminho remetem à travessia, ao *continuum* desse processo. A celebração de cada um desses passos diz dos possíveis enfrentamentos dessa viagem, quase sempre inconclusa, em busca de melhores oportunidades para si e para os seus. Essa mulher que celebra os passos caminhados por muito tempo esteve olvidada dos escritos históricos, não existindo plenamente como sujeito.

Fato é que no desenvolver da história e em sua escritura as mulheres ocuparam tradicionalmente não apenas lugares diversos do homem, mas lugares inferiores. Dialeticamente, pode-se intuir que esses lugares se fazem nas práticas e representações, se veicula nas mesmas, retroalimentando uma hierarquia que se constrói como um processo que se quer natural, e não construído socialmente (TEDESCHI, 2013). Logo, pensar as relações de gênero inseridas nas vivências migrantes implica em pensar as relações de poder intrínsecas a esse universo que, na pesquisa ora apresentada, se dão a ler em narrativas e memórias.

> [...] Por isso, reivindicar a importância das mulheres na história significa necessariamente ir contra as definições de história e seus agentes já estabelecidos como "verdadeiros" ou pelo menos, como reflexões acuradas sobre o que aconteceu (ou teve importância) no passado. E isso é lutar contra padrões consolidados por comparações nunca estabelecidas, por pontos de vista jamais expressos como tais. (SCOTT, 1992-78)

Pensar o complexo universo das mulheres migrantes é, portanto, uma escolha política. Escolha a partir da percepção que o olhar das mulheres tem contribuições a acrescentar à análise do processo migratório, embora seja evidente que, em grande parte da historiografia das migrações, elas ainda continuem a ser tratadas como parte da bagagem do homem. Para além dessa imagem muitas vezes escrita, representada e reiterada, nesta pesquisa busca-se alcançar outras nuances do viver dessas mulheres migrantes e de suas relações. Envolvendo o universo masculino, família, aqueles que compõem as redes sociais da migração, relações de poder, enfim, relações de gênero que se evidenciam a partir "de uma diferença dos sexos construída pela cultura e pela história, secundariamente ligada ao sexo biológico, e não ditada pela natureza." (PERROT, 1998-142)

Nesse sentido, o gênero se apresenta como uma categoria relacional que traz a nú o ser homem e o ser mulher enquanto categorias simbólicas, construídas histórica e culturalmente. O gênero é "um elemento constitutivo das relações sociais fundadas sobre as diferenças percebidas entre os sexos e o gênero é um primeiro modo de dar significado às relações de poder" (SCOTT, 1995-14), contribuindo significativamente para ampliar a compreensão das relações humanas.

Possas defende o uso e relevância do "olhar fronteiriço" como uma metodologia que almeja os protagonismos femininos e as relações de gênero, libertando os conceitos/categorias, ideias e as palavras dos sentidos e significados que lhe foram agregados em outro tempo, em uma outra construção histórica. Inspirada nesse olhar, procuro perceber a presença e a atuação do feminino no universo teórico da migração, "tendo em vista novos protagonismos que fogem aos estereótipos conservados pela historiografia clássica, amparadas em paradigmas universais" (2011-64).

Essa abordagem torna-se salutar em relação ao universo da migração, quando se almeja ampliar os significados do que é ser migrante para além do mundo do trabalho. Nessa perspectiva, a compreensão dos imigrantes como força de trabalho pode parecer adequada quando concernida ao universo masculino, no entanto limitada na análise das relações de gênero. Pois, "as sutis variáveis acionadas na construção das imagens identitárias tais como o sentimento de liberdade, de auto realização e de revalorização de si mesmas não surgiriam, quando limitadas num enfoque exclusivista quanto à força de trabalho". (KITAHARA, 2005-123)

Nessa nova perspectiva historiográfica, a partir dos anos 70 do século XX, o interesse em se compreender o papel das mulheres nos fluxos migratórios tem crescido significativamente[129]. No entanto, muito antes elas já certamente migravam, com seus homens ou mesmo sozinhas. Em outros termos, desde sempre elas estiveram presentes na história, embora tenham sido extenuantemente negligenciadas na escrita histórica.

Entende-se, portanto, que o repensar do feminino e do masculino como constructo, arrolado a relações de poder, a partir de representações que se reafirmam historicamente em discursos e práticas, traz novos dimensionamentos ao papel exercido pelos sujeitos. Esse repensar impõe a necessidade de novos olhares para representações e lugares sociais que se traduziam por portarem a verdadeira essência do feminino:

> As representações da mulher atravessaram os tempos e estabeleceram o pensamento simbólico da diferença entre os sexos: a mãe, a esposa dedicada, a "rainha do lar", digna de ser louvada e santificada, uma mulher sublimada;

[129] Para corroborar essa perspectiva, pode-se citar, entre outras obras: BIANCHI, Bruna. Lavoro ed emigrazione femminile (1890-1915). In: BEVILACQUA, Piero; DE CLEMENTI, Andreina; FRANZINA, Emilio (a cura di). *Storia dell'emigrazione italiana*: partenze. Roma: Donzelli Editore, 2001. p. 257-274; CORTI, Paola.Donne che vanno, donne che restano. Emigrazione e comportamenti femminili. *Annali Cervi*, 12, p. 213-235, 1990; MOROKVASIC, Mirjana. Birds of Passage are also Women…. *International Migration Review*, 18,4, p. 886-907, 1984; PASSERINI, Luisa. Storia delle donne, storia di genere: contributi di método e problemi aperti. *Annali Cervi*, 12, p. 9-22, 1990; PEREIRA, Syrléa Marques. *Entre histórias, fotografias e objetos:* imigração italiana e memórias de mulheres. Niterói, UFF, ICHF, tese de doutorado, ago., 2008; VANGELISTA, Chiara. *Terra, etnie, migrazioni.* Tre donne nel Brasile contemporaneo. Torino, Il Segnalibro, 1999; PERES, R. G. *Mulheres na Fronteira*: a migração de bolivianas para Corumbá-MS, Tese (Doutorado), Universidade Estadual de Campinas, 2009.

> [...] Aos homens o espaço público, onde centralizava-se o poder; à mulher, o privado e seu coração, o santuário do lar.[...](COLLING, 2004-04)

A assunção da força das representações cristalizadas sobre as mulheres abre espaço para o questionamento da ideia de uniformidade e coerência que rejeita o enfrentamento da pluralidade de representações acerca, por exemplo, da construção das mulheres nordestinas migrantes como sujeito. A simplificação do seu existir a uma essência incorre no risco de reduzi-la às imagens já historicamente concebidas, seja ora da mulher submissa e que tudo aceita; seja ora na imagem da "mulher macho, sim senhor!", traduzindo a mulher valente e trabalhadora.

> [...] A mulher nordestina vai ser apresentada, quase sempre, como uma mulher capaz de assumir qualquer trabalho, por mais duro que seja, mulher arraigada a valores rígidos e tradicionais. Mulheres sérias, companheiras de homens trabalhadores [...] Mulher-macho [...] já que a feminilidade, em uma sociedade marcada pelo machismo, não parece ser um atributo de muito valor.[...] (ALBUQUERQUE JR., 2007-115)

Ao mirá-las com um pouco mais de atenção e sensibilidade, vê-se que, mais que acompanharem aos maridos e familiares no processo de desterritorialização e reterritorialização, são elas peças-chave na compreensão do enredo da migração familiar, em que elas atuam com protagonismos e singularidades. Em seus caminhares, as mulheres das quais falo constituíram-se sujeitos do processo migratório, atuando diretamente no curso deste, como evidenciam suas trajetórias.

Nesse sentido, proponho analisar, na perspectiva das mulheres migrantes nordestinas ou dos seus pares, a partir de narrativas e memórias, algumas relações possíveis entre migração e gênero. Tenciono nessa busca investigar questões que perpassam o olhar da mulher (ou sobre a mulher) a partir de temáticas como a ocupação dos espaços sociais e o limiar das fronteiras entre o público e o privado; a família e suas relações; o mundo do trabalho, a autonomia e o empoderamento; o casamento, a separação e a viuvez; enfim, o que essa perspectiva traz de possibilidades de análise em relação ao processo migratório, bem como se dão as representações tecidas em torno do ser mulher/migrante/nordestina, a partir das narrativas orais produzidas em torno de si e dos outros.

2.1 – Espaço público e espaço privado: fronteiras do universo feminino

Falar de espaços públicos e privados implica em questionar a aparente dicotomia que se estabeleceu entre esses *locus* sociais. Se, no século XIX francês era válido afirmar que "aos homens, o público, cujo centro é a política. Às mulheres, o privado, cujo coração é formado pelo doméstico e pela casa" (PERROT, 2005-459) hoje, entende-se que esses espaços são imbricados e que suas fronteiras constituem-se cotidianamente, perpassadas por relações de poder.

Enuncia-se, portanto, uma pluralidade de vivências que dizem respeito à ocupação desses espaços por sujeitos em constante processo de reinvenção. A ideia do processo propicia refletir sobre a contínua negociação dessas identidades que, ora parecem conformadas a uma realidade moldada pelo costume e pela tradição, ora irrompem com força a partir de uma mudança ou situação de ruptura (como uma crise econômica, a separação ou a viuvez). Nessa perspectiva, crê-se que "É justamente ali, naquele limite entre ser e não ser, que se conciliam e vivenciam processos de mediação, de exercício de trocas, de escolhas, tendo em vista a construção das identidades, de singularidades que convivem, não sem conflitos". (POSSAS, 2011-62)

2.1.1 - Lar, casa, família: espaços possíveis

Segundo Tedeschi, a casa é de fato o espaço da mulher, pois "Em cada momento da história, construídos em tempos e lugares diferentes, por homens diversos, é possível identificarmos essa lógica comum" (2012-92). Lógica que se assenta na identificação entre lar e família, constituindo-se um mapa dos lugares possíveis para a existência do sujeito mulher, como evidenciado na fala de Sra. Maria Lima que rememora que "naquele tempo não

usava das mulheres sair pra trabalhar fora não. Trabalhava em casa mesmo. E quando casava ficava em casa cuidando dos fio e pronto"[130].

A fala da migrante paraibana encerra significados profundos das possibilidades identitárias das mulheres de sua geração. A autoridade masculina do pai "naturalmente" era substituída pela autoridade do marido; o espaço da casa de um pela casa de outro; as obrigações domésticas da casa paterna pelo cuidado com os maridos e os filhos. Assim, produziu-se uma "subjetividade de ser para os outros" (TEDESCHI, 2012-88), referendada no cuidado e no servir aos familiares, muitas vezes silenciando os próprios desejos.

Sr. Antônio Pereira nos permite ampliar esse olhar, apresentando uma perspectiva singular para o papel de sua mulher dentro da organização do espaço doméstico de sua família, Sra. Antônia Barbosa da Silva, falecida há dois anos à época da entrevista:

> Eliene Dias: E quando o senhor foi pra roça, esse tempo todo, ela trabalhava na roça com o senhor?
>
> Sr. Antônio Pereira: Não. Eu não estou falando pra você que ela nunca pregou um botão em roupa de ninguém pra criar os filhos. E ela nunca saiu de dentro da casa dela, de volta dos filhos. Era arrumando as roupinhas pros filhos dela e tudo, e na hora certa mandar pro colégio. E se não mandasse eu ficava bravo. A mãe dos fio é que é a administradeira dos fio! Ela que pode administrar os fios.[131]

Em seu olhar, os papéis do homem como o provedor do sustento, dedicado ao trabalho, pouco afeito ao lazer, carregando sobre os ombros a responsabilidade de ser exemplo para nove filhos e da mulher como a "administradeira" do lar são bem definidos. É com orgulho que Sr. Antônio diz que, embora tenham tido uma vida simples, sua esposa jamais precisou trabalhar fora do lar para o sustento da família. Em retrospecto, olhando para o ontem a partir do hoje, é com o sentimento de dever cumprido, de tarefa concluída, que o narrador se lê e se deixa ser lido, a partir de uma narrativa em que sua identidade aparece vinculada à trajetória de homem trabalhador.

---

[130] LIMA, Maria. *Entrevista concedida a Eliene Dias de Oliveira*. Coxim/MS: 16 e 20/04/2013.

[131] SILVA, Antônio Pereira da. *Entrevista concedida a Eliene Dias de Oliveira*. Coxim/MS: 17/04/2013.

Ainda pensando a ocupação dos espaços sociais pelos sujeitos, a narrativa de Sra. Jussara Cunha permite adentrar o universo de análise do espaço público e espaço privado nas relações de gênero. A casa é narrada como seu espaço de referência. "Nunca. Nunca trabalhei. Eu trabalho pra fora mas é assim, em casa, lavando minhas roupinhas. Mas pra trabalhar assim, pra dizer assim, hoje eu ganhei o meu dinheiro trabalhando fora, fazendo faxina pra fora... eu nunca saí da minha casa! "[132]

Em sua narrativa, Sra. Jussara Cunha destaca o fato de sempre ter trabalhado no ambiente privado, familiar, ao contrário do esposo, Sr. Severino, que sempre trabalhara no espaço público, como servente ou funcionário tercerizado do DNER, na construção do asfalto. É possível entrever uma relação de costume com a intimidade do lar, permitindo à narradora a execução de alguns tipos de trabalho, mas sempre no ambiente doméstico. Ao esposo, ao contrário, cabia o espaço da rua e da rodovia.

Ao pensar os lugares sociais ocupados por Sra. Jussara e pela esposa de Sr. Antônio evidenciam-se alguns aspectos. Nessas relações o trabalho feminino nos soa como subalterno, complementar, uma espécie de "ajuda" ao trabalho masculino, seja contribuindo para a renda do casal, seja na administração do lar e da família. Os homens são "naturalmente" alçados ao papel de provedores do sustento material do grupo familiar:

> A divisão sexual do trabalho estaria então profundamente relacionada com as representações sociais vinculadas a mulheres e homens, no sentido de que o trabalho constitui a própria identidade masculina, enquanto as mulheres estão como que "provisórias" no mundo do trabalho, reforçando a valorização diferenciada entre homens e mulheres, e hierarquizando os gêneros. (TEDESCHI, 2006-29)

Hierarquia que se traduz numa relação clara entre a identidade masculina e o mundo do trabalho, concomitante à pretensa ligação praticamente naturalizada entre a mulher e o espaço do lar e da família. Para Perrot (1998) muitas mulheres entendem esse poder sobre os costumes como essencial e por isso consentem relativamente a essa situação. Por outro lado, essa aparente situação de normalidade pode embaralhar-se pela "imbricação das fronteiras" e

[132] CUNHA, Jussara. *Entrevista concedida a Eliene Dias de Oliveira*. Coxim/MS: 18/04/2013.

pela ocupação de outros espaços, levando a um protagonismo substancial em relação à manutenção da casa e da família pelas relações de trabalho.

2 .1.2 – Fronteiras móveis: educação, trabalho e autonomia

Entre os elementos presentes nas trajetórias de algumas narradoras nordestinas está o analfabetismo ou a pouca escolaridade, concomitante ao trabalho precoce e pesado.

> Jussara Cunha: Eu trabaiava carpindo arroz, carpindo feijão, isso que nóis fazia lá.
>
> Eliene Dias: E estudar?
>
> Jussara Cunha: Estudar, nóis nunca estudou. Eu nunca estudei. Nesse tempo não tinha colégio pra nóis...[133]

Ao constatar a verdade de que, *nesse tempo não tinha colégio pra nóis*, Sra. Jussara Cunha permite entrever uma realidade de ausência de direitos básicos, como o direito a uma educação formal. Talvez existissem colégios para os outros, mas não para o grupo da qual ela fazia parte. O não acesso à escola permaneceu como uma das marcas da sua trajetória, similar a outros migrantes do Nordeste que, pela baixa escolarização apresentada, alimentaram um rol já existente de representações negativas acerca do migrante nordestino, como evidencia Dantas, ao abordar a trajetória de duas migrantes nordestinas na periferia paulistana, nos anos de 1960 e 1980:

> [...] Tais condições podem ser apreendidas como a baixa escolarização, pouca ou nenhuma qualificação profissional, a localização de origem, isto é, provenientes de regiões rurais, bem como o conjunto de recursos culturais e materiais. Nesta linha, alguns autores também apontam como se propaga esta visão pejorativa através da mídia e de representações cristalizadas de nordestinos como pessoas pobres e sem instrução. (DANTAS, 2013-57)

[133] CUNHA, Jussara. *Entrevista concedida a Eliene Dias de Oliveira*. Coxim/MS: 18/04/2013.

O analfabetismo aqui não é um "privilégio" das mulheres, mas uma realidade que atinge grande parte do grupo social de migrantes oriundos da região Nordeste pesquisado. No entanto, para a análise na perspectiva do gênero, evidencia-se o alcance aos meios de educação formal como uma das estratégias de empoderamento[134] das mulheres migrantes nordestinas investigadas. A exemplo, pode-se citar os cursos de artesanato feitos por *hobby* pela Sra. Norma em Pernambuco e que lhe permitiram traçar novas estratégias de sobrevivência em Coxim; e a trajetória de Sra. Joana Oliveira que perseguiu o sonho de se escolarizar, concluindo o Ensino Médio depois de adulta e conquistando o cargo de auxiliar de professora infantil, o que lhe garantiu realização profissional e independência financeira.

Por outro lado, essas conquistas não alcançaram a todas, como Sra. Rosa que não teve oportunidades de se escolarizar e que, na época da entrevista, revelou estar aprendendo a escrever o seu nome, embora a visão já não lhe favorecesse muito.

Em alguns casos, como o da Sra. Joana Oliveira, o alargamento dos espaços ocupados e das fronteiras abriu caminhos de liberdade e autonomia. Sua mãe nunca trabalhou fora, nem para terceiros e nem na "roça" com a família. A filha, desde pequena, acompanhava o pai e irmãos nos trabalhos da lavoura, e também colaborava nos serviços domésticos, algo que os irmãos estavam dispensados. Porém, um sonho ela guardava em seu íntimo, "eu queria trabalhar, toda vida era meu sonho era poder trabalhar. Eu ficava atrás de serviço pra trabalhar. E minhas crianças eram pequenas e eu deixava em casa."[135]

Aos 15 anos se casou com Sr. Joaquim. Mesmo tendo que cuidar dos cinco filhos, não desistiu do seu projeto. As crianças ainda eram pequenas e já ficavam em casa sozinhas quando a mãe saía para dar aulas em pequenas escolas rurais da região onde morava. Em sua narrativa, enfatiza cada dia trabalhado, 24 anos na Educação Infantil, mais 4 anos na Fazenda

[134] Baseio-me na leitura de TAVARES acerca do conceito de empoderamento a partir dos teóricos MÉNDEZ e MANZANO em que "Por não constituir-se num processo linear, o empoderamento é compreendido como "[...] um processo complexo, multidimensional, pessoal, não imposto e participativo, que se produz através da experiência" (MÉNDEZ, 2006, p. 93). No campo das relações de gênero, o empoderamento significa "sair do controle, da submissão, da subordinação e da opressão" dessas relações. (MÈNDEZ, 2006, p.90)". (TAVARES, 2008-128). Esse olhar é enriquecido pela análise de DEERE & LEÓN (2002-55) que apontam que o empoderamento "é moldado para cada indivíduo ou grupo através de suas vidas, seus contextos e sua história, assim como ocorre com a posição de subordinação nos níveis pessoal, familiar, comunitário [...]".

[135] OLIVEIRA, Joana. *Entrevista concedida a Eliene Dias de Oliveira*. Coxim/MS: 20/04/2013.

Michelin. Hoje, aos 63 anos, continua ativa, trabalhando como auxiliar de docente no Centro de Educação Infantil.

Das conquistas fruto da oportunidade de estudar e trabalhar, enaltece a criação dos cinco filhos, ao lado do esposo. Ademais, em 2008, aos 56 anos de idade, conseguiu ser aprovada nos exames de habilitação para adquirir sua carteira nacional de trânsito e, em 2012, aos 60 anos, adquiriu o seu primeiro veículo automotor, um zero km.

Sua trajetória traz indícios de um processo de empoderamento que se realiza a partir da conquista da autonomia. Autonomia que chega através da qualificação profissional e do trabalho, que aqui se revestem em estratégias de enfrentamento de uma opressão causada pelo poderio "naturalmente" masculino e pela situação de pobreza material. O empoderamento "[...] busca facilitar um processo multidimensional e interconectado de transformação das relações sociais de poder que proporcione às mulheres ter o controle sobre suas vidas". (MANZANO, 2006-37)

O trabalho pode ser uma das estratégias de alcance ao poder que, em alguns momentos, é propiciado por uma situação de ruptura que abre espaços, nas brechas, entremeios e frestas para o reiventar-se desses sujeitos. Muito além da possibilidade de prover o sustento material do indivíduo ou do seu grupo, o trabalho é o caminho de reinscrição de fronteiras.

Usando a metáfora da ponte emprestada do poema *Morada* é possível visualizar na narrativa de Sra. Norma Souza acerca de si e dos caminhos empreendidos pela migrante em terras coxinenses o desenrolar-se do seu processo de empoderamento, a partir da conquista de autonomia. Sra. Norma Souza sempre trabalhou junto ao esposo na banca de frutas que ambos possuíam em Carpina, Pernambuco. No entanto, mesmo partilhando as tarefas do pequeno empreendimento, a narradora diz que nada entendia da administração do negócio e nada possuía de seu. Com a falência do negócio e a mudança da família para Coxim, em 1996, novos cenários foram redesenhados na relação de poderes construída entre o casal. Sr. José aprendeu o ofício de pescador e passou a estar longas temporadas fora de casa, trabalhando no Pantanal Sulmatogrossense. Sra. Norma, passando muitos períodos só com os filhos pequenos na cidade, investiu mais no trabalho de artesanato e costura, trabalho esse que

em Pernambuco realizava esparsamente, e aprendeu a administrar os próprios rendimentos. Com as mudanças veio sua independência financeira.

> Hoje, aqui em Coxim, eu posso dizer assim que eu tô realizada. Apesar que lá a gente trabalhava na feira, eu não tinha o meu próprio dinheiro, e aqui eu tenho. Móveis pra casa, roupa, calçados, roupa pros filhos, material escolar, tudo isso, né? Eu comprei com meu próprio dinheiro, das máquinas.[136]

A fala evidencia a realização proporcionada pela independência por meio do trabalho nas máquinas de costura. Embora já trabalhasse anteriormente, era nítida a tutela exercida pelo companheiro. Coxim foi um novo começo, uma "ponte"; foi "recomeçar do zero", como diz a narradora. Agora, com um padrão mais simples que outrora, quando eram pequenos empresários e tinham seus próprios funcionários. Dessa nova oportunidade, veio a chance de independência e a tão almejada realização de Sra. Norma. Realização que se traduz em proporcionar material escolar, roupas e calçados aos filhos e adquirir móveis para a casa.

A independência veio da situação de crise. O rompimento de algo já estabelecido e aceito como natural, como a vivida pelo casal em Carpina-PE, abriu perspectivas para a entrada do novo, para a emergência de anseios que esperavam uma oportunidade, e então se redefiniram as normas do contrato existente entre o casal. A esse respeito Perrot enuncia que "As mulheres de hoje podem defender-se melhor porque trabalham e ganham sua vida. O trabalho das mulheres não é uma fantasia mas sim a possibilidade de sua autonomia" (1998-42). Autonomia esta que se reveste no alargamento das fronteiras e na possibilidade da construção de novas identidades.

Semelhante à Sra. Jussara, Sra. Maria Lima nunca trabalhou fora de casa, assim como suas irmãs. Em suas memórias recorda-se que as irmãs Eulália e Betina moraram um tempo em São Paulo com o irmão, mas esse "[...] era muito chato e não deixava elas trabalhar" [137]. Em direção contrária, mesmo vindo de uma educação conservadora em que a autoridade masculina (representada na figura do pai, do irmão e do marido) regulava os códigos de

[136] SOUZA, Norma. *Entrevista concedida a Eliene Dias de Oliveira*. Coxim/MS: 19/04/2013.

[137] LIMA, Maria. *Entrevista concedida a Eliene Dias de Oliveira*. Coxim/MS: 16/04/2013.

comportamento e conduta, Sra. Maria procurou educar suas filhas de forma diferente, valorizando a autonomia que ela mesma não obteve para si. "Eu sempre falava pra elas, vocês tem que casar e vocês têm que trabalhar. Vocês têm que trabalhar. Não é só ficar dentro de casa, trabalhando não, tem que trabalhar é fora!"[138]

Em sua fala a narradora reconhece que o trabalho existe também dentro do espaço do lar, mas enaltece a importância do trabalho em outros espaços, como a dizer que esse é o trabalho que proporciona autonomia, independência e realização. Creio que essa leitura tenha sido construída ou reforçada principalmente à luz do fim do seu casamento, assunto que a mesma pediu para não ser abordado durante a entrevista. Percebe-se que esse é um ponto doloroso de sua história, algo que, mesmo passado muitos anos, ainda a incomoda profundamente.

Dessa forma, as filhas hoje obtiveram a independência que a mãe não conquistou para si. A leitura de que o casamento não seja um investimento tão seguro e sagrado quanto se acreditava, permite a amplitude do olhar de Sra. Maria, vislumbrando outras possibilidades para a existência feminina, para além do matrimônio. "Assim, as fronteiras que limitam a vida das mulheres, atribuindo-lhes mais um destino do que uma sina, movem-se ao longo do tempo." (PERROT, 1998-91)

Fronteiras que, ao serem transpostas, permitem o empoderamento da mulher e a transformação das relações de gênero. Nesse olhar, empoderar remete "à noção de pessoas obtendo poder sobre as próprias vidas e definindo o próprio planejamento" (DEERE & LEÓN, 2002-53). Em outros termos, remete à criação de estratégias que possibilitem espaço para mudanças e transformações nas relações. Nessa análise, nem sempre o trabalho por si só permite alcançar o empoderamento, como demonstrado pela narrativa de Sra. Norma e tantas outras mulheres que sempre trabalharam, porém não possuíam poder de decisão ou de escolha.

Esse processo não atinge apenas um indivíduo. Ele perpassa as relações existentes no âmbito da família ou do grupo. Pressupõe o questionamento das relações de poder, traduzindo-se muitas vezes em conflitos e enfrentamentos.

[138] LIMA, Maria. *Entrevista concedida a Eliene Dias de Oliveira*. Coxim/MS: 16/04/2013.

> O empoderamento da mulher desafia relações familiares patriarcais, pois pode levar ao desempoderamento do homem e certamente leva à perda da posição privilegiada de que ele desfruta sob o patriarcado. Isto porque o empoderamento ocorre quando houve uma mudança na tradicional dominação da mulher pelo homem, seja em relação ao controle de suas opções de vida, seus bens, suas opiniões ou sua sexualidade. (DEERE & LEÓN, 2002-55)

Em outra via de análise, o empoderamento feminino pode representar uma libertação e também uma forma de empoderamento masculino, quando a mulher passa a partilhar responsabilidades como o sustento da casa e o crescimento material da família, como evidenciado nas trajetórias de Sra. Jussara, Sra. Joana Oliveira e Sra. Norma Souza.

O trabalho é, portanto, um tema recorrente no contar-se dessas mulheres. A maioria, o vivencia dentro do espaço da casa ou da roça. Algumas, rompem fronteiras e lançam-se no espaço da rua. Fato é que, mesmo nos raros casos em que o trabalho é realizado fora do âmbito do lar ou para pessoas externas à família, ele parece ser uma extensão das atividades domésticas. Reproduz-se assim a assertiva para a qual a mulher teria sido destinada ao papel de cuidadora: aquela que é pajem das crianças, como Sra. Joana; a que serve bebidas e comidas, como Sra. Rosa; as que costuram a indumentária e o enfeite, como Sra. Norma Souza e Antônia Santana; a que lava e passa essas idumentárias, como Sra. Jussara. Em todos os casos, no entanto, o trabalho pode ser percebido "na sua maneira de expressar-se, [como] tudo o que é realizado em benefício da família, dentro e fora de casa, com as mãos, com os braços, com o corpo inteiro, sem distinção [...]". (FAVARO, 1994-320)

2. 1. 3 – A casa, a roça e a rua: espaços femininos

Em relação ao mundo do trabalho, a trajetória de Sra. Rosa Batista a destoa-se das demais entrevistadas em vários aspectos. Ela acompanhava o esposo na lida na roça, no preparo da terra, plantio e colheita de cana e de arroz. Sr. Adão Batista, ao contrário de muitos maridos, também partilhava as atividades domésticas e o cuidado com as crianças, assumindo para si determinadas responsabilidades.

> Eliene Dias: Então não era só os maridos que trabalhavam na lavoura?
>
> Sra. Rosa Batista: As mulheres tudo trabalhava na roça.
>
> Eliene Dias: E cuidavam do serviço de casa também?
>
> Sra. Rosa Batista: E cuidava das crianças, as crianças ficava mais em casa sozinha, as mulheres tudo na roça, quando chega vai cuidar...
>
> Eliene: E os maridos compartilhavam o cuidado com as crianças?
>
> Sra. Rosa Batista: Às vezes, às vezes não, tem home que não gosta de mexer com criança...
>
> Eliene Dias: E o da senhora?
>
> Sra. Rosa Batista: Ajudava. Dava banho, comida...[139]

A narrativa de Sra. Rosa Batista oferece elementos muito interessantes para uma análise na perspectiva de gênero. Interessante observar inicialmente uma postura diferenciada do casal em relação ao mundo do trabalho. Seja na roça ou na cidade, Sra. Rosa Batista sempre se colocou como trabalhadora, embora acatando as decisões do esposo quanto ao local e tipo de trabalho. O esposo, ao contrário de outros, procurava dividir os ônus da vida doméstica com Sra. Rosa. No entanto, essa vivência não se realizava apenas no plano da harmonia e da colaboração.

Inicialmente de forma velada, num enredo construído até então de forma linear, surgem indícios de uma situação de tensão e conflito.

> Eliene Dias: Então, quer dizer, nunca foi uma vida muito fácil, né, Sra. Rosa?
>
> Sra. Rosa Batista: Não, minha vida foi sempre muito trabaiosa, né? Aí eu vim melhorar mais depois que meu marido faleceu, que o tempo mudou mais, veio uma vida mais melhor pra gente... Mas, a gente aqui em Mato Grosso, a gente sofremos um pouco...[140]

[139] BATISTA, Rosa. *Entrevista concedida a Eliene Dias de Oliveira*. Coxim/MS: 16/04/2013.

[140] BATISTA, Rosa. *Entrevista concedida a Eliene Dias de Oliveira*. Coxim/MS: 16/04/2013.

Na fala é possível construir uma linha imaginária na trajetória de Sra. Rosa Batista que se percebe com uma vida um pouco melhor após a morte do esposo. Se a vida sempre fora trabalhosa por si só, no enfrentamento da pobreza e na lida diária de um trabalho duro no campo, a viuvez parece ter lhe proporcionado, de alguma forma, uma possibilidade de empoderar-se, de ter "uma vida mais melhor".

Em outro momento da entrevista, algumas situações reveladoras desse caráter conflituoso foram narradas de forma mais explícita. A narradora falava de sua vida na cidade, o marido trabalhava também vendendo bananas na rua e ela trabalhava em casa e no bar.

> Eliene Dias: Quando veio pra Coxim, a senhora sempre também trabalhou no barzinho com ele?
>
> Sra. Rosa Batista: Trabalhei no barzinho com ele. Ele vendia muitas frutas na rua, com carrinho de mão.
>
> Eliene Dias: Então muitas vezes ele ia vender e a senhora ficava no bar?
>
> Sra. Rosa Batista: Ficava no bar, naquele mesmo lugar que eu estou. Era de tábua ali, eu que mandei fazer.
>
> Eliene Dias: Ah, era de tábua a primeira, agora que é de alvenaria... Porque tem homem ciumento que não gosta que a mulher trabalhe...
>
> Sra. Rosa Batista: Ah, o meu tinha ciúmes mesmo, mas eu não ligava não, que eu tinha que trabaiar e tinha que criar meus filhos, né? Tinha três filhos. Eu digo a gente tem que trabaiar, comé que... ? Se me via conversando, ficava bravo. Se me via... botava bebida, sentava num lugar pro povo beber, a gente conversar, ele ficava bravo... Então como é que ia fazer? E ele bebia demais. Só vivia bravo, nervoso e xingando. Ave Maria! Era difícil...
>
> Eliene Dias: Bem daqueles antigos mesmo, que era bravo?
>
> Sra. Rosa Batista: E tudo tinha que ser na briga, né, na brabeza. Mas não é bem assim. Ele não era de chegar e conversar com a gente não. Nos meninos ele batia e eu... ele ficava bravo. Falando que eu não trabalhava, não ligava com as coisas... E como que não liga? Se a gente trabalhava no bar. Eu trabalho direto, trabalho mais do que ele.[141]

Na narrativa construída acerca de si mesma e nos dada a ler, Sra. Rosa Batista explicita algumas possíveis facetas de seu viver ao lado de Sr. Adão Batista. Uma

[141] BATISTA, Rosa. *Entrevista concedida a Eliene Dias de Oliveira*. Coxim/MS: 16/04/2013.

convivência difícil, marcada por ciúmes, alcoolismo, violência, ausência de diálogo e desrespeito. No recontar do vivido, o momento é narrado no tempo presente, "Eu trabalho direto, trabalho mais do que ele" como se a memória trouxesse de volta a vivência daquela situação.

Um aspecto enriquecedor dessa análise é a informação de que o estabelecimento no qual Sra. Rosa trabalhava nesse período, e no qual trabalha até os dias de hoje, situa-se na Avenida Getúlio Vargas, ou Beira-Rio. É a rua que tange o Rio Taquari, conhecida por suas casas de prostituição e popularmente chamada de "ZBM – zona do baixo meretrício", ou simplesmente, "Rua da Ponte".[142] A casa da família e o bar formavam uma única propriedade, propiciando um encontro entre o mundo da rua e o mundo do lar. O imbricamento dessas fronteiras permitiu à narradora uma trajetória diferente das demais mulheres do grupo, propiciando-lhe adentrar espaços geralmente cerceados a elas. Nesse sentido, Sra. Rosa pode ser lida como uma autêntica mulher do povo, pois são elas "infinitamente mais livres em seus movimentos" (PERROT, 1998-41), uma vez que a busca pelo sustento material da família sobrepõe-se a códigos de conduta herméticos e limitadores de seus movimentos.

Embora hoje não precise mais trabalhar para sobreviver, tendo uma casa de aluguel e uma condição financeira mais estável, Sra. Rosa faz questão de continuar a trabalhar ali, no mesmo lugar de quando chegou a Coxim, embora resida em outro bairro. Viúva, morando só, ela diz a respeito do seu trabalho:

> Sra. Rosa Batista: Às vezes eu tou aqui, se eu vou pro bar só pra conversar mesmo, bater papo com os amigos. Porque lá vai mais gente do que aqui, aqui não vem ninguém, né? Só se tiver negócio de serviço. Mas lá no bar eu vou pra conversar.
>
> Eliene Dias: Então, onde a senhora trabalha ali, eu percebi que é um lugar onde tem muita casa de prostituição lá perto, né?
>
> Sra. Rosa Batista: É, mais agora acabou..

[142] Sobre essa temática são encontradas duas monografias: o trabalho de Dias (2009) intitulado *As prostitutas da Rua da Ponte* – entre memórias e esquecimentos: retratos econômicos e sociais da prostituição em Coxim-MS e a pesquisa de Feitosa Neta (2012), *Memórias Ribeirinhas:* a infância à margem do Taquari.

> Eliene Dias: Acabou?
>
> Sra. Rosa Batista: Acabou, porque veio a lei seca. Mulherada foram embora quase tudo... não tem mais mulher ali não. Tem umas três mulher só. E teve dia de ali na frente do meu bar não ter mais ninguém. Depois vieram umas três mulher.
>
> Eliene Dias: Mas isso nunca incomodou a senhora também não?
>
> Sra. Rosa Batista: Graças a Deus, não. Meus filhos foram nascidos e criados ali e meus filhos são tudo gente que... só trabalham, gostam de trabalhar.[143]

O trabalho hoje é mais um exercício de liberdade e autonomia que uma fonte de recursos. Extremamente independente, Sra. Rosa não se incomoda com a proximidade com a zona de prostituição da cidade, ao contrário, a percebe como parte de sua história, lugar onde os filhos nasceram e foram criados. O trabalho é o lugar onde encontra seus amigos, pode conversar, realizar sua sociabilidade. Nesse sentido, a percebo como uma transgressora, recusando-se a ficar em casa e adentrando o espaço público, embora "o espaço da cidade nunca [seja] simples para as mulheres" (PERROT, 1998-29).

Ela foi convidada pelos filhos, hoje numa situação financeira mais confortável, a se retirar daquele espaço. Não quis. É lá que ela se reafirma como sujeito, teimando em existir plenamente.

2. 2 – Divórcio e viuvez: o casamento como elemento identitário

A figura do marido se apresenta como a autoridade moral constituída e figura central em torno da qual se elaboram culturalmente as representações possíveis acerca da mulher (CASAGRANDE, 1999 -149). Assim, a mulher pode ser lida como solteira, casada, separada ou viúva, relacionando a sua identidade à figura masculina, mesmo quando esta é ausente.

Sra. Rosa Batista se reconhece e se apresenta como viúva, embora seja de conhecimento público que a mesma já não vivia com seu esposo à época do falecimento

[143] BATISTA, Rosa. *Entrevista concedida a Eliene Dias de Oliveira*. Coxim/MS: 16/04/2013.

deste. Sra. Maria Lima constrói uma narrativa em que a separação do marido não é mencionada uma única vez, a não ser pela pesquisadora quando faz a apresentação da entrevistada, no início da narrativa, olvidando parte de sua história.

A compreensão do zelo à representação do casamento por essas mulheres deve dialogar com o valor atribuído pelo seu grupo social a essa instituição. Advindas de famílias de formação católica, aprenderam muito cedo que o matrimônio é sagrado e deve ser respeitado até a morte. O conflito instaurado pelo rompimento, voluntário ou não, da situação matrimonial perdura nas vivências posteriores, na dizibilidade dessa narrativa, na in/exatidão dessa trajetória agora transpassada por esse estigma.

> É necessário entender o modo como a mulher se percebe e é percebida nos nossos dias como resultado de um *continuum histórico* em que as concepções tradicionais do feminino continuam a ter influência capital para a mulher da sociedade contemporânea. Dentre essas concepções, destacam-se os modelos e padrões do feminino veiculados pelos documentos oficiais da Igreja Católica e pela exegese bíblica que fornecem protótipos de comportamento destinados às mulheres e à sociedade em geral. (TEDESCHI, 2012-58)

A importância do casamento coaduna-se com os valores que culturalmente receberam em suas formações familiares e cristãs. Nesse prisma, a sacralidade do matrimônio, a obediência às leis da Igreja e a coerção social são elementos essenciais para a compreensão de como narram suas histórias. Ao partilharem suas memórias, escolhem, selecionam, recortam fragmentos dos seus viveres e dizem como querem que sejam contadas. Intuitivamente, mergulham no universo da memória como uma forma de poder, a partir das disputas e tensões que congrega.

Para Sra. Rosa Batista a morte do antigo companheiro conclui um ciclo, permitindo que essa história seja agora re/contada de uma forma mais confortável, porque essa passa a ser a história de uma só voz, a sua. Para Sra. Maria Lima o presente é de fato muito presente, como a lhe impingir essa dura verdade, em que "Diante das circunstâncias, o próprio silêncio é testemunha muda de uma verdade que precisa ser calada." (FAVARO, 1994-305)

Nas intricadas teias forjadas entre o ontem e o hoje, entre os lugares sociais de mulher casada, separada ou viúva, desvela-se a complexidade das relações sociais presentes no viver de Sra. Rosa Batista. A viuvez "inventada" não se coloca como uma inverdade, uma vez que "Toda narrativa é sempre e inevitavelmente construção, elaboração, seleção de fatos e impressões. [...] Portanto, como discurso em plena elaboração, a narrativa para a história oral é uma versão dos fatos e não os fatos em si" (MEIHY, 2006-153).

Viúva é como ela se vê e se permite ser lida. Para além dos enquadramentos sociais das relações humanas e dos papéis permitidos (namorada, noiva, esposa, ex-esposa ou viúva), a escolha da narradora indicia uma forte ligação ao companheiro e pai dos filhos, fundada em uma convivência longa, permeada de conflitos, tensões e, quiçá, realizações, como a construção de uma família e o empreendimento da migração. Ademais, reafirma a representação da mulher legitimada pela moral judaico cristã em que "A maternidade, o papel de mãe e o casamento irão ser os alicerces deste modelo social" (TEDESCHI, 2012-88).

Portanto, no texto que ora se apresenta Sra. Rosa será lida como viúva, o que permite o repensar dessa categoria em relação às imagens de "desamparo, de abandono, de solidão e de recolhimento ao privado" (POSSAS, 2009-141). Em outra via é possível perceber, nas brechas proporcionadas pelo status de viúva, a realocação dos poderes e a ressignificação de práticas sociais que podem traduzir uma situação de empoderamento. Empoderamento que se realiza a partir de uma maior liberdade na administração de si mesma, da família e dos negócios, esferas estas antes pautadas pela presença do antigo companheiro.

Sujeitos perpassados por identidades híbridas, as trajetórias de Sra. Maria e Sra. Rosa dizem da ausência de um sujeito masculino, o marido, e da necessidade de se tomar as rédeas da própria vida.

> A partir da finalização de um ciclo de vida que compreende o matrimônio e a maternidade, elas assumem condições de troca nas relações de poder, permitindo que tanto individual como coletivamente assumam o controle de suas vidas e por efeito planejem com autonomia suas necessidades, traçando objetivos e estratégias. (POSSAS, 2009-144)

Ambas escolheram continuar sós e não se permitiram um novo matrimônio. Tomaram decisões importantes, como a venda da casa, a mudança para outra cidade ou a permanência em Coxim. Administraram os próprios bens. A recusa a um novo casamento, a leitura de si como viúva, a não assunção da condição de separada, os silêncios, as olvidações e as ocultações remetem aos meandros da memória e aos processos de subjetivação[144] desses sujeitos, no renegociar contínuo entre o vivido e o que é permitido na narração de si.

2. 3 – Conflitos identitários: a igreja, a família e a velhice

Analisando a obra *Emilio* do filósofo francês Jean Jacques Rosseau (1712-1778), em relação aos aspectos da natureza feminina, Tedeschi (2012-99) aponta que "As mulheres, seus corpos, suas paixões, representam "a natureza", que tem de ser controlada e superada para que a ordem social possa ser mantida". Logo, é possível afirmar que o pensamento filosófico, somado à moral judaico cristã, são legitimadores do discurso de controle sobre essa "natureza" feminina, embasando um conjunto de práticas e representações socialmente aceitas sobre as mulheres.

Nessa interpretação, a ordem social prima por condutas e comportamentos normatizados pelos poderes hegemônicos, entre elas as instituições religiosas. Cabe a elas, portanto, funcionarem como reguladores sociais. No entanto, nas relações de gênero imersas em relações de poder é possível visualizar enfrentamentos que indiciam que a construção das identidades femininas é um processo tenso e inacabado.

A narrativa de Sra. Norma Souza é rica em elementos de análise acerca dos embates e tensões que perpassam o existir das mulheres em nossa sociedade. Sua narrativa diz da união Sr. José, do rompimento com a Igreja e de sua relação com a figura do divino:

[144] Os processos de subjetivação do sujeito são aqui lidos a partir da perspectiva foucaultiana sobre os procedimentos e técnicas pelas quais um sujeito foi estabelecido, em diferentes momentos e contextos. Esses procedimentos "sem dúvida, existem em toda a civilização, pressupostos ou prescritos aos indivíduos para fixar sua identidade, mantê-la ou transformá-la em função de determinados fins [...]". (FOUCAULT, 1997-109)

> Quando eu era criança, eu era, meus pais era evangélico. Aí, na adolescência, eu parei, dei uma parada, coisa que eu me arrependi muito. Me arrependi muito, sofri muito. Assim, era uma tristeza assim que eu não sabia o porquê, entendeu, aquele vazio. Aí depois, eu conheci o meu esposo, nós fugimos do Nordeste como ele falou, foi quando eu engravidei, tive a minha primeira filha, tive o segundo filho. Aí, lá no Rio de Janeiro, numa cidadezinha chamada Nova Iguaçú, era Rosa dos Ventos o bairro, na cidade de Nova Iguaçu, era na Baixada Fluminense, muito perigoso. Eu falava: "meu Deus, o que que é que nós viemos fazer aqui?" Só que nós fomos fugido, né? Assim, eu engravidei, comecei com um caso com ele, engravidei, fui embora com três meses de gravidez. É um assunto que eu não gosto muito de tocar, sabe? Um passado que eu não gosto muito de falar. Aí lá de que que nós fomos viver? De bar. A gente tinha um bar, ele comprou um bar. Muito violento. Muita droga, muita coisa. [...] Eu digo "Meu Deus, eu tou no inferno!" Foi onde eu me arrependi de ter saído do evangelho e tudo. Daí nós voltamos pra Pernambuco. O meu filho tinha oito meses de idade. Daí eu voltei pra igreja, me reconciliei e de lá pra cá estou até hoje. Não me arrependo, foi a coisa melhor que eu fiz. Hoje o meu filho é pastor de uma igreja. Todos na igreja. Minha neta, meus netos cantam na igreja, lê a bíblia. [145]

Na narração de sua trajetória, a religião aparece como referencial e pilar que a sustenta. Quando entrou em conflito com esse pilar, narra-se desorientada, sem rumo certo, andarilha de si mesma. O reencontro consigo mesma se dá quando volta para os seus, dos quais fugira quando se desviou do caminho marcado pela igreja e pelas normas de conduta aceitas por sua família. O envolvimento com Sr. José e a gravidez são motivos para a fuga, empreendida por caminhos desconhecidos rumo ao Rio de Janeiro. Posteriormente, narra o arrependimento, o retorno e a reconciliação com a família e a igreja que aqui representam poderes de controle sobre a "natureza" feminina:

> É nesse sentido que se observa o exercício do poder fora de um centro irradiador (Foucaut, 1985) agindo em movimento e por capilaridade, adentrando o corpo social e estabelecendo uma relação sutil e dinâmica entre dominantes e dominados, mobilizando recursos, avaliando estratégias e manobras táticas desejadas que acabam por disciplinar as formas de subjetividades e as relações de gênero (POSSAS, 2009-142).

[145] SOUZA, Norma. *Entrevista concedida a Eliene Dias de Oliveira*. Coxim/MS: 19/04/2013.

Nesse sentido, pode-se perceber o papel orientador e coercitivo que a instituição religiosa e a própria família representam em sua vida. Ao desviar-se dos comportamentos normatizados, a punição é o exílio, concreto e simbólico, dos espaços e das pessoas que lhe são caras.

Os embates e conflitos acerca das identidades dessas mulheres são contínuos. A tentativa de rompimento com os padrões aceitáveis de comportamento e o regresso à autoridade e custódia da igreja e da família indiciam as relações de poder que buscam se legitimar a todo tempo. Algumas situações, no entanto, como uma crise financeira ou a chegada da velhice, desestabilizam antigos poderes estabelecidos, abrindo espaço para rupturas e possíveis mudanças.

Sra. Antônia Santana acompanhou o esposo em suas migrações, primeiro ao Rio de Janeiro e depois a Coxim. Hoje, é visível um conflito instaurado nessa relação tensa e permanentemente em negociação. Sra. Antônia quer regressar ao Rio de Janeiro para viver junto aos filhos e Sr. Pedro precisa mensurar sua decisão frente ao risco de ficar longe da esposa e enfrentar a velhice só. O tema tem sido motivo de desentendimentos entre o casal:

> Sr. Pedro Santana: Ela quer voltar pro Rio, vamos estudar o caso pra ver o que acontece.[146]
>
> Sra. Antônia Santana: Os filhos tão tudo, meus e dele, a família nossa tá no Rio...[147]

Outrora, Sra. Antônia Santana, recém separada e com um filho pequeno, seguiu Sr. Pedro Santana ao Rio de Janeiro. Quase três décadas depois, seguiu-o novamente a Coxim. A realização dos dois percursos migratórios foram escolhas do esposo. Hoje, a ausência dos filhos e netos e a chegada da velhice trouxeram novamente a questão ao centro de debates entre o casal.

---

[146] SANTANA, Pedro. *Entrevista concedida a Eliene Dias de Oliveira*. Coxim/MS: 21/04/2013.

[147] SANTANA, Antônia. *Entrevista concedida a Eliene Dias de Oliveira*. Coxim/MS: 21/04/2013.

Embora enfatize o valor que dá aos vizinhos e amigos que conquistaram, Sra. Antônia Santana sente a necessidade de estar mais próxima aos familiares. Por outro lado, Sr. Pedro Santana, hoje aos 81 anos de idade, diz nunca ter se adaptado a uma cidade grande, por isso buscou refúgio numa cidade tranqüila, no interior, quando se aposentou. Essa situação evoca sentimentos contraditórios, como a aparente submissão de Sra. Antônia, a fragilidade de ambos proporcionada pela chegada da velhice e o constante renegociar presente numa relação entre dois sujeitos que partilham um contrato de vivência comum. Esse contrato, nem sempre formalizado, como no caso do casal em análise, envolve a revisão permanente das cláusulas, a partir do lugar social dos sujeitos em cada tempo e espaço.

2.4 – Guardiãs da memória

Para Perrot o desenvolvimento da história oral constituiu uma forma de revanche das mulheres. Tal fato deve-se principalmente a dois aspectos: a longevidade das mulheres, o que faz delas testemunhas de épocas remotas, e o mutismo dos homens que:

> [...] em um casal, a partir do momento em que se trata de lembranças de infância ou da vida privada, contrasta com a loquacidade muito maior das mulheres, quer seja porque o trabalho e as empreitadas do exterior tenham atrofiado a memória masculina, quer seja porque falar de si mesmo é contrário à honra viril que considera estas coisas negligenciáveis, abandonando às esposas os lados dos berços e as questões do lar.[...] (2005-42)

A identificação entre lar e família e a divisão dos lugares sociais ocupados na relação de gêneros predispõe às mulheres a guarda da memória do seu grupo, o que se evidencia na pesquisa ora apresentada pela quase ausência de vozes masculinas. São as mulheres que nos contam suas trajetórias e de seu grupo. São elas que carregam consigo, nos seus andejos migrantes, objetos que dizem dos seus caminhares e das suas vivências, ““mil nadas”[que] preenchem vitrines, pequenos museus da lembrança feminina” (PERROT, 2005-37).

Endossando essa perspectiva, foram as mulheres que mais se predispuseram a contar suas histórias e foram elas que trouxeram às narrativas os objetos que dizem de suas travessias, dos lugares pelos quais passaram e dos viveres do seu grupo. Tais testemunhos, contam um passado longínquo, trazendo ao presente rastros do outrora vivido.

Sra. Antônia Santana traz à cena as peças do enxoval do primeiro casamento. Foram feitas pelas mãos habilidosas das irmãs e das tias, na Bahia, por volta do ano de 1960, confirmando o costume em algumas comunidades do preparo do enxoval das noivas da família. Enxoval do qual podemos visualizar a peça a seguir:

IMAGEM 3

Imagem 3: Peça do enxoval de Sra. Antônia Santana, confeccionadas no ano de 1960. Toalha de mesa. Fotografia colorida produzida em Máquina Digital Sony pela autora em 21/04/2013.

IMAGEM 4

Imagem 4: Detalhe de peça do enxoval de Sra. Antônia Santana, confeccionadas no ano de 1960. Toalha de mesa. Fotografia colorida produzida em Máquina Digital Sony pela autora em 21/04/2013.

Perrot alude ao mundo calado e permitido das coisas como portadoras e guardiãs das memórias femininas, especialmente aos objetos e roupas brancas:

> O enxoval, cuidadosamente preparado nos meios populares, rurais sobretudo, é "uma longa história entre mãe e filha". A confecção do enxoval é um legado de conhecimento e de segredos do corpo e do coração, longamente destilados. O armário de roupa branca é ao mesmo tempo um cofre-forte e um relicário. (2005-38)

As marcas amareladas denunciam que as peças pertencem ao tempo longínquo das memórias. O cuidado, o zelo e atenção com a noiva desvelam-se nos desenhos ricamente bordados e nos detalhes da peça. O entremear dos fios de algodão na tessitura das imagens de pássaros e flores coloridas sobre o tecido alvo podem ser pensados como o entremear da própria memória e dos eventos vividos pelos personagens desse enredo.

O casamento não foi feliz como todos sonhavam ao preparar o enxoval, separando-se o casal algum tempo depois. Mas as peças permanecem como objetos de preciosa estima da narradora, representativas daquele momento de união familiar e representativas também das

travessias empreendidas em busca talvez da felicidade, primeiro ao Rio de Janeiro e posteriormente a Coxim, onde permanecem como testemunhos de uma trajetória.

Sra. Rosa trouxe à narrativa de suas memórias migrantes o ferro de passar roupas a brasas que a acompanha desde os tempos no "Norte". Destituído de sua função original, permanece em lugar de destaque na sala de visitas, lugar representativo da importância que congrega como companheiro da longa travessia entre Vicência e a Fazenda Corixão, município de Coxim-MT, nos idos de 1961. Em Pernambuco e no Pantanal matogrossense foi muito usado para passar as roupas da família, principalmente nos dias de festa. A mudança para a zona urbana pouco a pouco tirou-lhe a função de item essencial daquele lar, agora substituído pelo artefato homônimo que funcionava com energia elétrica. Se o labor estava comprometido pela chegada da modernidade àquele núcleo familiar, percebidos no acesso a bens de consumo e artefatos que lhes proporcionariam conforto e praticidade, metamorfoseou-se em peça decorativa, permanecendo ao lado daqueles a quem tanto serviu.

IMAGEM 5

Imagem 5: Ferro de passar roupas a brasas de Sra. Rosa Batista, trazido de Pernambuco em 1961. Fotografia colorida produzida em Máquina Digital Sony pela autora em 18/04/2013.

IMAGEM 6

Imagem 6: Ferro de passar roupas a brasa de Sra. Rosa Batista, trazido de Pernambuco em 1961. Fotografia colorida produzida em Máquina Digital Sony pela autora em 18/04/2013.

As brasas usadas na última tarefa parecem comprovar que outrora, assim como Sra. Rosa Batista e o seu esposo, o ferro de passar roupas dedicou-se ao trabalho. Hoje, goza do respeito e da companhia da narradora, permanecendo como observador mudo da trajetória da família e dos seus caminhares.

As peças do enxoval e o ferro de passar roupas enquanto representações simbólicas do espaço doméstico figuram entre objetos que "[...] são considerados sagrados pelos seus detentores, guardados e conservados como relíquias de família" (ZANINI, 2004-19). São significativos por referendarem histórias e memórias que cimentam a construção da identidade do sujeito e do seu grupo social. Assim é possível também ler a travessa de louça

comprada por Sra. Maria em Salgueiro, na Bahia, antes da mudança para Coxim que aconteceu em 1977.

IMAGEM 7

Imagem 7: Travessa de louça com motivos frutíferos adquirida pela Sra. Maria em período anterior a 1977 em Salgueiro-BA. Fotografia colorida produzida em Máquina Digital Sony pela autora em 16/04/2013.

O vasilhame pintado à mão foi comprado de um vendedor ambulante e pago em várias parcelas. Artefato estimado por Sra. Maria, apresenta já um pequeno remendo numa de suas extremidades, como a contar das longas histórias que presenciou. É uma parte da vida da narradora e de sua família, elemento importante em várias reuniões do grupo encenadas em meio a refeições abundantes preparadas pela dona da casa. Realizou com eles a travessia e, em terras coxinenses, permaneceu como testemunho da trajetória daquele grupo. Presenciou o crescer dos filhos, o rompimento do matrimônio, a chegada dos netos e do bisneto. Silencioso, seguirá com Sra. Maria para a cidade de Sonora-MS, assim que a casa for vendida, permanecendo como referência da trajetória e dos caminhares da migrante que ainda permanece em diáspora.

2.5 – (Auto)representações[148]: olhares acerca de si

As (auto)representações construídas pelas mulheres nordestinas migrantes em Coxim, dizem da forma como elas se dão a ler, como se reconhecem e se contam. Entre as muitas leituras perceptíveis é possível encontrar em muitas narrativas a presença da mulher vencedora, aquela que encontrou as dificuldades e as superou.

Sra. Norma Souza diz de si a partir do sucesso dos filhos. São eles a prova que a escolha pela migração para Coxim foi acertada:

> E, assim, estudando em escola do município, ali no Semíramis, passaram no vestibular, dois, no mesmo dia. Que até a advogada do meu esposo falou assim: "Agradeça a Deus que não é todo dia que filho de pescador e de uma simples costureira passa num vestibular num mesmo dia, sendo assim de uma escola pública."[149]

O reconhecimento de outrem é o atestado de que seus filhos foram bem educados e de que a prosperidade econômica alcançada pela família em Coxim é fruto do trabalho e das escolhas dos pais. Assim, a condição humilde da família não os impediu a alcançarem a prosperidade almejada quando realizaram o planejamento da migração. Os filhos são a vitrine que externa aos outros o sucesso desfrutado hoje pelo grupo.

Sra. Joana Oliveira evoca o sentimento de fortaleza como definidor de si, "porque eu sou forte [...]"[150]. Essa característica atribui, sobretudo, à alimentação que recebera da família, "porque eu comia era comida forte. Eu não comia era arroz branco com caldo de feijão. Por isso que eu acho que é isso, eu fui criada assim com farinha, carne de charque,

[148] Na perspectiva adotada nesta pesquisa, as (auto)representações designam a forma como os processos de subjetivação dos sujeitos são externados e dados a ler em narrativas orais que contam de si, na intersecção de categorias de identificação (como gênero, etnia, pertença religiosa) perpassadas por relações de poder.

[149] SOUZA, Norma. *Entrevista concedida a Eliene Dias de Oliveira*. Coxim/MS: 19/04/2013.

[150] OLIVEIRA, Joana. *Entrevista concedida a Eliene Dias de Oliveira*. Coxim/MS: 20/04/2013.

carne boa mesmo, que o meu pai comprava."[151] Se diz "forte" não apenas no sentido físico, mas também no sentido moral da palavra. Em seu olhar as mulheres de hoje "umas mulher nova, faz qualquer coisa e tá fraca" enquanto "a gente não, a gente parece que nada tá ruim"[152].

Essa força lhe ajudou a lidar com a vida de trabalho e sem regalias "Trabaiei, debaixo de chuva e sol e tudo. E nós não tinha esse negócio de chegar final de semana e ir lá fazer unha [...]"[153], carregando a água do poço do vizinho na cabeça para o abastecimento da família " [...]minha mãe ensaboava a gente tudim e depois ela pegava o canequinho e ia pegando aquela água e tirando o sabão e a sujeira, que senão a água não dava..."[154] e ensinando-a a perseguir seus sonhos, como estudar, trabalhar, dirigir o carro zero km e dirigir a própria história. Hoje, ela se vê como "uma vencedora, que tem de tudo"[155].

Sra. Jussara quando casou-se levou da casa dos tios "uma malinha desse tamanhinho, com um lençol dentro, um lençol de cama, branco, dentro. E um vestido. Só tinha um vestido!"[156]. Em sua narrativa é possível entrever que, embora tenha sempre vivido dentro do espaço doméstico, procurou trabalhar para melhorar as suas condições e de sua família. Hoje a narradora se diz no "céu", se diz "rica, pra vida que eu já passei eu tô rica..."[157]. Conquistou com o marido a casa em que moram. E, com os recursos, fruto de seu trabalho de lavadeira de roupas, vai pouco a pouco melhorando a moradia da família. "Agora eu tenho minhas coisas, tenho bastante roupa da minha cama, eu tenho roupa pra vestir, a Ana tem o seu guarda-roupa, eu tenho o meu..."[158]. Os filhos cresceram e hoje Sra. Jussara reside com o esposo e a neta

[151] OLIVEIRA, Joana. *Entrevista concedida a Eliene Dias de Oliveira*. Coxim/MS: 20/04/2013.

[152] OLIVEIRA, Joana. *Entrevista concedida a Eliene Dias de Oliveira*. Coxim/MS: 20/04/2013.

[153] OLIVEIRA, Joana. *Entrevista concedida a Eliene Dias de Oliveira*. Coxim/MS: 20/04/2013.

[154] OLIVEIRA, Joana. *Entrevista concedida a Eliene Dias de Oliveira*. Coxim/MS: 20/04/2013.

[155] OLIVEIRA, Joana. *Entrevista concedida a Eliene Dias de Oliveira*. Coxim/MS: 20/04/2013.

[156] CUNHA, Jussara. *Entrevista concedida a Eliene Dias de Oliveira*. Coxim/MS: 18/04/2013.

[157] CUNHA, Jussara. *Entrevista concedida a Eliene Dias de Oliveira*. Coxim/MS: 18/04/2013.

[158] CUNHA, Jussara. *Entrevista concedida a Eliene Dias de Oliveira*. Coxim/MS: 18/04/2013.

Ana, a qual ela considera como uma filha, "que eu peguei ela com um dia de nascida..."[159]. Nas conquistas alcançadas, na melhoria da casa e na possibilidade de viver com mais conforto estão as marcas de sua vivência, as dificuldades e as vitórias: "Tudo com meu trabainho!"[160]

Falar de trabalho, família, casamentos, religiosidade é falar da construção cotidiana do sujeito mulher em seus espaços. Espaço privado, como há muito lhe é comum, mas também da ocupação de outros espaços, como o espaço da rua, do trabalho fora do lar, da independência. As imagens da ponte, do rio e do caminho mostram que esse é um processo sempre inacabado, sempre a ser construído por essas mulheres/migrantes/nordestinas em busca de si mesmas.

Ao pensar a identidade e o seu par inexorável, a diferença, percebo que os homens e as mulheres nordestinas são representados de forma singular em suas identidades e idiossincrasias, a partir de diferentes *locus* de enunciação, como a literatura, a música e as artes em geral. Esse homem migrante nordestino muitas vezes surge representado como indolente, forasteiro e desapegado de suas raízes; porém, pode também ser representado como aquele que busca ocupar seus espaços a partir do mundo do trabalho, dos temas políticos e do poder de escolha sobre o destino dos "seus". "Preguiçoso, bandoleiro, vagabundo ou força-motriz, mão-de-obra barata, construtor de cidades, etc. : - as imagens do nordestino [...] remetem invariavelmente ao mundo do trabalho." (ALBUQUERQUE JR., 1990-28)

Concernidas ao universo masculino do nordestino trabalhador, essas representações geralmente incorporam a figura da mulher como um sujeito sem identidade plena, sendo essa lida a partir do elemento tido como universal, o homem. Na imagem da migrante nordestina o que é mais fortemente representado é que ela pouco decide. Antes de mais nada, segue. Acompanha. Obedece.

Porém, para além dessas representações construídas e legitimadas é possível entrever, nas brechas, no entremeio da autoridade masculina do pai ou do marido, pequenas resistências, aqui perceptíveis em atitudes como o ato de buscar campos de estudo e trabalho, adquirindo o seu primeiro automóvel aos 60 anos de idade (Sra. Joana Oliveira); ou negando-se a permanecer no espaço doméstico e exercendo a autonomia do trabalho na rua (Sra. Rosa

[159] CUNHA, Jussara. *Entrevista concedida a Eliene Dias de Oliveira*. Coxim/MS: 18/04/2013.

[160] CUNHA, Jussara. *Entrevista concedida a Eliene Dias de Oliveira*. Coxim/MS: 18/04/2013.

Batista); ou, ainda, ensinando às filhas a trabalhar fora de casa, e assim não dependerem financeiramente dos maridos (Sra. Maria Lima).

Logo, neste capítulo procurei demonstrar como a migração para outro estado, a separação do cônjuge, a viuvez, o empoderamento feminino e as conquistas propiciadas pelo trabalho indiciam caminhos possíveis de reinvenção dessas mulheres, de realocação de poderes e identidades de sujeitos em processo de hibridação[161] e "em uma performance contínua de atuação" (POSSAS, 2011-59), ampliando a compreensão de suas presenças no universo migratório.

As fronteiras existentes na invenção dos sujeitos migrantes foram aqui analisadas a partir do universo feminino e das relações de gênero. Elas desvelam a presença de um entre-lugar no viver daqueles que decidiram deixar a terra natal e reconstruir suas vivências em outras paisagens. Será esse espaço intersticial que singulariza as vivências de mulheres e de homens nordestinos que será pensado no próximo capítulo.

[161] A hibridez nesse senso refere-se não a um processo concluso que opõe indivíduos híbridos a indivíduos tradicionais, mas a "um processo de tradução cultural, agonístico uma vez que nunca se completa, mas que permanece em sua indecibilidade". (HALL, 2009-71) Ao insistir que o objeto de análise não é a hibridez, mas os processos de hibridação, Canclini enuncia que "Assim é possível reconhecer o que contêm de desgarre e o que não chega a fundir-se. Uma teoria não ingênua da hibridação é inseparável de uma consciência crítica de seus limites, do que não se deixa, ou não se quer ou não pode ser hibridado". (CANCLINI, 2011-XXVIII)

CAPÍTULO 3

VIVENDO AS FRONTEIRAS: TRAJETÓRIAS MIGRANTES E O ENTRE-LUGAR

O Outro

Eu não sou eu nem sou o outro,
Sou qualquer coisa de intermédio:
Pilar da ponte de tédio
Que vai de mim para o Outro.

(Mário de Sá Carneiro)

No olhar de Sayad (1998) a migração é um fato social completo, sendo necessário analisá-la em seus vários aspectos (políticos, econômicos, sociais e culturais), considerando-a em sua dupla dimensão de fato coletivo e trajetória individual (1998, 1-2). Compartilhando desta perspectiva, na investigação das trajetórias e viveres de migrantes nordestinos e nordestinas evidencia-se o paradoxo sublinhado pelo autor, a saber, o duplo caráter que não pode ser ignorado: o imigrante e o emigrante constituem o mesmo sujeito, vivendo a densa experiência da migração. Nesta perspectiva teórica, o imigrante, antes de "nascer" para a imigração, é primeiro um emigrante; antes de chegar a uma terra estranha, ele deixa a sua terra natal. (SAYAD, 1998-18)

Neste olhar, o migrante é aquele que vive entre dois mundos, constituindo-se como sujeito no contínuo renegociar de identidades, territórios e representações. A impossibilidade de defini-lo de forma conclusa estende-se à própria categoria migração, em seu duplo movimento. Certamente, pela impossibilidade de lhes atribuir um sentido unívoco, a emigração e o seu par equivalente, a imigração, são categorias paradoxais e dotadas de ambivalência. Não obstante as dificuldades apresentadas é importante clarificar que:

> A imigração é, por essência, da ordem da exterioridade: o imigrante provém do exterior; e, com a imigração, a exterioridade chega à (ou dentro da) interioridade – do mesmo modo, o emigrante vai para o exterior e, com a

> emigração, a interioridade vai no sentido de alguma exterioridade; a oposição imigração/emigração (ou imigrante/emigrante) permeia toda uma série de outras oposições homólogas estruturalmente relacionadas: presença/ausência, interior (ou interno)/exterior (ou externo), privado (doméstico)/público etc. Imigrar é vir para o interior (do exterior) ou no interno (do externo), é estar presente aqui etc.; emigrar é ir do interior (ou do interno) para o exterior (ou para o externo), da intimidade, do "privado" (do doméstico) para o público, é estar ausente aqui para estar presente lá [...]. (SAYAD, 2008-273)

Embora as considerações de Sayad estejam contextualizadas na análise da migração internacional, entende-se que as reflexões teóricas não são domínios exclusivos dos objetos de trabalho que as engendrou. Neste sentido, o autor supracitado é um dos principais referenciais da pesquisa aqui apresentada e permite pensar no movimento migratório de forma dialógica em relação ao lugar de onde se parte e ao lugar aonde se chega. Logo, a imigração e o seu equivalente, a emigração, reportam-nos à imbricação das fronteiras, ao limiar, ao renegociar constante de identidades e pertencimentos e à construção de um entre-lugar possível entre o viver o Nordeste e o viver o antigo Mato Grosso/Mato Grosso do Sul.

O entre-lugar é um espaço marcado pelo interstício que, pensado como um campo que escapa às dicotomias e bipolaridades, percebe os embates, as disputas e as negociações culturais a partir dos espaços fronteiriços, como estratégias distintas de ressignificação das identidades e de subjetivação dos sujeitos. No olhar de Bhabha:

> O afastamento das singularidades de "classe" ou "gênero" como categorias conceituais e organizacionais básicas resultou em uma consciência das posições do sujeito – de raça, gênero, geração, local institucional, localidade geopolítica, orientação sexual – que habitam qualquer pretensão à identidade no mundo moderno. O que é teoricamente inovador e politicamente crucial é a necessidade de passar além das narrativas de subjetividades originárias e iniciais e de focalizar aqueles momentos ou processos que são produzidos na articulação de diferenças culturais. Esses "entre-lugares" fornecem o terreno para a elaboração de estratégias de subjetivação – singular ou coletiva – que dão início a novos signos de identidade e postos inovadores de colaboração e contestação, no ato de definir a própria ideia de sociedade. (1998-19)

Será o entre-lugar o espaço a partir do qual serão lidas as experiências migratórias que traduzem a vivência entre dois universos culturais distintos, a partir de projetos de migração

interna entre estados da região Nordeste e o município de Coxim. Em relação a essa tipologia de migração Albuquerque Jr. nos lembra que somos um país de grupos sociais marcados pelo nomadismo, pela constante peregrinação, em busca de melhores condições de trabalho ou de vida. Grupos sociais que carregam na bagagem, aonde chegam, a marca do forasteiro, do migrante, muitas vezes do intruso ou do estranho. Grupos que não possuem território próprio, "muitas vezes apenas a lembrança e a saudade vaga de uma terra em que um dia nasceram, que carregam consigo aonde vão, tendo que permanentemente reconstruí-la em sua memória, através de seus relatos" (ALBUQUERQUE JR. , 2005-87)

Relatos estes que narram o viver na fronteira entre espaços, costumes, povos e idiossincrasias, trazendo à tona questões emergentes, como de que forma se dão os processos de subjetivação de um grupo ou indivíduo, quando se veem alontanados de seus territórios. Em outros termos, quais estratégias são elaboradas para o enfrentamento dos embates e disputas subjacentes ao processo migratório.

Nesse olhar, buscarei discutir as vivências entre dois universos, o antigo Mato Grosso/Mato Grosso do Sul e o Nordeste; o papel do Centro de Tradições Nordestinas-CTN de Coxim como lugar de memória e vivências; as experiências de ser nordestino fora de sua terra natal e os caminhos e percursos realizados no empreendimento do projeto migratório. Parafraseando Margareth Rago será importante nesta perspectiva entender como os próprios nordestinos constroem uma identidade que não é natural, como se "nordestinizam", ao mesmo tempo em que são "nordestinizados". (RAGO, 2011-17)

3.1 – A invenção do Outro

Em "Orientalismo – o Oriente como uma invenção do Ocidente", ao refletir sobre como o Ocidente invencionou o Oriente sob o stigma do exotismo e da inferioridade, Said (2007) possibilita a reflexão sobre as designações essencialistas de um povo, lugar ou região. Nesta leitura, tais nomenclaturas e termos não têm "estabilidade ontológica", são ao contrário constituídas a partir de um esforço humano que ora afirmam e ora identificam o Outro.

Said desvela que tais invenções, como o Oriente e o Orientalismo, nada possuem de meramente imaginativo. Ao contrário:

> O Oriente é uma parte integrante da civilização e da cultura material européia. O Orientalismo expressa e representa essa parte em termos culturais e mesmo ideológicos, num modo de discurso baseado em instituições, vocabulário, erudição, imagens, doutrinas, burocracias e estilos coloniais. (2007-28)

Longe da visão dicotômica que separa um pretenso real de suas representações, Said propõe compreender o Orientalismo como um discurso, no afã de desvendar como a cultura europeia manejou e produziu o Oriente em suas formas política, sociológica, militar, ideológica, científica e imaginativamente (2007-29). A força deste discurso reafirma que "o Oriente não era (e não é) um tema livre para o pensamento e a ação" (2007-30), embora não determine de forma unilateral o que pode ser dito sobre ele. Ao apresentar essa intricada rede de elementos, Said tenciona mostrar como a cultura européia se fortaleceu identitariamente ao se contrastar com o Oriente, nesta ótica visto como "eu substituto e até subterrâneo". Por outro lado, refuta a ideia de um Oriente puro ou incondicional (2007-53).

Na busca por compreender como o Nordeste e a nordestinidade se legitimaram como representações de um povo e de um lugar é importante o diálogo com a perspectiva proposta por Said que nos propõe o repensar de lugares, regiões e setores geográficos como entidades geográficas, culturais e históricas, como invenções do próprio homem, perpassadas por relações de poder.

Em seu olhar o Orientalismo não representa uma visionária fantasia do homem europeu sobre o Oriente. Mais que isso, representa um corpo elaborado de "teoria e prática em que, por muitas gerações, tem-se feito um considerável investimento material" (2007-33). Esta representação é marcada pela exterioridade, numa visão pretensamente truísta que afirma que se o Oriente pudesse se representar a si mesmo, ele o faria.

> Em qualquer exemplo, ao menos da língua escrita, não há nada que seja uma presença transmitida, mas antes uma re-presença ou uma representação. O

> valor, a eficácia, a força, a aparente veracidade de uma afirmação escrita sobre o Oriente, dele não podem depender instrumentalmente. [...] Assim, todo o orientalismo representa e se afasta do Oriente: o fato de o Orientalismo fazer sentido depende mais do Ocidente que do Oriente, e esse sentido tem uma dívida direta com várias técnicas ocidentais de representação que tornam o Oriente visível, claro, "presente" no discurso a seu respeito. (SAID, 2007- 52)

Sobre a construção da identidade, Said enuncia que este processo implica em estabelecer opostos e "Outros", que são criados por cada era e sociedade. Logo, essa identidade não é estática, seja a identidade do eu ou a do Outro, desvelando um processo histórico, social, intelectual e político extremamente elaborado, a partir de uma luta entre indivíduos e instituições em todas as sociedades (2007-441). Logo, "[...] a identidade humana não é natural e estável, mas construída e de vez em quando inteiramente inventada". (2007-442)

Em uma perspectiva comparada proponho o diálogo do olhar de Said acerca da invenção do Orientalismo com o olhar de Albuquerque Jr. (2007; 2011) acerca da invenção do Nordeste e dos nordestinos. Por este prisma, a nordestinidade, algo que poderia ser considerado como definido e definidor do sujeito, desvela-se como uma problemática, perspectivando o repensar desta categoria, amalgamada aos conceitos de identidade, cultura, subjetivação e representação.

Paulatinamente, descortina-se um universo mais plural, desafiador e inquietante que põe em questionamento a ideia de essência de uma cultura e identidades nordestinas, desvelando um sujeito múltiplo, polissêmico e que, na percepção ora defendida, inventa-se nos entre-lugares.

Albuquerque Jr., ao conceber a região como uma invenção propõe "[...] entender alguns caminhos por meio dos quais se produziu, no âmbito da cultura brasileira, o Nordeste. O nexo de conhecimento e poder que cria o nordestino e, ao mesmo tempo, o oblitera como ser humano" (2011-33). Nesse olhar, percebe os espaços como tramas tecidas nas relações sociais e não como espaço único erigido "sob o signo da discriminação e da vitimização" (2011-84).

Numa visão genealógica, Albuquerque Jr. lembra que o nascer de uma produção historiográfica regional ou local datam do séc. XIX, com a criação dos Institutos Históricos. Esta produção apresentava uma perspectiva da região ou do recorte político da província como algo dado. Somente a partir dos anos 80 do século XX surgiram obras que se propuseram a pensar as regiões como, de fato, invenções/construções históricas. Estas evidenciam que não existe região, sem que se elabore em torno dela e de seus moradores, uma série de conceitos, podendo estes se desdobrarem em preconceitos. (2007–32)

Diferente do Oriente que é percebido enquanto invenção do Ocidente, a emergência da Região Nordeste como portadora de uma identidade singularizada frente ao restante do país não se fez por outros grupos ou indivíduos externos. Ao contrário:

> [...] a criação da ideia de Nordeste e, consequentemente, da ideia de ser nordestino, surgiram nesta própria área, foram produzidas pelas elites políticas e pelos letrados deste próprio espaço, não foi uma criação feita de fora, por membros das elites de outras regiões. O sentimento, as práticas e os discursos regionalistas que irão dar origem à região que conhecemos, hoje, como Nordeste, emergiram entre as elites ligadas às atividades agrícolas e agrárias tradicionais, como à produção do açúcar, do algodão ou ligadas à pecuária[...] (2007-90)

Assim, a partir da segunda década do século XX políticos, jornalistas, escritores, poetas, pintores, historiadores, sociólogos, folcloristas, articularam uma produção cultural em torno dessa ideia de nordeste que fora apresentada inicialmente como referência geográfica no documento do IFOCS (Inspetoria Federal de Obras Contra as Secas), em 1919. Este grupo tornará visível e dizível, em grande parte, o Nordeste, tal como o conhecemos hoje. Não por acaso, grande parte desta demanda discursiva será feita por representantes das elites políticas e intelectuais ligadas às atividades agrárias em situação de declínio econômico e que, também não por acaso, pensarão esse espaço a partir da ideia de declínio e decadência (ALBUQUERQUE JR., 2007-100). Representação essa, que perdurará nas produções imagéticas acerca do Nordeste e do nordestino até a atualidade, alimentando o ideário de uma região marcada pela seca e dificuldades naturais, como evidencia o embate travado por Sr. Pedro Santana e sua esposa, Sra. Antônia Santana:

> Sra. Antônia Santana: No meu tempo de menina, tinha as épocas, era certo! São José mesmo, se não chovesse, a gente já ficava preocupada... São José tinha que chover pra plantar o milho, a plantação, né? E era certa! Agora, minha fia, a seca tá... cê viu na televisão com que tá a Bahia, os estados do norte, o Nordeste? [...] Os bichinho morrendo, dá dó, né?
>
> Sr. Pedro Santana: Mas não tá mais assim não, aquilo ali, essa reportagem aí é política.
>
> Sra. Antônia Santana: A gente vê o gado morto, meu filho, como que é política?
>
> Sr. Pedro Santana: É política, é política. Eles não mostram, eles não quer mostrar a realidade da coisa...
>
> Sra. Antônia Santana: Não coloca política no meio não, deixa os político...
>
> Sr. Pedro Santana: Eles não quer mostrar a realidade, que o Nordeste hoje já tem muita coisa... Na minha região, por exemplo, fizeram uma barragem de quatro quilômetros! Tem um rio igual ao Taquari, ou maior. Ele tem 900 quilômetros de extensão. [162]

O embate de visões acerca do solo de origem diz muito sobre as vivências do período em que moravam na Bahia e das representações que se perduram em dizeres e imagens, alimentadas pela mídia e pelo conflito entre o ausente e o presente. Mesmo reconstruindo seus caminhares em outros territórios, a terra natal é referendada como tema caro das conversações e do dia-a-dia, como indiciam o ato de acompanhar as notícias no telejornal e o debate sobre elas. O Nordeste é uma ausência presente, agora a partir da tela da televisão e das memórias portadas por estes sujeitos. Memórias que se referendam em imagens tecidas como marcas da região de origem dos narradores, ao evocarem a seca, a fome e a miséria como signos da região natal.

Ao discurso das elites agrárias que pensaram o Nordeste a partir da ideia de declínio e decadência, pode-se articular a consonância do Movimento Regionalista e Tradicionalista, encabeçado por Gilberto Freyre a partir do Recife, e que tem seu auge no carnaval de 1926 no Congresso Regionalista de Recife "que pensou o Nordeste a partir de uma rejeição ao mundo moderno que se implantava, de uma repulsa à sociedade burguesa, urbana e industrial [...]"

[162] SANTANA, Antônia & SANTANA, Pedro. *Entrevista concedida a Eliene Dias de Oliveira*. Coxim/MS: 21/04/2013.

(ALBUQUERQUE JR. 2007-101). Este zelo pelo arcaico e pelo tradicional marcará, inclusive, a produção cultural nomeada nordestina e perdurará como imagem quase que *ad eternum* da região e do povo nordestinos:

> [...] Enquanto os turistas vão a São Paulo para comprar a última moda e os eletrônicos e eletrodomésticos mais modernos, vão ao Nordeste para comprar artesanato. Mesmo em locais destinados a representar o Nordeste nas grandes cidades do país, como a feira de São Cristóvão no Rio de Janeiro ou o Largo 13 de Maio em São Paulo, o que representa o Nordeste é o artesanato e não a grande indústria.[...] (2007-104)

Elementos como a seca, o coronelismo, o cangaço, o messianismo e o fanatismo religioso passam a compor a imagem do que é ser nordestino. Imagens estereotipadas e marcadas pelo preconceito que remetem ao nordestino como sujeito de uma sociedade rural, retrógrada, marcada pela pobreza e pela violência, "Todas pensam o nordestino como uma figura masculina, não havendo lugar para traços associados à feminilidade." (ALBUQUERQUE JR., 2005-113). Corroborando a imagem de rudeza e aridez a própria figura das mulheres nordestinas aparecerá masculinizada nas produções culturais de cunho regionalista.

Esta profunda ligação do homem nordestino ao mundo natural aparece como sinal de repúdio e dificuldade de adaptação ao fenômeno urbano. Ademais, a introjeção de valores considerados como ícones de subalternidade originam também atitudes de negação às próprias origens geográficas por uma parcela destes migrantes, que procurarão omitir as marcas que os identificariam como pertencentes ao Nordeste, inclusive reproduzindo o preconceito contra aqueles que chegam da mesma região de onde veio. (ALBUQUERQUE JR., 2007-118)

Da mesma forma que falar de alguém como oriental pode significar comumente "empregar com freqüência as palavras como expressões depreciativas que designavam uma estirpe humana inferior" (SAID, 2007-452) o termo nordestino em muitos momentos tem sido utilizado de forma pejorativa, geralmente associada ao mundo do trabalho, como sinônimo de preguiçoso e incapaz. Em outra via de pensamento Foucault (1979-20) alerta que "Lá onde a alma pretende se unificar, lá onde o Eu inventa para si uma identidade ou uma coerência, o genealogista parte em busca do começo [...]", corroborando a importância de realizar uma

digressão acerca da invenção do nordestino e indiciando a dificuldade de apresentá-lo como grupo coeso e unificado, portador de uma identidade cultural facilmente dizível. Ao contrário, nesta construção a maioria dos homens pobres do Nordeste se descobre nordestino fora deste espaço, ao partilharem, já na região Sul, os mesmos preconceitos, condições de vida, hábitos, costumes e manifestações culturais. Nas regiões de origem "todos estão divididos pelas identidades estaduais, e as rivalidades que as segmentam".(ALBUQUERQUE JR., 2007-118)

O sociólogo francês Pierre Bourdieu (1989), ao analisar as origens das divisões regionais e o comportamento regionalista de alguns grupos, sugere que os critérios de divisões espaciais surgem inicialmente no plano do simbólico e, posteriormente, serão reconhecidos e legitimados pelos grupos sociais. Logo, as divisões territoriais não existem no plano do real, mas são representações construídas no interior dos embates. As delimitações são estabelecidas por aqueles que ali vivem e passam a compor o imaginário daqueles que a elas se referem. Desta forma, a identidade regional é produto da construção humana que a delimita, a partir de padrões próprios, porém fundamentados na realidade existente.

Logo, é no embate econômico, político, social e cultural que se forjam muitos dos estereótipos sobre uma população e sua região, incluso os preconceitos que lhes são destinados. Por outro lado, os próprios narradores trazem evidências de outros olhares possíveis, para além das representações cristalizadas acerca deste grupo social.

> Eles fala que o Nordeste tá passando necessidade mas não é bem assim não. [...] Tem a região da Mata Atlântica, que é região beira mar, chove muito. E aquele pessoal que tem roça por ali, eles produz muito. O nordestino é trabalhador. São Paulo e Rio de Janeiro tá assim nas custas, nas costas do nordestino![163]

Ao Nordeste e nordestinos pobres e "passando necessidade" o narrador contrapõe regiões produtivas e habitadas por um povo trabalhador. Ademais, questiona as imagens legitimadas acerca de si e do seu grupo social referendando os trabalhadores que "nas costas" construíram as riquezas das cidades do "Sul", aludindo ao "outro" que, no espelho das identidades, representaria o inverso do povo e dos territórios nordestinos.

[163] SANTANA, Pedro. *Entrevista concedida a Eliene Dias de Oliveira*. Coxim/MS: 21/04/2013.

Fredrik Barth (1998), ao tratar dos grupos étnicos, chama a atenção para a criação e a manutenção de fronteiras e linhas divisórias que separam um grupo do outro. Nesta linha de pensamento, podemos intuir que superficialmente houve a dissolução das fronteiras entre os vários grupos regionais oriundos de diferentes estados e sub-regiões do Nordeste que, uma vez fora do solo mãe, passam a compor o grupo denominado nordestinos em oposição ao seu "Outro", as gentes do Sul. No entanto, seria demasiado ingênuo e simplista anunciar num nível mais abrangente que tais diferenças foram apagadas. Mais sensato é pensar que estas diferenças e aproximações compõem o amálgama de sentidos e significados vários emergentes nas negociações identitárias destes sujeitos, marcadamente dos sujeitos migrantes. Neste processo *continuum* pode-se apreender que, em momentos de conflitos e embates como o elemento externo, os elos identitários de um grupo social se fortalecem, ainda que as fissuras continuem presentes.

Neste olhar, privilegia-se a interpretação do Nordeste como representação de uma existência real e como "referencial disponível que auxilia a dar sentido ao mundo e às experiências de vida, no âmbito da sociedade brasileira" (PENNA,1992-18). Afirmar essa existência incorre na possibilidade de obscurecer que este Nordeste, no entanto, não é um dado ou realidade pronta e conclusa. Ao contrário, forjou-se em sua historicidade, inicialmente a partir do discurso regionalista de grupos agrários e, posteriormente, em meados dos anos 50 e 60 do século XX, como uma "questão nacional", como evidencia a criação da SUDENE – Superintendência de Desenvolvimento do Nordeste, em 1959.

Pode-se reconhecê-lo como uma das cinco macrorregiões instituídas pelo IBGE, embora essa definição não esgote os significados e sentidos atribuídos ao Nordeste, pois:

> Suas significações podem sofrer variações, conforme o momento histórico e o espaço de referência (por exemplo, quando é visto a partir do Sul), ou ainda individualmente, de acordo com a vivência ou o grau de escolaridade e informação de cada um, entre outros fatores. (PENNA, 1992-47)

Para muitos migrantes, o Nordeste é reconhecido como o espaço da saudade, com seus sabores e aromas peculiares, revividos em rituais de lembrança: "De vez em quando eu como um feijão com arroz, pra lembrar. Não tem aquele feijão de corda? Quando eu compro na rua

que o povo vende, aí eu compro um pacotinho e faço pra comer com frango. Aí é bom, né? Lembro da comida do Nordeste."[164]

Outros se relatam como filhos de um Brasil dividido entre Norte e Sul, construindo referências singulares dos espaços pelos quais transitam. Narram espaços íntimos, cenários de vivências migrantes:

> Nós veio de lá do Norte...[165]
>
> [...] Compadre Morais, que era também lá do Norte [...][166]
>
> O povo não conhece nada aqui no Sul[167].
>
> A comida gostosa é do Norte[168].

O Brasil compreendido entre o Norte e o Sul remete a uma denominação corrente até o fim do Império, quando se entende o Norte como território que abrange tanto o atual Nordeste quanto a região Amazônica. Os nortistas seriam portanto, os migrantes que no século XIX migraram para áreas de fronteira agrícola no chamado Sul ou para as áreas urbanas do Rio de Janeiro e São Paulo:" "Norte" é noção abrangente, empregada ainda hoje para definir a região dos migrantes, inclusive pelos próprios, que (não totalmente desprovidos de razão) frequentemente percebem o território nacional segundo uma segmentação Norte/Sul." (PÓVOA NETO, 1994-20) Já o Sul "é o espaço-obstáculo, o espaço-outro contra o qual se pensa a identidade do Nordeste". (ALBUQUERQUE JR., 2011-83)

Na interpretação ora enunciada, a identidade regional nordestina é vista como uma forma particular de identidade social, forjada em contínuas negociações, embates e perpassada

[164] BATISTA, Rosa. *Entrevista concedida a Eliene Dias de Oliveira*. Coxim/MS: 16/04/2013.

[165] CUNHA, Jussara. *Entrevista concedida a Eliene Dias de Oliveira*. Coxim/MS: 18/04/2013.

[166] SILVA, Antônio Pereira da. *Entrevista concedida a Eliene Dias de Oliveira*. Coxim/MS: 17/04/2013.

[167] SILVA, Antônio Pereira da. *Entrevista concedida a Eliene Dias de Oliveira*. Coxim/MS: 17/04/2013.

[168] SANTANA, Pedro. *Entrevista concedida a Eliene Dias de Oliveira*. Coxim/MS: 21/04/2013.

por relações de poder. Na visão de Penna (1992-50) comumente a questão da identidade nordestina é abordada a partir de quatro pilares, a saber: a partir da naturalidade; da vivência; das práticas culturais ou como auto-atribuição. No entanto, a autora questiona os limites desta interpretação, argumentando a favor da identidade social, sobretudo, como representação.

Dialogando com Sayad e Albuquerque Jr. no repensar de uma essência definidora de pretensas identidade e cultura nordestina, enfatizo a vitalidade de uma interpretação que transite pelos entre-lugares, pelas fronteiras, pelo não essencializado. Corroborando tal perspectiva, Penna propõe uma reflexão acerca das dificuldades de se pensar em uma cultura típica nordestina:

> [...] esta demarcação, ao mesmo tempo em que expressa as diferenciações sociais e históricas da região, homogeneiza (sic) diferenças internas sob a marca do típico, com o risco de se cair numa abstração que mascare a multiplicidade de relações em que se situam as diversas práticas culturais, enquanto manifestações vivas e cheias de significados. [...] Melhor pensar, então, em *as culturas* da região Nordeste. (1992-76)

Culturas que se traduzem no múltiplo e plural, questionando o simplismo identitário que percebe o Nordestino como sinônimo de migrante, força de trabalho ou sob os codinomes de paraibanos ou baianos. Mais que isso, sujeitos de suas histórias, milhares de fato migrantes, homens e mulheres que "ansiando por mudar de vida, ousaram exercer o direito de mudar de lugar" (PÓVOA NETO, 1994-22).

3.2 – Entre o lá e o cá: vivências re(construídas)

O entre-lugar como o interstício e como a impossibilidade de uma tradução cultural traz à luz o que Bhabha (1998) chama de "liminaridade da experiência migrante". Assim, reconhece ele que este espaço intersticial se impregna de uma temporalidade benjaminiana na qual o presente está imerso de marcas de transição e no qual é possível visualizar a própria escrita da transformação histórica:

> A cultura migrante do "entre-lugar" [...] dramatiza a intraduzibilidade da cultura; ao fazê-lo, ela desloca a questão da apropriação da cultura para além do sonho do assimilacionista, ou do pesadelo racista, de "uma transmissão total do conteúdo", em direção a um encontro com o processo ambivalente de cisão e hibridização que marca a identificação com a diferença da cultura. (BHABHA, 1998-308)

Nessa interpretação também as comidas, os temperos, os gostos, os cheiros e a vivência da alimentação são marcas culturais. Para o migrante, marcas que se revestem de uma intraduzibilidade, entre-lugares, espaço intersticiais que podem ser lidos por exemplo nas narrativas acerca do hábito de comerem arroz e da forma como prepará-lo nos dois *locus* analisados.

Para a grande maioria dos narradores, o arroz era um prato preparado em raríssimas ocasiões:

> Só comia arroz no dia de natal. [...] Porque lá o povo não gostava de comer arroz, nem ouvia nem falar, não tinha costume de comer arroz. Era feijão e farinha![169]

> Lá ninguém tinha costume com arroz não. Ninguém comia o arroz não. Se tomava assim um remédio, um purgante, talvez, lá existe muito purgante pra negócio assim de verme, aí a minha irmã falava assim "Vai lá no Boliche (lá chamava boliche), vai lá no boliche e compra um quilo de arroz".[170]

Consumido em poucas ocasiões, o arroz aparece preparado de um forma específica em narrativas de sujeitos de diferentes estados:

> O arroz era sem gordura, sem banha, água e sal. Lá não tinha gordura pra arroz não. [171]

[169] OLIVEIRA, Joana. *Entrevista concedida a Eliene Dias de Oliveira*. Coxim/MS: 20/04/2013.

[170] BATISTA, Rosa. *Entrevista concedida a Eliene Dias de Oliveira*. Coxim/MS: 16/04/2013.

[171] BATISTA, Rosa. *Entrevista concedida a Eliene Dias de Oliveira*. Coxim/MS: 16/04/2013.

> Lá o arroz era diferente. Fazia... botava água pra ferver e depois lavava o arroz e botava naquela água. Não era com óleo. Naquele tempo não existia, nem usava óleo, ninguém usava óleo, era o arroz cozido. Ele ficava sequinho.[172]

> Lá o arroz é cozido, só cozido e escorre. Lá coava o arroz, minha mãe lavava com água e ele ficava solto. Faz aquele arroz sem nada, só cozido.[173]

Com a migração para Coxim, as narrativas reportam ao entre-lugar, espaços intersticiais, num processo imbricado e contínuo de intraduzibilidade cultural. Sra. Jussara, quando reapresentada aos hábitos alimentares de sua família de origem, no Pernambuco, relembra: "Eu não gostei. Gostei não... eu tive nojo, risos. Aquele camarão véio com aquelas pernas parecendo um grilo... risos... eu tinha nojo de comer, eu não comia..." [174]. Migrando aos sete anos de idade, quando adulta a narradora, em visita ao pai e aos irmãos biológicos, retornou ao território de origem e sentiu um estranhamento permeado por humor em relação aos hábitos alimentares dos familiares.

Estranhamento que diz de vivências migrantes que lidam com o conflito e as tensões inerentes ao processo migratório, seja na chegada ou seja nos retornos eventuais realizados para rever a família. Sentimento este que se fez presente também nas falas de Sra. Norma e Sra. Joana, dessa vez porém em relação aos hábitos do novo espaço de vivência:

> O que nós estranhamo aqui é que lá é assim: na hora do almoço vai o feijão,o arroz, a carne, a salada, o suco e à noite ninguém come o feijão e o arroz. Foi o que eu estranhei muito aqui. Lá à noite é o que? É uma batata doce, um inhame que aqui eu não sei como que chama não, parecido com a mandioca só que grande assim. Cortado em rodelas e cozido com carne frita ou qualquer coisa assim. Mas nunca o arroz e o feijão à noite. Logo quando eu cheguei aí a gente não encontrou batata doce, era meio difícil. Até que tinha, mas eu não sei se a gente não procurou muito e não conhecia assim os

[172] LIMA, Maria. *Entrevista concedida a Eliene Dias de Oliveira*. Coxim/MS: 16 e 20/04/2013.

[173] OLIVEIRA, Joana. *Entrevista concedida a Eliene Dias de Oliveira*. Coxim/MS: 20/04/2013.

[174] CUNHA, Jussara. *Entrevista concedida a Eliene Dias de Oliveira*. Coxim/MS: 18/04/2013.

> mercado direito. Mas comia arroz e feijão no almoço e arroz e feijão à noite. Então, eu não aguentava mais aquilo lá, não suportava.[175]

> Estranhamo a comida porque aqui era arroz, feijão, mandioca, a carne era muito difícil que não tinha..., era a carne de frango.[...] O primo nosso ajudava nós, que nós chegou só com a cara mesmo! Aí minha mãe começou criar porco, criar galinha, aí era a mistura nossa! Peixe! Peixe era muito mais porque o rio era lotado de peixe nessa época, era muito peixe.[176]

Para Sra. Norma Souza o fato de não encontrar os alimentos que eram acostumados a comerem com facilidade na terra natal apresentou um enfrentamento cotidiano, o que dificultou a adaptação à nova moradia. Na narrativa de Sra. Jussara junto às dificuldades naturais do encontro com o novo, lidaram também com os obstáculos financeiros que interferiam diretamente nos hábitos alimentares da família. Diante das dificuldades, o rio converteu-se em aliado, ao prover os peixes que agora eram continuamente presentes no cardápio da família, "Aí minha mãe assava nas brasas, deixava assar. Assava e quando esfriava botava tudo dentro da farinha pra guardar na farinha, pra não estragar".[177]

A manutenção dos costumes alimentares foi atribulada também pelo afastamento da cidade e pela dificuldade em encontrarem mercados. Assim, acostumados a comerem o cuscuz[178], a mãe de Sra. Joana agora "ralava milho no ralo. Porque não tinha mercado, não tinha nada pra comprar, era tudo tirado da roça. Aí ela ponhava de molho o milho, aí no outro dia ela pegava e ralava no ralo e fazia o cuscuz. E era o nosso lanche da manhã."[179] A "nova" forma de fazer o cuscuz indicia estratégias e negociações presentes no viver do migrante que

[175] SOUZA, Norma . *Entrevista concedida a Eliene Dias de Oliveira*. Coxim/MS: 19/04/2013.

[176] OLIVEIRA, Joana. *Entrevista concedida a Eliene Dias de Oliveira*. Coxim/MS: 20/04/2013.

[177] OLIVEIRA, Joana. *Entrevista concedida a Eliene Dias de Oliveira*. Coxim/MS: 20/04/2013.

[178] "Prato nacional de mouros e árabes, milenar, favorito, fundamental na alimentação diária. Fazem-no de arroz, trigo, cevada, milhetos, sorgos. Quando o milho americano, Zea mayz, apareceu no correr do século XVI, determinou domínio imediato. Há de várias espécies, sobremesa ou gulodice, com mel de abelhas ou açúcar; com carnes, peixes, crustáceos, legumes, tâmaras, passas de uva, valendo uma refeição completa, ou ainda molhado no leite de vaca, cabra, ovelha, camela, comida improvisada de viagem, um farnel abreviado e substancial. [...] O português trouxe o cuscuz para o Brasil desde inícios do povoamento, utilizando o milho, que ficou basilar, e a adição do leite de coco [...]". Segundo CASCUDO (s/d-336).

[179] OLIVEIRA, Joana. *Entrevista concedida a Eliene Dias de Oliveira*. Coxim/MS: 20/04/2013.

se (re)constrói no diálogo entre as práticas do ontem e do hoje, no imiscuir de tempos e lugares do passado a tempos e lugares do presente.

Em várias narrativas evidenciam-se os processos de negociações como na narrativa de Sr. Pedro Santana e Sra. Antônia que conservam ainda alguns hábitos alimentares da Bahia, como comerem a canjica[180] ou o mugunzá[181] e a abóbora com leite, concomitante ao arroz e o feijão. No Rio, Sr. Pedro era frequentador da Feira de São Gonçalo, onde comprava pratos típicos de sua região, "Lá, dia de sábado e domingo aquilo lá é assim (cheio): carne de sol, requeijão, queijo coalho, tudo do Norte. Tudo vem do Nordeste!"[182]. Em Coxim é a esposa quem cozinha alguns pratos da preferência do casal, como o mungunzá que:

> [...] leva açúcar, leva açúcar, o leite de coco, o leite, né? Cozinha ela pra ela ficar grossa, né? E tem que cozinhar o milho bem cozido pra ele ficar bem molinho, depois você joga o leite, joga o leite de coco, e se o leite de coco ainda for tirado do pé, cê quebrar ele pra por no liquidificador, ainda fica mais gostoso... natural, né?

O Nordeste é nostalgicamente lembrado como território afetivo, traduzido nos sabores que evoca: "São comidas boas..."[183]; "A comida gostosa é do Norte"[184]; "Comidas nordestinas, tem que ter!"[185]; "Ô, a comida do Nordeste é deferente daqui!"[186]. Mais que alimentos, são referências de outros tempos e lugares, o tempo da saudade e da lembrança; da

[180] "Canjiquinha, creme de milho verde, papa de milho verde, com a massa do milho, leite de vaca ou de coco, açúcar, enfeitado com letras e desenhos de canela e pequeninos "confeitos", da própria canjica. Prato tradicional, indispensável e típico nas festas no mês de São João (junho), a primeira das comidas de milho. Nalguns estados do Sul chamam canjica de mungunzá, milho cozido com leite.[...] Há meio século que a canjica e a rede para dormir são julgados hábitos do Norte brasileiro." Conforme CASCUDO (s/d – 236).

[181] Homônimo de canjica.

[182] SANTANA, Pedro . *Entrevista concedida a Eliene Dias de Oliveira*. Coxim/MS: 21/04/2013.

[183] SANTANA, Antônia. *Entrevista concedida a Eliene Dias de Oliveira*. Coxim/MS: 21/04/2013.

[184] SANTANA, Pedro . *Entrevista concedida a Eliene Dias de Oliveira*. Coxim/MS: 21/04/2013.

[185] SOUZA, Norma . *Entrevista concedida a Eliene Dias de Oliveira*. Coxim/MS: 19/04/2013.

[186] BATISTA, Rosa. *Entrevista concedida a Eliene Dias de Oliveira*. Coxim/MS: 16/04/2013.

infância e dos familiares e amigos que ficaram para trás; em outras palavras, referendam os tempos e lugares da existência migrante.

Hoje, para muitos, "Mudou tudo! Muito difícil a gente comer a farinha com feijão"[187], como enfatiza Sra. Rosa. Se, em Pernambuco a alimentação compunha-se de feijão, farinha, peixe, carne de vaca, mandioca, leite de bode ou cabrito, pamonha, milho verde, xerém, sendo as carnes preparadas assadas, pois "lá não tem nada frito, ninguém é gordo"[188], ao contrário, em Coxim adquiriram novos hábitos, como o de comer frituras: "Lá no Nordeste não tem essa coisa de fritura não, por isso que o povo não é gordo. Aqui o povo engorda muito por causa de comida. Meus filhos era tudo tudo magrão, tudo corpo bonito, hoje são tudo gordão. (Risos)."[189]

Também Sra. Maria observa que atualmente seus filhos "já come fritura, essas coisas, já come. Os meninos já faz também, churrasco, essas coisas e tudo, mas logo que nós chegamos aqui não"[190]. Os novos hábitos convivem em meio a outros já existentes no grupo familiar antes da migração, como comerem xerém[191] e cuscuz, agora em meio ao hábito sulmatogrossense de ingerir a bebida chamada tereré[192]. Quanto ao arroz, este faz parte do cardápio dos migrantes cotidianamente, agora já preparado com sal, óleo e alho.

Assim, a alimentação desvela-se, portanto, com um caminho que indicia o entre-lugar como processo de imbricamento contínuo entre temporalidades e espaços. A impossibilidade de tradução completa da cultura migrante diz da não assimilação ou rejeição completa às

[187] BATISTA, Rosa. *Entrevista concedida a Eliene Dias de Oliveira*. Coxim/MS: 16/04/2013.

[188] BATISTA, Rosa. *Entrevista concedida a Eliene Dias de Oliveira*. Coxim/MS: 16/04/2013.

[189] BATISTA, Rosa. *Entrevista concedida a Eliene Dias de Oliveira*. Coxim/MS: 16/04/2013.

[190] LIMA, Maria*Entrevista concedida a Eliene Dias de Oliveira*. Coxim/MS: 16 e 20/04/2013.

[191] Segundo Cascudo (s/d – 921) chama-se xerém não exatamente o prato, mas o milho preparado no pilão para o cuscuz. Das narrativas apreende-se, no entanto, que quando não adicionado aos demais ingredientes tradicionais do cuscuz, o milho a xerém é consumido como um prato singular, podendo ser ingerido com outros pratos salgados ou doces.

[192] Bebida de origem paraguaia que alcançou grande popularidade em Mato Grosso do Sul, especialmente pelas altas temperaturas da região. Trata-se de uma infusão de água gelada e erva-mate *(Ilex paraguariensis*) geralmente servida numa guampa de chifre de boi. A guampa é uma espécie de recipiente artesanalmente preparado que faz o papel do copo. Para maiores conhecimentos ver: SIGRIST, Marlei. *Chão batido*: a cultura popular de Mato Grosso do Sul: folclore, tradição. Campo Grande/MS: Editora da UFMS, 2008.

vivências novas ou às tradicionais do grupo, mas de um processo de negociação que se realiza nos interstícios, nos entre-meios.

Neste caminho interpretativo importa, então, compreender a presença do Centro de Tradições Nordestinas de Coxim como um dos espaços de referência a determinados elementos, como a gastronomia, que, na intricada teia de poderes intrínseca ao processo de construção das identidades, são selecionados e veiculados como portadores de uma pretensa identidade nordestina.

3.3 – O Centro de Tradições Nordestinas Padre Cícero em Coxim

O Centro de Tradições Nordestinas Padre Cícero, localizado em Coxim à Avenida Márcio Lima Nantes, s/n, no Bairro Santa Maria em Coxim, pode ser percebido como um espaço de memórias e de vivências. Em seu sentido polissêmico, configura-se como um lugar em que determinadas práticas culturais são ritualizadas, usualmente remetendo a um passado que se quer tradutor da identidade nordestina; e, ao mesmo tempo, lugar em que novas vivências se desenrolam, traduzindo o amálgama de experiências presentes no viver do migrante. Lado a lado convivem o apelo à tradição e o *continuum* de experiências, aproximando sujeitos de diferentes regiões do Nordeste em prol da divulgação e da necessidade de demarcar política, social e culturalmente um espaço de pertencimento comum. Neste sentido, é um "entre-lugar":

> O trabalho fronteiriço da cultura exige um encontro com "o novo" que não seja parte do continuum de passado e presente. Ele cria uma idéia (sic) do novo como ato insurgente de tradução cultural. Essa arte não apenas retoma o passado como causa social ou precedente estético; ela renova o passado, refigurando-o como um "entre-lugar" contigente, que inova e interrompe a atuação do presente. O "passado-presente" torna-se parte da necessidade, e não da nostalgia, de viver. (BHABHA, 2010-27)

Nesta interpretação, a nostalgia de um passado longínquo cede espaço ao presente urgente e às relações que configuram o espaço em que se situa o migrante. A negociação entre

essas temporalidades é permanente; passado e presente se imbricam num jogo ininterrupto em que determinados elementos ou símbolos culturais transvestem-se de imutáveis, no afã de traduzirem a identidade nordestina:

> Quando determinados traços e práticas culturais são selecionados como "símbolos" de identidade, sua natureza é alterada: sua imutabilidade é enfatizada, pois buscam reproduzir e representar o autêntico e o tradicional, tornando-se traços diacríticos na construção coletiva da identidade do grupo. Esse processo, que guarda semelhanças com o de constituição do típico, confere novos significados a essas práticas, ao mesmo tempo em que lhes retira o caráter vivo, mutável e dinâmico, fixando-as como um fetiche. (PENNA, 1992-77)

Neste olhar, a constituição de um espaço de afirmação identitária indicia o processo de negociação ou, usando os termos de Said (2007), mesmo de invenção de uma identidade nordestina que, ao selecionar determinados elementos como representativos de um grupo social, demarca diferenças entre si e os outros. Elementos que se transmutam em símbolos de pertencimento, de reconhecimento e de dizibilidade aos demais grupos. Ademais, ainda que a cultura seja o foco central de ação, a fundação de uma entidade como o CTN demarca uma ação organizada que é também política e social. Nesse sentido, reforça o pertencimento ao que Barth reconhece como um grupo étnico, ao se destacarem como "um grupo de membros que se identifica e é identificado por outros como se constituísse uma categoria diferenciável de outras categorias do mesmo tipo". (2011-190)

Sobre o CTN, a Festa dos Nordestinos e a presença da entidade em Coxim é importante o diálogo com a narrativa de Sra. Maria Leuda de Oliveira, ex-presidente da entidade. Inicialmente, no sentido de entender o lugar social a partir do qual a narradora fala, faz-se mister uma digressão à sua trajetória migrante.

3.3.1 - Sra. Maria Leuda de Oliveira Ferreira: trajetória

Sra. Maria Leuda[193] tem 50 anos e é nata em Cedro, Pernambuco. É casada com Sr. Severino Ferreira da Silva que é de Bom Jardim, também no Estado de Pernambuco e juntos possuem duas filhas. Chegou a Coxim em 1967, há 47 anos. Veio ainda criança com seu pai José de Oliveira, a mãe Antônia Rosa e a irmã Maria Nizelda. A família partiu a convite de um amigo que possuía uma fazenda e precisava de alguém para cuidá-la. Demoraram alguns meses para chegar ao destino final devido a uma parada para conseguir trabalho e recursos em Campo Grande. A mãe estava grávida da terceira filha do casal, Maroli, e a pausa foi necessária também para aguardarem o nascimento da irmã.

> Meu pai conta sempre essa história para a gente que ele veio na busca de uma condição de vida melhor para a gente, convidado por um conhecido dele que estava aqui. Naquela época, era muito difícil deslocar de lá para cá, ele saiu de lá no dia 12 de outubro e ele tem isso muito presente na memória dele por que ele é muito devoto de Nossa Senhora Aparecida e ele saiu de lá dia 12 de outubro, mas ele veio chegar em Coxim - MS em final de junho por aí, por que o dinheiro acabou...[194]

O trajeto fora feito parte de ônibus e parte no chamado "pau de arara". Chegando a Coxim destinaram-se para a fazenda, na qual os pais ainda residem e, passado alguns anos a família aumentou com a chegada de mais três filhos. Em Cedro o pai trabalhava no corte de cabelos aos finais de semana e também " [...] tocava uma roça. Então não era grande coisa, se não chovesse não tinha roça para tocar."[195]

Passados dez anos que chegaram a Coxim, exatamente no mesmo dia do mês de junho, o pai retornou a Cedro e cumpriu um "propósito" que havia feito a si e à família. Fora buscar os pais e irmãos:

---

[193] Sra. Maria Leuda de Oliveira Ferreira nasceu dia 19/06/1964 em Cedro, Pernambuco. É pedagoga. Casada com Sr. Severino Ferreira da Silva e tem duas filhas. Migrou para Coxim em 1967.

[194] FERREIRA, Maria Leuda de Oliveira. *Entrevista concedida a Eliene Dias de Oliveira*. Coxim: 29/04/2013.

[195] FERREIRA, Maria Leuda de Oliveira. *Entrevista concedida a Eliene Dias de Oliveira*. Coxim: 29/04/2013.

> [...] e trouxe um ônibus lotado da família dele, trouxe 26 pessoas no ônibus [...]. Ele conseguiu, ele tinha condições para ir lá e trazer os irmãos, então ele foi, ele chegou lá, então eles acreditaram na ideia de chegar aqui e se dar bem também e aí eles venderam o que eles tinham lá e todo mundo veio junto com ele. Aí meu pai aqui já tinha uma terra que ele já tinha comprado, ele estava bem estabilizado.[196]

Dos treze irmãos, apenas um permaneceu no Nordeste, vindo todos os demais para Coxim. Sr. José de Oliveira construiu cinco pequenas casas no sítio que havia comprado e todos ficaram, por alguns anos, morando juntos. Anos mais tarde, em períodos distintos, duas irmãs de sua mãe também se mudariam com a família para o solo coxinense.

Quando da vinda da família paterna, um aspecto permaneceu mais vivo na memória da narradora:

> As minhas tias solteiras, quando elas vieram eu lembro delas chorando no ônibus o tempo inteiro, mas tinha que vir. Entendeu? E elas já eram adultas, as que meu pai trouxe. Eu lembro que tinha duas tias, [...] e elas vieram chorando o tempo inteiro porque uma deixou namorado lá, outra gostava de tudo lá, o que que vinha fazer aqui? Aí a gente ouvia: "nossa, esse lugar é muito feio, isso aqui é muito ruim e eu tenho que passar por isso". [197]

A narração da vinda das tias chorando corrobora a perspectiva já enunciada nesta pesquisa do homem como aquele que, quase sempre, detém o poder de decisão sobre o ato de migração da família. A mulher, muitas vezes, "tinha que vir" em obediência ao pai ou ao marido. Porém, suas trajetórias vão além da representação de submissão e docilidade; são elas também sujeitos de suas histórias, ainda que no processo constante de negociação com o poderio masculino[198].

---

[196] FERREIRA, Maria Leuda de Oliveira. *Entrevista concedida a Eliene Dias de Oliveira.* Coxim: 29/04/2013.

[197] FERREIRA, Maria Leuda de Oliveira. *Entrevista concedida a Eliene Dias de Oliveira*. Coxim: 29/04/2013.

[198] É importante observar a presença do protagonismo feminino dentro de um processo de construção cultural sobre a decisão de migrar, tornando a migração parte dos horizontes do grupo familiar. Nesse sentido, as narrativas evocam o projeto migratório como possibilidade de mudanças positivas para a família, sendo este olhar endossado pelas mães e esposas.

Sra. Leuda narra que, com a compra de terras na Colônia São Romão pelo pai puderam os filhos freqüentarem uma escola rural. Aos nove anos ela mudou-se para a cidade e, anos mais tarde, concluiu o curso superior de Pedagogia que realizou viajando uma vez ao mês para Prudente-SP, pois Coxim não oferecia possibilidades de cursar um curso superior.

Há sete anos ocupa o cargo de Diretora da Escola Estadual Sílvio Ferreira e, nos anos 2011 e 2012, esteve presidente do Centro de Tradições Nordestinas Padre Cícero de Coxim.

3.3.2 - A Festa dos Nordestinos em Coxim

Em sua proposta original o Centro de Tradições Nordestinas Padre Cícero tem como objetivo:

> Desenvolver entre seus associados a recreação esportiva e a prática do convívio social e cultural, através de promoções internas e externas; Fomentar o conhecimento, a prática e a divulgação da cultura nordestina; Promover a integração social do povo nordestino desta região; Promover a fraternidade entre todos os integrantes desta região.[199]

Como espaço intersticial entre um Nordeste vivido ou mesmo imaginado e as vivências no Mato Grosso do Sul, tem a função prática de apresentar o Nordeste àqueles que muitas vezes não viveram ou mesmo conheceram a região dos pais. Neste caminho, trata-se de um Nordeste representado a partir de determinados elementos culturais. Impera, pois, a necessidade de memória, do não esquecimento e da ritualização. Na busca por compreender o papel ocupado pelo CTN é importante o diálogo com Stuart Hall, para quem a Cultura é sempre marcada pelo subjetivo e pessoal (2009-390). Neste *continuum*, estamos sempre produzindo cultura, num processo de tornar-se. (2009-43) Fruto do inacabado, dos encontros e dos desencontros, a cultura não é, mas faz-se, diuturnamente.

Criado em 2000 e formalizado oficialmente em 2001, o CTN, como será nominado

[199] ESTATUTO. Centro de Tradições Nordestinas Padre Cícero. Coxim/MS: s/d.

doravante, tem a sua identidade articulada à Festa dos Nordestinos, evento realizado a primeira vez em 1995 e que se tornou a principal atividade da entidade, acontecendo todos os anos no mês de junho. Tal festa é parte do calendário cultural oficial do município e atrai um grande número de pessoas, não apenas de origem nordestina, mas também turistas que visitam a cidade e a população local de forma geral.

A Festa dos Nordestinos acontece geralmente em três dias, iniciando na sexta-feira à noite e finalizando no domingo com um almoço típico. Entre as atrações do festejo é possível visualizar a gastronomia, com a venda de pratos como arroz carreteiro[200], cuscuz, mungunzá, baião de dois[201], Maria Isabel[202] e buchada de bode[203], "Comida boa, danada"[204]; grupos de forró com a presença de instrumentos musicais como acordeão de botão ou sanfona, triângulo e zabumba onde "sai muita música do Nordeste. [...] Eu gosto! Faz muito forró do Luís Gonzaga, né?"[205]; da religiosidade, com a realização da missa do vaqueiro; da fogueira e de elementos identificadores da pertença nordestina, como o chapéu de couro usado por freqüentadores da festa e que "denuncia" um sentimento de identificação deste grupo social.

O CTN surgiu como necessidade apresentada pelo trabalho de organização da Festa dos Nordestinos que, inicialmente, tratava-se de uma confraternização familiar e comunitária, realizada ao ar livre e sem fins comerciais. Seu idealizador foi o Sr. Eugecimo Francisco Bezerra, mais conhecido como Deto que, junto à familiares e conterrâneos, promoveu uma

[200] Prato provavelmente típico na região Sul do país, preparado com arroz e carne de charque (também conhecida como carne de sol). Conta-se que o prato teria surgido nas mãos dos carreteiros de mercadorias, ainda na época dos carros de bois que, necessitando uma refeição rápida e com nutrientes como carboidratos e proteínas, criaram o prato. A ausência da geladeira levou-os a optarem pela carne salgada e seca ao sol. Definição da autora.

[201] Prato típico do Ceará, preparado com arroz e feijão cozidos juntos, segundo Cascudo (s/d – 129).

[202] Segundo a definição de Cascudo (s/d – 558) é um prato preparado com carne cozida e arroz, usualmente consumida no Baixo Amazonas e como alimentação comum de garimpeiros nos rios Araguaia e das Mortes. Na Festa dos Nordestinos em Coxim a carne usada, geralmente, é a do carneiro.

[203] "Um dos pratos tradicionais do Norte brasileiro, com admiradores fervorosos. Há várias receitas populares, dependendo da maior ou menor paciência culinária ou desejo de impressionar os convidados. A verdadeira buchada, do tempo antigo, exige ciência de tempero e quase intuições misteriosas de cálculo. Come-se ao findar a segunda fervura. É preciso prever a hora do almoço, para que a buchada esteja *no ponto* e não requentada. Só é servida a buchada no almoço. Serve o carneiro, ovelha, cabrito. Caracteriza o entrouxamento das vísceras do estômago (bucho) do animal. Costura-se depois com linha branca. [...]". Segundo Cascudo (s/d – 192).

[204] BATISTA, Rosa. *Entrevista concedida a Eliene Dias de Oliveira*. Coxim/MS: 16/04/2013.

[205] BATISTA, Rosa. *Entrevista concedida a Eliene Dias de Oliveira*. Coxim/MS: 16/04/2013.

comemoração do Dia de São João[206]. A festa era realizada na rua e os alimentos eram partilhados entre os presentes, como rememora Sra. Maria Leuda:

> O idealizador dessa festa foi o Deto Bezerra, ele fazia essa festa na rua [...]. Então, ele fazia essa festa na rua, ele recolhia as coisas, o povo levava lá para ele, entendeu? As pessoas que gostavam da festa levavam doações para ele na casa dele. Ele fazia essa festa, o povo comia, bebia e tudo. Ali, compravam a bebida, quem queria comprar.[207]

No entanto, com o tempo a pequena confraternização comunitária se expandiu, causando transtornos ao ser realizada no espaço público, o que gerou queixas de um vizinho:

> Então daí foi para a praça e ficou assim aquela coisa, crescendo muito e precisando de um espaço. Seu Doquinha conseguiu comprar [...] esse terreno. Aí ele comprou o terreno ali para pagar com o dinheiro da festa, então ali a gente não tinha nada, depois foi construindo[208].

"Seu Doquinha" era então presidente da entidade, no período compreendido entre 2005 a 2007 e é apontado como o responsável pela iniciativa de comprar o terreno com cerca de 15.000 km² que se tornou então a sede social do CTN. O terreno foi pago posteriormente com os recursos da própria festa e pouco a pouco as diversas diretorias conseguiram melhorar a estrutura do espaço que ainda não está completamente concluso.

[206] Festa popular em homenagem a São João, "Santo Católico, primo de Jesus Cristo, nascido a 24 de junho, degolado no Castelo de Mancheros, Palestina, a 29 de agosto do ano 31. Pregador de alta moral, áspero, intolerante, ascético, São João é festejado com as alegrias transbordantes de um deus amável e dionisíaco, com farta alimentação, músicas, danças, bebidas e uma marcada tendência sexual nas comemorações populares, adivinhações para casamentos, banhos coletivos pela madrugada, prognósticos de futuro, anúncio da morte no curso do ano próximo. [...] Para o Brasil a devoção foi trazida pelos portugueses e espalhada com a satisfação de um hábito agradável. [...]". (CASCUDO, s/d – 477)

[207] FERREIRA, Maria Leuda de Oliveira. *Entrevista concedida a Eliene Dias de Oliveira*. Coxim: 29/04/2013.

[208] FERREIRA, Maria Leuda de Oliveira. *Entrevista concedida a Eliene Dias de Oliveira*. Coxim: 29/04/2013.

> Aí a gente ficou assim, cada um que foi presidente ali deixou um pouco do seu trabalho. Ele construiu, ele comprou o espaço (Sr. Doquinha). Aí o Severino construiu uma parte daquele salão, do bar na gestão dele ele construiu. E na minha gestão eu construí os banheiros, começamos a cozinha.[...][209]

O grupo recebe apoio do Poder Público para a realização do evento e, antes de possuírem a atual sede, obtiveram também a doação de um terreno urbano que, posteriormente, converteu-se em uma praça pública chamada Praça dos Nordestinos. Este é outro espaço de memória que demarca a presença dos nordestinos na cidade.

Se inicialmente o projeto da entidade pode ser compreendido como "manter e cultivar a tradição nordestina"[210], hoje o CTN Padre Cícero enfrenta um questionamento em relação à sua própria identidade:

> Maria Leuda: [...] Então agora o sonho ali seria fazer um espaço pro nordestino, de confraternização, fazer piscina, fazer uma área de lazer, mas aí tem um grupo que quer isso e tem um grupo que quer que deixe igual agora, um espaço onde possa fazer grandes eventos em Coxim, que é o espaço ideal ali. Teve agora esse rodeio dos campeões...
>
> Eliene Dias: É porque são dois projetos bem diferentes, não? Porque se faz um espaço para os nordestinos...
>
> Maria Leuda: Vai limitar, vai limitar. Se deixar o espaço para grandes eventos aí também não fica um espaço nosso.[...] Perde a característica do que é. Então, por isso que tem um conflito entre o grupo. Um grupo acha que por enquanto deve deixar fazer esses grandes eventos que dá um lucro para começar manter o espaço, começar a estruturar o espaço e o outro grupo já fala que vai descaracterizar. Então não chegaram a um consenso ainda.[211]

O conflito expõe uma fissura na identidade do CTN em relação a tornar-se um espaço exclusivo da comunidade nordestina ou manter-se como espaço aberto à realização de grandes eventos que podem ser frequentados por todos, como vem acontecendo atualmente. O embate

[209] FERREIRA, Maria Leuda de Oliveira. *Entrevista concedida a Eliene Dias de Oliveira*. Coxim: 29/04/2013.

[210] FERREIRA, Maria Leuda de Oliveira. *Entrevista concedida a Eliene Dias de Oliveira*. Coxim: 29/04/2013.

[211] FERREIRA, Maria Leuda de Oliveira. *Entrevista concedida a Eliene Dias de Oliveira*. Coxim: 29/04/2013.

diz da impossibilidade de tradução cultural; da impraticabilidade da assimilação completa ou da rejeição inconteste ao elemento externo, o Outro. As fronteiras existem, mas não de forma tácita; ao contrário, surgem imbricadas nas vivências cotidianas da pequena cidade interiorana, povoada por nordestinos, gaúchos, mineiros, paulistas, antigos matogrossenses e novos sulmatogrossentes e quantos outros mais.

Sobre o processo de territorialização e sua divisão em espaços múltiplos Viscardi (1997) alerta que se trata de uma construção abstrata, elaborada no decorrer do tempo por atores coletivos que a ele se relacionam direta ou indiretamente. Este espaço é formado por um conjunto de valores socialmente aceitos e partilhados pelos seus agentes, criando uma identidade própria, que é espacial. Suas fronteiras são fluidas e variam em função das circunstâncias em que são delineadas. Os embates, conflitos, as cessões, os acordos, as aproximações, serão então - usando uma metáfora da Geografia - agentes modeladores deste relevo social.

Quando se pensa na organização espacial, lida-se com a perspectiva do estabelecimento de fronteiras. O Geógrafo Milton Santos (1978) aponta para a dimensão abstrata destas fronteiras. Para ele, o espaço geográfico deixou de ser estático, e passou a ser uma produção coletiva dos homens. Logo, não existiriam fronteiras geográficas ou físicas estaticamente delimitadas, mas sim fronteiras sociais delimitadas a partir das relações construídas. Estas fronteiras são hoje um ponto de conflito entre os diretores do CTN e indiciam uma identidade de grupo em perene (re)negociação.

Embora a Festa dos Nordestinos exista desde 1995 e o CTN Padre Cícero esteja presente em Coxim oficialmente desde o ano 2000, nas narrativas dos migrantes nordestinos evidenciou-se a pouca freqüência ao espaço, como expressam os excertos a seguir:

> Não, lá não gosto não, não gosto não.[212]

> Não. Nunca fui. É Idêntico ao CTG... CTG é tradições gaúchas. E lá é buchada, é sarapatel... risos.[213]

[212] LIMA, Maria. *Entrevista concedida a Eliene Dias de Oliveira*. Coxim/MS: 16 e 20/04/2013.

> Eu não conheço não, menina. Eu não saio de casa Eliene. Eu não saio de casa... [214]

> Não. Não mexo com isso não. Eu tinha uma famia grande, não podia ir. Porque com essa aí eu tô dando mal exemplo pros meus fio... porque o mal você faz, às vezes ele vai amanhã ou depois, quando ocê não vai carregar ele, seus fios vê o seu ritmo e vai carregar ele e às vezes se dá mal. A pessoa quando a chega a idade que eu chego, é porque não era mal elemento. Porque o mal elemento se destrói novo... por si próprio. Entendeu? O mau elemento a si próprio se destrói.[215]

As narrativas supracitadas apontam para algumas interpretações acerca do CTN e da Festa dos Nordestinos. Sr. Pedro compara a entidade ao Centro de Tradições Gaúchas, o CTG, também presente na cidade de Coxim. A diferença em seu olhar é a presença do sarapatel e da buchada, marcas da culinária nordestina. Sra. Jussara narra a sua quase reclusão ao espaço da casa, o que explicaria a sua não freqüência a espaços públicos. Sra. Maria demonstra uma não identificação com o espaço e Sr. Antônio exprime os motivos da não frequência a determinados ambientes pela necessidade de uma retidão de comportamento e uma conduta moral exemplar perante aos filhos. Em todos os olhares, o CTN surge mais como ausência que presença na vida dos migrantes.

Sra. Jussara esteve no ambiente em uma ocasião, mas não gostou e nunca mais retornou. "Achei legal, mas não foi muito assim porque o salão era apertado, fiquemo em pé... Eu não achei muito assim..., por isso que não fui mais"[216]. A narradora refere-se a uma contexto em que o CTN não apresentava uma estrutura adequada a grandes eventos, algo que na visão de Sra. Maria Leuda, ex-presidente da entidade, vem melhorando continuamente.

Sra. Rosa é a única entre os narradores que vai mais assiduamente à Festa dos

---

[213] SANTANA, Antônia &SANTANA, Pedro . *Entrevista concedida a Eliene Dias de Oliveira*. Coxim/MS: 21/04/2013.

[214] CUNHA, Jussara. *Entrevista concedida a Eliene Dias de Oliveira*. Coxim/MS: 18/04/2013.

[215] SILVA, Antônio Pereira da. *Entrevista concedida a Eliene Dias de Oliveira*. Coxim/MS: 17/04/2013.

[216] OLIVEIRA, Joana. *Entrevista concedida a Eliene Dias de Oliveira*. Coxim/MS: 20/04/2013.

Nordestinos, "Ás vezes eu vou [...] Eu gosto! Faz muito forró do Luís Gonzaga, né?"[217]. A liberdade proporcionada pela viuvez e a companhia do filho Messias e da nora Geralda podem ser elementos importantes para a compreensão da sua freqüência ao ambiente festivo, uma vez que a narradora foi a única entre o grupo analisado que demonstrou maior intimidade com o espaço e os eventos que realiza.

Entre as hipóteses possíveis para o distanciamento em relação ao CTN e à Festa dos Nordestinos da grande maioria de pessoas entre o grupo estudado é possível nuançar o caráter comercial da Festa dos Nordestinos, uma vez que é necessário pagar o ingresso de entrada e as comidas e bebidas que se consome, o que invibializaria a participação de pessoas com menor renda financeira; a predominância de pessoas mais velhas entre o grupo estudado, corroborando a perspectiva de não identificação de parte deste grupo com esta tipologia de festejo e com os horários em que é realizada; a não identificação entre o evento e seus símbolos e a cultura de origem; e a vivência mais restrita ao espaço doméstico, principalmente em relação às mulheres.

Ademais, a entidade restringe suas atividades à realização da Festa dos Nordestinos e ao aluguel do espaço para a realização de outros eventos. Este aspecto pode interferir na não adesão de parte dos migrantes ao CTN, uma vez que não há uma diversidade de atividades e, pelos motivos já mencionados, a grande maioria não sente uma identificação com o festejo.

Sobre a não participação de uma grande parcela da comunidade nordestina no evento, Sra. Leuda Maria destaca:

> Eliene Dias: Então, entrevistando os nordestinos, a maioria nunca foi ao CTN...
>
> Maria Leuda: Também, eu acho que tem gente, e isso é uma coisa que o Severino sempre fala, que acha caro, entendeu? Acha caro uma família que tem 5, 6 filhos ele ir ali, ele paga uma entrada lá, na última vez era 5 reais, se ele tiver 4 filhos, mais ele e a mulher são 6 aí ela paga 5 reais de entrada, depois que entra lá dentro..., ele vai gastar 100 reais numa noite, entendeu? Por isso que o ano passado eu quis fazer uma almoço no final, onde as pessoas entravam e você compra o que você puder comer, por que é muita

[217] BATISTA, Rosa. *Entrevista concedida a Eliene Dias de Oliveira*. Coxim/MS: 16/04/2013.

> gente que ia só nesse almoço no domingo, entendeu? Então eu acho que ali contemplava muito mais gente.[218]

Em seu olhar, para muitas famílias a festa e seus atrativos, como a gastronomia, representam um gasto inviável. Inicialmente paga-se a entrada no espaço com direito a assistir ao show musical da noite; em separado pagam-se as bebidas e os pratos típicos consumidos, o que torna demasiado dispendioso para um pai de família frequentar o evento. Assim, a narradora propôs que no almoço de domingo a entrada ao ambiente seja gratuita, o que possibilitaria a outras pessoas conhecer o festejo e aproximar-se do CTN.

Sra. Rosa, a única pessoa que frequenta o CTN entre o grupo abordado, traz à luz a percepção sobre as diferenças entre as festas realizadas no Nordeste e a Festa dos Nordestinos, realizada pelo Centro de Tradições Nordestinas de Coxim: "Ah, mas lá no Nordeste faz muita brincadeira, muita coisa deferente, aqui não. Aqui é deferente tudo". O estranhamento frente ao novo e a busca pelos elementos presentes nos festejos de sua terra natal se fazem a partir de um repertório cultural já existente. Este ir e vir incessante é uma das marcas da temporalidade do migrante que se reconhece a partir de sua trajetória e do constante movimento entre o "lá ou cá".

Embora haja pouca frequência ao CTN Padre Cícero por parte do grupo abordado nesta pesquisa, considero salutar a apresentação deste espaço enquanto lugar de memória e lugar de vivências, um entre-lugar que busca demarcar um espaço de pertencimento cultural, político e social da comunidade nordestina em Coxim.

3.4 – Trajetos e trajetórias: caminhos

É importante mensurar que, na teia narrada e nos dada a ler, os sujeitos em foco possuem, muitas vezes, referências singulares dos espaços pelos quais transitam. Falam de um Norte e de um Sul que reconhecem intimamente como cenário de suas vivências migrantes.

[218] FERREIRA, Maria Leuda de Oliveira. *Entrevista concedida a Eliene Dias de Oliveira*. Coxim: 29/04/2013.

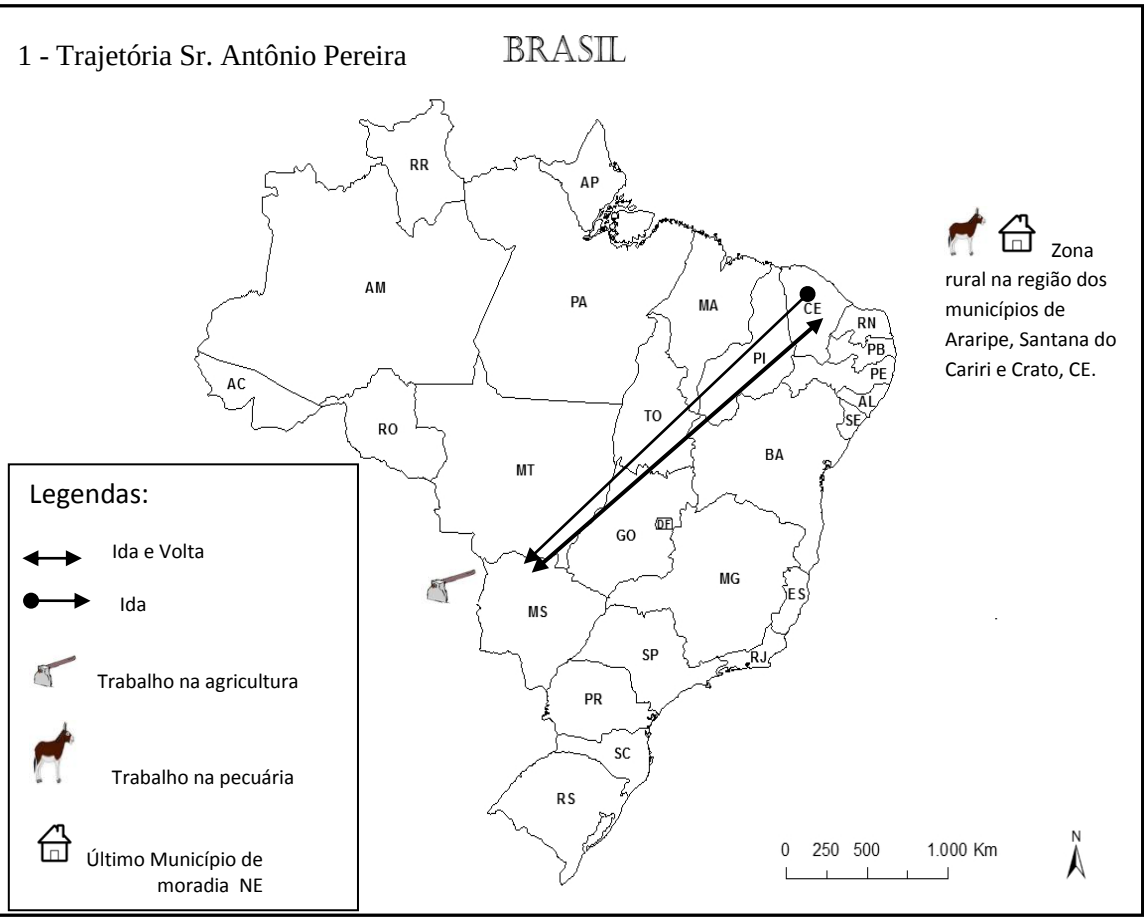
Falam ainda de espaços de pertença individuais, que os referenciam como sujeitos imbricados de territorialidade.

Assim, objetivando revisitar estes espaços basilares de suas trajetórias e os caminhos percorridos em destino a Coxim, apresento a seguir a cartografia de seus caminhares, entendendo que a linguagem cartográfica permite a visualização e análise de aspectos em diálogo entre si, como um texto construído acerca da trajetória dos sujeitos.

Embora o desenho cartográfico não reproduza fielmente a distribuição do território brasileiro à época das migrações, e sim a partir do contexto atual, é possível enfatizar determinados elementos que propiciam uma leitura mais abrangente do grupo estudado, a saber: o local de saída do Nordeste; as profissões nos dois espaços do migrante ou do responsável, no caso daqueles que migraram quando eram ainda crianças; o ano das migrações; com quem migraram; a idade com que realizaram a migração; o meio de transporte utilizado; o tempo de permanência em Coxim e a existência/ausência de possíveis retornos à região de origem.

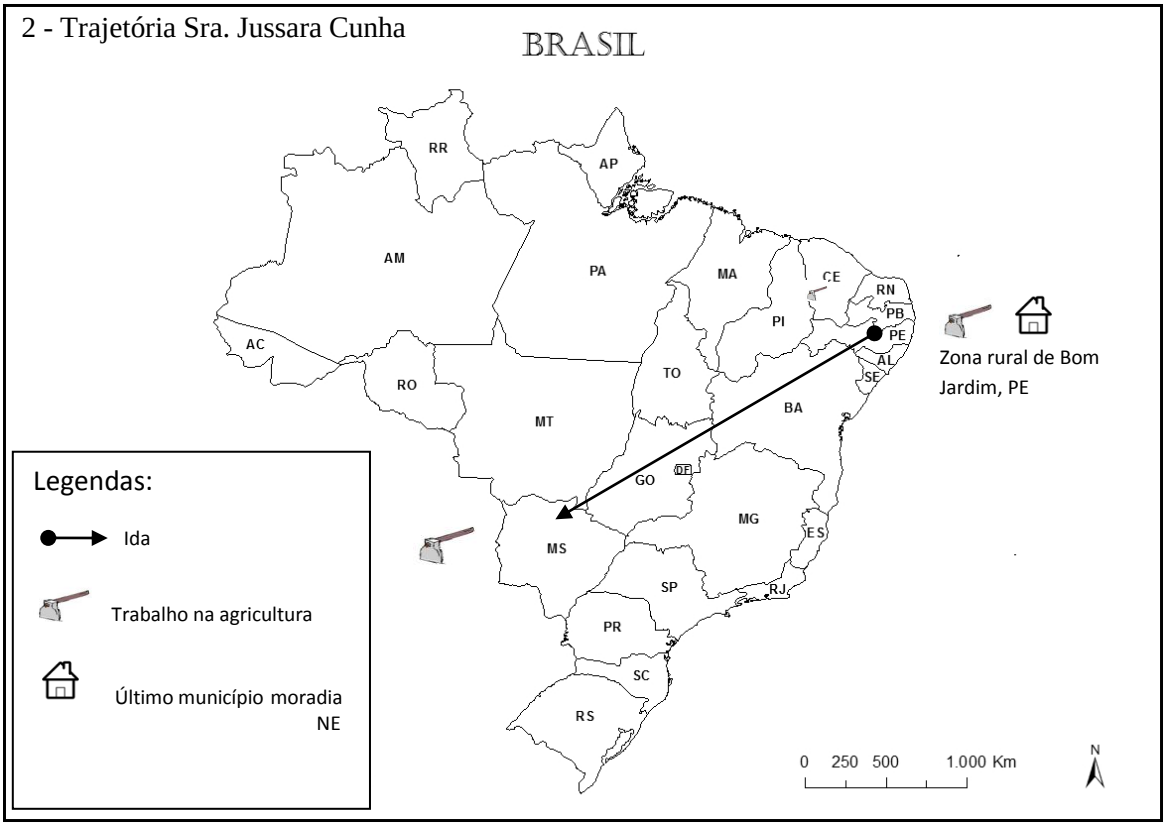
Para a confecção dos mapas das trajetórias dos indivíduos e de suas famílias foi usada a base cartográfica do IBGE. Nos trajetos, as migrações entre cidades do mesmo estado não foram levadas em consideração, sendo representadas somente as migrações entre estados diferentes e a migração entre o Nordeste e o Centro Oeste, mais especificamente para a cidade de Coxim na região que, antes da divisão do Estado em 1977, configurava o Sul do antigo Estado de Mato Grosso e que, atualmente, representa o Estado de Mato Grosso do Sul.

1 - Trajetória Sr. Antônio Pereira



- Local de saída no Nordeste: Região rural de Santana do Cariri, Crato e Araripe, Ceará.
- Ano da primeira migração e do retorno:1954.
- Com quem migrou: com os amigos João Lacerda e José Cunha.
- Ano da segunda migração: 1958 .
- Com quem migrou: com a esposa, os filhos, os sogros e a família destes.
- Idade do narrador à época das primeira e segunda migrações para Coxim: 27 e 31.
- Local de Chegada: Zona rural do Distrito de Pedro Gomes, Município de Coxim-MT.
- Profissão no Ceará: tropeiro.
- Profissão no MT: trabalhador rural da agricultura.
- Transporte: Pau de arara e "amigação" (alternância de meios de transporte como trem, caminhão, caronas).
- Tempo de permanência em Coxim até 2014: 56 anos.
- Retorno ao Nordeste: uma vez, em 2001.

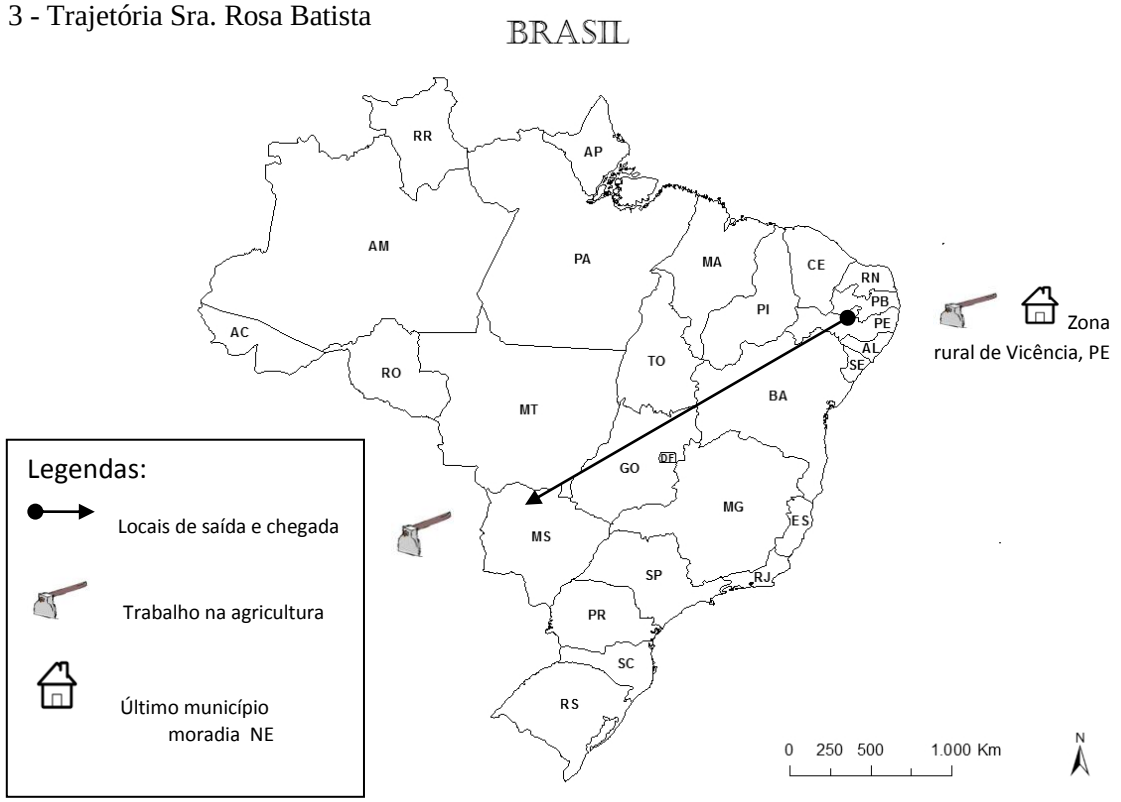
2 - Trajetória Sra. Jussara Cunha



- Local de saída: Sítio Desenganos, Município de Bom Jardim, Pernambuco.
- Ano de migração:1958 .
- Idade da narradora à época da migração para Coxim: 7 anos.
- Com quem veio: Tio Zezinho, a tia e os primos (família adotiva).
- Chegada: Colônia São Romão, Município de Coxim-MT.
- Profissão do Tio em Pernambuco: trabalhador rural.
- Profissão do Tio no MT: trabalhador rural.
- Transporte: ônibus.
-Tempo de permanência em Coxim até 2014: 56 anos.
- Retorno ao Nordeste: uma vez, há cerca de 30 anos.

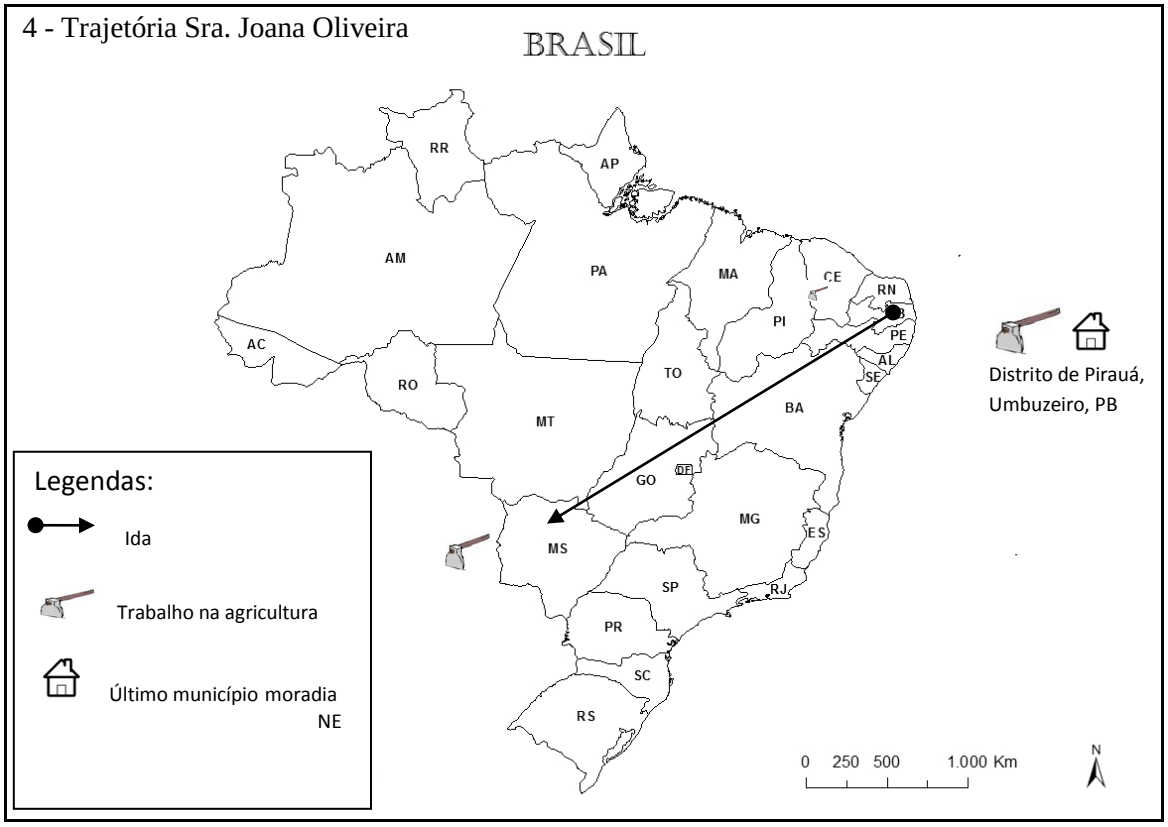
- Nota: Em 1974 Sra. Jussara empreendeu uma tentativa de migração para o Estado de Rondônia junto ao esposo. Retornou à Coxim alguns meses depois.

3 - Trajetória Sra. Rosa Batista



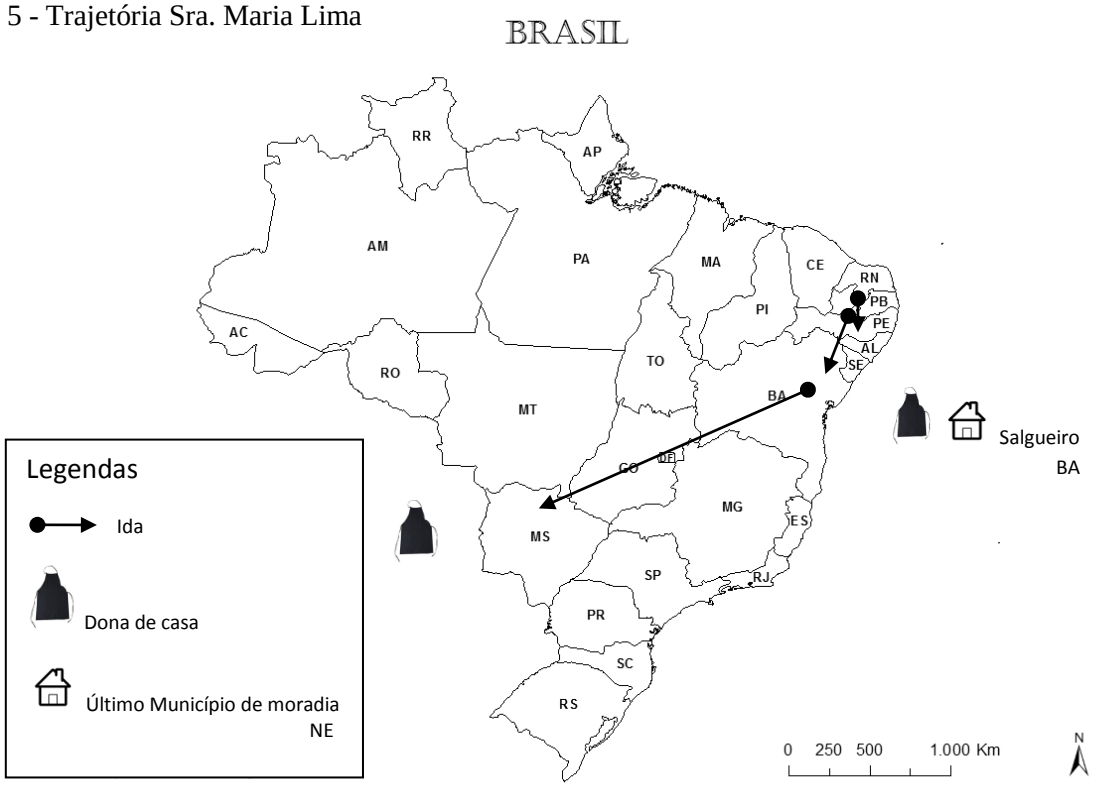
- Local de saída no Nordeste: Zona rural de Vicência, Pernambuco.
- Ano da migração: 1964.
- Com quem migrou: com o esposo, a irmã, o cunhado e os sobrinhos.
- Idade da narradora à época da migração para Coxim: 17 anos.
- Local de Chegada: Fazenda Corixão São Jorge, Pantanal, Coxim.
- Profissão no Ceará: trabalhadora rural de engenho de cana e de plantio de arroz.
-Profissão no MT: trabalhadora rural de plantio de arroz.
-Transporte:ônibus.
-Tempo de permanência em Coxim até 2014: 50 anos.
- Retorno ao Nordeste: não.

4 - Trajetória Sra. Joana Oliveira



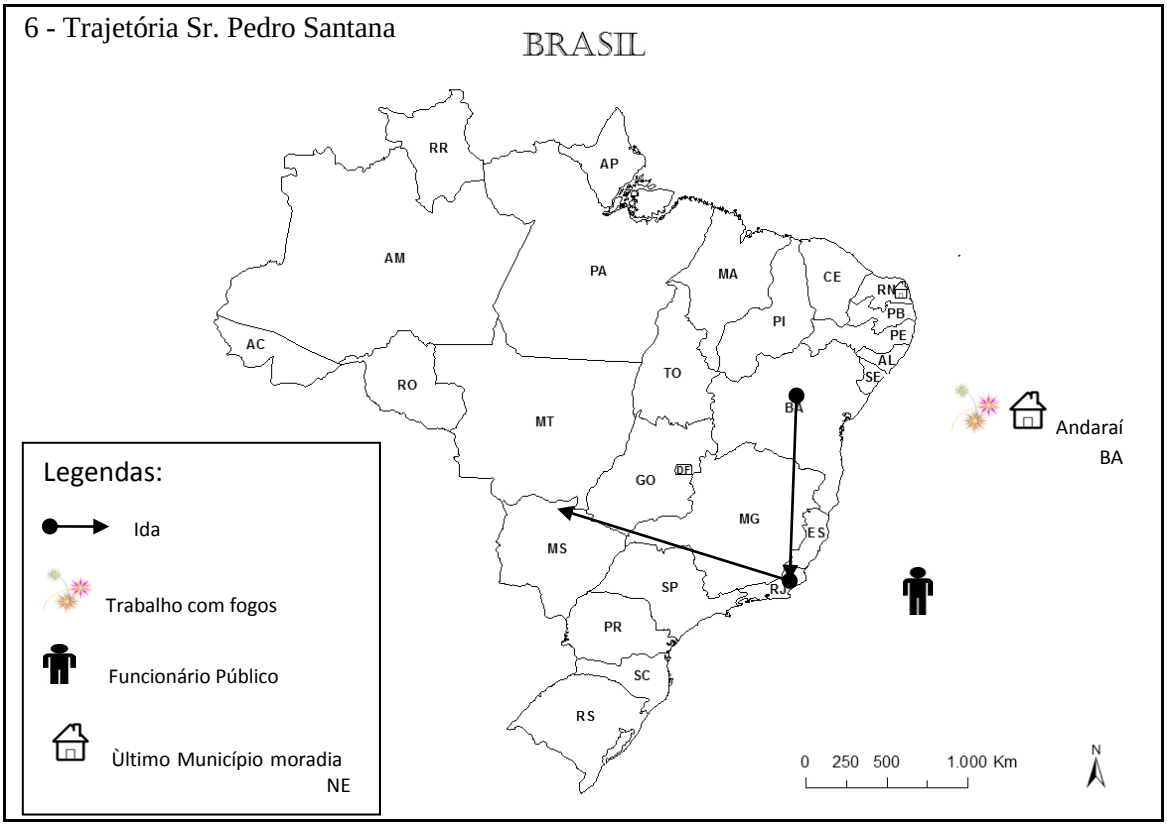
- Local de saída: Distrito de Pirauá, Município de Umbuzeiro, PB.
- Ano de migração:1960-.
- Idade da narradora à época da migração para Coxim: sete anos.
- Com quem veio: pais e irmãos.
- Chegada: Colônia São Romão, Município de Coxim-MT.
- Profissão do Tio em Pernambuco: trabalhador rural.
- Profissão do Tio no MT: trabalhador rural.
-Transporte:ônibus.
-Tempo de permanência em Coxim em 2014: 54 anos.
- Retorno ao Nordeste: não.

5 - Trajetória Sra. Maria Lima



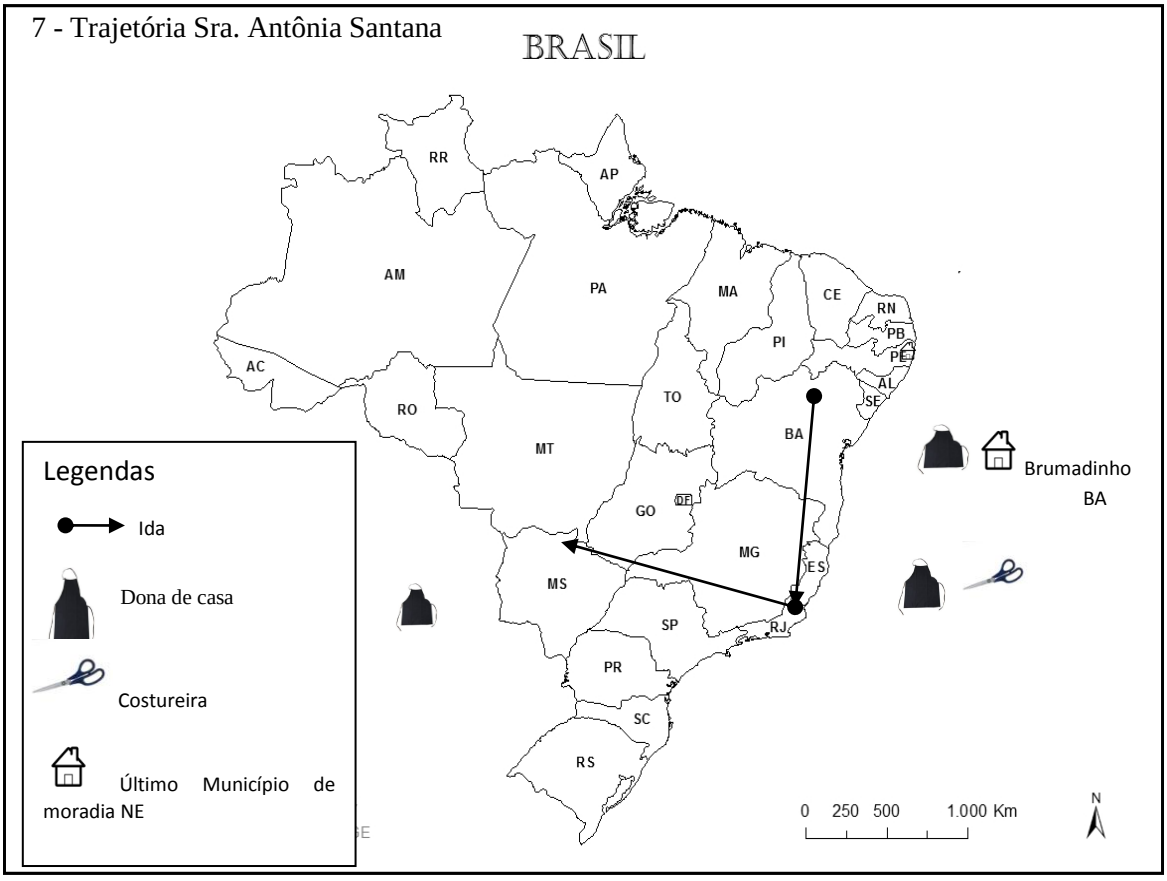
- Ano da primeira e da segunda migração: não se recorda.
- Com quem migrou: com o esposo e filhos.
- Ano da terceira migração: 1977.
- Com quem migrou: com os sete filhos, ao encontro do esposo.
- Local de chegada da primeira e da segunda migrações: Pernambuco; Juazeiro (Bahia).
- Local de Chegada da terceira migração: Zona Urbana de Coxim/MS.
- Idade da narradora à época da migração para Coxim: 44 anos.
- Profissão na Bahia: dona de casa.
- Profissão em Coxim: dona de casa.
- Transporte da primeira, segunda e terceira migrações: ônibus.
- Tempo de permanência em Coxim: 37 anos.
- Retorno ao Nordeste: várias vezes, a passeio.

6 - Trajetória Sr. Pedro Santana



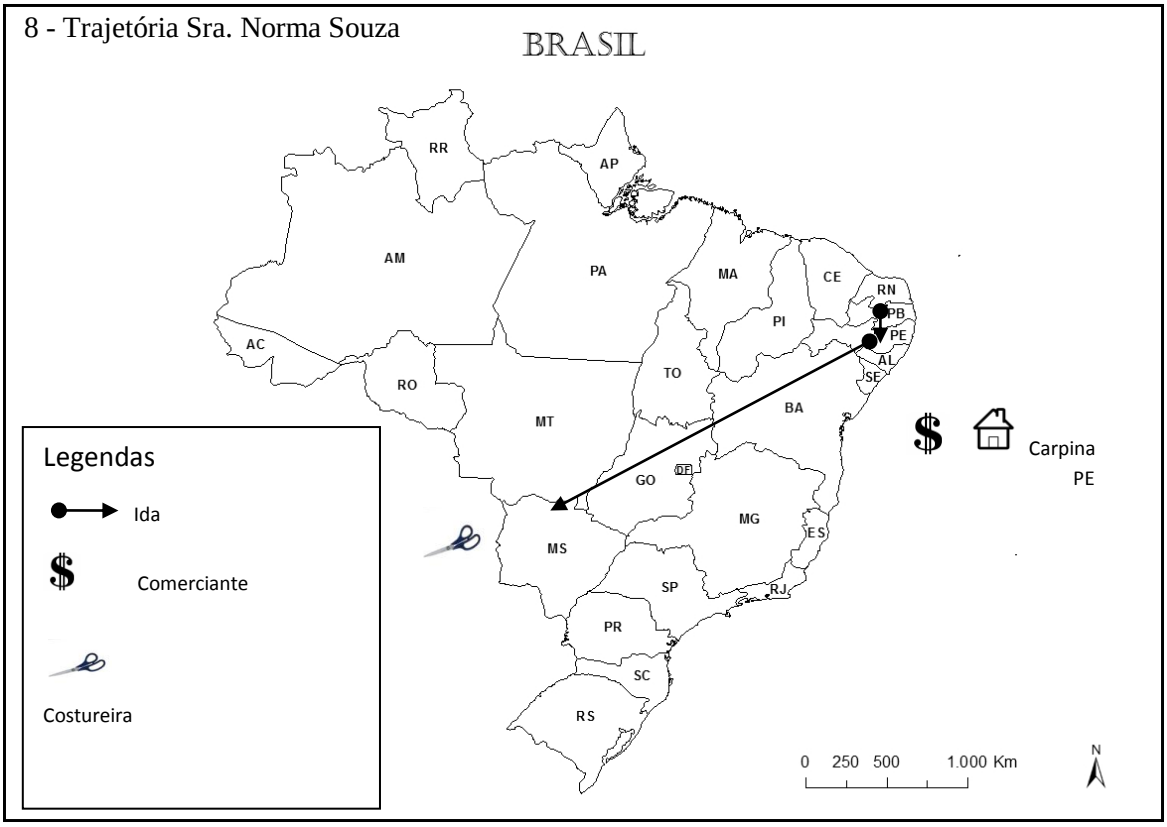
- Local de saída no Nordeste: Andaraí, Bahia.
- Ano da primeira migração:1952.
- Com quem migrou: sozinho.
- Ano da segunda migração: 1987.
- Com quem migrou: com a esposa e o filho.
- Idade do narrador à época das primeira e segunda migrações: 22 e 57 anos.
- Local de Chegada da primeira migração: Rio de Janeiro.
- Local de Chegada da segunda migração: Zona Urbana de Coxim/MS.
- Profissão na Bahia: manuseador de fogos de artifício.
- Profissão no Rio de Janeiro: funcionário Público.
- Profissão em Coxim: aposentado.
- Transporte das migrações: ônibus.
- Tempo de permanência em Coxim até 2014: 27 anos.
- Retorno ao Nordeste: várias vezes.

7 - Trajetória Sra. Antônia Santana



- Local de saída no Nordeste: Brumadinho, BA.
- Ano da primeira migração: 1967.
- Com quem migrou: com o esposo.
- Ano da segunda migração: 1987.
- Com quem migrou: com a esposo e o filho.
- Local de Chegada da primeira migração: Rio de Janeiro.
- Local de Chegada da segunda migração: Zona Urbana de Coxim/MS.
- Idade da narradora à época da primeira e segunda migrações: 25 e 45 anos.
- Profissão na Bahia: dona de casa.
- Profissão no Rio de Janeiro: costureira de boutiques e dona de casa.
- Profissão em Coxim: dona de casa.
- Transporte da primeira e segunda migrações: ônibus.
- Tempo de permanência em Coxim até 2014: 27 anos.
- Retorno ao Nordeste: várias vezes.

8 - Trajetória Sra. Norma Souza



- Local da última saída no Nordeste: Carpina, PE.
- Ano da primeira migração: não se recorda.
- Com quem migrou: com o esposo.
- Ano da segunda migração: 1996.
- Com quem migrou: com a esposo e os filhos.
- Local de Chegada da primeira migração: Carpina, PE.
- Local de Chegada da segunda migração: Zona Urbana de Coxim/MS.
- Idade da narradora à época da migração para Coxim: 35 anos.
- Profissão em Pernambuco: comerciante.
- Profissão em Coxim: costureira.
- Transporte das primeira e segunda migrações: ônibus.
- Tempo de permanência em Coxim: 18 anos.
- Retorno ao Nordeste: uma vez, a passeio.

Tendo como referência o texto cartográfico ora lido a partir das trajetórias dos sujeitos em análise, percebo a presença de três eixos temáticos que perpassam diferentes projetos de migração. Em primeiro lugar, uma identificação singular com o *locus* de origem, denunciando um sentimento de pertença aos territórios que fogem à nomenclatura que comumente reconhecemos como Nordeste. Em suas narrativas não se dizem originários do Nordeste, mas de outros territórios, construções afetivas que muitas vezes fogem às demarcações geográficas precisas.

Sr. Antônio se conta nascido em "Santana do Cariri, Crato, Araripe", no Ceará. Geograficamente, reporta-se a um espaço que hoje forma três municípios com as nomenclaturas mencionadas, sendo que Santana do Cariri e Crato compõem, junto a outros municípios, a Zona Metropolitana do Cariri. Ao perscrutar o histórico de formação da região percebe-se que os limites e abrangências dos três municípios foram alterados, muitas vezes, no decorrer de suas histórias e pode-se intuir que o narrador reconhece esta região afetivamente como uma unidade. O mesmo nasceu na zona rural e lá viveu até a migração "Lá eu morava na zona rural. Tou enfrentando cidade aqui"[219]. Sua profissão, tropeiro, o proporcionava circular e se mover constantemente por estes territórios nos quais ele reconhece a sua pertença.

Sra. Jussara Cunha se narra a partir do Sítio Desenganos, no Estado de Pernambuco. Não há nenhuma referência em toda sua narrativa ao Município de Bom Jardim, o qual compreende o território do sítio. Migrou aos sete anos e suas lembranças reportam ao espaço íntimo do sítio em que vivia com a família antes da morte da mãe e do rompimento com o pai e irmãos biológicos. De forma análoga, Sra. Rosa se reconhece como vinda do "Interior do Recife", que é a capital do Estado de Pernambuco; a paraibana Sra. Maria se conta a partir do Sítio dos Bredos, onde viveu e trabalhou com a família até a data do casamento; e Sra. Joana a partir de Pirauá, que é hoje um pequeno distrito do município de Umbuzeiro, na Paraíba.

Um segundo aspecto que é possível observar é a ligação acentuada com o universo rural enunciada em diversas trajetórias, seja no território de origem, seja no território para onde migram. As profissões seguem linhas próximas variando geralmente o tipo de cultura, como entre a cana e o arroz ou migrando da pecuária, como Sr. Antônio Pereira, para a

[219] SILVA, Antônio Pereira da. *Entrevista concedida a Eliene Dias de Oliveira*. Coxim/MS: 17/04/2013.

cultura de arroz. Este aspecto denuncia uma migração de zona rural para zona rural, escapando à representação do nordestino que migra para os grandes centros em busca de trabalho, como aponta grande parte da historiografia que estuda as migrações internas no Brasil.[220]

Ao contrário, a permanência no universo rural parece ser um dos fatores decisivos para a escolha da migração, conforme demonstram os caminhares de Sr. Antônio Pereira, Sra. Rosa e das famílias de Sra. Jussara e Sra. Joana que ilustram a migração rural-rural. Algumas trajetórias aparentam erroneaneamente afastar-se desta interpretação. É o caso da migração do casal Sr. Pedro Santana e Sra. Antônia Santana que decidem migrar do Rio de Janeiro em direção à zona urbana de Coxim. Segundo Sr. Pedro foi a proximidade com o seu universo de origem, no interior da Bahia que o levou a escolher Coxim para o gozo de sua aposentadoria e da companheira, "Que eu era da roça, né? Quer dizer, eu cheguei lá no Rio de Janeiro mas não me adaptei muito não. O sistema da cidade grande é um sistema muito diferente". Neste sentido, a vivência próxima ao mundo rural torna Coxim atrativa pela sua tranqüilidade e possibilidade de uma vida mais pacata e calma, ao menos aos olhos daqueles que tem um poder maior de decisão sobre a migração da família, como Sr. Pedro e o então esposo de Sra. Mariaque, conhecendo Coxim por meio de uma prestação de serviços, decide permanecer na cidade quando o trabalho se finda e os companheiros regressam ao Nordeste.

A trajetória de Sra. Norma caminha em uma direção particular. Inicialmente comerciante e moradora da região metropolitana de Recife, migra para Coxim com a família à procura de melhorias nas condições de vida do grupo. O universo rural adentra suas vivências a partir do novo trabalho do esposo que se torna pescador no Pantanal e de um dia-a-dia que, representado a partir do exótico e do incomum, introduz novos elementos na vida da família. "Aonde que eu ia ver, no quintal de casa, tuiuiú? Passando do lado de casa cobra sucuri enorme?"[221]

Como terceiro aspecto, é possível entrever a ausência de tentativas de retorno ou, mesmo, da ideia de um retorno possível, como reforçam as falas a seguir:

[220] Esse caráter da historiografia que estuda as migrações nordestinas para outras regiões é perceptível, a exemplo, nas seguintes análises: FONTES, 2008; ALMEIDA, 1999; FERRARI, 2005.

[221] SOUZA, Norma . *Entrevista concedida a Eliene Dias de Oliveira*. Coxim/MS: 19/04/2013.

> Não, não vou. A famia num vai. Se eu for tem que ir só, que eles num conhece nem lá, nenhum deles. Agora em julho nóis tá querendo ir lá, mais esse de Pedro Gomes, compramo um carro pra ir pra lá com ele... Querendo ir pra lá. Falei, "tem que abreviar, porque eu do jeito que tou...". "Senhor vai viver cem anos..." Eu digo "Por gosto da gente a gente não morria, cê não sabe nem o que tá falando... a gente pra morrer... a morte num fala lá invái não, ela chega e mete o machado e já carneia lá e já manda jogar fora..."[222]

A imagem poética da morte que impiedosa chega e com o seu machado "carneia" e "manda jogar fora" diz do receio deste migrante com então 85 anos de não mais retornar ao seu solo de origem. Solo que surge na possibilidade remota de um passeio, mas não articula-se a um projeto de retorno que se inviabiliza pela distância dos familiares e o universo deixado para trás pelo narrador. Questionada sobre a escolha da migração feita há 50 anos atrás, Sra. Rosa argumenta:

> Ah, eu vinha de novo, heim. Porque eu gostei muito daqui. Pra eu morar lá no Nordeste, pra eu morar lá eu não vou mais não. [...]Aqui é melhor, tem mais sossego. Lá no Nordeste nós passemo muita dificuldade, Ave Maria! E tá do mesmo jeito! [...] Aqui muito trabalho, roça, comércio. Tem o que quiser trabalhar aqui é bom. Pescaria. Mas lá no Nordeste não é bom não. É bom assim na cidade pra quem tem comércio. Mas nós lá no Norte não trabalhava no comércio. Trabalhava em roça.[223]

Para Sra. Rosa, o Nordeste pode ser bom para aqueles que tem uma vivência mais ligada ao urbano, a exemplo dos comerciantes. Para o seu grupo, originalmente rural, Coxim transveste-se em uma terra com maiores possibilidades e maior variedade de campos de trabalho. A terra natal é referendada como *locus* de grandes dificuldades, seja no ontem vivido ou no hoje imaginado. Coxim lhe deu enfim o "sossego" e, caso pudesse voltar no tempo e fazer novamente a escolha, a narradora "vinha de novo". Também Sra. Maria não cogita a possibilidade do retorno:

[222] SILVA, Antônio Pereira da. *Entrevista concedida a Eliene Dias de Oliveira*. Coxim/MS: 17/04/2013.

[223] BATISTA, Rosa. *Entrevista concedida a Eliene Dias de Oliveira*. Coxim/MS: 16/04/2013.

> Não, não, não. Pra voltar pra morar lá não. Pra morar lá sozinha também não dá. Que os meninos todo mundo mora aqui. [...] Eu acho que foi uma boa coisa (a mudança) porque eles estão tudo trabalhando aqui perto, em volta de mim. Eu mesma fiquei no meio, eles tudo em volta. [...] Foi melhor do que eu ficar lá e eles vim embora pra esse mundão aqui. Era mais difícil, né? E aqui foi bom porque ficou mais ou menos perto, né? Porque não é tão longe assim de visitar eles. Aqui foi uma maravilha![224]

Coadunando-se às demais perspectivas, Sra. Maria alude a presença dos filhos no Centro Oeste como fator que torna inimaginável o seu retorno à terra natal. Hoje, eles já possuem suas próprias famílias. Divorciada, busca neles e nos netos o refúgio para a chegada da velhice.

Logo, nas trajetórias analisadas percebe-se uma ausência da expectativa do retorno ao Nordeste. Um dos aspectos que reitera esta impossibilidade é a escolha dos narradores entre pessoas que realizaram o seu projeto de migração há mais de 15 anos. Apenas Sra. Antônia Santana se mostra descontente com o projeto de continuar na cidade, uma vez que os filhos e netos permaneceram no Rio de Janeiro, cidade da primeira migração do casal.

Embora reterritorializados no Mato Grosso do Sul, o Nordeste permanece como território de referência destes migrantes. "Mas eu não tenho como sair daqui mais porque meus filhos casaram, tenho um neto, então criou raíz, entendeu? Eu costumo falar assim que criou raíz, aí eu não tenho mais como sair daqui. E no Nordeste só a passeio!"[225] Neste sentido, povoam o entre-lugar, o interstício, o entre-meios, na visão enunciada por Homi Bhabha ou, ainda, habitam as multiterritorialidades, como defende Haesbaert:

> Deste modo, a existência do que estamos denominando multiterritorialidade, pelo menos no sentido de experimentar vários territórios ao mesmo tempo e de, a partir daí, formular uma territorialização efetivamente múltipla, não é exatamente uma novidade, pelo simples fato de que, se o processo de territorialização parte do nível individual ou de pequenos grupos, toda relação social implica uma interação territorial, um entrecruzamento de diferentes territórios. Em certo sentido, teríamos vivido sempre uma "multiterritorialidade". (2011-344)

[224] LIMA, Maria. *Entrevista concedida a Eliene Dias de Oliveira*. Coxim/MS: 16 e 20/04/2013.

[225] SOUZA, Norma . *Entrevista concedida a Eliene Dias de Oliveira*. Coxim/MS: 19/04/2013.

Logo, neste capítulo procurei analisar como o entre-lugar se constitui o lugar por excelência dos migrantes nordestinos em Coxim, demarcando o território de reconstrução dos seus viveres. Na interpretação dos espaços múltiplos e imbricados nuança-se a importância de refletir sobre o processo de "invenção do cotidiano" destes sujeitos em solo coxinense, a partir do encontro com o Outro, o não nordestino, sejam eles os naturais da terra ou oriundos de outras regiões.

Ademais, o inventar-se em outro espaço desvela-se rico na compreensão de temáticas como a casa e o morar; o preconceito, a estereotipia e a hospitalidade, como propõe o próximo capítulo.

CAPÍTULO 4

VIVÊNCIAS NA TERRA DO “PÉ DE CEDRO”: GRUPOS ÉTNICOS, HOSPITALIDADE E SENTIDOS DO MORAR E DO VIVER EM COXIM

Pé de Cedro

Foi no belo Mato Grosso
Há vinte anos atrás
Naquele tempo querido
Que não volta nunca mais
Nas matas onde eu caçava
Um pequeno arbusto achei
Levando pra minha casa
No meu quintal o plantei
Era um belo pé de cedro
Pequenino em formação
Sepultei suas raízes
Na terra fofa do chão
Um dia parti pra longe
Amei e também sofri
Vinte anos se passaram
Em que distante vivi

"Ó Virgem Santa Sagrada
Uma prece eu vou fazer
Junto ao meu pé de cedro
É que desejo morrer
Quero sua sombra amiga
Projetada sobre mim
No meu último repouso
Na cidade de Coxim"

Hoje volto arrependido
Para o meu antigo lar
Abatido e comovido
Com vontade de chorar
Vim rever meu pé de cedro
Que está grande como o que
Mas é menor que a saudade
Que hoje eu sinto de você
Cresceu como minha mágoa
Cresceu numa força rara
Mas é menor que a saudade
Que até hoje nos separa
A terra ficou molhada
Do pranto que derramei
Que saudade pé de cedro
Do tempo em que te plantei
Que saudade pé de cedro
Do tempo em que te plantei

Zacarias Mourão e Goiá

Paradoxalmente, *Pé de Cedro*[226] diz de um filho de Coxim e das suas andanças migrantes. Diz da saudade de um tempo passado e de sentimentos como a mágoa, a comoção, o arrependimento, a possibilidade da morte e o desejo do retorno, ainda que após o fim de sua vida. A árvore símbolo ainda subsiste, agora amarrada a fios de ferro para resistir às intempéries naturais que, paulatinamente, a fragilizaram. Os sentidos da canção que foi eleita como hino municipal da cidade reportam aos sentimentos de amor e respeito à terra do "Pé de Cedro", sendo executada comumente nos lares e festejos coxinenses.

Seguindo a perspectiva nuançada pela música, pretendo abordar nessa discussão interpretações das vivências migrantes no território que os acolheu, percebendo o papel protagonístico do grupo de nordestinos pesquisados no fazer-se de Coxim e, a partir do escrutínio de suas experiências e memórias, evidenciar seu sentimento de sujeitos desse processo. Ao contrário do filho de Coxim que se tornou migrante e expressou na canção a saudade e o zelo pela terra natal, nesta análise o olhar será direcionado ao filho de outras terras que, por caminhos vários, fez de Coxim o seu lar. Serão analisadas suas estratégias de "invenção do cotidiano"[227] e as relações, nem sempre harmoniosas, construídas em território coxinense; a convivência com outros grupos; os significados da casa e do morar na ótica migrante; a hospitalidade em terras estranhas e os seus olhares acerca do que significou/significa viver Coxim no ontem e no hoje.

4 .1 – A Coxim vivida e rememorada: olhares

Na perspectiva pensada por Certeau, "os relatos de lugares são bricolagens. Feitos por resíduos ou detritos de mundo", ligando-se a outras histórias por lacunas e produzindo "no

[226] A música foi escrita em 1959 pelo poeta coxinense Zacarias Mourão (1928-1989) e musicada pelo mineiro Gerson Coutinho da Silva, o Goiá (1935-1981), eram então eles migrantes na cidade de São Paulo. Tornou-se conhecida pelas vozes de cantores da música sertaneja como a dupla Tibagi e Miltinho, formada por Oscar Rosa (1927) e Hilton Rodrigues dos Santos (1941). Mais tarde, foi gravada pelo cantor Sérgio Reis, projetando a cidade de Coxim e o Mato Grosso em nível nacional. A esse respeito ver: TEIXEIRA (2013).

[227] A "Invenção do Cotidiano" remete à obra de Michel de Certeau (2013) que analisa o fazer-se do homem comum em sua cotidianidade, a partir da percepção de táticas e estratégias de apropriação do espaço e das práticas culturais do Outro, desviando se "do consumo supostamente passivo dos produtos recebidos para a criação anônima, nascida da prática do desvio no uso desses produtos". (GIARD, 2013-12)

espaço estruturado do texto, antitextos, efeitos de dissimulação e fuga, possibilidades de passagem a outras paisagens, como subterrâneos e arbustos" (2013-74).

É, portanto, essa a perspectiva aqui adotada no caminhar sobre a cidade de Coxim na ótica dos migrantes que aqui aportaram. Seus relatos são bricolagens, feitos quase que com "inventividade artesanal", fruto dos caminhares vários por territórios que extrapolam o compreendido pelo município, adentrando outras paisagens que compõe a trajetória do caminheiro. Falam de Coxim a partir de outras paisagens e outros andejos, referendando as lembranças de um tempo "que não volta nunca mais".

Nesse sentido, Coxim é plural, às vezes contraditória, narrada a partir de sentidos vários construídos na apropriação realizada pelo migrante do espaço da cidade. Lida a partir de diferentes olhares, reporta às estratégias elaboradas pelos sujeitos no viver a cidade, no jogo diuturno de renegociações que se fazem em espaço estranho e na "invenção do cotidiano".

Nas memórias, os narradores dizem de uma Coxim situada entre os anos 60 e 80 do século XX, momento esse em que apresentava uma conotação bastante ruralizada, se analisada à luz do conceito de cidade como uma "Noção considerada por muitos atrelada ao próprio conceito de civilização[...]" (SILVA & SILVA, 2014). Esse caráter ruralizado pode ser analisado na imagem a seguir:

IMAGEM 8

Imagem 8: Imagem de residência e adjacências situada na zona urbana de Coxim. 1977. Autor desconhecido. Fonte: Museu Arqueológico e Histórico de Coxim.

A imagem é datada de 1977, período ao qual reportam as narrações tecidas acerca de Coxim por uma parte dos migrantes. No primeiro plano pode-se visualizar o "jirau" de madeira, uma espécie de suporte improvisado em que se guardam as vasilhas depois de lavadas. Provavelmente a lavagem das roupas e artefatos culinários da família era feita ali mesmo, utilizando a água da lagoa que era armazenada no tonel de madeira. Madeira que constituía-se a principal matéria prima utilizada na construção das habitações e dos poucos móveis ali existentes. Se no campo era generosamente cedida pela natureza, no ambiente urbano provavelmente era comercializada, como denota a marcenaria padronizada das tábuas. A vegetação abundante e a presença da água a poucos metros da residência referendam as singularidades do viver Coxim nesse período: a exuberância da natureza contrasta com a

simplicidade do ambiente e a ausência de indícios de serviços urbanos, como água encanada e luz elétrica; os elementos que remetem ao universo rural por sua vez dialogam com os vasilhames de alumínio, as confecções que secam ao ar livre e a cobertura das construções com as telhas de barro. Rural e urbano se imbricam nas imagens e narrativas que permitem ler a cidade de Coxim.

Coadunado com a imagem fotográfica apresentada, os narradores evidenciam, entre outros elementos de destaque, um modo de vida que, lido a partir de espaços outros e à luz do seu hoje, remetem às ausências:

> [...] era lamparina, não tinha luz, não tinha luz, era na escuridão, tirava água de poço... tudo isso a gente achou esquisito, né? Mas lá onde eu morava, lá onde eu nasci e me criei, lá era diferente...[228]

> Na minha casa não tinha luz não. Todo mundo usava era aquelas lamparinas de querosene. Pegava aquelas lamparininha, comprava aquelas lamparina e botava aqueles paviosinho, enchia de querosene e de noite todo mundo ficava com aquela luzinha acesa.[229]

> Se ocê conhecesse como eu conheci, era uma caverna, cê não tinha nem vindo pra cá...Tinha não. Menina eu conheci isso aqui não tinha... a luz que tinha aqui era aqueles... não tem uns bujãozinho assim com aqueles lampiãozão? Era a luz de Coxim. Coxim era no escuro![230]

Sr. Antônio Pereira usa a metáfora da caverna corroborando a perspectiva de outros narradores que vieram para Coxim nessas décadas ao referendar a escuridão da cidade, amenizada, quando possível, pela luz de lamparinas, velas, lampiões a gás e candieiros que "Nós trouxemos do Norte."[231] Sra. Maria, vinda da Bahia no ano de 1977 assustou-se com o

[228] LIMA, Maria. *Entrevista concedida a Eliene Dias de Oliveira*. Coxim/MS: 16 e 20/04/2013.

[229] CUNHA, Jussara. *Entrevista concedida a Eliene Dias de Oliveira*. Coxim/MS: 18/04/2013.

[230] SILVA, Antônio Pereira da. *Entrevista concedida a Eliene Dias de Oliveira*. Coxim/MS: 17/04/2013.

[231] OLIVEIRA, Joana. *Entrevista concedida a Eliene Dias de Oliveira*. Coxim/MS: 20/04/2013.

modo de vida urbano muito diverso do padrão a que estava acostumada, explicitando a sua percepção a partir de referências anteriores, numa leitura *bricolada* do espaço coxinense.

O estranhamento perante ao desconhecido estendeu-se à organização do espaço da cidade que trazia a marca da vegetação abundante:

> Acharam a coisa mais esquisita do mundo. Isso aqui era mato, isso aqui tudo era mato, era capim, era mato. Passava aí dentro da lagoa, passava aí dentro da água pra atravessar pra ir lá pro centro. Os meninos, saíam, vinham de noite do colégio, eles passava correndo, com medo. Vinha correndo. **Era tudo mato, mato, mato (grifo da autora)** [...] Era um brejo, era um deserto. Não tinha essas ruas ali pra ponte, não tinha nada. Era mato, mato, só cerradão. [232]

Corroborando a leitura da imagem fotográfica, a fala marcada pela repetição do termo "mato" procura enfatizar uma realidade que, talvez agora contada, seja difícil de se fazer crédula. A memória que passeia pela cidade demarca o "colonião", espécie de capim, como presença constante a disputar o espaço com transeuntes, com aqueles que se aventuravam a ir ao centro da cidade ou mesmo ao colégio. As imagens do brejo e do deserto aludem à representação da cidade a partir de outras paisagens que questionam a perspectiva do espaço urbano. Sra. Joana recorda-se do primeiro impacto acerca de Coxim, quando, vindos do Distrito Pirauá, em 1960:

> Mas... só tinha mato! Só tinha mato! Nós, quando chegou, tinha duas luz acesa. Chegamo aqui à noite. [...] Quando nós tava vindo do Nordeste. Chegamo aqui em Coxim, "Ah, é Coxim... cadê?" Ninguém via casa, não via nada. Só via uma luzinha looonge, duas luz, três... aí fomos direto lá pra Colônia. [233]

Em seu sentido polissêmico a descrição do espaço urbano de Coxim remete ao imbricamento de territorialidades. Essas vivências são contadas a partir do repertório cultural

[232] LIMA, Maria. *Entrevista concedida a Eliene Dias de Oliveira*. Coxim/MS: 16 e 20/04/2013.

[233] OLIVEIRA, Joana. *Entrevista concedida a Eliene Dias de Oliveira*. Coxim/MS: 20/04/2013.

existente, à luz de um presente em que grande parcela dos moradores de Coxim tem já acesso à luz elétrica e água encanada, ao passo que aqueles que ainda não tem esses serviços e outros como o esgoto e a pavimentação asfáltica consideram legítimo obtê-los.[234]

Dizer isso é reconhecer que o estranhamento é maior no hoje que no passado, ao menos para a maioria dos migrantes que também habitava a zona rural nos estados de origem e tinha um modo de vida similar. A maior exceção é Sra. Maria Lima que veio de uma realidade urbana e apresenta um olhar singularizado em relação ao restante do grupo, "[...] ... e nós pensava assim: "Como que nós fomos sair de uma cidade como Salgueiro pra vir morar aqui?" Com a luz de vela, que não tinha luz elétrica".[235]

A respeito das vias de circulação urbana, Sra. Jussara recorda-se que "Quando nós moremos, quando nós vinhemos lá da Colônia praqui, aqui não tinha asfalto, era só buracão... cada buracão que se nós caísse lá dentro nós não podia nem sair mais lá de dentro..."[236]. Na trilha desse olhar, a "ruralidade" da cidade estende-se a hábitos hoje por muitos considerados exóticos ou inadequados como as práticas daqueles que "Criava galinha, criava porco... Tinha muita gente que criava uma vaquinha na porta...".[237] Provavelmente nesse aspecto a narradora refere-se a pequenas chácaras que, ainda hoje, compõe o tecido urbano da cidade, como a marcar um espaço de resistência de modos de vida que remetem a outros projetos de cartografia espacial e ao tempo de outros costumes.

A cidade é lembrada a partir dos lugares e a partir da relação das pessoas com esses espaços. A estrutura urbana narrada nas memórias desses migrantes diz da ausência de vias urbanas adequadas para a circulação dos moradores e do acesso a serviços como luz elétrica e água encanada. Dizem ainda da ausência de serviços de saúde. Esses últimos podem ser lidos, em minha interpretação, não exatamente como ausência, mas a partir da não intimidade

[234] Segundo dados do IBGE (Censo 2010) em relação à zona urbana de Coxim evidenciou-se que: 98,9% das residências possuem acesso à energia elétrica; 99,3 % das residências possuem algum tipo de esgotamento sanitário, nas modalidades rede geral de esgoto ou pluvial, fossa séptica ou outros; 97,9% das residências recebem serviço de limpeza; 94,1% das residências recebem água da rede geral de distribuição.

[235] LIMA, Maria. *Entrevista concedida a Eliene Dias de Oliveira*. Coxim/MS: 16 e 20/04/2013.

[236] CUNHA, Jussara. *Entrevista concedida a Eliene Dias de Oliveira*. Coxim/MS: 18/04/2013.

[237] CUNHA, Jussara. *Entrevista concedida a Eliene Dias de Oliveira*. Coxim/MS: 18/04/2013.

dos narradores com os poucos serviços de saúde existentes e, em certo sentido, de uma romantização do passado:

> Ah... quando ficava doente fazia remédio em casa, fazia remédio em casa e tomava. Ia na farmacinha, comprava aquele remédio... tomava... mas ninguém ficava doente pra ir... doente pra ficar internada não...[238]

O passado muitas vezes é rememorado a partir da idealização de alguns aspectos. Nesse sentido, nas memórias de Sra. Jussara "ninguém ficava doente" o bastante para ser internado, desvelando os meandros da memória em que o ontem surge de forma mais harmônica e bela que o hoje latente e povoado por enfrentamentos cotidianos.

Já os espaços destinados ao comércio são recordados a partir de algumas singularidades que dizem do contexto do período. Assim, a partir da paisagem de referência anterior, o Nordeste, Sra. Jussara alude a esses espaços como os "bolichinho", nomenclatura popular nordestina para os pequenos comércios de gêneros diversos:

> Mercado não tinha, tinha aqueles bolichinho véio, aqueles bolichinho que o povo botava balinha, botava coisinhas... não tinha assim mercado de comprar arroz, feijão. Porque o povo colhia, né? Plantava e colhia, não precisava de ficar comprando nos mercados.[239]

As "roças" de subsistência, a exemplo da família de Sra. Jussara e Sra. Joana, eram as grandes responsáveis pela garantia de grande parte dos gêneros alimentícios consumidos por parte da população. O "bolichinho" fornecia os itens que não eram produzidos pela população, como os tecidos e as confecções, como narra Sra. Maria:

> Lá no centro não tinha asfalto. Num tinha não. Era terra! Tinha a loja Casas Brilhante, tinha as Loja São Paulo, tinha a loja daquele veinho do Ponto Certo, em frente a Catarinense, acho que ainda hoje tem tecido lá. Os tecido

[238] CUNHA, Jussara. *Entrevista concedida a Eliene Dias de Oliveira*. Coxim/MS: 18/04/2013.

[239] CUNHA, Jussara. *Entrevista concedida a Eliene Dias de Oliveira*. Coxim/MS: 18/04/2013.

> que a gente comprava era tudo vermelho, da poeira que tinha. E ali era casinha, ali onde é a Pernambucanas, aquilo ali era uma lojinha, Casa São Paulo que chamava.[240]

As casas de comércio eram poucas e aparecem ocupando os espaços que hoje nomeiam outros *locus*. Nas narrativas, esses lugares dialogam com outro tempo e outra estrutura urbana. Ontem e hoje constroem o fio da memória, a partir das experiências vividas e da intimidade com esses espaços *bricolados*. Sr. Antônio outra vez remete ao universo rural para falar do viver a cidade:

> Era a Casa Ferreira! Todo mundo! Vinha carro de cima, de Alcinópolis, desse mundo todo. Carro de boi. Vinha quatro, cinco... aquele lote de carro. Cada carro com 24 bois. Posava do outro lado... daqui eles comprava mercadoria, ia levando aqui e os bote véio ia passando pro outro lado, largava um aqui no... ali do outro lado do rio... Casa Ferreira, não tem de frente o Bradesco, no lado debaixo não tem um terrenão vazio que fizeram até agora um prédio, um prédio novo e tudo? Ali era a Casa Ferreira. É aquela grandona que tem na esquina ali, do lado que vai de pareia o Bradesco, subindo na Fillinto Muller? Ali era a casa de João Ferreira. Ele morava lá na beira do rio, no fundo ali... ali era o cais de João Ferreira. Os navio vinha ali, a embarcação de Corumbá com sal, descarregava ali... Herculana, quando fundou Coxim. Depois que mudou pra Coxim, quando emancipou... Herculana...[241]

O cais de João Ferreira, as embarcações que chegavam de Corumbá pelo Rio Taquari carregadas de sal e os carros de boi que percorriam grandes distâncias entre a cidade e a região rural se desenham na memória do ex-tropeiro nordestino, então trabalhador rural no período relembrado. Esse aspecto é corroborado pela pesquisa do historiador Nascimento, ao menos ao que se refere ao período compreendido entre as primeiras décadas do século XX. As memórias de Sr. Antônio reportam, portanto, aos resquícios de um tempo de rico comércio fluvial:

[240] LIMA, Maria. *Entrevista concedida a Eliene Dias de Oliveira*. Coxim/MS: 16 e 20/04/2013.

[241] SILVA, Antônio Pereira da. *Entrevista concedida a Eliene Dias de Oliveira*. Coxim/MS: 17/04/2013.

> Os “tempos áureos” economicamente foram com a navegação fluvial na rota Corumbá-Coxim. No período da navegação, que se localiza até as duas primeiras décadas do século XX, a região recebeu muitos migrantes. E, no contexto da época, era um centro comercial de certa importância, devido principalmente pela sua ligação com Corumbá, um grande polo comercial também pela ligação com o Estado de Goiás, por meio dos carros de bois que vinham buscar sal e outras mercadorias, vindas via Corumbá. (NASCIMENTO, 2013-49)

Espaços da memória que demarcam as territorialidades de pertencimento do migrante e suas vivências carregadas de significados, como ao relembrar as origens da Atual Praça Sílvio Ferreira, praça que referencia o centro da cidade de Coxim. Em suas memórias:

> Ali, aquela praça da igreja, que tá lá aquela praça daquele jeito que tá hoje, já foi o Moacir que fez... aquilo ali era pouso de gado desses fazendeiro... Isso aqui tudo era pouso de gado desses fazendeiro, campo deles criar gado. Família Ogrobano... esse povo que tinha gado, Ferreira, tudo... que a fazenda deles era no Pantanal, [...] ..., isso de 50 até 70 e cacetada. [...] Ali era maieiro de gado, aquela vacada posava tudo ali, apartava os bezerro, drumia no chiqueiro, e eles apartava... tinha de Viriato Bandeira, aqueles outros tudo era fazendeiro, Cruz Bandeira que é o pai do Viriato, ele é que doou...

Assim, o espaço que hoje é central na paisagem urbanística da cidade era usado como local de “pouso de gado”, “maieiro”[242], remetendo ao contexto analisado pelos historiadores Silva e Nascimento, ao situarem Coxim, desde o século XIX, como território ocupado por atividades da rota boiadeira:

> Expressivas incursões de criadores de gado procedentes do Triângulo Mineiro, do nordeste brasileiro e São Paulo nas primeiras décadas do século 19 adentraram os pantanais e o planalto sul de Mato Grosso, abrindo fazendas, desencadeando o processo criatório na região. Entre as terras ocupadas por esses entrantes estava a confluência entre os rios Coxim e Taquary (MAZZA, 1994, p. 14-15), cujo núcleo inicial de povoamento deu-se com o estabelecimento do Destacamento do Piquiry, criado em 1835. (SILVA, 2013-60)

[242] Espécie de curral de passagem para gado em trânsito. Definição da autora.

> Coxim foi ponto de apoio à "rota boiadeira", pois o gado criado no pantanal era levado para comercialização em Uberaba, Minas Gerais. Isso fez com que alguns migrantes viessem se estabelecer na região, principalmente, mineiros e goianos, vindos do Sertão dos Garcias, fixando-se na região nordeste do Estado de Mato Grosso do Sul. (NASCIMENTO, 2013-45)

Rota de entreposto comercial do gado e de gêneros trazidos de Corumbá, Coxim passa a ser referenciada também como terra de migrantes. Migrantes que chegam e constroem a cidade, apropriando-se de seus espaços e amalgamando seus viveres à própria história de Coxim. Assim, paulatinamente, o tecido urbano e social da pequena "Herculana",[243] como nomina Sr. Antônio Ferreira, recebeu melhorias e obras de infra-estrutura. Entre ela, a luz elétrica e o telégrafo:

> Cê sabe quem pôs essa luz aqui, cê não sabe?!!! Tem um bocado deles aí que não sabe! Dr. Salviano foi prefeito daqui, cê já ouviu falar? Pois é, Salviano foi quem pôs essa luz aí... quer ver... 66, 67.... o cunhado dele morreu, que era o prefeito, e ele era vice. Foi ele que ficou na prefeitura. Que quem assume é o vice. Morreu em Campo Grande, Ciro Ferreira, que é irmão da D. Neide, a mulher dele. Ele já morreu também. Aí ele empreitou com esse povo aqui da usina... essa usina tinha projeto, projeto dele mesmo...mais o Ciro. Ainda com o tempo de João Goulart, finado João Goulart... que também morreu. No Uruguai... Aí Salviano foi lá, cutucou eles tudo aí, saiu a verba pra fazer essa usina aí, empreitou pra esse Spengler aí, pra por essa luz. Foi posto aí 76 ... Pôs nas ruas, nas casas é os dono que puxa. Foi puxando né... Essa rede aí, cê já andou dali pra Faculdade? Não tem uns postes véio de Aroeira lá? Era da luz elétrica que vieram lá. Primeiro era sabe de que? Da linha telegráfica... que o telegráfico era li donde era mesmo o correio hoje, ali era o telegráfico... Daí tinha uma lá na Nova Horizonte, chamava Retiro Véio, e ia ter outra do outro lado do Correio...[244]

Mesmo não tendo freqüentado jamais os bancos de uma escola, Sr. Antônio discorre com segurança sobre os caminhos da vida política e o desenvolvimento de Coxim. A expressão oral é uma forma de estar no mundo e ser parte dele. Aos 87 anos, cego de um olho e quase não enxergando do outro, a memória e a fala são instrumentos caros e que lhe dão a

[243] A freguesia de São José de Herculânea foi criada a partir do Núcleo Colonial do Taquari, fundado em 1862. Em de 11 de abril de 1898 transformou-se no município de Coxim. Fonte: Intituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Histórico dos municípios.

[244] SILVA, Antônio Pereira da. *Entrevista concedida a Eliene Dias de Oliveira*. Coxim/MS: 17/04/2013.

possibilidade de discutir sobre suas visões de mundo e seus caminhares. Nesse sentido, Sr. Antônio é um narrador por excelência, considerando que:

> O narrador é um mestre do ofício que conhece seu mister: ele tem o dom do conselho. A ele foi dado abranger uma vida inteira. Seu talento de narrar lhe vem da experiência; sua lição, ele extraiu da própria dor; sua dignidade é a de contá-la até o fim, sem medo".(BOSI, 2004-91).

Assim o "maieiro" e o "pouso de gado" cederam espaço à construção da Praça Sílvio Ferreira, demarcando a área central da cidade e fazendo coro à importância da Catedral São José, o padroeiro da cidade. Paulatinamente, os serviços de água e luz alcançaram grande parte da cidade. Os serviços de pavimentação asfáltica e esgoto ainda hoje se fazem presente apenas em alguns bairros, certamente influenciando na leitura dos migrantes acerca do desenvolvimento da *polis*.

Aqueles que atualmente moram em regiões com maior infra-estrutura narram uma Coxim que, com o tempo, recebeu melhorias e transformou-se: "Vixi, isso aqui é um paraíso! [...] Loja, boutique com roupa, isso aqui hoje é muita coisa... mas no tempo que nós chegamos aqui, Deus me livre!"[245]. Também Sra. Jussara caminha no tempo ao contar das mudanças que, junto à cidade, viu e partilhou. "Tá muito diferente. Vixe! Aqui era só é mato... Esse lote mesmo que eu comprei aqui era uma mata."[246]

Sra. Joana que contou a sua primeira imagem de Coxim com desolação, ao chegarem do Nordeste em 1960, discorre acerca da cidade 24 anos depois, quando veio morar na zona urbana da cidade, evocando as mudanças: "Não, aqui já era cidade, a cidade já. Aqui já era assim, só não era asfaltado. Mas rua, tudo tinha. Tinha os terrenos, já era bem adiantado, mercado, hospital, tudo, quando nós viemo morar aqui. Já tinha o hospital ali."[247] Ao inferir que aqui "já era cidade", embora a emancipação do município date de 1898, ela diz de uma leitura de cidade condizente com a imagem que o termo lhe evoca, como a demarcar uma

[245] LIMA, Maria. *Entrevista concedida a Eliene Dias de Oliveira*. Coxim/MS: 16 e 20/04/2013.

[246] CUNHA, Jussara. *Entrevista concedida a Eliene Dias de Oliveira*. Coxim/MS: 18/04/2013.

[247] OLIVEIRA, Joana. *Entrevista concedida a Eliene Dias de Oliveira*. Coxim/MS: 20/04/2013.

linha divisória entre o momento em que conheceram Coxim e o período posterior, quando a zona urbana do município apresentou melhorias e recebeu serviços de infra-estrutura.

Em outra via, a narrativa de Sr. Pedro Santana e Sra. Antônia Santana diz de um sentimento de desesperança em relação a melhorias e ao desenvolvimento da cidade. Os dois habitam uma região relativamente próxima à área central, próximo a escolas, ao Hospital Regional e ao Corpo de Bombeiros. No entanto, a rua que escolheram para viver não possui pavimentação asfáltica e serviços de tratamento de esgoto. A ausência do primeiro item e os transtornos causados pela poeira nos tempos de seca e pelo barro nos tempos de chuva traduz uma leitura singular de Coxim, diferente das dos demais narradores quando se referem aos tempos atuais.

> Eliene Dias: E vocês estão aqui esse tempo todo, 26 anos, e não tem visto melhoras?
>
> Sra. Antônia Santana: Todos que entram vai arrumar esse bairro... que dia?
>
> Sr. Pedro Santana: Ajudei na reunião do diretório, a resolver o problema do lixo. Ninguém pagava lixo, passou todo mundo pagar. E se paga o lixo e o lixo não... não tem rua para os carros passar.
>
> Eliene Dias: O carro não passa nessa rua?
>
> Sr. Pedro Santana: É, muito difícil ele passar. Quer dizer, tenho desgosto de Coxim por causa disso, porque Coxim não leva nada a sério.

Sr. Pedro Santana é membro do PMDB. Foi candidato a vereador em 1992. Não se elegeu, mas recebeu expressiva votação. E é como sujeito político que elabora o seu olhar sobre a ausência de ações de melhoramentos empreendidas pelo poder público em seu bairro. Em sua fala transparece o seu olhar acerca da incapacidade desse poder sanar problemas básicos, como o direito de circulação dos moradores e a transitabilidade dos veículos.

Porém, para além da estrutura urbana da cidade, os narradores contam suas vivências também a partir de outros espaços. Coxim é terra de trabalho farto, para aqueles que tiverem a coragem de buscá-la, como evidencia Sra. Rosa ,"Aqui muito trabalho, roça, comércio. Tem o que quiser trabalhar aqui é bom. Pescaria..."[248] e corrobora Sra. Norma "Até muita gente

[248] BATISTA, Rosa. *Entrevista concedida a Eliene Dias de Oliveira*. Coxim/MS: 16/04/2013.

reclama que aqui não tem trabalho, né? "Ah, Coxim não tem serviço, não tem serviço!" Mas eu acho que a pessoa tem que arregaçar as mangas e seguir em frente!"[249]

Coxim pode ser lida como espaço tranqüilo, meio termo entre o campo e a cidade, atraindo aqueles que se identificam com o espaço da 'roça', "Aqui é melhor, tem mais sossego"[250]. Também pode ser lida a partir da vivência de uma vida mais livre, proporcionada pela estabilidade financeira e pela situação de viuvez, em espaços como o bar da famosa "Rua da Ponte", "Às vezes eu tou aqui, se eu vou pro bar só pra conversar mesmo, bater papo com os amigos."[251]

Coxim é também vivida e rememorada a partir dos rios que, de tão imbricados às vivências dos moradores da antiga Herculânea, passaram também a nomear a cidade. O Rio Taquari e o Rio Coxim, enriquecidos pelos balneários da cidade, formam algumas das opções de lazer que podem ser vividos na terra do "Pé de Cedro": "Ás vezes a gente vai no rio, quando chega um parente, reúne todo mundo e vai, porque agora os guri tem carro, antes não tinha, era mais difícil, né? Ir pro Ribeirão." [252]

Coxim é terra de altas temperaturas, povoada por pernilongos e ventos raivosos que, no ano de 2006, levaram ao chão uma parte do pé de cedro que inspirou a canção do poeta coxinense Zacarias Mourão:

> Logo no começo eu reclamava, aqui o clima, na época de chuva vem aqueles ventos de arrancar telha, muito pernilongo que até hoje eu não acostumei com isso. Eu entro em pânico quando vem aqueles ventos tudo, que no Nordeste não é assim. Mas hoje eu digo que eu me sinto realizada, Coxim nos acolheu muito bem. Hoje, meus filhos são formados. Graças a Deus.[253]

[249] SOUZA, Norma . *Entrevista concedida a Eliene Dias de Oliveira*. Coxim/MS: 19/04/2013.

[250] BATISTA, Rosa. *Entrevista concedida a Eliene Dias de Oliveira*. Coxim/MS: 16/04/2013.

[251] BATISTA, Rosa. *Entrevista concedida a Eliene Dias de Oliveira*. Coxim/MS: 16/04/2013.

[252] SOUZA, Norma . *Entrevista concedida a Eliene Dias de Oliveira*. Coxim/MS: 19/04/2013.

[253] SOUZA, Norma . *Entrevista concedida a Eliene Dias de Oliveira*. Coxim/MS: 19/04/2013.

Para Sra. Norma e tantos outros é uma terra de realizações, em que os desafios empreendidos se imbricam às conquistas alcançadas. Hoje, Coxim representa o seu lar e de sua família, traduzindo um espaço de reterritorialização ou, melhor dizendo, de multiterritoriazação "[...]então criou raíz, entendeu? Eu costumo falar assim que criou raiz, aí eu não tenho mais como sair daqui. E no Nordeste só a passeio!"[254]

Logo, os olhares narrados revelam uma Coxim múltipla e plural. Os migrantes e suas vivências se fizeram por diferentes caminhos e trajetos. Acima de tudo, contam a cidade a partir de suas histórias e trajetórias, se reconhecendo como sujeitos desse processo.

> Depois que nós cheguemos aqui que Coxim foi pra frente, parece que nós trouxemos sorte! Que depois que nós chegamos aqui foi que melhorou, risos, trouxemos luz!

Ao trazerem consigo a "luz", os homens e mulheres nordestinos que foram alhures em busca de seus sonhos, erigiram-se edificando também a cidade que os acolheu. Nessa invenção do cotidiano em Coxim a moradia, mais que abrigo, expressa a complexidade dos viveres migrantes.

4.2 – Significados da casa e do morar

A casa do migrante transveste-se, entre outros significados possíveis, em lugar de negação da memória, quando lida a partir da ruptura com territórios conhecidos e do lançar-se a espaços irreconhecíveis nas vivências e trajetórias anteriormente trilhadas. Acerca desta ruptura Bosi questiona:

> Onde está nossa primeira casa? Só em sonhos podemos retornar ao chão onde demos nossos primeiros passos. Os deslocamentos constantes a que nos obriga a vida moderna não nos permitem o enraizamento num dado espaço,

[254] SOUZA, Norma . *Entrevista concedida a Eliene Dias de Oliveira*. Coxim/MS: 19/04/2013.

> numa comunidade. [...] O desenraizamento é uma condição desagregadora da memória: sua causa é o predomínio das relações de dinheiro sobre outros vínculos sociais. Ter um passado, eis outro direito da pessoa que deriva de seu enraizamento. Entre as famílias mais pobres a mobilidade extrema impede a sedimentação do passado, perde-se a crônica da família e do indivíduo em seu percurso errante. Eis um dos mais cruéis exercícios da opressão econômica sobre o sujeito: a espoliação das lembranças. (BOSI, 1994-443)

Lembranças espoliadas a partir do rompimento com o espaço íntimo da casa e dos artefatos que contam a história da família, "[...] retratos, panos, livros, algum adorno, móveis muitas vezes recebidos dos pais, dos avós, objetos que carregam histórias e fazem com que o morador se enraíze, mais além da natureza, também no mundo dos seus ancestrais [...]"(GONÇALVES FILHO, 1998-18). A presença de parcos objetos como o ferro de passar roupas a brasas de Sra. Rosa, a travessa de louça de Sra. Maria Lima e as peças do enxoval de Sra. Antônia corroboram as andanças migrantes como destituidoras das memórias dos indivíduos e de seus grupos. A mudança geralmente restringe-se a poucos pertences de uso pessoal, como enuncia Sr. Pedro Santana: "Veio eu, ela , o garoto e a mala"[255]. Em outra via, se poucos e raros objetos resistem aos ventos da migração, as formas de morar, a casa e as narrativas sobre o seu reconstruir tornam-se um "fio de Ariadne"[256] para a compreensão das trajetórias migrantes quando alhures, alontanados de seus territórios de origem.

Em determinados sentidos, o reconstruir o espaço do lar e do território familiar é uma estratégia do processo de reterretorialização dos sujeitos e uma forma de se apropriar dos novos espaços. Os antigos lares permanecem presentes de alguma forma nas vivências e memórias migrantes, uma vez que "Nossos habitats sucessivos jamais desaparecem totalmente, nós os deixamos sem deixá-los, pois eles habitam, por sua vez, invisíveis e presentes, nas nossas memórias e nos nossos sonhos. Eles viajam conosco. [...]" (CERTEAU, 2013-207), num processo de imbricamento de tempos e espaços.

---

[255] SANTANA, Pedro. *Entrevista concedida a Eliene Dias de Oliveira*. Coxim/MS: 21/04/2013.

[256] Aludo aqui ao mito grego e à imagem comumente usada na filosofia que pensa o significado metafórico do fio de Ariadne na tessitura de uma teia capaz de conduzir o homem através do labirinto do autoconhecimento, ao seu eu interior.

Assim, embora não referendada como uma temática central nas questões propostas aos narradores, a casa surge aqui e acolá, matizando o contar dos sujeitos e de seus caminhos. Inicialmente, ocupa o lugar do estranhamento e do parâmetro de leitura da nova realidade:

> A casa era aquelas casa de tábua que a gente nunca nem tinha visto... essas caixa d´água fora assim, fora, em cima do quintal, tudo isso era diferente, lá não via essas coisas, né? [...], quando nós chegou ali ninguém não tinha nem visto casa de madeira, fiquemo tudo admirado e eu vim morar, morei numa casa de madeira nessa rua aqui [...][257]

Vinda de Salgueiro, na Bahia, Sra. Maria habitava em uma casa de tijolos e telhas com a família. Em Coxim, conheceu as construções de tábua que, segundo vários narradores, eram muito comuns nesse período. Para ela a casa traz recordações de admiração, ao se deparar com o novo. Para outros narradores a casa evoca a reconstrução do cotidiano, podendo ser entendida como a forma de apropriação do novo espaço, ainda que marcado pela simplicidade e pela solidão:

> [...] Que nossa casa era uma casa de palha, entendeu? Nem fogão tinha. O fogão era no chão, cavado assim, um buraquinho assim e colocava uma chapa de lata, que o meu pai cortou e mãe ponhava lenha lá e fazia comida. Era um lugar bem..., que só via o sol mesmo e a lua![258]

A simplicidade da construção evocada na narrativa permite entrever a casa como "abrigo fechado onde pode estirar-se, dormir, fugir do barulho, dos olhares, da presença de outras pessoas, garantir suas funções e seu entretenimento mais íntimo. [...]" (CERTEAU, 2013-205). Lugar dos cheiros e sabores da comida materna, da presença reconfortante dos pais e da intimidade.

A casa coberta de palhas de palmeira geralmente era construída nas residências rurais, porém em algumas narrativas surge também no espaço urbano. Nos relatos, indicia

[257] LIMA, Maria. *Entrevista concedida a Eliene Dias de Oliveira*. Coxim/MS: 16 e 20/04/2013.

[258] OLIVEIRA, Joana. *Entrevista concedida a Eliene Dias de Oliveira*. Coxim/MS: 20/04/2013.

estratégias de apropriação, como sugere o uso de elementos naturais como matéria-prima ou o processo de autoconstrução:

> As casa, as casas eram tudo assim... as casas eram de palha. Aí depois o povo foi carpindo, desmatando os matos dos lotes e foi fazendo aquelas casas... aquelas casas de... era uns barrote, de bacuri. Conhece bacuri? Bacuri não, baguaçu... baguaçu é um coco. [...] Aí tem a palha... a gente cortava ele, aqueles rolão grande assim, do tamanho daquele poste lá... a gente rachava elas e tirava aquelas racha assim e fazia as paredes. As paredes tudinho com aquelas madeira véia de buriti... as casas da gente eram desse jeito.[259]

> Fiz minha casa: comprei o terreno limpo e fiz a minha casa.[260]

> Tudo foi eu que fiz. [...] Era só o cerradão limpo, só tinha um pau, um pau terra dessa grossura, assim. [261]

É importante mensurar que os significados e sentidos da casa e do morar amalgamam-se ao contar das trajetórias. Construir a casa com as próprias mãos pode ser interpretado a partir do próprio processo de reconstrução dos viveres, indiciando a procura por um porto seguro, um espaço que expresse intimidade, segurança e que possa referenciar os sujeitos que ali habitam. Nesse olhar, embora hoje habite em uma casa de tijolos, construída atrás da primeira residência da família, é sob a sombra da mangueira plantada por ele e diante da casa de madeira que Sr. Antônio narrou a sua trajetória e se permitiu ser retratado.

[259] CUNHA, Jussara. *Entrevista concedida a Eliene Dias de Oliveira*. Coxim/MS: 18/04/2013.

[260] SANTANA, Pedro. *Entrevista concedida a Eliene Dias de Oliveira*. Coxim/MS: 21/04/2013.

[261] SILVA, Antônio Pereira da. *Entrevista concedida a Eliene Dias de Oliveira*. Coxim/MS: 17/04/2013.

IMAGEM 9

Imagem 9: Sr. Antônio Pereira sentado sob o pé de mangueira, diante da sua primeira residência em Coxim. Fotografia colorida produzida em Máquina Digital Sony pela autora em 17/04/2013.

A figura do narrador se impõe em um espaço marcado por territorialidade. Os cabelos brancos; o traje leve e adequado às altas temperaturas da cidade, porém conveniente para o espaço público; o chapéu sob o colo e o assento que se diferencia dos demais indiciam que me encontro diante do chefe da família, confirmando o lugar social ocupado por esse sujeito em seu grupo. A robustez do tronco da mangueira, do chão batido, da madeira dos artefatos e da casa parecem contrastar com a fragilidade física de Sr. Antônio que, aos 87 anos, apresenta sérios problemas de saúde, é cego de um olho e possui dificuldades de locomoção. No entanto, a vivacidade da memória e a forma como representa a si mesmo dizem da força de sua trajetória migrante e dos valores que se encontram imbuídos em sua história. E é com esse olhar que ele se conta e diz da forma como os outros o vêem, como ao narrar a fala de um senhor chamado Darci Ribeiro para um político local “aí falou pra ele, "Ó, aquele véio que tá lá em Coxim, o véio Antônio... Óia, faiz tudo que puder por ele, que ele morou 06 anos com nós. Aquele homem tem uma história dum homem sério [...], mas com ele é um homem

que cê pode acreditar". Falou isso."[262] Logo, na imagem retratada, o homem "sério" se apresenta diante de seu patrimônio material e simbólico, inserindo a casa na sua história. Nesse espaço privado, segundo Certeau:

> [...] via de regra, quase não se trabalha, a não ser o indispensável: cuidar da nutrição, do entretenimento e da convivialidade que dá forma humana à sucessão dos dias e à presença do outro. Aqui os corpos se lavam, se embelezam, se perfumam, têm tempo para viver e sonhar. Aqui as pessoas se estreitam, se abraçam e depois se separam. Aqui o corpo doente encontra refúgio e cuidados [...] Aqui a criança cresce e acumula na memória mil fragmentos de saber e de discurso que, mais tarde, determinarão sua maneira de agir, de sofrer e de desejar. (2013- 205)

Espaço esse que é peça-chave na trama tecida acerca de si e nos dada a ler por Sra. Norma, ao evocar vivências plurais e intensas em torno desse elemento de sua saga. A significação da mesma amalgama-se à compreensão de sua trajetória migrante que pode ser contada, entre outros itinerários possíveis, a partir dos caminhos empreendidos para obtê-la. Corroborando a crença advinda de sua formação religiosa, a casa surgiu inicialmente nos seus sonhos:

> E um dia eu falei pra Deus: meu Deus, como que eu vou fazer minha casa? E eu sonhei com uma casa com três quartos, **uma sala enorme como você tá vendo aqui (grifo da autora)** e a cozinha. Tem esse tamanho aqui. Eu disse, eu quero uma casa grande pra ver meus netos correndo, que a outra que nós morava era cada cômodo tinha 3 metros quadrados e acho que 2 de altura. Quase batia a cabeça na telha. Um calor! Não tinha quem agüentava. Aí eu sonhei, desse jeito aqui, essa casa. E eu falando pra um amigo, o meu esposo falou pro amigo dele, e ele desenhou e fez. Só que falta a varanda do lado e murar. O muro já tem o material pra fazer. Aí, assim, eu creio que você tendo, primeiramente fé em Deus, tendo coragem de trabalhar, você consegue as coisas.[263]

Embora aos olhos da pesquisadora a casa tenha dimensões pequenas, para a narradora a casa é "enorme", traduzindo a imensidão de sentidos que a mesma adquire em sua vida. Nesse sentido, a casa simboliza um espaço de segurança e referência para aqueles que, em

[262] SILVA, Antônio Pereira da. *Entrevista concedida a Eliene Dias de Oliveira*. Coxim/MS: 17/04/2013.

[263] SOUZA, Norma . *Entrevista concedida a Eliene Dias de Oliveira*. Coxim/MS: 19/04/2013.

seus caminhos migrantes, já abriram mão da convivência com familiares, amigos e com os territórios de origem. A casa é "O território onde se desdobram e se repetem dia a dia os gestos elementares das "artes de fazer" [...] De tudo se faz para não retirar-se dela, porque é o lugar "em que a gente se sente em paz". [...]" (CERTEAU, 2013-203). Ademais, além de um teto ou uma construção, a casa traduz um sentido de existência e do sucesso alcançado no empreendimento migratório.

> [...]. Antes eu nem fazia questão, porque a casa era muito pequenininha. Uma vez veio minha cunhada, não tinha nem onde acomodar. Ela teve que ficar no hotel que não tinha onde dormir. Quatro pessoas vinheram. Agora não, falei: "Pode vir, que a casa aqui é enorme! A gente se arruma."[264]

O sentido do "enorme" muitas vezes reiterado diz da conquista da possibilidade de receber os familiares em condições adequadas e de demarcar um espaço social de referência perante à comunidade na qual o migrante busca se inserir.

> Teve muita gente que falou: "Cês são loucos, fazer essa casa enorme!" Falei: "Não, eu quero fazer ela grande, nem que eu passe o resto da vida sem colocar piso ou nada." Mas chegando aqui o meu filho já mandou rebocar, já mandou por o piso. Tá toda prontinha. Toda forrada, só falta mesmo o acabamento por fora, né? Uma pintura, que tá meio feinha. [265]

Assim, os sentidos da casa e do morar revestem-se de significados singulares no viver migrante, traduzindo contextos de ruptura e de reconstrução dos lares e dos próprios sujeitos que caminham em busca de um lugar e, muitas vezes, em busca de si mesmos. Nessa busca "O espaço privado é aquela cidade ideal onde todos os passantes teriam rostos de amados, onde as ruas são familiares e seguras, onde a arquitetura interna pode ser modificada quase à vontade" (CERTEAU, 2013-207).

[264] SOUZA, Norma . *Entrevista concedida a Eliene Dias de Oliveira*. Coxim/MS: 19/04/2013.

[265] SOUZA, Norma . *Entrevista concedida a Eliene Dias de Oliveira*. Coxim/MS: 19/04/2013.

4. 3 – Estereotipia e preconceito: etnicidade e o encontro com o Outro

Quando o primeiro olhar não abre espaço para a alteridade[266] e é marcado pela presença da hostilidade em relação ao estranho, ao desconhecido, ao estrangeiro, certamente ele assume conotação extremamente negativa, principalmente para quem lhe é destinado. Esse olhar inicial precede o esforço em conhecer o Outro, "quase sempre falando mais de quem o emite do que daquele contra o qual é assacado[...]" (ALBUQUERQUE JR., 2007-11) . O desdobramento desse olhar será lido inicialmente a partir do preconceito quanto à origem geográfica perceptível nos relatos dos migrantes nordestinos, o preconceito de lugar. Em outros momentos, o preconceito contra um grupo social pode ser lido como uma estereotipia. Discurso esse "assertivo, imperativo, repetitivo, caricatural" (ALBUQUERQUE JR., 2007-13) a definir o que seria a essência do ser nordestino.

Homi Bhabha, ao problematizar o discurso colonial, aponta que o estereótipo "[...] é uma forma de conhecimento e identificação que vacila entre o que está sempre "no lugar", já conhecido, e algo que deve ser ansiosamente repetido" (1998-105). Logo, é a força dessa ambivalência que dá ao estereótipo seu efeito verossímil.

Ainda analisando o discurso colonial, Bhabha sugere a compreensão dos processos de subjetivação a partir da estereotipia. Corroborando essa perspectiva, nesse olhar o nordestino não apenas "nordestiniza-se", mas é "nordestizinado" (RAGO-2011), conforme já enunciado. Nesse sentido, imagens, como a do flagelado fugindo da seca; do machão armado de peixeira; da mulher-macho; e do matuto engraçado e pouco afeito ao trabalho, compõem o repertório de imagens a dizerem desse nordestino, a visibilizarem esse nordestino.

Numa situação de migração, o preconceito e o estereótipo assumem uma dimensão singularizada, visto que o ato de "Viver em outro lugar, reestruturar relações humanas, espaciais e temporais é tarefa complexa. A convivência do migrante com os "da terra" é exercida em via de mão dupla, na qual o movimento de desenraizar e enraizar é constante,

[266] A Alteridade é lida aqui a partir da proposta do filósofo e lingüista húngaro Tzetan Todorov, para quem a alteridade só existe quando o eu se vê no Outro: "Podem-se descobrir os outros em si mesmo, e percerber que não é uma substância homogênea e radicalmente diferente de tudo o que não é si mesmo, eu é um outro. Mas cada um dos outros é um também, sujeito como eu" (1982-2).

variando de acordo com muitas situações específicas (SOUZA, 2006 - 01). Tratando-se de uma relação dialógica, de *mão dupla*, envolve sujeitos com trajetórias distintas que vivenciarão situações de encontro e desencontros, a partir de suas diferenças e de uma vivência agora comum. Vivência essa também marcada por aproximações e distanciamentos e que passarão a compor os seus processos de "invenção do cotidiano".

Cotidiano esse marcado pelo encontro com outros grupos étnicos que, em Coxim, se fazem representar de forma mais acentuada pelo grupo de migrantes gaúchos que, principalmente a partir da década de 70 do século XX, a partir de um contexto de crise agrária na região Sul do país e de incentivos governamentais, migraram para a região Centro Oeste do Brasil, chegando a diversas cidades do Antigo Mato Grosso, entre elas Coxim. Embora as relações entre os nordestinos e os chamados gaúchos não figurem explicitamente nas narrativas das trajetórias de vida dos migrantes abordados, a partir dos indícios historiográficos das tensões e enfrentamentos presentes nessas vivências, considero pertinente a abordagem da temática.

Nascimento (2013) ao analisar o tema *Migrações e Identidades Gaúchas* em Coxim no período compreendido entre 1970 e 2012 evidenciou o que ele chama de identidades etno-regionais a partir do fortalecimento dos laços com a terra de origem, mesmo estando fora dela. Em sua análise,

> O gaúcho carrega consigo o estereótipo, o mito do "imigrante" europeu que é a dominação e propagação de inovações em novos espaços. Mas Haesbaert (1998) faz uma ressalva, de que esse movimento migratório ou *diáspora gaúcha* não é simplesmente uma grande "rede do capital" em escalas regionais, nacional e global, que podem explicar a ordenação da sociedade e do território no qual os migrantes reproduzem suas representações sociais, culturais, políticas e econômicas, mas é uma rede etnorregional. (2013-75)

Nessa perspectiva, o migrante gaúcho se investe do mito do migrante ideal, descendente de europeus e com raízes arraigadas na agricultura. Sua superioridade se revela numa prática de ascese do trabalho e por elementos externos como a origem étnica e geográfica. Corroborando a ideia de que a identidade e a diferença é um par que deve ser

entendido em diálogo, as identidades gaúchas se reforçam por uma prática discursiva de exclusão e inferiorização do Outro que, em Coxim, é representada pelos nordestinos.

Nascimento enfatiza esse confronto a partir de uma relação entre um maior grupo de migrantes nordestinos que teriam chegado à região em meados de 1950 e outro grupo um pouco menor de migrantes da região Sul do país, os nominados gaúchos, que chegam à região a partir de 1970. "O elemento nordestino aparece carregado de estereótipos e estigmatizado, em oposição à "superioridade" dos forasteiros gaúchos". (2013-78)

Utilizando as categorias *estabelecidos* e *outsiders*[267] propostas por Elias, Nascimento entende que os gaúchos, mesmo em menor número e vindo mais tardiamente que o grupo de nordestinos, figuram como os estabelecidos de Coxim. Assim, para além do critério da maior temporalidade dos nordestinos na região,

> O que deve ficar claro é que o migrante gaúcho se tornou "estabelecido" por meio de sua coesão grupal e de sua superioridade econômica. Sobrepôs-se aos demais segmentos da sociedade coxinense, mesmo sendo minoria numericamente. As suas tradições são mais visíveis e a construção local da identidade gaúcha foi realizada a partir do momento em que é configurado um ponto de encontro para o cultivo e invenção dos hábitos e tradições em comum, o CTG Sentinela do Pantanal. (2013-81)

O Centro de Tradições Gaúchas Sentinela do Pantanal é, nesse contexto, percebido como o elo que sustenta a rede etno-regional gaúcha na cidade. O elemento nordestino seria, portanto, o outsider, o Outro do gaúcho, como evidenciam os excertos das narrativas reproduzidas por Nascimento e realizadas com migrantes da região sul do país, agricultores que chegaram a Coxim em meados da década de 70.

> Os gaúchos que vieram para cá vieram com capital, são especializados na agricultura, pois na minha geração tem 66 netos só 2 não são formados, com

[267] As categorias "Estabelecidos" e "Outsiders" foram analisadas por Norbert Elias & John L. Scotson a partir de uma pequena comunidade inglesa de nome fictício Winston Parva. Nesse estudo, evidenciou-se a presença de dois grupos sociais demarcados pelo critério da temporalidade, configurando-se "Estabelecidos" o grupo que primeiro chegara ao local e que, portanto, conquistaram o seu espaço, e "Outsiders" o grupo que chegara mais recentemente, não sendo digno do convívio com os demais e portando o stigma da depreciação e da não confiança. A esse respeito ver: ELIAS & SCOTSON (2000).

> nível superior, eu sou agrônomo, meu irmão, [...] é agrônomo, tem outros que são também, outros são veterinários, médicos, dentistas, etc. já os nordestinos são retirantes, não tinham capital, são a maioria analfabeto ou semi-analfabetos [sic], vivem da exploração da terra, pois enquanto a terra tá dando alguma coisa estão lá, como retirada da madeira, são extrativistas (K., 2009; NASCIMENTO, 2013-78)

Na identificação étnica explicitada o gaúcho é o especializado na agricultura, com formação acadêmica e capital para desenvolvimento da produção agrícola. O nordestino é o retirante, sem formação escolar, sem capital, é o extrativista. Nesse olhar, a percepção do Outro se apresenta marcada pela ausência de alteridade e pela presença de homogeneização que simplifica e reduz.

> Essas colônias aí, Paredes, São Romão, Cearense, Planalto eram de nordestinos e quando elas param de dar alguma coisa eles vieram todos para a cidade e aí surgiu o Grilo. Em 1981 fiz muitos ProAgro [seguro agrícola], pois nessas colônias tinham plantações de algodão, o algodão só em falar em frio ele já cai. Mas os gaúchos têm mais tradição agrícola e modernizou a agricultura e os nordestinos não; então essas colônias voltaram a ser fazendas novamente. (K., 2009; NASCIMENTO, 2013-79)

A percepção do nordestino como extrativista complementa-se com a narração da fuga para os bairros pobres da cidade, quando a terra não mais produz. Embora o solo das antigas colônias agrícolas de Coxim apresente condições difíceis de cultura, a tradição gaúcha, aliada a uma propensão quase "natural" para as inovações tecnológicas, viabiliza o empreendimento rural. Nesse sentido, no relato construído acerca de si e do Outro, estaria comprovada a falta de aptidão do nordestino como agricultor e sua destinação a extrair tudo o que fosse possível da terra, sem grandes esforços de construir algo. O gaúcho é o elemento diferenciador, aquele que melhor representaria os ideais de trabalho sério e empreendedorismo:

> [...] não se pode é deixar de frisar é que com a chegada do gaúcho a evolução foi grande, o gaúcho veio aqui, o gaúcho começou a abrir fronteira, abrir áreas [...] o pessoal ficava muito de olho, até muita gente fala assim: esses gaúchos querem ser os tais. É que na verdade o povo, o povo daqui de Coxim tem muita mistura, é nordestino, é baiano, é paranaense e eles quando

> viram os gaúchos chegarem aqui, [...] e sai às 04 horas da manhã para ir à fazenda e voltar para trabalhar às 08 horas, isso aí era inadmissível os caras fazerem isso, os caras são loucos, então sempre nossa meta foi vê o dia de amanhã, e depois enxergar mais longe [...] (C., 2009; NASCIMENTO, 2013-74)

Embora Nascimento enfatize que a denominação "gaúchos" possui uma acepção social que compreende os habitantes do Rio Grande do Sul, Paraná e Santa Catarina, nesse excerto o narrador distingue o gaúcho como o autêntico filho do primeiro estado. Nesse olhar, justamente a "mistura", o imbricamento de outros grupos étnicos, é que simbolizaria os aspectos negativos da população coxinense. O gaúcho, ao contrário dos nordestinos, baianos e outros grupos, é aquele que vê mais longe, que projeta um amanhã.

Para Nascimento essas narrativas podem ser interpretadas a partir do:

> [...]tom de superioridade na fala dos entrevistados em relação ao migrante nordestino. Os atributos que os distinguem positivamente em suas autorrepresentações aparecem invariavelmente: poder econômico; formação acadêmica; origem sulina; e se acrescentaria também, a disponibilidade para o trabalho e acumulação de capital. (2013-79)

É importante observar que o caráter tenso evidenciado em Coxim entre os grupos de migrantes gaúchos e nordestinos tem sido percebido e analisado em outras territorialidades como no Assentamento Indaiá, no Sul de Mato Grosso do Sul (COSTA, 1994) e no Oeste Bahiano (HAESBAEST, 1994). Por vezes os dois grupos configuram-se como migrantes, em outras circunstâncias apenas um dos grupos o é. No entanto, em ambas as situações as diferenças étnicas são ressignificadas no encontro e no trato com o Outro. Tais confrontos configuram uma clivagem étnica entre "os sulistas, cuja origem dos seus ascendentes não está circunscrita à origem nacional – alemães, italianos, polacos -, e os nordestinos de origens circunscritas ao mundo rural brasileiro". (COSTA, 1994-11)

Nessa clivagem, os sulistas reportam sua identidade étnica e social à sua descendência européia e ao melhor preparo para lidar com a terra. Já em relação aos migrantes nordestinos não se percebe de forma nítida uma identificação étnica, evidenciando-se uma construção

identitária legitimada pelo mundo do trabalho, principalmente no trato com a terra e intimidade com o mundo rural. Nesse sentido:

> [...] o passado pioneiro dos imigrantes europeus é ainda utilizado como parâmetro para a construção de uma identidade idealizada, de um conceito de lavrador que leva em conta, sobretudo, o caráter étnico. Parte do pressuposto de que a dedicação e o amor ao trabalho, a eficiência, a habilidade, enfim, todos aqueles traços que os tornam diferentes e melhores que os nordestinos decorrem da sua condição de descendentes de povos europeus. [...] (COSTA, 1994-12)

Para Haesbaert (1994) as tensões entre o grupo de baianos e gaúchos na região da Chapada Diamantina e sul do Piauí transvestem-se em "duas balizas no *continuum* entre as influências africana e européia na cultura brasileira" (1994-13). Nessa interpretação retoma o clássico da sociologia escrita por Oliveira Viana, *Populações Meridionais do Brasil* (1974) que já nuançava o conflito identitário e os estereótipos acerca de sulistas e nordestinos. Enquanto o Nordestino é retratado pelas alcunhas de solitário, rude e revolto, o gaúcho se erigiu a partir da vocação de mando sobre outrem, o que configura a sua capacidade de criar verdadeiros "territórios gaúchos" nos espaços para onde migra.

A evidência de relações complexas, marcadas por comportamentos étnicos que se inventam nas recusas, tensões e enfrentamentos; nos distanciamentos, assim como também nas negociações e no aproximar-se do Outro, corroboram a perspectiva de que, se em outros momentos históricos as formas identitárias forjadas a partir de um território de origem foram percebidas como questões menores pelos cientistas sociais, atualmente:

> [...] a presença da "territorialidade" na vida dos grupos sociais, numa espécie de movimento reterritorializador que tenta fazer gente à brutal desterritorialização (tecnológica e capitalista) que domina, revive um paradoxo: a intensificação dos movimentos regional-nacionalistas, tantas vezes neo-conservadores, segregadores e reacionários, e o salutar "elogio da diferença", a defesa de uma "etno-diversidade" de culturas em sério perigo de extinção. (Haesbaert, 1994-16)

A existência de espaços como o Centro de Tradições Gaúchas Sentinela do Pantanal e do Centro de Tradições Nordestinas Padre Cícero em Coxim indiciam esse duplo paradoxo de espaços de reafirmação étnica e de defesa do direito à existência cultural em outros espaços. O dilema ora vivido pela diretoria do CTN entre fechar-se entre o seu grupo de origem ou manter-se em permanente contato com os "da terra" e demais grupos que vivem em Coxim denota esse processo de enfrentamento constante no renegociar das identidades.

Na busca por compreensão do que é ser migrante nordestino em Coxim, num primeiro momento os conceitos de preconceito e estereotipia são salutares na análise das relações étnicas entre nordestinos e gaúchos e das representações identitárias dos grupos sociais acerca de si e de outros. Ademais, são caminhos de abordagem e análise de vivências, nem sempre harmoniosas, entre o grupo de migrantes nordestinos que chegam a Coxim e aqueles com quem irão a partir de então estabelecer uma sociabilidade, sejam outros grupos migrantes ou os "da terra".

Nesse processo dialógico e, em muitas situações, tenso, o nordestino não é percebido como a vítima fragilizada pela situação de pobreza, migração ou por sua origem. É ele sujeito que constrói suas vivências e relações em diálogo com os estereótipos e preconceitos que lhe são direcionados, ao mesmo tempo em que constrói o seu olhar acerca do Outro a partir de representações que, em algumas situações, reportam também, a essas categorias.

Embora nas narrativas não se evidencie um confronto direto entre os nordestinos e outros grupos, é possível perceber que as tensões são presentes nas relações sociais construídas. O diferente, o que não é familiar, muitas vezes traduz-se também em inferiorização:

> Sra. Maria Lima: Era muito diferente assim, o povo... não era assim como a gente, que entendia as coisas que eles falavam, era diferente lá da Paraíba... depois que nós chegamos aqui que fomos acostumando, mas era muito diferente no tempo que nós chegamos aqui... [...]
>
> Eliene Dias: E quando vocês estavam lá no Nordeste e falavam assim "Vocês vão mudar para o Mato Grosso do Sul", como que vocês imaginavam que era o Mato Grosso do Sul?

Sra. Maria Lima: Era o fim do mundo![268]

As lonjuras das terras escolhidas pelo esposo para ser o novo lar da família Marcos surgem como extremamente distantes de tudo o que então se conhecia, nuançando um 'fim do mundo' do qual a narradora temia nunca mais retornar. "Era coisa que a gente não ia voltar mais nunca!"[269] Representação de um lugar ermo que, para Sra. Norma Souza era habitado por povos hostis e selvagens:

> Lá no Nordeste o povo vê aqui o Mato Grosso do Sul como uma cidade de índio, cheio de índio, né? Aí minhas irmãs falavam assim, vocês vão pra lá, vão ser comidos pelos índios, né? Vão matar vocês e vão assar numa fogueira. E assim nós viemos com medo.[270]

O índio era o tipo ideal de ser humano presente nas representações acerca da região Centro-Oeste, numa visão de um mundo próximo à natureza e, portanto, longe da ideia de civilização. A ele somavam-se as feras da mata conforme "Falavam: "Não, Mato Grosso é um lugar que só tem onça!" E o povo ficava muito admirado, não acreditava que a gente vinha."[271]

E eles vieram. Ao chegarem às novas paragens a língua, oficialmente a mesma num país de dimensões continentais, desvelou-se um dos elementos a serem enfrentados no trato com o Outro. O preconceito lingüístico, advindo do olhar estigmatizado para a forma de falar de determinado povo e região, se evidencia nas narrativas de Sra. Maria Leuda[272], ex-presidente do CTN de Coxim e Sra. Norma Souza:

---

[268] LIMA, Maria. *Entrevista concedida a Eliene Dias de Oliveira*. Coxim/MS: 16 e 20/04/2013.

[269] LIMA, Maria. *Entrevista concedida a Eliene Dias de Oliveira*. Coxim/MS: 16 e 20/04/2013.

[270] SOUZA, Norma . *Entrevista concedida a Eliene Dias de Oliveira*. Coxim/MS: 19/04/2013.

[271] OLIVEIRA, Joana. *Entrevista concedida a Eliene Dias de Oliveira*. Coxim/MS: 20/04/2013.

[272] Embora sua narrativa na pesquisa seja lida a partir de sua presença como Presidente do CTN de Coxim, considero importante a análise de algumas vivências narradas na compreensão da temática do preconceito contra o grupo social que representa.

> Maria Leuda: Eu me lembro assim da minha mãe sentada embaixo de uma mangueira, de um pé de árvore no lugar onde ela morava chorando. Porque segundo ela tudo que ela falava o povo ria dela, entendeu? Ela não entendia, por que para eles se falasse assim, o remédio, um comprimido, não era comprimido que minha mãe chamava, minha mãe falava tudo isso para a gente. Comprimido para ela chamava cachete, entendeu? Agora não sei por que que era, era cachete o comprimido. Então ela chegou e foi pedir para a mulher onde ela morava lá, que ela estava com muito dor de cabeça e queria um cachete e a mulher riu muito dela. Então ela contava isso.
>
> Eliene Dias: Então isso magoou sua mãe?
>
> Maria Leuda: Muito, muito ela passava as tardes dela chorando, porque tudo que ela ia falar, que ela queria ou que ela ia pegar, quando ela falava a palavra o povo ria dela, então minha mãe eu sei que sofreu muito preconceito disso. Ela contou muita história pra gente sobre isso.[273]

A imagem da mãe a chorar por não se fazer compreendida se assemelha às narrativas de estrangeiros quando fora do Brasil. Nesse senso, a realidade do migrante interno, tal qual o migrante que vai para outros países, é complexa e marcada por enfrentamentos cotidianos. Nessa relação dialógica, os enfrentamentos se colocam como estratégias na construção das relações e no trato com a diferença:

> Logo quando eu cheguei aqui sim. O pessoal falava assim do sotaque, assim, eu não esquento não. Onde eu chego, ... Aí tinha umas menina que ria. Que a gente fala assim botar ovo, botar. Aí a menina "Não é botar, quem bota é galinha, é colocar". [...] Até falei pra ela assim, eu disse "Quem que fala mais certo, é o nordestino ou é vocês aqui em MS, que fala ponhar? Me mostra no dicionário onde que tem essa palavra ponhar." E pronto! [274]

Os regionalismos linguísticos são lidos como elementos depreciativos que inferiorizam e constrangem o Outro. O "botar" e o "cachete" indiciam marcas da idiossincrasia e da cultura de um povo que, em terras estranhas, trazem o sentimento de desterritorialização de forma latente, pelo encontro com outrem e pelas situações de enfrentamento que propicia. Como uma relação dialógica, as estratégias construídas no trato

[273] FERREIRA, Maria Leuda de Oliveira. *Entrevista concedida a Eliene Dias de Oliveira*. Coxim: 29/04/2013.

[274] SOUZA, Norma . *Entrevista concedida a Eliene Dias de Oliveira*. Coxim/MS: 19/04/2013.

com os demais grupos evidenciam os processos de negociação, uma vez que toda relação é feita de resistências, mas também de cessões; de distanciamentos e aproximações.

Embora numa análise primária as narrativas reportem quase sempre as situações de harmonia entre os migrantes e demais grupos, um olhar mais atento apresenta as tensões que aparecem geralmente de forma velada, a partir dos enfrentamentos linguísticos, das piadas quanto ao modo de falar, à culinária e aos costumes: "Bem tratada! Nunca ninguém falou nada... de vez em quando assim, na brincadeira, a pessoa solta "Só sendo do Norte mesmo!" Eu falo: "É, mas os matogrossense que anda passando fome, que come mais que boi..." risos. Eu falo!"[275]

O tom das "brincadeiras" evidencia que nem sempre os preconceitos e estereótipos são acionados de forma explícita e direta, mas são parte integrante da vida cotidiana, do construir das relações e da forma como os grupos vêem a si e aos outros.

> Uma vez eu folheando uma revista eu vi camarão. Eu falei: "Ai que delícia!". E ela: "Ai que nojo!" "Nojo? Cê nem sabe o que é um prato camarão bem feitinho". Pessoal, sempre, onde eu chego: "Nossa, mulher, cê é nordestina? " Eu digo: "Sou, com muito orgulho!" Só que eu não ligo não, sabe. Eu sou uma pessoa que eu não esquento com nada não. [...][276]

Embora diga da não importância que atribui a situações como a narrada, o fato de elencá-la no rol de memórias que evoca ao falar do viver Coxim diz dos significados e sentidos que ocupam nas trajetórias abordadas. Seguindo na busca por compreender como essas vivências são lidas pelos sujeitos migrantes, a narrativa de Sr. Antônio Pereira oferece caminhos interpretativos interessantes. Quando questionado acerca do enfrentamento de situações de preconceito, o narrador enuncia:

> Não, mas sabe por que? Porque a minha pessoa, eu fui ensinado assim: nunca você põe o seu carro na frente dos bois. Que os bois é que leva o carro, cê tem que ficar na rabeira do carro porque os boi vai levando e você

[275] OLIVEIRA, Joana. *Entrevista concedida a Eliene Dias de Oliveira*. Coxim/MS: 20/04/2013.

[276] SOUZA, Norma . *Entrevista concedida a Eliene Dias de Oliveira*. Coxim/MS: 19/04/2013.

> vai acompanhando. Porque cê nunca deve se meter adonde não cabe... que cê vai ser repreendido! Cê tem que entrar adonde te cabe, adonde você vê que tem condições. Tem um lá mais na frente, e tudo, pra puxar. Ele dá sinal pra você, cê vai lá, o que que quer falar com você? Fala assim "Não, fica aí do meu lado". Que ele é o poderoso, e o povo tá chegando perto dele. Aí vão dar fé de você também. Que o mosquito está encostado na mosca, a mosca é o compadre maior, entendeu? Então, eu tenho isso tudo gravado. E não estudei. Mas eu fui ensinado. A família que eu me criei no meio dela, famia Moreira, famia poderosa, política poderosa... lá tinha até um padre![...] Cê escuta bem as coisas, agora se cê não tem gravador e tudo, eu não tenho, mas o que meu avô me ensinou, e meu pai, com idade de 12 anos, de 10 pra 12, até hoje eu tenho gravado aqui![277]

Embora não tenha "gravador" Sr. Antônio diz dos lugares sociais que lhe foram autorizados a ocupar por aqueles que lhe educaram na "escola da vida": a família Moreira, o pai e o avô. A metáfora do mosquito e da mosca diz da legitimidade para estar em determinados espaços, do comportamento a ser adotado e das normas de convivência que se traduziriam em valores como o respeito e moralidade. Nessa analogia, ao se criar em meio a políticos poderosos, Sr. Antônio simboliza o mosquito que poeticamente vive próximo à mosca, que é o "compadre maior". A imagem indicia uma interpretação possível do lugar do nordestino na sociedade brasileira.

Nesse olhar, o nordestino é o mosquito e é aquele que segue na "rabeira" do carro de bois. A possível transgressão ao que lhe foi ensinado acarretará a repreensão por aqueles que detêm o poder. Posto isso, convém "nunca se meter adonde não cabe" para assim alcançar uma convivência tranqüila com os demais grupos e evitar uma vivência marcada por preconceitos.

Preconceito esse vivido de forma explícita e narrado por Sra. Maria Leuda, ex-presidente do Centro de Tradições Nordestinas Padre Cícero que, ao contar a trajetória da família nos primeiros tempos em solo coxinense revela:

> Maria Leuda: [...] Por que o meu pai conta que quando ele chegou de Campo Grande aqui, o dia que ele chegou ele falou que ele tinha três mamadeiras para nós três, então eu ainda tomava mamadeira, eu já tinha 4 anos né? Quando cheguei em Coxim já tinha 4. Que chegou mês de junho por aí. Aí ele diz que ele chegou nessa Praça Sílvio Ferreira e tinha uma mulher com

[277] SOUZA, Norma . *Entrevista concedida a Eliene Dias de Oliveira*. Coxim/MS: 19/04/2013.

> uns galões de leite grande e aí ele pediu para a mulher vender o leite para ele, a mamadeira de leite para a gente, sem ferver, do jeito que estava e a mulher não quis, uma senhora muito famosa que foi embora de Coxim. Ela não quis vender o leite e aí ela vendeu o leite para uma outra senhora que hoje eu conheço ela e falo para ela que ela salvou minha vida, mexo com ela e ela até ri. E ela ia com a panelinha de leite e ela vendeu a mamadeira de leite para o meu pai, meu pai conta isso até hoje, que ela salvou a gente!
>
> Eliene Dias: E por que será que essa outra senhora não quis vender pro seu pai?
>
> Maria Leuda: Não sei, eu acho que o nordestino não era bem visto aqui não. Era tipo assim, um povo que vinha querer ocupar o espaço assim. Não era bem vindo não, não era bem vindo, meu pai fala que quando ia comprar tinha que alguém ir comprar e dar o nome lá, entendeu? Para fazer o crédito. Só comprava se fosse no nome do patrão, então não era assim fácil, coitado do nordestino que ia chegar aqui no comércio e comprar...[278]

O preconceito de lugar imiscui-se ao preconceito social, amalgamando-se aos significados do viver Coxim. Vivências imbricadas de sentidos vários, percebidos aqui a partir da senhora que se recusa a vender o leite para a família nordestina e também da senhora que se prontifica a mediar a compra do produto de necessidade básica para o sustento das crianças: "ela salvou a gente!". Preconceito e hospitalidade que se misturam nas recordações dos momentos de chegada e adaptação a Coxim. Nesse sentido, não é possível uma leitura única do vivido, mas a construção de uma teia de significados tecida com os fios da vida.

A temática do preconceito trouxe à memória de Sr. Pedro Santana situações vividas em outros territórios, reforçando o olhar do espaço do migrante como bricolagem. Nesse sentido, falar de Coxim é falar das andanças e caminhares dos sujeitos por outras paragens:

> Sr. Pedro Santana: Nordestino, quando eu cheguei, eles chamavam nordestino de um modo geral era baiano.
>
> Eliene Dias: Todo nordestino era baiano?
>
> Sr. Pedro Santana: Não, em São Paulo era baiano. No Rio era Paraíba...rsrsrs. Qualquer coisinha é paraibano. Paraíba, ó os paraíba! rsrsrsrs. Em São Paulo é baiano. Chegou o trem dos baiano!! risos. Ali podia ser paraibano, cearense, tudo era baiano. [...] Aqui me chamam de carioca. A gente levava o negócio na brincadeira. Que o carioca é muito

[278] FERREIRA, Maria Leuda de Oliveira. *Entrevista concedida a Eliene Dias de Oliveira*. Coxim: 29/04/2013.

> brincalhão. Ás vezes mexia com a gente desse jeito, a gente trocava, ficava tudo certinho. O carioca é muito amigo, agora o paulista era mais fechado![279]

Embora apresente um olhar para a vivência narrada a partir de uma situação de amizade e alegria, o excerto permite uma reflexão sobre a vivência com outros grupos fora do território de origem nordestina. O conflito identitário singular em trajetórias migrantes imbrica-se aos estereótipos que buscam homogeneizar o nordestino em categorias definidoras de sua identidades. Para Albuquerque Jr. a compreensão desses estereótipos está estreitamente ligada ao mundo do trabalho, uma vez que é lá que nascem em sua maioria as imagens que procuram traduzi-lo como "preguiçoso, bandoleiro, vagabundo ou força-motriz, mão-de-obra barata, construtor de cidades" (1990-28). Em seu olhar, a partir da década de 30 do século XX, com a diminuição da entrada de migrantes estrangeiros no país a partir da assinatura por Getúlio Vargas do decreto que limitava a sua presença nas empresas a um terço, o Nordeste se constitui uma das principais regiões fornecedoras de mão-de-obra para o Sudeste, constituindo parte significativa da classe trabalhadora em formação no Rio de Janeiro e em São Paulo. Nesse cenário, a chegada de migrantes nacionais de origem nordestina e rural provoca uma acirrada disputa em relação ao trabalhador estrangeiro, implicando em alterações não apenas "do ponto de vista numérico ou econômico" porém inclusive "desde o aspecto político até o cultural". (1990-29)

Nesse viés interpretativo a própria historiografia, ao partir de uma concepção dicotômica e aristocrática de cultura, reproduziu a visão depreciativa da classe dominantes em relação à cultura do trabalhador nacional, enaltecendo a cultura européia dos trabalhadores imigrantes. Ao se tratar dos trabalhadores nordestinos, essas formulações racistas se fizeram acentuar, percebendo-os como sujeitos marcados pela negatividade de qualidades para o mundo do trabalho.

Na formação de uma nascente classe operária, esse olhar compôs parte dos conflitos e enfrentamentos entre sujeitos advindos de diferentes realidades territoriais e culturais.

[279] SANTANA, Pedro. *Entrevista concedida a Eliene Dias de Oliveira*. Coxim/MS: 21/04/2013.

> [...] No caso dos nordestinos, estes, além de serem vistos como inferiores, vão ocupar quase sempre as posições mais baixas na hierarquia industrial, enquanto os nacionais do Sudeste ocupavam as posições intermediárias, sendo as posições melhor qualificadas e de direção entregues a trabalhadores estrangeiros, tanto em empresas de empresários brasileiros, quanto nas de imigrantes.[...] (ALBUQUERQUE JR. 1990-31)

Os estereótipos e as representações imaginárias depreciativas em relação aos diferentes grupos comporão as vivências conflituosas em relação ao mercado de trabalho e em relação ao movimento operário dificultando "a construção da identidade política deste proletariado, retardando o forjar de uma solidariedade de classe [...]". (1990-31). Nessa ótica, a interpretação da historiografia de que o ambiente rural do qual provinha o operário nordestino não lhe propiciava "formas de conduta coletiva e laços de solidariedade que levassem a formas de ação coletivas no enfrentamento das classes dominantes" (1990-32) parece inverossímil ao autor que busca, na interpretação dos estereótipos do baiano e do paraíba, uma forma de resistência desses sujeitos enquanto grupo, se percebendo como ator do processo de constituição de uma sociedade burguesa disciplinada pela lógica do mundo do trabalho.

Nessa interpretação, "O nordestino é trabalhador. São Paulo e Rio de Janeiro tá assim nas custas, nas costas do nordestino!"[280] evidenciando uma representação identitária que, em diálogo com outros olhares acerca do que é ser nordestino, enaltece a presença desses sujeitos no mundo do trabalho e na construção da riqueza nacional.

Em meio ao negociar constante das identidades, lado a lado com situações que remetem às tensões do viver migrante, esse encontra na hospitalidade do seu grupo e de sujeitos externos à comunidade nordestina uma ferramenta estratégica do seu reiventar-se em novos territórios.

[280] SANTANA, Pedro. *Entrevista concedida a Eliene Dias de Oliveira*. Coxim/MS: 21/04/2013.

4.4 – Hospitalidade como estratégia de vivências migrantes

Na visão ora defendida, a hospitalidade configura-se como o primeiro passo para a alteridade que desvela-se no ato de acolher, bem receber, hospedar e servir. Implica, portanto, em receber o Outro em seu espaço, o que difere de dar um espaço ao Outro.

Para o migrante, a hospitalidade é a perspectiva de integração com a sociedade receptora, estando associada não somente à ideia de hospedagem e acolhida, mas principalmente à possibilidade de encontrar trabalho e auxílio nos primeiros tempos. No olhar de Baptista:

> Ao sublinhar a dimensão ética da hospitalidade procura-se evidenciar a necessidade de criar e alimentar lugares de hospitalidade em que, do nosso ponto de vista, surgem a consciência de um destino comum e o sentido de responsabilidade que motiva a ação solidária. (2002-1578)

Logo, nos percursos migrantes, inicialmente a hospitalidade pode ser pensada em diálogo com as redes sociais da migração. Entretanto, paulatinamente, escapa a essas delimitações e estende-se a outros grupos e pessoas exteriores à rede inicial. A narrativa de Sra. Norma acerca da busca de moradia para a família é expressiva nesse sentido. Inicialmente, após ficar algum tempo morando de aluguel em "uma casa que era só um cômodo quente. Um cômodo quente! Só tinha uma porta. Não tinha ventilador, que a gente não tinha comprado nada ainda"[281], a narradora recebeu a ajuda de um cunhado que residia em São Paulo:

> Tem um cunhado meu, a gente pagava aluguel, aí tem um cunhado meu que comprou uma casa, deu pra nós morar até a gente poder fazer uma casa. Aí um dia a minha filha caçula falou assim "Mãe, a gente não tem como comprar uma casa. Precisa entregar a casa do tio. Vamos comprar um terreno e construir?" E eu não tinha um centavo, né? Aí eu falei assim pra ela, eu disse "Vamo!"[282]

[281] SOUZA, Norma . *Entrevista concedida a Eliene Dias de Oliveira*. Coxim/MS: 19/04/2013.

[282] SOUZA, Norma . *Entrevista concedida a Eliene Dias de Oliveira*. Coxim/MS: 19/04/2013.

Nesse momento Sra. Norma encontrou auxílio de um senhor com o qual freqüentava a igreja, extrapolando a rede social primária:

> E tinha esse terreno aqui e eu falei com um irmão da igreja, um senhor já de idade que hoje até não está entre nós. E ele me emprestou o dinheiro, na época mil reais que eu paguei nesse terreno.[283]

Assim, chegar a outro espaço e construir novas vivências exige a adoção de estratégias que possibilitem o sucesso do empreendimento migratório. O retorno não é uma possibilidade imediata para o migrante, seja pela dimensão moral, ao traduzir o insucesso do projeto de migração perante a comunidade de origem, ou pelos altos custos que acarretaria, como sugere a narrativa de Sra. Maria Lima ao recordar a primeira reação dos filhos, ao chegarem à cidade escolhida pelo pai para se tornar o novo lar da família: "A Irene ficou louca! O Osvaldo, se tivesse dinheiro, ele tinha voltado acho que no outro dia. Acharam a coisa mais esquisita do mundo."[284]

Entre as estratégias adotadas pelos migrantes na busca pelo sucesso do projeto de migração evidencia-se a busca de trabalho e moradia próximo a pessoas com as quais possuem algum tipo de vínculo, permitindo "manter a proximidade física e os laços de solidariedade social [...]" (SCHORNER, 2007-25). Tais pessoas apresentam, geralmente, vínculos parentais ou afetivos em relação ao migrante ou aos seus familiares.

Assim, desde a direção rumo a qual seguir e a realização da mudança até a tipologia de trabalho e a localização da moradia daquele que migra diz da expectativa de acolhida, apoio e encaminhamentos por parte de um familiar, conhecido ou conterrâneo, como evidenciam as narrativas:

> Era a terra do meu primo que ele trabalhava. O meu primo comprou um lote na beira do rio, lá na Colônia. Era dois lote, aí cedeu um pro meu pai. Aí

[283] SOUZA, Norma . *Entrevista concedida a Eliene Dias de Oliveira*. Coxim/MS: 19/04/2013.

[284] LIMA, Maria. *Entrevista concedida a Eliene Dias de Oliveira*. Coxim/MS: 16 e 20/04/2013.

> meu pai e meu cunhado e os meus irmãos trabalhava tudo junto. [...] O primo nosso ajudava nós, que nós chegou só com a cara mesmo![285]

> Conhece aquele salão do Compadre Moraes, de frente o Domingos, naquela esquina, no Posto do Domingo? Nós acampou ali. Ficamo um mês ali, drumia pro chão, naquele salãozão.[286]

Em outras situações, extrapolando os limites das redes sociais pré-estabelecidas, a sociabilidade entra em cena como forma de auxílio e acolhimento capazes de amenizar "a dor e o sofrimento de quem está longe de casa" (SCHORNER, 2007-28), ou mesmo como forma de amparo em uma situação de dificuldade:

> [...] morei de favor... o povo de Coxim é povo bom. [...] Morei aqui de favor, me deram casa pra mim morar sem pagar nada...[...] Eu morei naquela casa da esquina...[...] Do seu vizinho... o dono daquela casa ali me deu aquela casa pra morar de graça, pagar só a luz e a água.[287]

> Não tinha um colchão, a gente dormiu num colchão emprestado que a vizinha emprestou [...][288]

Sociabilidade e relações de vizinhança se imbricam. Em alguns casos, o vizinho torna-se a extensão da família que ficou para trás, assumindo simbolicamente o papel de avós e tios das crianças e fortalecendo essas vivências a partir da prática do compadrio. Nesse viés, é necessário refletir sobre o valor do vizinho e das relações construídas nos itinerários migrantes como "[...] índice de que a casa não começa e não termina na casa"(GONÇALVES FILHO, 1998-23), como evidenciam as falas citadas:

---

[285] OLIVEIRA, Joana. *Entrevista concedida a Eliene Dias de Oliveira*. Coxim/MS: 20/04/2013.

[286] SILVA, Antônio Pereira da. *Entrevista concedida a Eliene Dias de Oliveira*. Coxim/MS: 17/04/2013.

[287] SANTANA, Pedro. *Entrevista concedida a Eliene Dias de Oliveira*. Coxim/MS: 21/04/2013.

[288] SOUZA, Norma . *Entrevista concedida a Eliene Dias de Oliveira*. Coxim/MS: 19/04/2013.

> Os vizinhos, até hoje, que a gente se conhece desde aquele tempo...[289]

> A nossa família primeiramente é os nossos vizinhos. Ocê pode até ter família, ter filho que mora aqui, mas eles não tá dentro da sua casa, e é irmão e é tudo... mas você não tem... de repente, qualquer coisa se você passar mal e precisar de algum socorro, quem vai te socorrer?[290]

A imagem abaixo nos é reveladora de um ritual de fortalecimento dos laços de vizinhança e compadrio que, em muitos momentos, são os sustentáculos do migrante que está longe da família e da terra natal.

IMAGEM 10

Imagem 10: Sr. Pedro e Sra. Antônia batizam o afilhado, filho dos vizinhos, na residência dos pais da criança. 15/06/1995. Foto colorida cedida por Sra. Antônia Santana. Acervo Pessoal.

A imagem é expressiva da importância da ritualização dos laços de vizinhança e compadrio. O batizado do pequeno menino é então realizado na casa de seus pais, vizinhos à residência de Sra. Antônia e Sr. Pedro Santana. A cerimônia é conduzida por uma representante da Igreja Católica. Os olhares tem como foco o bebê que, a partir do rito cristão, é apresentado e acolhido no seio da Igreja. As vestes bem cuidadas dos presentes na

[289] LIMA, Maria. *Entrevista concedida a Eliene Dias de Oliveira*. Coxim/MS: 16 e 20/04/2013.

[290] SANTANA, Antônia. *Entrevista concedida a Eliene Dias de Oliveira*. Coxim/MS: 21/04/2013.

cerimônia, as posturas corporais expressando respeito e austeridade e o fato do momento ter sido objeto de registro fotográfico denotam a importância do momento. A criança ocupa o colo da madrinha e a vela, símbolo de luz e proteção, as mãos do padrinho. No ambiente simples da pequena casa de madeira misturam-se fotos da família, imagens dos santos católicos e a iconografia de Iemanjá, desenhando o cenário onde se desenrola a cena de reafirmação de vínculos e compromissos entre o casal de migrantes nordestinos e os pais da criança, eles próprios migrantes da região Sul do país. O cenário é a casa, espaço em que "[...] as famílias se reúnem para celebrar os ritmos do tempo, confrontar as experiências das gerações, acolher os nascimentos, solenizar as alianças [...]" (CERTEAU, 2013-206)

Nesse sentido, a sociabilidade evidencia-se como uma forma de "invenção do cotidiano" das famílias migrantes que, muitas vezes em situação análogas, como na imagem reproduzida, reconstroem o seu viver aproximando-se de outros migrantes. As vivências comuns entre aqueles que vivem o processo de desterritorialização e reterritorialização em outro espaço tornam-se os elos entre aqueles que foram alhures em busca de seus sonhos.

Logo, procurei evidenciar neste capítulo que falar das vivências de migrantes nordestinos a Coxim é falar dos olhares que amalgamam o ontem e o hoje; dos significados da casa e do morar; de relações de preconceito e hospitalidade. É caminhar por espaços bricolados, assistindo ao reiventar-se constante dos sujeitos à procura do seu "Norte". Nesse sentido, é importante indiciar os prováveis motivos da escolha da cidade como destino migratório do grupo analisado, como na reflexão a seguir.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

São os simples que nos libertam dos simplismos

José de Souza Martins

O processo de migração e colonização das terras que hoje formam o Mato Grosso do Sul tem sido estudado pelo viés da modernização e das políticas oficiais implantadas, sobretudo, a partir do Governo de Getúlio Vargas. Inserida na Marcha para o Oeste, projeto colonizador lançado em 1941 que objetivava ocupar os "espaços vazios", investindo na expansão agrícola e na política colonizatória, a Colônia Agrícola Nacional de Dourados (CAND) foi fundada em 1943, por meio do Decreto-Lei nº 5.941.

Construção simbólica da Colônia modelo, a CAND foi largamente utilizada como instrumento do discurso ideológico e da propaganda política. Nesse projeto, que se pretendia de todos os filhos da nação, o migrante teria um papel fundamental, heroicizado, aquele de quem, segundo as palavras do discurso de Getúlio Vargas de 1º de maio de 1941 reproduzido por Lenharo, "nada de mais se pedia [...], "além da disciplina de um trabalho metódico e persistente" (1986-22).

A perspectiva estrategista de tais ações também é ressaltada na análise da historiadora Naglis no sentido de ocupar os espaços considerados vazios, povoando as regiões fronteiriças do país e promovendo a integração dos estados brasileiros. Os caminhos para se atingir tais objetivos eram a expansão agrícola e a colonização do interior: "Tinha-se em vista a segurança nacional e a ocupação estratégica das fronteiras" (2007-27).

É importante aqui demarcar o olhar ao que se entendia como "espaços vazios". Lenharo veemente se coloca contra essa noção, tão cara à retórica varguista. Para ele, ao contrário dos vazios, esses espaços eram ocupados, no mínimo, por relações de poder:

> Na verdade, os espaços não se encontravam tão vazios assim: as usinas de açúcar, às margens do Rio Cuiabá; a imensa extensão de terras ocupadas com a exploração do mate, principalmente pela Cia. Matte Laranjeira; as fazendas de gado no pantanal mato-grossense; cidades e propriedades surgidos à beira da estrada-de-ferro Noroeste do Brasil; amplas regiões de garimpo do ouro e diamante; outras tantas de exploração de borracha ou de drogas do sertão, - vem atestar, no caso do estado de Mato Grosso, um quadro de colonização complexo, mapeado de grandes propriedades particulares e estatais, boa parte delas de origem estrangeira.[..]. (1986-60)

Embora esteja explícita a problemática do uso da noção de "espaços vazios" para se referir à região alvo da política colonizadora do Centro Oeste empreendida pelo Estado Nacional, percebe-se que tal representação articulava-se a um planejamento empreendido no sentido de criar um clima de participação de todos os filhos da nação nesse projeto coletivo. Dialogando com Lenharo (1986-54), Naglis atenta para o papel colonizador do Estado que, além de colonizar a terra considerada como ainda não ocupada e promover a pequena propriedade, deveria promover a "colonização de corpos e mentes". Dessa forma, almejava-se a colonização ideológica das pessoas que deveriam colonizar a terra. "Radicar indivíduos rudes, por vezes de mentalidade nômade, rebelde, portanto, à disciplina e aos hábitos de sedentaridade que a agricultura exige" (LENHARO 1986-54).

Para Lenharo, num momento em que era negada uma verdadeira e plena participação política pelas vias institucionais, o projeto de "refacção do desenho cartográfico" era uma via estratégica de propaganda ideológica, criando um pseudo clima de projeto coletivo, onde todos seriam responsáveis pelo sucesso da empreitada.

> [...] toda a estratégia de propaganda armada sobre o slogan Marcha para Oeste visava, entre outros alvos, criar um clima de emoção nacional de modo a que todos os brasileiros se vissem marchando juntos, e, conduzidos por um único chefe, consumassem coletivamente a conquista, sentindo-se diretamente responsáveis por ela. (LENHARO, 1986- 14)

Objetivamente, para além do jogo ideológico, o historiador Nascimento aponta que "O considerável fluxo migratório para o Sul de Mato Grosso (SMT) alterou o quadro demográfico, modificou as estruturas produtivas, consolidando a agricultura e tornando a região mais dinâmica no contexto da economia nacional de mercado" (2013- 31).

Para Naglis, embora haja uma consonância da historiografia ao apontar o aspecto ideológico do discurso varguista como fundamental para o incentivo a população à migração para o interior, as fontes orais lhe demonstraram que grande parte dos colonos ficaram sabendo da Colônia por meio de parentes e vizinhos que já moravam na CAND, sem terem contato com as propagandas estatais. Outro aspecto por ela constatado é que a maior motivação para a migração foi o desejo de ter a terra própria, na esperança de assim conseguirem uma vida melhor.

> As causas que levaram os colonos a engrossar as ondas migratórias e a percorrer o interior do país foram diversas. A distribuição de lotes não foi isoladamente o que determinou a migração dos colonos, sendo que grande parte foi proveniente da região Nordeste, que sempre sofreu as consequências da falta de políticas públicas eficazes, além das constantes secas que assolam a região. Dessa forma, não houve um único motivo desencadeador do deslocamento de colonos, pois o contexto social e econômico no qual estavam inseridos, como também as trajetórias pessoais, determinaram a escolha pela Colônia Agrícola Nacional de Dourados. (NAGLIS, 2007-52)

Insinua-se aqui a perspectiva do migrante como sujeito histórico fundamental para os rumos e percursos perseguidos. As propagandas governamentais não foram decisivas na escolha do ato e do destino de migração; ao contrário, evidenciou-se a importância das redes sociais da migração e de fatores subjetivos ligados ao desejo da terra, na busca por um porto seguro e um chão para plantar.

Se, por um lado, ao se investigar a presença nordestina em Mato Grosso do Sul, há certa consonância da historiografia[291] em apontar seu início a partir de 1943, quando houve, no Estado, a instalação da CAND, integrando a política estadonovista de Getúlio Vargas, focada em fornecer estratégias que viabilizassem a "Marcha para o oeste"; por outro, em Coxim, pode se observar que, também incentivados pela política nacional, houve a instalação de colônias agrícolas nas décadas de 50 e 60, quando da instalação da Colônia do Taquari, em 1956 e, posteriormente, da Colônia São Romão, em 1966. Embora não sejam esses projetos e espaços o foco de análise da pesquisa que ora se buscou apresentar, entende-se que as colônias se inserem nas trajetórias de alguns migrantes e, provavelmente, foram fatores de

divulgação da região entre a comunidade nordestina, figurando como um dos elementos de atração para essas novas paragens.

A criação da CAND pode ser apresentada, portanto, como um marco da entrada de migrantes nordestinos no Estado, mas não esgota os significados dessa presença. A pesquisa ora apresentada indicia que os canais oficiais não foram capazes de controlar esse processo migratório plenamente. A migração se deu concomitantemente a partir dos canais propiciados pelo Governo Federal, incentivados pela possibilidade de acesso à terra, e fora dos canais oficiais, servindo-se em grande medida das redes sociais da migração e da elaboração de estratégias que permitissem o sucesso do projeto migratório.

Na pesquisa que ora se apresenta, há inseridas no grupo investigado famílias que vieram para a região de Coxim atraídos pela possibilidade de possuírem uma porção de terra, como abordado nas trajetórias das famílias de Sra. Jussara, Sra. Joana e Sr. Antônio. Porém, esse aspecto não se aplica a todo grupo investigado, como procurei demonstrar a partir da pluralidade de trajetórias e caminhos. Ademais, nos casos que o fator de atração foi a conquista de um pedaço de terra, há evidências de que, após a conquista desse intento e as posteriores frustrações de uma realidade muito difícil para os pequenos produtores, esses vão se deslocando para o espaço urbano, uma vez que "morar se mora até debaixo de um chapéu..."[292]. Essa realidade não é diferente de outras que abordam a migração do campo para a cidade (DURHAM, 1984), porém tem como singularidade o aspecto de estar inserida num processo de diáspora já iniciada, concluindo para esse grupo, provavelmente, o ciclo migratório.

Acerca das motivações para a migração interna no Brasil, Oliveira e Januzzi (2005) apresentam uma importante contribuição às reflexões. No seu olhar, os motivos da migração tem sido poucas vezes apresentados nas pesquisas amostrais. Um dos primeiros índices a fazê-lo foi a amostra do PNAD 2001 - Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios, que incluía crianças, adultos e idosos. A partir dos dados alcançados verificou-se que, diferente do que as interpretações clássicas apontam, o trabalho não é o principal motivo propiciador da migração.

---

[291] Ver: OLIVEIRA, 1999; SILVA, 1992.
[292] SILVA, Antônio Pereira da. *Entrevista concedida a Eliene Dias de Oliveira*. Coxim/MS: 17/04/2013.

> [...] o motivo "acompanhar a família" é o mais mencionado na pesquisa, por mais da metade dos migrantes entrevistados, seguido de motivos relacionados ao trabalho, apontado por pouco menos de um quarto dos entrevistados como a principal razão do último deslocamento no país. Motivos relacionados ao custo da moradia figuram como o terceiro item mais importante para migração, sendo mencionado por 10% dos migrantes. Migrações motivadas por estudo ou por questões de saúde são muito menos freqüentes no país (2,9 % e 1,6% dos respondentes, respectivamente). (2005-135)

É importante mensurar que, ao considerar todos os membros da família que realizaram algum tipo de deslocamento nos últimos quatro anos, sem distinção de idade, oportunizou-se a escuta de outras motivações, para além do trabalho. "Assim, é natural que, para cada chefe de família que declarasse migrar em busca de trabalho, houvesse cônjuge e filhos que declarassem que o deslocamento decorria – para eles – como a necessidade de acompanhar o chefe ou os pais" (2005-135). As mulheres são a grande maioria entre os que alegam "acompanhar a família" como motivo central da migração. No entanto, mesmo entre os homens, a motivação ligada ao trabalho figurou de forma menos acentuada perante a justificativa do acompanhar a família. Nesse sentido, é importante considerar a porcentagem masculina formada por crianças, adolescentes e idosos, o que certamente influenciou o resultado alcançado. E, corroborando as pesquisas já conhecidas, "para migrantes pertencentes à força de trabalho primária, com 25 até 49 anos de idade, o trabalho é claramente o motivo mais importante [...]" (2005-136). Entre os jovens de 15 a 24 anos a migração por estudo demarcou espaço importante. Entre os idosos evidenciou-se a presença de motivos atrelados à saúde e moradia, em que a "migração forçada por contingências familiares" (2005-136) sobressaiu-se frente ao motivo trabalho.

Esses dados nacionais repetem-se quando analisados os fluxos migratórios entre as regiões. Sobre a migração da região Nordeste para a Centro Oeste, a exemplo, 37% do migrantes tem como maior motivação o trabalho, ao passo que 42,7% referem-se ao motivo "acompanhar a família" como principal, segundo os dados do IBGE levantados no PNAD 2001.

Segundo os autores:

> Se é fato que não se pode sobrevalorizar fatores microssociais em detrimento das causas macroestruturais no entendimento dos processos sociais, os resultados aqui apresentados ilustram, no campo de estudos migratórios, a contribuição analítica complementar que a primeira ordem de fatores – motivações individuais – pode trazer à interpretação das nuances que o fenômeno manifesta estruturalmente. (2005-142)

Embora não seja proposta da pesquisa acerca da migração nordestina para Coxim uma análise quantitativa sobre as motivações que desencadearam o projeto migratório, a análise de Oliveira e Januzzi nuançam a existência de trajetórias plurais, portadoras de sentidos e significados vários que não podem ser compreendidos apenas sob a ótica do mundo do trabalho. Pensar as trajetórias das mulheres nesse processo certamente possibilita enriquecer esse leque de análise das questões ligadas à temática migração.

No olhar para trajetórias plurais, pensar as trajetórias e vivências de migrantes nordestinos que escolheram uma pequena cidade do Norte do Mato Grosso do Sul como destino é certamente adentrar um rico e complexo universo. Considerar os "simples", como enuncia José de Souza Martins, é tarefa árdua e laboriosa. É adentrar o processo de invenção dos seus cotidianos, a arte de viver e de se reinventar continuamente como sujeitos.

Nesse caminho, a história oral desvelou-se como possibilidade singular, propiciando à pesquisa caminhar por trajetos migrantes carregados de sentidos e significados. Na possibilidade do encontro que nos fala Portelli (2010) não apenas adentrou-se ao mundo do migrante e de seus caminhares. O entre-olhar realizou-se de forma mútua e dialógica. Parafraseando Raphael Samuel (1990-232), o uso da fonte oral não objetivou preencher vazios, mas através da memória desenhada pelos sujeitos, buscou-se perceber as múltiplas representações tecidas na vivência social, expressas na elaboração de suas narrativas e carregadas de significados não explorados na escritura existente.

O argumento aqui adotado pretendeu, em certo sentido, romper com a abordagem tradicional da migração, principalmente com as interpretações que adotam o viés da economia e da demografia. Nesta pesquisa, procurou-se seguir como caminho de investigação as trajetórias e vivências de sujeitos sociais que, por motivos diversos, fizeram a opção pela migração. O cotidiano, as subjetividades e as "miudezas" se revelaram como portadores de

elementos de análise, quando se busca compreender o enredo de suas vidas inseridas na dinâmica social.

Ao ler a migração como processo concreto e específico na vida de migrantes, não os elegendo nem a heróis desbravadores, nem a vítimas da seca ou das circunstâncias, mas a sujeitos de sua história, procurou-se adotar uma postura epistemológica que se distancia do olhar que os concebe como reflexos de forças conjunturais articuladas ao mundo do trabalho. Ademais, a pesquisa evidenciou que, diversamente dos trabalhadores rurais referendados por Eunice Durham (1984-14), que se dispersam na multidão da cidade e não propiciam uma análise coletiva, como grupo ou classe social, os nordestinos, ao apresentarem padrões culturais comuns, constituem, de certa forma, uma comunidade passível de análise. Comunidade essa não aqui perceptível por sua homogeneidade, mas em sua complexidade, abarcando toda uma discussão acerca do que seja a própria categoria nordestinos.

Suas trajetórias familiares possibilitaram ampliar as interpretações do que seja migrar, a partir da análise das motivações do projeto migratório, das estratégias forjadas para sua consecução e de indícios que desmentem a ideia da migração apenas compreendida sob o prisma da desordem social, do caos e da miséria. Ao contrário, as trajetórias que se apresentaram revelaram o caráter da organização do projeto, a ativação das redes sociais como suporte aos indivíduos e famílias que se deslocam e a presença de uma cultura migratória entre o grupo social pesquisado.

Nessa interpretação, a cultura migratória é um elemento que reforçaria a aceitação da necessidade de emigrar, como resposta às dificuldades ou ao desejo de conhecer um modo de vida que se considera superior, como a cidade para aqueles que vivem no campo ou o "Sul" para aqueles que vivem no "Norte".

Corroborando a perspectiva dos nordestinos como "judeus do Brasil" (FONTES, (2008-49), na presente pesquisa evidenciou-se que, em relação ao grupo e ao período estudado, se faz presente uma cultura de migração. Essa cultura foi responsável por alimentar e incentivar o processo de imigração, naturalizando esse ato como um projeto de vida aceitável dentro desse grupo. Em momentos estratégicos, essa cultura migratória certamente foi endossada por projetos estatais, como no caso das colônias agrícolas. No entanto, mais que

incentivos governamentais, foram preponderantes as escolhas dos sujeitos que projetaram para si e para os seus os ventos da mudança.

Outro aspecto singular ora nuançado é o contraponto às análises tradicionais que abordam a migração nordestina e que se centram na migração desses sujeitos geralmente para cidades maiores, como é o caso da clássica migração de nordestinos para o Estado de São Paulo. Ainda pouco estudada é a migração definitiva dessas pessoas para cidades pouco desenvolvidas industrialmente, caracterizada por uma vivência muito próxima ao meio rural[293], como a que se procurou analisar nesta pesquisa.

Na busca pela compreensão das singularidades dos significados de se migrar para a Coxim do século XX, entre os anos 1958 e 1996, as trajetórias sugerem a continuação de modos de vida anteriores. Nesse sentido, as mudanças se fazem dialogar com as permanências, ainda que sob novas roupagens e territórios. Nesse olhar, a ligação com o universo rural permeia as vivências de grande parte do grupo estudado, nuançando possibilidades de compreensão dos possíveis motivos das escolhas da cidade como destino migratório.

Nesse sentido é importante o diálogo com a imagem a seguir, no sentido de vislumbrarmos o território referendado pelos narradores nos textos construídos sobre a cidade e suas vivências.

[293] Talvez possamos perceber esse modelo de abordagem em alguns aspectos da investigação do sociólogo José de Souza Martins, todavia esse o faz a partir da investigação de sujeitos quase sempre em trânsito, em luta por um pedaço de terra, se deslocando continuamente pelos espaços, perseguindo o sonho da terra própria. Ver: Martins, 2009.

IMAGEM 11

Imagem 11: Vista panorâmica de parte da cidade de Coxim. Fevereiro de 1977. Autor desconhecido. Fonte: Museu Arqueológico e Histórico de Coxim.

O texto fotográfico datado de fevereiro de 1977 apresenta uma imagem presente nos viveres e memórias daqueles que habitam às margens dos rios Coxim e Taquari. A imagem tem como tema central a enchente de 1977, ocasionada pelo excesso de chuvas daquele ano, o que levou ao transbordamento do Taquari. Para além da temática visada pelo autor do registro, na leitura da cidade que abordo, o texto propicia a leitura da relação quase simbiótica entre rios e cidade, sujeitos e natureza. Não por acaso, o primeiro povoamento que se teve notícia na região se deu em relação aos rios. Refiro-me ao Arraial de Belliago, no contexto das monções que saíam de São Paulo com destino a Cuiabá em busca de ouro e pedras preciosas. O Arraial surge documentado a partir de 1727, quando Domingos Gomes Belliago

pediu e recebeu a doação dessas terras ao Governador Rodrigo Cezar de Meneses, requerendo para si os territórios que alegava já possuírem uma roça sua, conforme analisado por Amorim:

> O pouso existente, na confluência do rio Coxim com o rio Taquari, ficou conhecido como o lugar onde findavam os rios encachoeirados e se iniciava a parte da travessia fluvial, onde os monçoeiros enfrentavam a maior fúria da resistência indígena, principalmente dos Paiaguá. (2004-173)

Segundo Amorim, a existência do arraial foi marcada pela efemeridade, como atestam os silêncios das fontes a seu respeito, "Segundo os relatos da época, os monçoeiros desciam e subiam o Coxim e, praticamente, em todos os textos apenas se referiram ao lugar para relatar as penúrias enfrentadas com a cachoeira ou as bebedeiras para festejar a passagem pelo precipício" (2004-181). Historicamente, é o primeiro registro de povoamento não índio na região próxima onde, hoje, situa-se Coxim. Também às margens dos rios se formou mais tarde a Freguesia de São José de Herculânea, tornado-se em 1898 a cidade de Coxim, como disse o poeta coxinense Antônio Francisco dos Santos, a "Terra do Taquari".

No texto imagético, a pequena cidade do final dos anos 70 do século XX é retratada a partir do contato com os rios. O Taquari é o rio principal, foz do Rio Coxim que deságua as suas águas na imagem à direita da foto. Essa parte da cidade é abraçada por suas águas. As construções apresentam características singulares em relação ao tamanho e organização, remetendo provavelmente aos hotéis e casas de hospedagem ligados à atividade de pesca turística e ao turismo no Pantanal. Dialogando com a imagem número 8 e com as narrativas é possível afirmar que esse tipo de moradia não representava a realidade da maioria dos habitantes da cidade. Há ainda a presença de algumas outras residências semi-alagadas que se mostram do lado esquerdo da imagem. Ao longe é possível vislumbrar moradias esparsas, marcadas pela ausência da pavimentação asfáltica e do acesso à luz elétrica que já se fazia presente em algumas regiões da cidade, como indiciam os postes de luz próximos às grandes construções beira-rio. Esse olhar é referendado pela memória de Sra. Maria que chegou à cidade no mesmo ano do registro:

> Aqui nessa rua aqui não tinha luz, era uma escuridão. Tinha luz lá daquela igreja de cima pra lá. Aquela praça, onde é a Praça da Área de Lazer, aquilo ali era um mato. Num tem aquela praça em frente à área de lazer? Ali era

> mato, não tinha aquelas casa, não tinha nada. Tinha uma máquina de arroz, ali vizinho ao Hotel Sant´Ana, ali era uma máquina de arroz. Uma casinha, uma casinha! O resto ali era mato! Aqueles matinho, sabe? Aquelas plantas, aquelas mata.

A imagem permite entrever ainda a chamada "Ponte Velha", nesse momento quase submersa sob as águas do Taquari e a "Ponte Nova", construída na BR-163 e mencionada na narrativa de Sra. Maria Lima como o motivo que levou seu esposo a conhecer a cidade que mais tarde, no mesmo ano de 1977, receberia o restante da família.

Assim, essa pesquisa procurou contribuir para a compreensão dos itinerários por onde sujeitos migrantes nordestinos e suas famílias buscaram reconstruir seus lares, vivências e relações. Nesse sentido, as suas trajetórias são lidas como possibilidades de interpretações dos seus caminhares por esses espaços *bricolados*; pelo encontro com o Outro que oscila entre o preconceito, a estereotipia e a hospitalidade; pelo confinamento de mulheres ao espaço doméstico e privado; pelo empoderamento de mulheres através do trabalho, da autonomia e da libertação das relações matrimoniais; pela riqueza das memórias desses sujeitos, dadas a ler através de narrativas que dizem dos caminhos empreendidos; pela apropriação dos novos territórios pelos sujeitos migrantes, no reinventar-se do cotidiano e da arte de viver.

No estudo das relações humanas no antigo Mato Grosso e Mato Grosso do Sul há muito a se compreender. Acerca de Coxim, o caminho está apenas iniciado. Sobre o período abordado as possibilidades de pesquisa são incomensuráveis, com destaque sobre a necessidade de se debruçar sobre o impacto das colônias agrícolas no desenvolvimento da região, historicizando esse processo que se articula à política nacional, embora apresente contornos regionais extremamente singulares. Ademais, as memórias e histórias dos grupos que migraram para Coxim, atraídos ou não pela possibilidade da terra, permanecem ainda em grande parte olvidadas.

Nessa seara, a pesquisa que ora se finaliza deixa aberto caminhos e possibilidades de investigação, pretendendo inspirar outros pesquisadores a adentrar as complexidades do viver a "Terra do Taquari" e suas singularidades, bem como, temáticas ligadas ao antigo Mato Grosso e Mato Grosso do Sul. Nessa perspectiva, pesquisar as trajetórias de famílias nordestinas que vieram viver em Coxim entre os anos de 1950 e 1990 e o seu papel protagonístico no erigir-se da cidade pretendeu ser uma contribuição aos debates e

experiências que procuram perceber o estudo do local e do regional como possibilidades de refletir acerca da identidade e da cultura dos grupos sociais.

Nesse itinerário, o local e o regional não são modalidades específicas do estudo histórico, mas abordagens que problematizam aspectos do viver humano, muitas vezes, ignorados em nome de uma história maior, a "história nacional". Atualmente é possível perceber que, motivados por exigências várias, dentre elas a necessidade da produção de pesquisas acadêmicas, há um significativo interesse social por esses recortes. Em meio a esse processo, pesquisadores têm procurado refletir sobre os sentidos do local e do regional na pesquisa histórica, percebendo-os como campos profícuos de trabalho, enquanto portadores de elementos identitários de um povo/nação.

Nessa concepção, o local e o regional são compreendidos para além das fronteiras geográficas estabelecidas, imiscuídos ao viver cotidiano e perpassados por um amálgama de significados possíveis, como o demonstra o estudo das migrações. Essa abordagem propicia a reflexão sobre duas categorias fundamentais no estudo da identidade de grupos sociais: pensar o tempo e o espaço como constituidores de sentidos que, necessariamente, não refletem a esfera macro, o nacional. Nessa perspectiva, o local e o regional não são percebidos como reflexos, em nível menor, de acontecimentos do nacional, mas elementos que o constroem, na valorização das singularidades e dos diálogos com contextos mais gerais. Em outras palavras, o nacional (o todo) constitui-se pelo local e o regional (as partes).

O tempo histórico não é uma categoria uniforme e regular. Coexiste em nós uma multiplicidade de tempos possíveis: o tempo cronológico, o tempo da memória, o tempo dos polos hegemônicos e o tempo das singularidades. Parafraseando o mestre francês Fernand Braudel (1996-08), o "tempo do mundo" tende a nivelar as diferenças, homogeneizando esferas distintas e inserindo o mundo dito "global" numa lógica temporal única. Nesse viés, as individualidades de uma pessoa ou de um grupo social são negadas em nome da inserção desses mesmos no tempo padronizado. Pensando um universo mais amplo, estaríamos todos os povos e grupos sociais apenas no tempo do mercado, da produtividade e da internacionalização econômica.

Numa outra perspectiva, há o "tempo dos lugares": o tempo não uniforme, próprio de um determinado lugar ou realidade, portador de singularidades, de modos de vida outros, o

tempo das trajetórias individuais e familiares. Esses tempos não necessariamente se opõem, pois são aqui percebidos na ótica das relações entre pessoas e, a partir da fluidez e da dinamicidade dessas relações, se afastam, se aproximam e se imbricam. Tempos que se alternam, se sobrepõem, se revelam na invenção do cotidiano e nas diversas facetas do existir humano, contrapondo-se ao tempo macro que uniformiza realidades e aspectos do viver que não são uniformes, mas, sobretudo diversos e multifacetados.

Logo, trabalhar com multiplicidade de tempos e espaços foi a proposta desta pesquisa, perspectivando olhares mais amplos e lânguidos sobre o sujeito migrante nordestino e suas trajetórias, desde a saída do Nordeste até a Coxim referendada em suas memórias e vivências. Passear pelos territórios migrantes daqueles que chegaram a Coxim nesses períodos é se reconhecer no universo de uma cidade que se construiu amalgamando a si os viveres daqueles que, deixando sua terra natal, escolheram viver na cidade e, em certos sentidos, construir a cidade.

Nesse sentido, a escolha de um território marcado pela presença de elementos de seus viveres no nordeste traz indícios dos processos de negociação presentes nas escolhas migrantes. A mudança traz rupturas e perdas; noutro senso, parece buscar uma continuidade de modos de viveres que, na medida do possível, parecem permitir a permanência de um modo de vida, suas idiossincrasias e costumes. Buscam um Norte, dialogando com a multiplicidade de significados que o termo encerra. O Norte remete a uma direção para os seus viveres; o Norte remete à atual localização geográfica da cidade de Coxim no Estado de Mato Grosso do Sul; o Norte referenda a terra de origem. O Norte é esse ir e vir do migrante que, em busca de seus sonhos, escolhe deixar sua terra, embora em alguns momentos pareça ainda nela permanecer.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBUQUERQUE JR., Durval Muniz de. Paraíbas e Bahianos: órfãos do campo, filhos legítimos da cidade. *Travessia*, n. 8, set.- dez. 1990.

ALBUQUERQUE JR., Durval Muniz de. *A invenção do Nordeste e outras artes.* São Paulo: Cortez; Recife: Massangana, 1999.

ALBUQUERQUE JR., Durval Muniz de. *Preconceito contra a origem geográfica e de lugar*: as fronteiras da discórdia. São Paulo: Cortez, 2007.

AMORIM, Marcos Lourenço. *O "Segundo Eldorado" Brasileiro.* Navegação fluvial e sociedade no território do ouro. De Araritaguaba a Cuiabá (1719-1838). 2004. 232f. Dissertação (Mestrado em História). Programa de Pós-Graduação em História, UFGD, Dourados/ MS.

BAPTISTA, Isabel. Lugares de Hospitalidade. In: DIAS, Célia Maria de Moraes (org.). *Hospitalidade: Reflexões e Perspectivas*. Barueri: Manole, 2002.

BARTH, Fredrik. Grupos Étnicos e suas Fronteiras. In: POUTIGNAT, P. *Teorias da etnicidade*. São Paulo: UNESP, 2011.

BHABHA, Homi K.. *O local da cultura*. Belo Horizonte: UFMG, 2010.

BITTAR, Marisa. *Mato Grosso do Sul:* a construção de um Estado – Regionalismo e divisionismo no sul de Mato Grosso. Campo Grande, MS: Editora da UFMS, 2009.

BORGES, Dulcina Tereza Bonati; PUGA, Vera Lúcia. Repensando as relações de gênero em processos-crimes em Uberlândia 1970-1980. *InterAÇÕES* - Cultura e Comunidade / v. 1 n. 1 / 2006, p. 124-140.

BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade*: lembrança de velhos. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. Lisboa, Difel/Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.

BRAUDEL, Fernand. *Civilização material, economia e capitalismo* (Séculos XV-XVIII). São Paulo: Martins Fontes, 1996.

CAILLÉ, Alain. Nem holismo nem individualismo metodológicos. Marcel Mauss e o paradigma da dádiva. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, vol. 13, n.38, outubro/1998.

CÂMARA CASCUDO, Luís da. *Dicionário do Folclore Brasileiro*. Rio de Janeiro: Ediouro, s/d.

CANCLINI, Néstor Garcia. *Culturas Híbridas*. São Paulo: USP, 2011.

CASAGRANDE, Carla. A mulher sob custódia. In: DUBY, Georges; PERROT, Michele. *História das mulheres:* a Idade Média. Porto: Edições Afrontamento, 1999.

CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano*: artes de fazer. Petrópolis/RJ: Vozes, 2013.

CERTEAU, Michel de; GIARD, Luce; MAYOL, Pierre. *A invenção do cotidiano:* morar, cozinhar. Petrópolis/RJ: Vozes, 2013.

CHARTIER, Roger. *À beira da falésia:* a história entre incertezas e inquietude. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 2002.

COLLING, Ana Maria. A construção histórica do feminino e do masculino. In: *Gênero e Cultura.* Questões contemporâneas. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004.

COSTA, Cléria Botêlho da. Eu e as fronteiras do Outro. *Travessia.* Ano VII, número 19, maio-agosto/1994, p. 10-12.

DAL MORO, Nataniél. *Modernização urbano-citadina e representações sobre os trabalhadores na cidade de Campo Grande*. (Décadas de 1960-70). 2007. 365 f. Dissertação (Mestrado em História Social). Programa de Estudos Pós-Graduados em História Social, PUC, São Paulo.

DANTAS, Adriana Santiago Rosa. Duas histórias de migrantes sobre educação, trabalho e moradia na periferia paulistana (1960 e 1980). *Travessia*, n. 73, jul./dez. 2013

DEERE, Carmen Diana & LEÓN, Magdalena. *O empoderamento da mulher*: direitos à terra e direitos de propriedade na América Latina. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2002.

DORNELAS, Sidnei Marco. Redes sociais na migração. *Travessia*. Ano XIV, número 40, maio-agosto/2001, p. 05-10.

DURHAM, Eunice R. *A caminho da cidade*. São Paulo: Editora Perspectiva, 1984.

ELIAS, Norbert; SCOTSON, John L. *Os estabelecidos e os outsiders*: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

FAVARO, Cleci Eulalia. *Imagens femininas: contradições, ambivalências, violências. Região Colonial Italiana do Rio Grande do Sul (1875-1950).* 1994. .444 f. Curso de Pós Graduação em História, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, PUCRS, Porto Alegre.

FONTES, Paulo. *Um nordeste em São Paulo:* trabalhadores migrantes em São Miguel Paulista (1945-66). Rio de Janeiro: FGV, 2008.

FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.

FOUCAULT, Michel. Subjetividade e verdade. In: _____. *Resumo dos Cursos do Collège de France (1970-1982)*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1997.

GIARD, Luce. História de uma pesquisa. In: *A invenção do cotidiano:* artes de fazer. Petrópolis/RJ: Vozes, 2013.

GONÇALVES FILHO, José Moura. A memória da casa e a memória dos outros. *Travessia.* Ano XI, número 32, setembro-dezembro 1998, p.17-24.

GRAHAM, Douglas H. & HOLANDA FILHO, Sérgio Buarque de. As migrações inter-regionais e urbanas e o crescimento econômico no Brasil. In: MOURA, Hélio A. de. (org.). *Migração Interna:* textos selecionados. Fortaleza: Banco do Nordeste S/A, 1980, p.211-244.

HAESBAERT, Rogério. *O mito da desterritorialização*: do `fim dos territórios` à multiterritorialidade. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006.

HAESBAERT, Rogério. Ser gaúcho no Nordeste. *Travessia.* Ano VII, número 19, maio-agosto/1994, p. 13-16.

HALL, Stuart. *Da Diáspora:* Identidades e Mediações Culturais. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009.

KHOURY, Yara Aun. Narrativas orais na investigação da História Social. *Revista Projeto História*. São Paulo: PUC, junho 2001.

KITAHARA, Satomi Takano. Migração internacional e mulheres: o caso das japonesas e nipo brasileiras. In: PÓVOA NETO, Helion; FERREIRA, Ademir Pacelli (orgs.). *Cruzando fronteiras disciplinares:* um panorama dos estudos migratórios. Rio de Janeiro: Revam, 2005, p. 117-132.

LEITE, Eudes Fernando; FERNANDES, Frederico (orgs.).*Trânsitos da voz:* estudos de oralidade e literatura. Londrina : EDUEL, 2012.

LENHARO, Alcir. *Colonização e trabalho no Brasil:* Amazônia, Nordeste e Centro Oeste. Campinas: Editora da Unicamp, 1986.

MANZANO, I. Sobre el término Género. In: CARBALLO DE LA RIVA, M. *Género y Desarrollo*: el camino hacia la equidad. Madrid: Catarata, 2006.

MARTINS, Gabriela Isla Villar. *Indicadores Demográficos do Desenvolvimento Econômico no Mato Grosso do Sul (1970-1996).* Campo Grande: UCDB, 2000.

MEIHY, José Carlos Sebe B. *Augusto & Lea:* um caso de (des)amor em tempos modernos. São Paulo: Contexto, 2006.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom; HOLANDA, Fabíola. *História oral*: como fazer, como pensar. São Paulo: Contexto: 2007.

MOSCOVICI, Serge. *Representações Sociais:* Investigações em psicologia social. Petrópolis: Vozes, 2003.

NAGLIS, Suzana Gonçalves Batista. *Marquei aquele lugar com o suor do meu rosto*: os colonos da Colônia Agrícola Nacional de Dourados – CAND (1943-1960). 2007. 118f. Dissertação (Mestrado em História). Programa de Pós-Graduação em História, UFGD, Dourados/ MS.

NASCIMENTO, Cacildo Alves. *As migrações e a constituição das identidades gaúchas*. Coxim (1970-2012). 2013. 116f. Dissertação (Mestrado em História). Programa de Pós-Graduação em História, UFMT, Cuiabá/MT.

NÓBREGA, Humberto de Mello. *História do Rio Tietê.* São Paulo. Governo do Estado de São Paulo, 1978, p. 19-22. (Coleção Paulística, vol. VIII).

NORA, Pierre. Entre Memória e História: a problemática dos lugares. *Projeto História*. São Paulo: PUC, n. 10, p. 07-28, 1993.

OLIVEIRA, Kleber Fernandes de; JANNUZZI, Paulo de Martino. Motivos para migração no Brasil e retorno ao Nordeste: padrões etários, por sexo e origem/destino. *São Paulo em Perspectiva*, v. 19, n. 4, p. 134-143, out./dez. 2005.

PENNA, Maura. *O que faz ser nordestino*: Identidades sociais, interesses e o "escândalo" Erundina. São Paulo: Cortez, 1992.

PERROT, Michelle. *Mulheres públicas.* São Paulo: UNESP, 1998.

PERROT, Michelle. *As mulheres ou os silêncios da História.* Bauru, SP: Edusc, 2005.

PORTELLI, Alessandro. *Ensaios de História Oral.* São Paulo: Letra e Voz, 2010.

POSSAS, Lídia M. V. As fronteiras: retomando a palavra e libertando significados. Quem sou eu? As mulheres e as identidades redescobertas. *Revista Territórios e Fronteiras*, v.4, n.1, jan./jul. 2011.

POSSAS, Lídia M. V. Sentidos e significados da viuvez: gênero e poder. *Dimensões*, vol. 23, 2009, UFES, Programa de Pós Graduação em História.

PÓVOA NETO, Helion; FERREIRA, Ademir Pacelli (orgs.). *Cruzando fronteiras disciplinares:* um panorama dos estudos migratórios. Rio de Janeiro: Revam, 2005.

PÓVOA NETO, Helion. A produção de um stigma: Nordeste e nordestinos no Brasil. *Travessia,* ano VII, número 19, maio-agosto 1994, p. 20-22.

QUEIROZ, Paulo Roberto Cimó **.** Mato Grosso/Mato Grosso do Sul: divisionismo e identidades – um breve ensaio. *Diálogos,* DHI/PPH/UEM, v. 10, n. 2, p. 149-184, 2006.

QUEIROZ, Paulo Roberto Cimó **.** *As curvas do trem e os meandros do poder:* o nascimento da estrada de ferro Noroeste do Brasil (1904-1908). Campo Grande: Ed.UFMS, 1997.

RAGO, Margareth. Prefácio: sonhos de Brasil. In: ALBUQUERQUE JR., Durval Muniz de. *A invenção do Nordeste e outras artes.* São Paulo: Cortez; Recife: Massangana, 1999.

RICOEUR, Paul. *A memória, a história, o esquecimento*. Campinas/SP: Ed. Unicamp, 2007.

SAID. Edward W. *Orientalismo:* o Oriente como invenção do Ocidente. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

SANTANA, Eliene Dias de Oliveira. *Cultura Urbana e Protesto Social*: o Quebra-Quebra de 1959 em Uberlândia-MG. 2005. 147f. Dissertação (Mestrado em História Social). Programa de Mestrado em História Social, UFU, Uberlândia/MG.

SANTOS, Milton. *Por uma geografia nova*: da crítica da Geografia a uma Geografia crítica. São Paulo: Hucitec, 1978.

SAYAD, Abdelmalek. *A imigração ou os paradoxos da alteridade*. São Paulo: EDUSP, 1998.

SCHORNER, Ancelmo. Migrantes em Jaraguá do Sul (SC). Novos "carreros" a serem percorridos e a tessitura do "Fio de Ariadne". *Travessia,* ano XX, número 58, maio-agosto 2007, p.25-30.

SCOTT, Joan. História das mulheres. IN: BURKE, Peter (org.). *A escrita da história*: novas perspectivas. São Paulo: Editora da UNESP, 1992.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. *Educação & Realidade*, Porto Alegre, v. 20, n. 2, jul./dez. 1995.

SILVA, Adilson Rodrigues. *Sertão de Coxim:* apossamento de terras, conquistas e relações de trabalho (1830-1898). 2013. 204f. Dissertação (Mestrado em História). Programa de Pós-Graduação em História, UFGD, Dourados/ MS.

SILVA, Kalina Vanderlei & SILVA, Maciel Henrique. *Dicionário de conceitos históricos.* São Paulo: Contexto, 2014.

SILVA, Tomaz Tadeu da. *O currículo como fetiche:* a poética e a política do texto curricular. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010.

SILVA, Tomaz Tadeu da. A produção social da identidade e da diferença. In: SILVA, Tomaz Tadeu da. (org.) *Identidade e diferença*: a perspectiva dos Estudos culturais. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

SINGER, Paul I.. Migrações internas: considerações teóricas sobre o seu estudo. In: MOURA, Hélio A. de. (org.). *Migração Interna:* textos selecionados. Fortaleza: Banco do Nordeste S/A, 1980, p.211-244.

SPENGLER, Henrique. Coxim Hoje. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso do Sul*, Campo Grande, n. 1, p. 61 – 67, dez. 1998.

SOUZA, Carla Monteiro de Souza (2006). Gaúchos em Roraima: memória, regionalismo e identidade. *Estudos Ibero-Americanos***.** PUCRS, v. XXXII, n. 1, p. 199-207.

TAVARES, Celma. Democracia e direitos humanos na formação em gênero: o caso das mulheres sem terra em Pernambuco. *ORG & DEMO*, Marília, v. 9, n. ½, p. 125-142, jan./dez., 2008.

TEDESCHI, Losandro. Gênero e interculturalidade: aproximações. In: TEDESCHI, Losandro. (org.) *Leituras de gênero e interculturalidade*. Dourados/MS:UFGD, 2013.

TEDESCHI, Losandro. *As mulheres e a história*: uma introdução teórico metodológica. Dourados, MS: Editora da UFGD, 2012.

TEDESCHI, Losandro. *Mulheres camponesas da região noroeste do Rio Grande do Sul:* identidades e representações sociais (1970-1990). 2006. 240 f. Tese (Doutorado em História). Programa de Pós-graduação em História, Unisinos, São Leopoldo/RS.

TEIXEIRA, Rodrigo. *Os pioneiros:* a origem da música sertaneja de Mato Grosso do Sul. Campo Grande/MS: Editora da UFMS, 2013.

THOMSON, Alistair. Moving stories: oral history and migration studies. *Oral History*, v. 27, n. 1, 1999.

TODOROV, Tzetan. *A conquista da América:* a questão do outro. São Paulo: Martins Fontes, 1982.

VANGELISTA, Chiara. "La articulación territorial de un estado de frontera: la institución de nuevos municipios en Mato Grosso (Brasil, 1860-1954)". In: García Jordán, P. (ed.). *La articulación del Estado en América Latina. La construcción social, económica, política y simbólica de la nación, siglos XIX-XX.* Barcelona: Publicacions de la UB, 2013, p. 15-50.

VISCARDI, Cláudia Maria Ribeiro. História, região e poder: a busca de interfaces metodológicas. *Locus:* Revista de História, Juiz de Fora, 1997, vol.3, n 01, p.84-97.

ZANINI, Maria Catarina Chitolina. Guardiões de memórias: a força dos arquivos pessoais. *Travessia*, n. 49, maio-agosto/2004.

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

AMARAL, Alexandre Santos. *A grande família:* o migrante nordestino em Coxim hoje. 2006. Monografia (Graduação em História). UFMS, Coxim/MS.

ALMEIDA, Antônio. Um encontro de origens diversas: a presença de migrantes e imigrantes na composição da classe trabalhadora do ABC paulista. *Tempos Históricos*, v. 1, n. 1, mar. 1999.

CARLI, Maria Aparecida Ferreira. *A Colônia Agrícola Municipal de Dourados, colonização e povoamento: 1946-1956*. 2005. 145f. Dissertação (Mestrado em História). Programa de Pós-Graduação em História, UFGD, Dourados, MS.

CARRIJO, Gilson Goulart. *Fotografia e a invenção do espaço urbano: considerações sobre a relação entre estética e política*. 2002. Dissertação (Mestrado em História). Programa de Pós-Graduação do Instituto de História, UFU, Uberlândia, MG.

CARVALHO, Telma Campanha de. *Fotografia e Cidade:* São Paulo na década de 1930. São Paulo: PUC, 1999. Dissertação.

CONCEICÃO, Odaléa da; BIANCHINI, Deniz. *A Companhia Matte Larangeira e a ocupacão da terra do sul de Mato Grosso (1880-1940).* Campo Grande: Ed. UFMS, 2000.

DIAS, Francisca Giliane Alencar. *As prostitutas da Rua da Ponte* – entre memórias e esquecimentos: retratos econômicos e sociais da prostituição em Coxim-MS. 2009. Monografia (Graduação em História). UFMS, Coxim/MS.

DUARTE, Flávio José. *O migrante nordestino em Coxim-MS (1940 a 1970*). 2007. Monografia (Graduação em História). UFMS, Coxim/MS.

FEITOSA NETA, Francisca Araújo. *Memórias Ribeirinhas:* a infância à margem do Taquari. Coxim/MS. 2012. Monografia (Especialização em Educação Infantil). UFMS, Coxim/MS.

FELIPE, Elizabet Lousada. *A culinária coxinense*. 2005. Monografia (Graduação em História). UFMS, Coxim/MS.

FERRARI, Monia Melo. *A migração nordestina para São Paulo no segundo governo Vargas (1951-54)* – secas e desigualdades regionais. 2005. 160f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Universidade Federal de São Carlos, São Carlos/SP.

FERREIRA, Leandro Gomes. *Cultura Popular em Coxim*: a festa dos nordestinos como processo identitário (1995-2008). 2009. Monografia (Graduação em História). UFMS, Coxim.

GRANET-ABISSET, Anne Marie. O historiador e a fotografia. *Revista Projeto História*. São Paulo: EDUC, 2002, N° 24, p.09-26. Trad: Yara Aun Khoury.

HEIDERMANN, Heins Dieter. Redes de solidariedade no aranhol do mercado. *Travessia.* Ano XIV, número 40, maio-agosto/2001.

MACAULAY, Neill. *A Coluna Prestes*. Rio de Janeiro: Difel, 1977.

MARQUES, Maria Eduarda Castro Magalhães (Org.). *A Guerra do Paraguai:* 130 anos depois. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1995.

MARTINS, José de Souza. *Fronteir*a - A degradação do Outro nos confins do humano. São Paulo: Contexto, 2009.

DA MATA, Milton . Urbanização e migrações internas. In: MOURA, Hélio A. de. (org.). *Migração Interna:* textos selecionados. Fortaleza: Banco do Nordeste S/A, 1980, p. 807-844.

MOURA, Hélio A.. O balanço migratório do nordeste no período 1950/70. In: MOURA, Hélio A. (org.). *Migração Interna:* textos selecionados. Fortaleza: Banco do Nordeste S/A, 1980, p.1.025-1.071.

OLIVEIRA, Benicia Couto de. *A política de colonização do Estado Novo em Mato Grosso (1937-1945)*. 1999. 255 f. Dissertação (Mestrado em História) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Assis.

PEREIRA, Jucilene de Oliveira. *Festa dos Nordestinos*: expressão da cultura de um povo. 2005. Monografia (Graduação em História). UFMS, Coxim.

PORTELLI, Alessandro. O que faz a história oral diferente. *Revista Projeto História*. São Paulo: PUC/SP, N.º 14, pp. 29-30, 1997.

PORTELLI, Alessandro. O massacre de Civitella Val di Chiana (Toscana, 29 de junho de 1944): mito e política, luto e senso comum. In: FERREIRA, Marieta de Morais e AMADO, Janaína (Orgs.). *Usos e Abusos da História Oral.* Rio de Janeiro: FGV, 1998.

RAVENSTEIN, E. G. As leis da migração. In: MOURA, Hélio A. de. (org.). *Migração Interna:* textos selecionados. Fortaleza: Banco do Nordeste S/A, 1980, p.19-88.

SAMUEL, Raphael. História Local e História Oral. *Revista Brasileira de História.* São Paulo, v.9, nº19 set.89/fev.90.
SANTOS, Marina de Souza. *Memórias, trajetórias e viveres*: a experiência de ser nordestino (a) em Dourados-MS (1940-2002). 2003. 162f. Dissertação (Mestrado em História). Programa de Mestrado em História Social, UFU, Uberlândia/MG.

SANTOS, Miriam de Oliveira. Os "italianos" de Caxias do Sul. In: PÓVOA NETO, Helion; FERREIRA, Ademir Pacelli (orgs.). *Cruzando fronteiras disciplinares:* um panorama dos estudos migratórios. Rio de Janeiro: Revam, 2005, p. 47-56.

SIGRIST, Marlei. *Chão Batido:* a cultura popular de Mato Grosso do Sul: folclore, tradição. Campo Grande/MS: Editora da UFMS, 2008.

SILVA, Mário Cezar Tompes da. *Expansão do Complexo Agroindustrial e o processo de Mudança no Espaço de Dourados*.1992. 245f. Dissertação (Mestrado em Geografia). FFLCH/USP, São Paulo.

SINGER, Paul I.. Migrações internas: considerações teóricas sobre o seu estudo. In: MOURA, Hélio A. de. (org.). *Migração Interna:* textos selecionados. Fortaleza: Banco do Nordeste S/A, 1980, p.211-244.

SODRÉ, Nelson Werneck. *A Coluna Prestes* – Análise e depoimentos. Rio de Janeiro: José Olympio, 1985.

SOUZA, Célia Ferraz e PESAVENTO, Sandra Jatahy. (orgs.). *Imagens Urbanas:* os diversos olhares na formação do imaginário urbano. Porto Alegre: UFRS, 1997.

SQUINELO, Ana Paula. *A guerra do Paraguai ontem e hoje:* Mato Grosso e Mato Grosso do Sul (1868-2003). *2006.* Tese (Doutorado em História Social). Departamento de História Social, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo.

VAINER, Carlos B. Reflexões sobre o poder de mobilizar e imobilizar na contemporaneidade. In: PÓVOA NETO, Helion; FERREIRA, Ademir Pacelli (orgs.). *Cruzando fronteiras disciplinares:* um panorama dos estudos migratórios. Rio de Janeiro: Revam, 2005, p. 251-274.

ZANCHETT, Silvana Aparecida da Silva. *Histórias, Memórias, Significações e apropriações: Pescadores Profissionais de Coxim-MS (1967 a 2012).* 2013. 153f. Dissertação (Mestrado em História). Programa de Pós-Graduação em História, UFGD, Dourados/ MS.

FONTES

Entrevistas Orais

1 – Sra. Jussara Cunha. Nascida em 02/03/1951, no Município de Bom Jardim, Pernambuco. Não frequentou sistema escolar formal. É casada, tem dois filhos, é dona de casa e lavadora de roupas. Mudou-se para o antigo Mato Grosso em 1958.

2 – Sr. Antônio Pereira da Silva. Nasceu em 15/03/1927 em Santana do Cariri, no Ceará. Não frequentou sistema escolar formal. É viúvo, tem 09 filhos, é aposentado. Foi trabalhador rural. Mudou-se para o antigo Mato Grosso em 1958.

3 – Sra. Rosa Batista. Nasceu em 25/05/1944, em Vicência, Pernambuco. Não frequentou sistema escolar formal. É viúva e tem três filhos. Foi trabalhadora rural e é comerciante. Mudou-se para o antigo Mato Grosso em 1961.

4 – Sra. Joana Oliveira. Atua como auxiliar de Educação Infantil. Nasceu em 27/04/1951 em Umbuzeiro, na Paraíba. É casada e tem cinco filhos. Possui o Ensino Médio e mudou-se para o antigo Mato Grosso aproximadamente em 1960.

5 – Sra. Maria Lima. É dona de casa. Nasceu em 18/08/1933, em Monteiro, Paraíba. Estudou até a 4ª série primária. É divorciada. Tem 07 filhos e mudou-se para Coxim em 1977.

6- Sr. Pedro Santana. Nasceu em 12/12/1930 em Andaraí, na Bahia. Trabalhou na Secretaria de Obras do Rio de Janeiro e, atualmente, é aposentado. É casado e tem quatro filhos. Estudou até a 5ª série do primeiro grau. Mudou-se para Coxim em 1987.

7 – Sra. Antônia Santana. Nasceu em 22/09/1942 em Castro Alves, na Bahia. Foi costureira e é dona de casa. É aposentada. É casada e possui dois filhos. Estudou até a 5ª série do primeiro grau. Mudou-se para Coxim em 1987.

8 – Sra. Norma Souza. Nasceu em 20/06/1961 em João Pessoa, Paraíba. Trabalhou como feirante no Nordeste e, atualmente, é costureira e dona de casa. É casada e tem quatro filhos. Estudou até a 7ª série do primeiro grau. Mudou-se Coxim-MS em 1996.

9 – Sra. Maria Leuda de Oliveira Ferreira nasceu dia 19/06/1964 em Cedro, Pernambuco. É pedagoga. É casada com Sr. Severino Ferreira da Silva e tem duas filhas. Migrou para Coxim em 1967.

10 – Excertos de relatos acerca da presença nordestina em Coxim gentilmente cedidos pelo historiador Cacildo Alves Nascimento.

Documentos fotográficos

1 - Fotografias cedidas por Sr. Pedro Santana, Sra. Antônia Santana e Sra. Maria Lima;

2 - Fotografias produzidas pela autora;

3 - Fotografias disponibilizadas pelo Museu Arqueológico e Histórico de Coxim;

Artefatos

1- Ferro de passar roupas a brasas de Sra. Rosa Batista;

2 - Peças do enxoval de Sra. Antônia Santana;

3 - Travessa de louças de Sra. Maria Lima;

Documentos Oficiais

1- Dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística referente aos censos de 1900, 1920, 1940, 1950, 1960, 1970, 1980, 1991, 2000 e 2010;

2- Dados do Relatório do Presidente da Província de Mato Grosso, 4 de Dezembro de 1850, Rio de Janeiro;

3- Dados do Relatório do Presidente da Província de Mato Grosso, 3 de Maio de 1862, Cuiabá;

4- Dados dos Recenseamentos Gerais do Brasil. IBGE. 1872-1900;

5- ESTATUTO. Centro de Tradições Nordestinas Padre Cícero. Coxim: s/d;

6- Mapa do Estado de Mato Grosso do Sul Atual. Base Cartográfica do IBGE.

GLOSSÁRIO

ARROZ CARRETEIRO: Prato provavelmente típico na região Sul do país, preparado com arroz e carne de charque (também conhecida como carne de sol). Conta-se que o prato teria surgido nas mãos dos carreteiros de mercadorias, ainda na época dos carros de bois que, necessitando uma refeição rápida e com nutrientes como carboidratos e proteínas, criaram o prato. A ausência da geladeira levou-os a optarem pela carne salgada e seca ao sol. Definição da autora.

BAIÃO DE DOIS: Prato típico do Ceará, preparado com arroz e feijão cozidos juntos, segundo Cascudo (s/d - 129).

BUCHADA DE BODE: Segundo Cascudo (s/d - 192) é "Um dos pratos tradicionais do Norte brasileiro, com admiradores fervorosos. Há várias receitas populares, dependendo da maior ou menor paciência culinária ou desejo de impressionar os convidados. A verdadeira buchada, do tempo antigo, exige ciência de tempero e quase intuições misteriosas de cálculo. Come-se ao findar a segunda fervura. É preciso prever a hora do almoço, para que a buchada esteja *no ponto* e não requentada. Só é servida a buchada no almoço. Serve o carneiro, ovelha, cabrito. Caracteriza o entrouxamento das vísceras do estômago (bucho) do animal. Costura-se depois com linha branca. [...]".

CANJICA OU MUNGUNZÁ: Conforme CASCUDO (s/d - 236) trata-se de "Canjiquinha, creme de milho verde, papa de milho verde, com a massa do milho, leite de vaca ou de coco, açúcar, enfeitado com letras e desenhos de canela e pequeninos "confeitos", da própria canjica. Prato tradicional, indispensável e típico nas festas no mês de São João (junho), a primeira das comidas de milho. Nalguns estados do Sul chamam canjica de mungunzá, milho cozido com leite.[...] Há meio século que a canjica e a rede para dormir são julgados hábitos do Norte brasileiro".

CUSCUZ: Cascudo (s/d - 336) o define como"Prato nacional de mouros e árabes, milenar, favorito, fundamental na alimentação diária. Fazem-no de arroz, trigo, cevada, milhetos, sorgos. Quando o milho americano, Zea mayz, apareceu no correr do século XVI, determinou domínio imediato. Há de várias espécies, sobremesa ou gulodice, com mel de abelhas ou açúcar; com carnes, peixes, crustáceos, legumes, tâmaras, passas de uva, valendo uma refeição completa, ou ainda molhado no leite de vaca, cabra, ovelha, camela, comida improvisada de viagem, um farnel abreviado e substancial. [...] O português trouxe o cuscuz para o Brasil desde inícios do povoamento, utilizando o milho, que ficou basilar, e a adição do leite de coco [...]".

MANGUEIRO: Acepção próxima a curral; local de manuseio do gado, onde se recolhe os animais, se retira o leite e dão-se alimentos. Definição da autora.

MARIA ISABEL: Segundo a definição de Cascudo (s/d - 558) é um prato preparado com carne cozida e arroz, usualmente consumida no Baixo Amazonas e como alimentação comum de garimpeiros nos rios Araguaia e das Mortes. Na Festa dos Nordestinos em Coxim a carne usada é, geralmente, a do carneiro.

PAU-DE-ARARA: CASCUDO (s/d - 687) assim o define: “Denominação popular dos veículos que transportam os sertanejos nordestinos para os Estados do sul do País. O improvisado e precário arranjo para acomodar as famílias, a promiscuidade, o desasseio, o rumor incessante das vozes de homens, mulheres e crianças, associou o caminhão à imagem do pau-de-arara, gradeado de madeira em que os psitacídeos são levados para os mercados citadinos.”

ROÇA: Segundo Cascudo (s/d - 784) o termo roça, na acepção de terreno plantado, já aparece em documentos portugueses desde 1327. Sinônimo de roçado. No vocabulário popular, como presente em várias narrativas, pode significar propriedade, posse, moradia rural.

SÃO JOÃO: Festa popular em homenagem a São João, “Santo Católico, primo de Jesus Cristo, nascido a 24 de junho, degolado no Castelo de Mancheros, Palestina, a 29 de agosto do ano 31. Pregador de alta moral, áspero, intolerante, ascético, São João é festejado com as alegrias transbordantes de um deus amável e dionisíaco, com farta alimentação, músicas, danças, bebidas e uma marcada tendência sexual nas comemorações populares, adivinhações para casamentos, banhos coletivos pela madrugada, prognósticos de futuro, anúncio da morte no curso do ano próximo. [...] Para o Brasil a devoção foi trazida pelos portugueses e espalhada com a satisfação de um hábito agradável. [...]”. (CASCUDO, s/d - 477)

TERERÉ: Bebida de origem paraguaia que alcançou grande popularidade em Mato Grosso do Sul, especialmente pelas altas temperaturas da região. Trata-se de uma infusão de água gelada e erva-mate *(Ilex paraguariensis*) geralmente servida numa guampa de chifre de boi. A guampa é uma espécie de recipiente artesanalmente preparado que faz o papel do copo.

XERÉM: Segundo Cascudo (s/d - 921) chama-se xerém não exatamente o prato, mas o milho preparado no pilão para o cuscuz. Das narrativas dos nordestinos apreende-se, no entanto, que quando não adicionado aos demais ingredientes tradicionais do cuscuz, o milho a xerém é consumido como um prato singular, podendo ser ingerido acompanhando pratos salgados ou doces.

ANEXO

DADOS HISTÓRICOS SOBRE A MIGRAÇÃO-COXIM-MS (ANTIGO HERCULÂNEA)

COXIM - CRIADO PELA LEI 202 DE 11.04.1898

UNIDADES DA FEDERAÇÃO	POPULAÇÃO SEGUNDO CENSO DEMOGRÁFICO							
	1940	1950	1960	1970	1980	1991	2000	2010
Total	**11.203**	**8.508**	**12.592**	**18.527**	**27.628**	**33.551**	**30.866**	**32.159**
RO	-	-	-	1	3	0	28	229
AC	-	-		2	7	0	0	13
AM	-	-		4	0	18	41	11
RR	-	-		0	0	0	0	
PA	-	-		3	0	0	0	64
AP	-	-		0	0	0	0	
TO	-	-		0	0	0	25	47
MA	-	-		48	23	57	41	108
PI	-	-		88	137	236	258	216
CE	-	-		482	624	838	740	704
RN	-	-		36	72	47	83	43
PB	-	-		112	295	250	207	179
PE	-	-		1.584	1.490	1.315	940	917
AL	-	-		242	373	301	281	217
SE	-	-		52	170	120	72	116
BA	-	-		814	766	374	537	408
MG	-	-		468	509	679	504	526
ES	-	-		9	35	26	35	27
RJ	-	-		13	62	65	29	131
GUANABARA	-	-		14	0	0	0	
SP	-	-		1.417	2.103	2.374	2.378	2.069
PR	-	-		194	942	1.239	1.441	1.187
SC	-	-		29	232	163	127	175
RS	-	-		25	330	588	467	539
MS	-	-			17.800	23.390	21.439	22.808
MT	-	-		12.081	821	809	749	792
GO	-	-		736	769	519	261	284
DF	-	-		5	3	20	8	48
ESTRANGEIROS	67	33		68	47	98	140	47
Naturais	-	-						
Não naturais	-	-						
Brasileiros Natos:	**11.131**	**8.464**	**12.592**		27.566	33428		
Brasileiros Natur.	**5**	**11**	**0**		15			**10**
Brasil sem espec.	**0**	**0**	**0**			25	35	**244**
DECL.	0	0	0					

Censo demográfico 1940- MT- Pág. 90 E 91.

Censo demográfico 1950 - PG. 67

Censo demográfico 1960 - pg 80

Censo demográfico 1970- MT. Pág. 172 A 177

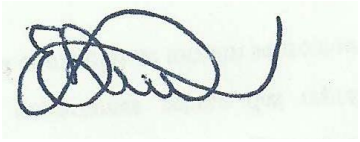
Censo demográfico 1980- Pág. 71 a 86.

Censo demográfico 1991- Migração- MS. Pág. 214 a 229.

Censo demográfico 2000- Resultados da amostra. Pág. 19

Autorizo a reprodução deste trabalho

Dourados, fevereiro de 2015.



ELIENE DIAS DE OLIVEIRA